



Maria de Fátima Morais Pinho

# HORTO DO PADIM CIÇO

Narrativas, imaginário,  
intervenções

Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**



### **Maria de Fátima de Moraes Pinho**

Nasceu em Várzea Alegre, em 1966. Professora Associada do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri/URCA. Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense/UFF, Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional do Cariri/URCA, especialista em Planejamento Educacional pela Universidade Vale do Acaraú/UVA, graduada em História pela Universidade Regional do Cariri/URCA.

Desde 1998 desenvolve pesquisa sobre Padre Cícero e o fenômeno social, religioso e político de Juazeiro do Norte. Em 2002 Integrou a “Comissão de estudos para reabilitação Histórico-eclesial do Padre Cícero”, nomeada pelo bispo Diocesano do Crato, Dom Fernando Panico.

No período de 2008 a 2017 foi Diretora do Instituto José Marrocos de Estudo e Pesquisa Sociocultural do Cariri - IPESC, onde desenvolveu pesquisas e organizou eventos como: IV e V Simpósio Internacional do padre Cícero, 2014 e 2017, respectivamente.

Possui textos publicados sobre a temática como capítulos de livros e artigos em revistas especializados.

Maria de Fátima Morais Pinho

# HORTO DO PADIM CIÇO

Narrativas, imaginário,  
intervensões

Sobral - CE

2023

Editora

**SER  
TÃO  
CULT**

## HORTO DO PADIM CIÇO: Narrativas, imaginário, intervenções

© 2023 copyright by: Maria de Fátima de Morais Pinho

Impresso no Brasil/Printed in Brazil



Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**

Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138  
Renato Parente - Sobral - CE  
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222  
contato@editorasertaocult.com  
sertaocult@gmail.com  
www.editorasertaocult.com

### Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

### Coordenação do Conselho Editorial

Antonio Jerfson Lins de Freitas

#### Conselho Editorial

Ana Carolina Eiras Coelho Soares  
Andraia Rodrigues de Andrade  
Antonio Iramar Miranda Barros  
Camila Teixeira Amaral  
Carlos Augusto Pereira dos Santos  
Cícero João da Costa Filho  
Cid Morais Silveira  
Felipe Azevedo Cazetta  
Geranilde Costa e Silva  
Gilberto Gilvan Souza Oliveira  
João Batista Teófilo Silva  
Juliana Magalhães Linhares  
Raimundo Alves de Araújo  
Telma Bessa Sales  
Valéria Aparecida Alves

#### Revisão

Karoline Viana Teixeira

#### Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

#### Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

P654h Pinho, Maria de Fátima de Morais.

Horto do Padim Ciço: narrativas, imaginário, intervenções. / Maria de Fátima de Morais Pinho. - Sobral CE: Sertão Cult, 2023.

232p.

ISBN: 978-65-5421-066-9 - papel  
ISBN: 978-65-5421-067-6 - e-book em pdf  
Doi: 10.35260/54210676-2023

1. Religiosidade popular- Ceará. 2. Catolicismo popular. 3. Padre Cícero- História. I. Título.

CDD 922.22



Este e-book está licenciado por Creative Commons

Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

À minha mãe, Noêmia, e meu pai, Raimundo Morais  
**(in memoriam)**

Aos devotos e devotas do padre Cícero, moradores  
na Colina do Horto que, gentilmente, não se negaram  
a compartilhar suas histórias, sentimentos e crenças.



## Nota explicativa sobre a imagem da capa

Em 2002, quando estava escrevendo a dissertação de mestrado, pedi ao artista plástico juazeirense, Petrônio Alencar, que era meu aluno no curso de História, a criação de uma arte sobre o Horto. Portanto, a arte que compõe a capa deste livro, conforme explica o artista, trata-se de um desenho, feito a lápis de cor sobre papel, cuja inspiração se deu a partir da crença corrente de que um dia as pedras do Horto virariam pães. As moedas fazem menção ao real pão em que as pedras do Horto se transformariam: a riqueza advinda do comércio desenvolvido na cidade (e que se apoia fortemente na exploração da imagem sacra do Padre Cícero e de toda fé católica) e as sobras que ficam para os pobres, as esmolas dadas por romeiros, turistas e moradores locais. A água que corre pela Serra do Horto representa a esperança de todos que aqui chegaram fugindo da seca, da fome e da miséria. As nuvens lembram um cenário teatral. São como recortes bidimensionais, sem volume, sem verdade, com o muito de teatro que envolve a exploração da “mística” e “santidade” desta terra





## Lista de figuras

<b>Figura 1</b> - Mapa da colina do Horto .....	23
<b>Figura 2</b> - Artefatos ritualísticos encontrados no sopé da serra do Horto .....	33
<b>Figura 3</b> - Maquete da Igreja do Sagrado Coração de Jesus a ser construída no Horto .....	52
<b>Figura 4</b> - Foto das ruínas da igreja do Horto publicada na Revista Fon Fon - RJ.....	58
<b>Figura 5</b> - Reportagem sobre a peça teatral A Construção, no jornal Diário da Noite - RJ.....	61
<b>Figura 6</b> - Fotografias do muro e da casa de pedra .....	64
<b>Figura 7</b> - Devotos recolhendo os destroços das paredes da igreja do Horto (Revista O Cruzeiro) .....	88
<b>Figura 8</b> - Cenas do momento de derrubada das paredes da Igreja do Horto publicadas na revista O Cruzeiro .....	90
<b>Figura 9</b> - Panfleto de divulgação da campanha de arrecadação de verbas para a nova igreja do Horto.....	97
<b>Figura 10</b> - Romeiros à sombra do pé de tambor que foi cortado para a instalação da torre de TV.....	111
<b>Figura 11</b> - Romeiros na capela do Bom Jesus do Horto construída pelo beato Elias.....	112
<b>Figura 12</b> - Convite para inauguração da estátua do padre Cícero no alto do Horto.....	118
<b>Figura 13</b> - Panfleto à população de Juazeiro com orientações sobre festa de inauguração da estátua.....	119
<b>Figura 14</b> - Primeira parte do cordel “A casa grande do Horto e o sinal do fim do tempo” .....	143
<b>Figura 15</b> - Segunda parte do cordel “A casa grande do Horto e o sinal do fim do tempo” .....	144
<b>Figura 16</b> - Desenho das ruínas da Igreja do Horto no cordel “A casa grande do Horto e o sinal do fim do tempo” .....	145
<b>Figura 17</b> - Desenho do pé de tambor e do cruzeiro do Horto no cordel “A casa grande do Horto e o sinal do fim do tempo” .....	146
<b>Figura 18</b> - Cordel “O Horto em grande reforma: uns sorrindo e outros chorando”.....	147
<b>Figura 19</b> - Cordel “Jesus a segunda vez traído na santa casado Horto: Bom Jesus do Horto”.....	149
<b>Figura 20</b> - “O reboliço do Horto e os pobres sem paradeiro” .....	150

## Lista de tabelas

Tabela 1 - Gênero .....	185
Tabela 2 - Idade .....	186
Tabela 3 - Estado civil.....	187
Tabela 4 - Quantidade de filhos.....	187
Tabela 5 - Escolaridade.....	188
Tabela 6 - Naturalidade .....	190
Tabela 7 - Tempo de moradia no alto do Horto.....	191
Tabela 8 - Atividades desenvolvidas.....	202
Tabela 9 - Renda adquirida com o comércio no alto do Horto	203

## Prefácio

O mundo cristão inscreve na história a existência do HORTO DAS OLIVEIRAS como o lugar onde CRISTO ou o MESSIAS prometido - filho de JEOVÁ - PAI ETERNO, “seu sangue”, quando se aproxima o momento em que deverá aplicar rigorosamente ao povo judeu todas as promessas para a SALVAÇÃO dos filhos de Deus.

Sessenta e cinco anos depois de minha primeira leitura da Bíblia, quando tomei conhecimento do Horto das Oliveiras, recebo o amável e desafiador convite da Dra. Maria de Fátima Morais Pinho para escrever o prefácio de sua obra, **Horto do Padim Ciço - Narrativas, imaginário, intervenções.**

Livro importantíssimo sobre a História do Cariri cearense, é resultado de longa pesquisa para Dissertação de Mestrado, reiniciada atualmente para analisar os efeitos das intervenções de autoridades religiosas e da administração pública sobre a vida dos moradores do Horto do Padre Cícero. Para atingir seu objetivo, utiliza técnicas de estudo da História Oral e a metodologia etnográfica de vivência prolongada com os objetos de estudo. Escolhido por esse sacerdote como lugar de descanso, meditação e pregações aos romeiros, o Horto foi também o espaço onde predominou a “presença do sagrado”, representado pela “fonte milagrosa”, um nascedouro que, mesmo nos mais longos períodos de seca, jamais deixou de socorrer os sedentos de água e de ajuda do “protetor” dos mais miseráveis nordestinos. A presença do rio Salgadinho (originalmente denominado Carité) era garantia de vida de humanos e animais, fazendo a grandeza da caatinga onde se escondia o Santo Sepulcro, aonde fui levada pela beata Luzia Romualdo. Voltei várias vezes ao Horto, me detendo nesses espaços santos com um grupo de adolescentes cantadores de bendito no Horto, sob a liderança de Leila, hoje casada com um dos maiores

escultores de imagens sacras e restaurador de igrejas do Juazeiro, Cícero Santeiro, morador do Horto. Sempre me espantei muito diante de intelectuais juazeirenses, até historiadores com livros publicados, que jamais tinham andado pelos “lugares santos” do mundo beato, no meio da caatinga.

A autora recorre às obras de paleógrafos, geógrafos e arqueólogos, fornecendo ao leitor importantes estudos sobre a formação arque-milenar do Cariri cearense, como a Chapada do Araripe, seus rios e primeiros habitantes, indígenas que tratavam aquela natureza como presença divina. Com toda essa diversidade de informações, se torna uma obra sobre a cultura nordestina, com suas crenças no sobrenatural e nos “milagres de Deus através de SEUS ESCOLHIDOS”.

Ressalto a importância desta obra transdisciplinar para se entender as profundas transformações da sociedade juazeirense a partir da “Questão Religiosa”, em finais do século XIX, desde a divulgação dos milagres da transformação da hóstia em sangue, ou o “Milagre do Juazeiro”, quando a hóstia se transformava em sangue na boca da beata Maria de Araújo, quando ela recebia do padre Cícero a comunhão. A notícia se espalhou na imprensa mundial, mobilizando as autoridades católicas, o que levou o padre Cícero à presença do Papa. A autora mostra a profundidade de sua pesquisa online em hemerotecas de acervos nacionais e estrangeiros, registrando a repercussão do chamado milagre em Juazeiro, que transformou o padre Cícero no personagem mais fotografado do país.

Fascinantes são as descrições da reação do povo nordestino, que se desloca de todos os estados para visitar a Terra da Mãe de Deus, subindo de joelhos o caminho de pedra para chegar ao Horto do Padim Ciço. É importante a leitura das lutas do padre Cícero para construir a igreja do Horto, contando com total apoio de seus seguidores, quando para lá se deslocam milhares de sertanejos, iniciando a povoação da serra. Mas, pela interdição das autoridades da Igreja Católica, o padre Cícero morre deixando apenas as torres da igreja prontas, logo sendo proibido de celebrar missa.

Após sua morte, deixando testamento de doação de toda sua obra aos Salesianos, esses, após enfrentar as autoridades do Bis-

pado do Crato e, por decisão judicial, tomando conta do Horto e de todos os bens a eles doados pelo padre Cícero, enfrentam até hoje empresários e autoridades públicas do Juazeiro. É leitura triste a percepção dos moradores e romeiros do Juazeiro, mas principalmente dos moradores do Horto, dos resultados da luta entre as autoridades religiosas e públicas que só se entendem numa direção: destruir a sacralidade, a crença beata dos romeiros na santidade do padre Cícero.

A autora cita minha reação quando fui convidada pelo prefeito de Juazeiro, que desenvolveu o projeto de “Revitalização do Horto”, convocando uma Comissão de Especialistas, autoridades universitárias, especialistas em religião, empresários de todo o Cariri, para apresentar seu projeto. Fiquei estarrecida com o silêncio de todos os presentes, e mais ainda pelo conteúdo do projeto, que exigia altos empréstimos no exterior, além de desmatamento absurdo do Horto. O primeiro ataque já se iniciara pela iniciativa da paróquia do Juazeiro de levar cerca de cinco mil pessoas, entre romeiros e juazeirenses, para uma semana santa no Horto, bem perto do Santo Sepulcro, o que resultou numa verdadeira invasão de barracas de bebida e comida, instalando-se ali, a partir dessa festança, não só prostíbulos, mas também assaltos e venda de drogas. Há muitos anos sem voltar à Terra da Mãe de Deus, espero que as autoridades civis e religiosas tenham solucionado esse problema.

O importante é a leitura deste excelente trabalho acadêmico, escrito em linguagem acessível também às camadas mais pobres de seguidores do padre Cícero, no momento em que o Papa Francisco anuncia a beatificação do santo nordestino.

**Luitgarde Cavalcante de Oliveira Barros**

Antropóloga

Pós-doutorado em Ciências Sociais

Pós-graduação em Antropologia

Pós-graduação em Ciências da Literatura

Rio de Janeiro, novembro de 2022



## Apresentação

### O Horto do Padre Cícero em suas múltiplas dimensões

Fazendo diversos caminhos para chegar ao Horto do Padre Cícero, este livro traz um conjunto de percursos que se combinam para contar uma história de devoção e encantamento, cheia de nuances que só quem esgota possibilidades investigativas pode oferecer. Transitando entre aspectos demarcados por diferentes pontos de vista, os capítulos se apresentam como degraus de uma escada, fazendo-nos entender em detalhe e abrangência as diversas dimensões que tornam compreensível o espaço sagrado.

Tomando vários recursos metodológicos e documentais para a sua escrita, como uma boa historiadora, Fátima Pinho transita do horto ritualístico ancestral, ilha-refúgio de antigas e últimas águas, ao Horto do Padre Cícero, concebido à luz de uma geografia imaginada das escrituras e, ainda, ao horto resultante de apropriações turísticas, que vai se definindo na destruição de vestígios do que possa ser entendido como “religiosidade fanática e ultrapassada”. Do conjunto de lugares que se desenha no mesmo espaço decorrem usos, resistências, apropriações políticas, culturais e econômicas. Finda na significação do Horto para os devotos e moradores definida na intimidade com o espaço e os processos de transformações que testemunharam ao longo do tempo.

Nas entrelinhas, do texto é possível assistir à pesquisadora pé no chão entre as ruas da colina, conversando com transeuntes, refinando conteúdos de discursos. Articula no texto uma mentalidade

que conhece profundamente: as crenças e percepções do povo simples do Juazeiro do Norte sobre os eventos que tornaram o Padre Cícero um ícone religioso e cultural. Personagem arrebatador tanto para agricultores como para intelectuais de várias gerações ao longo e após sua trajetória de vida.

Continuamente, ao longo das páginas, Fátima toma pela mão o leitor e deslinda aspectos geográficos e informações históricas, algumas garimpadas cuidadosamente entre fontes diversas, construindo um mosaico de versões que constituem, de forma densa e dinâmica, a trama entre pessoas, acontecimentos e o lugar. Nesse sentido, ler seu escrito é percorrer de forma quase material o espaço e a história, tal é a transparência e profundidade descritiva que oferece. Ao final, oferece uma crítica certeira à forma como as apropriações do Horto — por diversos atores e interesses nem sempre alinhados com as necessidades e representações que a gente comum faz do sagrado —, ressignificam, desterritorializam e, em medida preocupante, desrespeitam não só a memória, mas a própria cultura e o Padre Cícero como “padrinho” e instrutor de seu povo.

As reivindicações de beatos, vendedores, migrantes, moradores, romeiros e personagens diversos que transitam ou ocupam o espaço do Horto de diferentes formas são, aliás, um aspecto forte da narrativa. São falas captadas, selecionadas e introduzidas em pontos-chave da escrita, colaborando para criar uma autenticidade na apresentação de ideias que são, em seguida, cuidadosamente refletidas e analisadas em cada contexto apresentado.

O uso de documentos, cartas, recortes de jornal de diversas épocas, cordéis, dados estatísticos e de várias fontes orais é outro aspecto que torna este livro uma preciosa contribuição para os estudos sobre Juazeiro do Norte e o Padre Cícero, pelo conjunto de sujeitos participantes, falas coletadas, dados apresentados e esforços de articulação de forma acessível para o público em geral. Camadas de percepção são apresentadas quando nos deparamos com histórias dentro de histórias em narrativas que recuperam



tensões entre devotos, moradores e os responsáveis pela administração do Horto, sejam religiosos ou políticos.

Essas tensões refletem como moradores e devotos, em suas crenças simples, se portaram ao longo do tempo como legítimos guardiões do legado do Padre Cícero. Como zelaram pela dimensão hierofânica e mística que ele manifestou e cultivou, assinalando representações de um sagrado espacial, distinto das realidades materiais comuns de uma colina, que se transfigura em *front* de batalha circundado por uma trincheira nomeada “Círculo da Mãe de Deus”. Em outros momentos se torna “Porta do Céu”, “lugar encantado” à espera do “tempo de Nosso Senhor chegar” no dia do julgamento final. Céu, inferno, purgatório, Nova Jerusalém... Impossível não se impactar com tanta potência imaginal que fecunda nossa compreensão sobre a heterogeneidade dos espaços sagrados, resultante de campos de interesse que modelam significados e sentidos.

Tomando as diversas dimensões que o Horto representa, refletir sobre os impactos das intervenções turísticas naquele espaço é algo que este livro costura entre as análises, apontando como equipamentos, monumentos, decorações, demolições, controles, regras, horários de funcionamento vão aos poucos profanando e eliminando o sagrado, ao mesmo tempo em que a construção de uma nova igreja — ao lado da degradação do lugar, que se tornou também ambiente de bebedeiras, roubos e violências — apontam dimensões férteis para a continuidade de estudos sobre o tema.

Ao recuperar essa discussão nascida em sua Dissertação de Mestrado, defendida há 20 anos, o que Fátima Pinho faz é dar visibilidade a um cenário que continua alvo de apropriações, tendo em vista a recente instalação de teleférico no local. Um equipamento que, pela sua natureza, contribui não apenas para o incremento econômico por meio da exploração do espaço sagrado como ponto turístico, mas também para a ressignificação do lugar, que vem paulatinamente se transformando desde a implantação do Museu do Horto, localizado na antiga casa de veraneio do Padre Cícero.

Ao retomar seu tema de estudo agora, Fátima também reacende a reflexão sobre a forma como os salesianos administram o lugar, num momento em que o início do processo de beatificação do Padre Cícero é autorizado pelo Papa Francisco. Há muito tempo, intelectuais e pesquisadores preocupam-se com o processo de polimento na imagem do Padre Cícero, caso venha a ser acolhido pela Igreja, e como isso poderia afetar suas características de santo do povo, um tanto humano, consagrado pelo catolicismo popular. O trabalho cuidadoso aqui apresentado permite ainda uma descoberta e um questionamento sobre como os sentidos e representações do Horto poderão ser impactados, à medida que esse tema for friccionado de forma mais intensa nos próximos capítulos da interação do Padre Cícero com a Igreja Católica.

Tive o prazer de conhecer Fátima quando ela deu os primeiros passos nessa pesquisa. Naquele momento, pude testemunhar seu temperamento obstinado, investigativo e corajoso. A amizade se firmou na admiração pelo seu compromisso e cuidado com a história de Juazeiro do Norte e sua positividade diante dos eventos da vida. Este livro reflete algo mais, igualmente admirável: envolvimento e paixão pelo conhecimento.

Penso que esta obra nos chega em mãos na hora certa para aprofundar o debate sobre o futuro do Padre Cícero e da beata Maria de Araújo, coparticipante dos eventos que o tornaram santo do povo, enquanto ela foi invisibilizada — ao mesmo tempo em que se coloca como peça ilustre no acervo histórico de Juazeiro do Norte.

**Maria Paula Jacinto Cordeiro**

Socióloga

Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais  
Universidade Regional do Cariri

# Sumário

Introdução.....	21
-----------------	----

## **CAPÍTULO I**

O MONTE SAGRADO: de sítio ritualístico religioso do homem Kariri ao horto sagrado do Padre Cícero.....	31
--	----

- 1.1 “AQUI É PARECIDO COM O HORTO ONDE JESUS FOI CRUCIFICADO”: Padre Cícero e o reencontro com o sagrado.....35
- 1.2 “INTENCIONO IR FAZER A MINHA MORADA QUASE TODA NO HORTO”: A relação do Padre Cícero com o espaço sagrado da colina.....37
- 1.3 A PROMESSA: Um bom inverno em troca de uma grande igreja.....41
- 1.4. “PROMESSA É DÍVIDA”: A saga da construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus no alto da Colina do Horto.....43
- 1.5. HORTO DO PADIM CIÇO: Campo de resistência na guerra civil do Ceará (1913/14)..... 62
- 1.6. “O HORTO, AQUI, É A PORTA DO CÉU!”: Narrativas e imaginário dos seus habitantes..... 65
  - 1.6.1. “QUANDO A PEDA DA BATATERA DESCER, SÓ O HORTO VAI SE SARRVAR”: Narrativas sobre a lenda da Pedra da Batateira..... 66
  - 1.6.2. “QUANDO PADIM CIÇO ERA MININO, VINHA BRINCAR AQUI”: Horto como morada eterna do Padre Cícero..... 71
  - 1.6.3. “ÓI, MEUS AMIGUIM, VOCÊS PODE MORRER NO FIM DO MUNDO, A PRIMEIRA VIAGEM DE VOCÊS É AQUI”: Horto como lugar do Juízo Final ..... 73

## **CAPÍTULO II**

“DEIXO PARA ORDEM DOS PADRES SALESIANOS...”: Os herdeiros testamentários do Padre Cícero e o alto do Horto .....	77
--	----

- 2.1. “AUXILIEM AOS BENEMÉRITOS PADRES SALESIANOS, COMO SE FÔSSE A MIM PRÓPRIO”: A atuação dos padres salesianos na Colina do Horto..... 81
- 2.2. “NÃO É O MESMO PROJETO, NÃO É NO MESMO LUGAR, NÃO É O MESMO NOME: A construção da nova Igreja do Horto..... 93
- 2.3. SAEM AS BEATAS, ENTRAM AS FREIRAS: as irmãs salesianas no Horto...103

## CAPÍTULO III

DO ESPAÇO SAGRADO AO ESPAÇO TURÍSTICO: Intervenções do poder público no alto do Horto .....	107
3.1. MAIS VALE UM CANAL DE TV DO QUE UMA ÁRVORE CENTENÁRIA: A derrubada do pé de tambor para a construção das torres de TV .....	108
3.2. “AQUI SERÁ CONSTRUÍDO UM DOS MAIORES MONUMENTOS DO MUNDO”: A estátua do Padre Cícero no alto do Horto.....	113
3.3. UM NOVO PROJETO DE URBANIZAÇÃO DO HORTO: A construção da praça, barracas, banheiros e estacionamento.....	125
3.4. UM PROJETO PARA “REVITALIZAR” O QUE JÁ TEM VIDA: destruir o espaço místico para construir o espaço turístico?.....	131
3.4.1 “HISTÓRIA DE MUSEU.. AÍ, É A CASA DE MEU PADIM CIÇO”: O Museu Vivo do Horto.....	138

## CAPÍTULO IV

“NÓIS TUDIM SOMO RUMEIRO DO PADIM CIÇO”: Os herdeiros da fé .....	159
4.1. NO TEMPO DO “PADIM CIÇO”: Os beatos do Horto.....	160
Beato Mancel João - o beato do Santo Sepulcro .....	161
Beato Vicente - O beato das matas.....	162
O beato Mancel Palmeira - o convertido.....	163
Beato Elias — um santo homem ou um falso beato? .....	165
4.2. AS ROMEIRAS DO ALTO DO HORTO: Beatas, penitentes, donas de casa, trabalhadoras .....	169
LUIZA DO HORTO - a última moradora do casarão do Padre Cícero.....	171
DONA ISAURA - a última mística do Horto .....	173
DONA PEDRINA - a carpideira do Horto.....	176
JOSEFA MARIA VIEIRA - a parteira do Horto.....	178
4.3. “NÓIS SOMO UM SÓ. E ELE, É POR NÓIS!” - Uma biografia coletiva dos moradores do alto do Horto .....	183
4.3.1. “NÓIS TUDO SOMO DEVOTO DO PADIM CIÇO”: Perfil social, de gênero e civil .....	185
4.3.2. “EU VIM FOI COM A ORDEM DE MEU PADIM CIÇO”: Por que morar no alto do Horto.....	190
4.3.3. “AQUI É ONDE NÓIS ARRUMA NOSSO PÃO DE CADA DIA”: Narrativas sobre o trabalho e a sobrevivência no alto do Horto.....	197

“O PADIM CIÇO DEXÔ O HORTO PRA SARVAR OS PEREGRINOS PO- BRES QUE SOMOS NÓIS”: Considerações finais.....	211
REFERÊNCIAS .....	221
Fontes orais:.....	221
Fontes manuscritas.....	221
Sites .....	222
Dissertações e teses .....	222
Fontes impressas .....	223
Documentos .....	223
Artigos e livros .....	223



## Introdução

Toda cidade mística tem o seu monte sagrado. [...] Juazeiro tem seu monte santo que é o Horto [...]. No alto do Horto, o Padre Cícero na majestade heráldica daquele monumento é um ritual litúrgico, convidando o povo a rezar: “**Sursum Corda**” — Corações ao alto! E lá embaixo, a cidade ajoelhada, rezando em cada rua a ladainha de Todos os Santos, responde piedosamente: **Habemus ad Dominum!** Já os temos levantados para Deus!

(Padre Antônio Vieira)<sup>1</sup>

Em 1872, um jovem sacerdote, branco, olhos azuis, filho primogênito de uma importante família cratense, conhece uma menina negra, pobre, moradora do povoado do “Joazeiro”, então distrito do Crato. O padre era Cícero Romão Baptista e a menina, Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo. O encontro de ambos se deu durante a primeira comunhão das crianças do lugar, ocasião em que percebera “[...] as melhores disposições daquela menina para a vida interior”, aconselhando-a a se consagrar a Nosso Senhor (CASIMIRO, 2012, p. 26). A partir desse encontro, Padre Cícero se tornará seu “diretor espiritual”, acompanhando sua “vida de santidade” e presenciando os “fatos extraordinários e sobrenaturais” — supostos estigmas de Cristo, êxtases durante a celebração de missas etc. — que ocorrerão com a beata Maria de Araújo, como passou a ser conhecida.

---

<sup>1</sup> Trecho extraído do livro intitulado *Roteiro lírico e místico sobre Juazeiro do Norte*, publicado em 1988, de autoria do varze alegrense padre Antônio Batista Vieira (\*14.06.1919 / +19.04.2003).

Em 1º de março de 1889, na sexta-feira que antecedeu o período carnavalesco, Maria de Araújo, durante a missa que encerrava uma noite de vigília e oração, ao receber a comunhão, sentiu a hóstia converter-se em sangue. O evento, anunciado como “miraculoso”, se repetirá diversas vezes durante alguns anos. Tais fatos “extraordinários”, que já circulavam na oralidade, chegarão à imprensa em 19 julho daquele ano, através de uma notícia publicada no jornal *Pedro II*, de Fortaleza, com o seguinte título: “Será Milagre”?

A notícia se espalha como rastilho de pólvora, ganhando espaço em periódicos de todo o Brasil e até no estrangeiro<sup>2</sup>. A grande repercussão dos “fatos extraordinários”, tanto na oralidade quanto na imprensa, atrai uma multidão de pessoas. Curiosas ou movidas por questões de fé, elas querem conferir, *in loco*, os fenômenos sobrenaturais, transformando o povoado de Joazeiro numa “Nova Jerusalém” (PINHO, 2019, p. 99). Os desdobramentos sociais, políticos, econômicos e, principalmente, religiosos dos chamados “fatos extraordinários de Joazeiro”, transformarão de forma indelével a vida do padre, da beata e do lugar.

Juazeiro do Norte, ao longo do século XX, foi se transformado na “Meca do Cariri”, recebendo, anualmente, milhares de homens e mulheres de vários estados do país, sobretudo do Nordeste, em busca do sagrado, movidos pelo desejo de pisar a terra santa do seu “padim Ciço” e da Mãe das Dores, transformando o lugar no maior centro de romaria dessa região do país.

Todo devoto que vem em romaria cumpre um ritual específico, qual seja, o de visitar os lugares para ele revestidos de sacralidade: Basílica de Nossa Senhora das Dores, Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, museu-casa — onde morreu o Padre Cícero —, o Horto. Nesse universo sacralizado, a Colina do Horto representa o centro, o ápice da religiosidade romeira. Para o historiador Régis Lopes Ramos, o centro de Juazeiro é a “Serra do Horto e o centro da Serra do Horto é o Santo Sepulcro” (2012, p. 379).

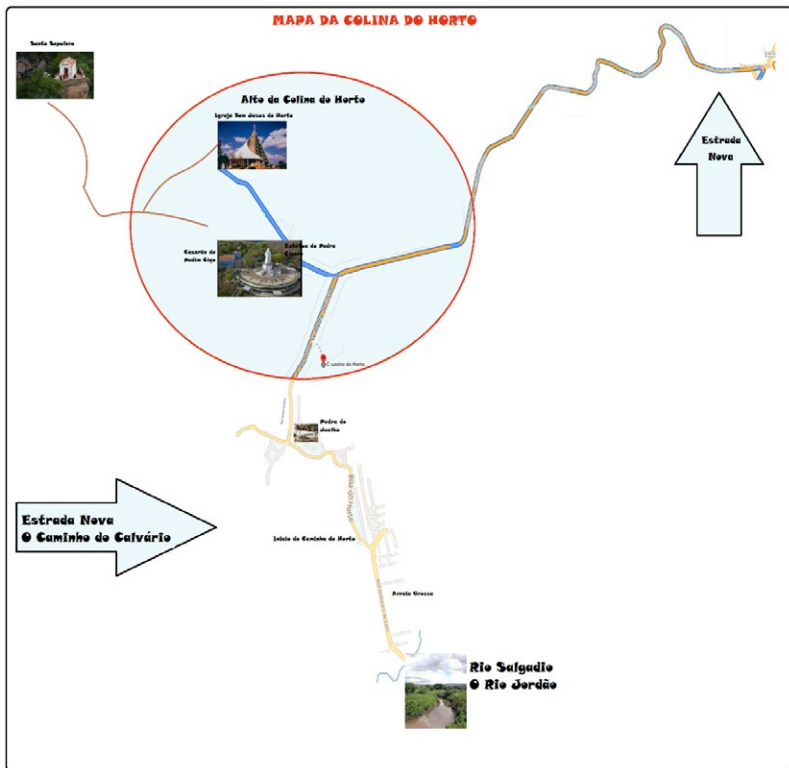
---

2 Sobre esta repercussão, conferir a tese: **PADRE CÍCERO: ANJO OU DEMÔNIO?** Teias de notícias e ressignificações do acontecimento Padre Cícero (1870-1915), (PINHO, 2019). Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2173.pdf> (Acesso em: 22 mar. 2022).



A Colina do Horto, antes conhecida como Serra do Catolé, começa no Rio Salgadinho, rebatizado pelos devotos de “Rio Jordão”, segue pela subida da ladeira do Horto, o Caminho do Calvário, onde estão as 14 estações da Via-Crúcis de Jesus, o Monte Sinai, a pedra do joelho e, finalmente, o alto do Horto, lugar de maior importância e de circulação de devotos onde, até meados do século XX, se encontravam o casarão do Padre Cícero, as ruínas da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, o pé de Tambor, a capelinha do Bom Jesus do Horto do beato Elias e diversos cruzeiros. Aproximadamente a três quilômetros do alto do Horto situa-se o “Santo Sepulcro”, local místico cuja paisagem é repleta de pedras grandes, com diversas capelinhas, no qual está sepultado o beato Manoel João.

**Figura 1** - Mapa da colina do Horto



**Fonte:** Mapa elaborado pela autora.

Em 1911, quando Juazeiro conquistou sua independência político-administrativa, o Horto foi agregado ao seu território como distrito pela Lei Municipal nº 51, de 12/11/1911 ([www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)). Em 1936, o prefeito Antônio Gonçalves Pitta, através do Decreto nº 29, procurou organizar a cidade, conferindo nomenclaturas aos logradouros e estabelecendo os limites do espaço urbano. Nesse contexto de reestruturação do município, o Horto foi elevado à categoria de bairro.

Até a década de 1960, o alto da colina era habitado, majoritariamente, por beatos, beatas e penitentes. Com os projetos de modernização do lugar, especialmente a construção da estátua do Padre Cícero em 1969, tem início um crescente processo de urbanização.

O alto da Colina do Horto, destacado no mapa acima, compreende o perímetro da avenida Padre Jezu Flor até o início da rua do Horto, subindo pela ladeirinha que leva à praça onde se encontra o casarão (Museu Vivo), a estátua do Padre Cícero e o caminho até a entrada do Santo Sepulcro.

Foi nesse espaço que fiz a pesquisa que embasa o presente livro, realizada entre os anos de 2000 e 2001 para a escrita da dissertação de mestrado. Em 1999, quando cursava o mestrado em Desenvolvimento Regional, primeiro curso *stricto sensu* da Universidade Regional do Cariri, levei para visitar o Horto a professora Antônia Silva Paredes Moreira, que na ocasião ministrava a disciplina de Epidemiologia Social. Impressionada com o que vi e senti naquele espaço, desafiou-me a mudar o projeto para pesquisar as representações sociais do Padre Cícero especificamente ali, dispondo-se a ser minha orientadora. Imediatamente aceitei a proposta; aquele universo religioso, com suas narrativas próprias, imaginário fantástico, personagens típicos e romarias que cruzavam o Nordeste em busca da Terra da Mãe de Deus, me encantava e chamava minha atenção desde criança.

A partir daí, comecei a frequentar o alto do Horto com mais regularidade, observando o movimento, conversando com as pessoas que trabalhavam e viviam naquele lugar, conhecendo o co-

tidiano da comunidade. Nesse período, ainda cursando o mestrado, procurei fazer os trabalhos de avaliação das disciplinas tendo como temas os aspectos observados no Horto: na disciplina de Epidemiologia Social, trabalhei com os vários tipos de remédios caseiros vendidos no Horto; em Sociologia do Trabalho, escrevi um artigo sobre “o trabalho informal na colina do Horto”.<sup>3</sup>

Nas cadeiras de Seminário de Pesquisa I e II, refiz o projeto e, terminando de cursar as disciplinas, comecei a desenvolver a pesquisa de campo propriamente dita. É importante ressaltar que, naquele momento, no começo de 2001, três fatos marcavam o cotidiano e a mentalidade daquela população: primeiro, era a passagem do século XX para o século XXI. Nessa época, acreditava-se que o sacerdote havia profetizado o fim do mundo. Segundo os devotos, ele dizia: o mundo só existirá “[...] até mil novecentos e tantos, pois dois mil não chegará”. As crianças do Horto, inclusive, recebiam os romeiros e visitantes cantando o “bendito do Padre Cícero”, de autor desconhecido:

*Meu padrinho quando era vivo  
Ficou cansado de falar*

*De 90 por diante  
Tudo se transformará*

*Adeus até mil e tanto  
Que dois mil não chegará*

*Adeus a estátua santa  
Adeus Santo Juazeiro  
Adeus Nossa Mãe das Dores*

*Proteja todos os romeiros  
Estamos no fim dos tempos  
Com assalto, morte e guerra  
Daqui pra chegar dois mil  
Muitos tremores da terra*

---

3 Este artigo, desenvolvido em parceria com um colega do mestrado (PINHO; NASCIMENTO, 2003), foi publicado na revista “TENDÊNCIAS”, Cadernos de Ciências Sociais, p. 95-114.

O segundo aspecto que marcou a fase inicial da pesquisa de campo foi a campanha promovida pelo Sistema Globo para eleger o “cearense do século”, na qual o Padre Cícero foi eleito com mais de um milhão de votos. O terceiro é, certamente, o mais significativo para os moradores. Trata-se do fim da parceria entre a Prefeitura de Juazeiro do Norte e os padres salesianos no que se refere ao projeto de revitalização do Horto.

Em 2001, com a mudança na administração do município, Carlos Alberto Cruz ao tomar posse na prefeitura, nomeia a primeira-dama, Sra. Maria do Socorro Gomes de Figueiredo Cruz, para coordenação do Museu Vivo, começando aí uma série de mudanças, como a decisão tirar todos os cofres de dentro do imóvel, entrando em rota de colisão com o padre Giuseppe Venturelli, então administrador do Horto. Enquanto coordenadora entendia que a casa, ao ser transformada em museu, passou a ser propriedade da prefeitura, o representante da Congregação Salesiana entendia que a parceria não lhes tirava o direito como proprietários.

Em meio à disputa acerca da administração do Museu Vivo, uma moradora se expressou da seguinte forma: “Tratava-se da separação litigiosa em que um era dono do imóvel (Congregação Salesiana), o outro era dona dos móveis (a prefeitura)”. No âmbito dessa controvérsia, a população do alto do Horto, que comercializava naquela atmosfera conflituosa, assistia assustada e revoltada ao desfecho da situação.

Num primeiro momento, tais circunstâncias dificultaram a realização das entrevistas, pois muitos tinham medo de falar. Nesse ínterim, então, tive a oportunidade de conhecer a jovem professora Maria das Dores Guilhermino, também moradora do Horto e funcionária dos padres salesianos. “Dorinha do Horto”, assim apelidada, era bastante conhecida, muito querida e respeitada na comunidade. Com a ajuda dela, comecei a conversar com homens e mulheres, jovens e velhos que residiam e trabalhavam no alto da colina.

A metodologia de pesquisa foi cuidadosamente desenhada no sentido de oferecer uma visão mais ampla daquela comunidade.

Dessa forma, adentrei o universo romeiro a partir da chamada “observação sistemática”, ou seja, durante alguns meses me dirigia ao Horto com um diário em mãos e me dedicava a observar comportamentos, práticas e relações entre aqueles que se constituíam meus entrevistados. Nessa etapa, eu me fiz presente em momentos de grande circulação de devotos e visitantes, mas, preferencialmente, nos períodos em que havia poucas pessoas de fora. Assim sendo, pude verificar como se dava a relação entre os membros da comunidade, o espaço e a administração do Horto.

Posteriormente, foi necessária a elaboração de um questionário capaz de me permitir realizar uma prosopografia dos moradores do lugar. Nele foram solicitados nome, estado civil, idade, tempo de moradia no Horto, naturalidade, ocupação e escolaridade, seguindo, assim, as recomendações de Lawrence Stone (1971, p. 46):

[...] A prosopografia é a investigação das características comuns do passado de um grupo de atores na história através do estudo coletivo de suas vidas. O método empregado é o de estabelecer o universo a ser estudado e formular um conjunto uniforme de questões — sobre nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posições econômicas herdadas, lugar de residência, educação, tamanho e origens das fortunas pessoais, ocupação, religião, experiência profissional etc. Os vários tipos de informação sobre indivíduos de um dado universo são então justapostos e combinados e, em seguida, examinadas por meio de variáveis significativas. Essas são testadas a partir de suas correlações internas e correlacionadas com outras formas de comportamento e ação.

Enfim, o terceiro instrumento de pesquisa utilizado foi um modelo de entrevista semiestruturado e flexível, para o qual foi elaborado um roteiro prévio, possibilitando ao entrevistador e entrevistado perguntarem e responderem algo que não tivesse sido planejado, tornando o diálogo mais natural e dinâmico.

Nessa direção, elaborei as seguintes perguntas: quem é o Padre Cícero para você? O que é o Horto para você? Por que escolheu morar no Horto? Quais os problemas do Horto?

De posse do material empírico coletado, eu mesma transcrevi todas as entrevistas, optando por manter, na escrita, a linguagem coloquial dos narradores, pois, como afirma Portelli (2016, p. 20), “[...] o significado de um evento não pode ser separado da linguagem pela qual ele foi lembrado e narrado”. Feita a transcrição, pus-me a analisar e escrever a dissertação de mestrado, defendida em 26 de março de 2002, com o título: “As representações sociais do Padre Cícero para os moradores da Colina do Horto”.

Após a defesa, mesmo dando continuidade às pesquisas relacionadas a Padre Cícero e todo o contexto sociopolítico e religioso do Juazeiro, deixei as investigações acerca do Horto devidamente resguardadas. Entretanto, o Horto passou a representar, também para mim, um lugar especial, para onde me dirigia com frequência com o objetivo de rever amigas e amigos e recarregar minhas energias.

Em 2021, prestes a completar 20 anos de defesa da minha dissertação e já tendo concluído o doutorado, retomei o material de pesquisa. Passei as entrevistas que estavam gravadas em fitas k7 para o modo digital, ouvi atentamente cada uma delas e decidi escrever um livro sobre o Horto, pondo no centro as narrativas daquelas mulheres e homens, à medida que as embasava com os documentos que fui coletando ao longo dos anos. O presente livro, portanto, não é minha dissertação de mestrado, mas uma releitura dos relatos, do imaginário de seus habitantes, como também uma análise das intervenções implementadas pela Igreja Católica e pelos poderes públicos instituídos no alto do Horto, no intuito de transformá-lo num espaço de turismo religioso e ambiental.

Em vista disso, a intenção que me move é, na verdade, ouvir e analisar a narrativa daqueles que se sentem chamados e escolhidos pelo Padre Cícero a morar no alto do Horto ou na “terra da Mãe de Deus”. Segundo eles, o sacerdote costumava lhes dizer:

[...] Meus amiguim, pra todo canto que vocês fosse, num achasse sossego, num achar de comer, nem água pra beber, num achar descanso de nada da sua vida, vem pra Juazeiro que tudo que você num achou, você acha aqui no Juazeiro. Meu amiguim, uma noite você num passa, um dia sem cumê, garanto, dento do Juazeiro, você armaço, se você num jantar, mais você armaço! (João Leite).

Buscando olhar para o habitante devoto, tentando compreender suas visões de mundo, crenças, o cotidiano que o cerca, sua relação com o território numa simbiose constante entre o sagrado e o profano, pretendo fazer uma “história vista de baixo” valendo-me do conceito do historiador inglês Edward P. Thompson (1998), no qual se dá ênfase ao conhecimento histórico construído a partir do ponto de vista de mulheres e homens considerados comuns até então, mas que são tão sujeitos do processo histórico estudado quanto políticos e líderes militares, habitualmente apontados como protagonistas.

O livro é estruturado em 4 capítulos, da seguinte forma:

**Capítulo I: O MONTE SAGRADO: De sítio ritualístico religioso do homem Kariri, ao Horto sagrado do Padre Cícero** — aqui, analiso o Horto considerando a hipótese de que ali se constituiu um sítio ritualístico dos primeiros seres humanos que chegaram ao Cariri há milhares de anos. Ressalto a chegada do Padre Cícero ao Horto como o “reencontro com o sagrado”, fazendo uma discussão sobre a relação do sacerdote com aquele espaço. Finalmente, defendo o Horto como o lugar de resistência do devoto e aprofundo a análise das narrativas e do imaginário dos habitantes a respeito do lugar.

**Capítulo II: “DEIXO PARA A ORDEM DOS PADRES SALESIANOS...”: Os herdeiros testamentários do Padre Cícero e o alto do Horto** — discuto a chegada dos padres salesianos e sua atuação no Horto dos anos de 1940 até os dias de hoje.

**DO ESPAÇO SAGRADO AO ESPAÇO TURÍSTICO: Intervenções do poder público no alto do Horto** é o tema do terceiro

capítulo, no qual discuto a atuação do poder público, principalmente o municipal, no alto do Horto no sentido de transformar e desenvolver o turismo religioso. Analiso como cada projeto de modernização vai destruindo os símbolos e ícones religiosos que representavam para o devoto habitante a presença do Padre Cícero.

Por fim, o quarto capítulo: **“NÓIS TUDIM SOMO RUMEIRO DO PADIM CIÇO”**: **Os herdeiros da fé** — é dedicado aos devotos do Padre Cícero que viveram ou ainda vivem no alto do Horto. São histórias de homens e mulheres pobres, simples que, ao se sentirem chamados deixaram sua terra natal, suas vidas, imóveis, a família e vieram para Juazeiro. Na primeira parte, faço uma pequena biografia de alguns beatos que viveram no Horto. Em seguida, apresento uma prosopografia dos moradores, tomando como ponto de partida o questionário e as entrevistas concedidas durante a pesquisa de campo, buscando analisar o modo de vida, trabalho, renda, o cotidiano de todos eles.

Passadas duas décadas de realização da pesquisa de campo, entrego para leitura e conhecimento de todos as narrativas e visões de mundo de uma população que vive e sobrevive no espaço sagrado do “padim Ciço”: o alto da Colina do Horto.



## CAPÍTULO I

### O MONTE SAGRADO: de sítio ritualístico religioso do homem Kariri ao horto sagrado do Padre Cícero

Estudos geológicos afirmam que a serra hoje denominada de Horto surgiu há aproximadamente 650 milhões de anos, reunindo o substrato das rochas sedimentares que constituem a atual Bacia do Araripe. São, na verdade, as mais antigas da região do Cariri cearense, de acordo com informações do Geopark Araripe.<sup>4</sup>

A paisagem composta desde então se originou quando

[...] as rochas aquecidas do manto da Terra emergiram vindas de profundidade. Na superfície da terra, a mistura granítica lentamente esfriou e solidificou, formando pequenos cristais que finalmente iriam resultar em um granito. Os sedimentos que estavam em contato com essas rochas aquecidas transformaram-se em rochas metamórficas, todo este processo está exposto no geotopo granito (ALVES *et al.*, 2010).

A estrutura geológica da Colina do Horto, com suas enormes pedras, conferiu ao local um aspecto místico, dotado de simbolismo religioso. Os devotos do Padre Cícero a consideram um ambiente sagrado, o lugar do fim do mundo, onde todos serão julgados e no qual o sacerdote faz sua morada eterna.

Para Alemberg Quindins,<sup>5</sup> a sacralização do Horto por parte do Padre Cícero e seus devotos não é apenas fruto da imaginação

---

4 Disponível em: <http://geoparkararipe.urca.br> (Acesso em: 02 out. 2021).

5 Francisco Alemberg de Souza Lima, músico e produtor cultural desde a década de 1980, realiza pesquisa sobre as lendas e mitos da Chapada do Araripe. Entrevista realizada em 07 de setembro de 2021.

dessas pessoas. Segundo ele, aquela colina localizada em Juazeiro do Norte foi, num passado bastante remoto, um sítio ritualístico onde o homem Kariri realizava cerimônias religiosas.

Estudioso desde os idos de 1980 das lendas e do imaginário correntes na Chapada do Araripe, Alemberg e sua esposa, a arqueóloga Rosiane Limaverde,<sup>6</sup> costumavam visitar não só a chapada, mas os lugares em que subsistia a tradição oral da mitologia Kariri, com narrativas que traziam a história dos povos originários da região caririense.

Com um gravador e uma câmera fotográfica nas mãos, coletavam depoimentos e registravam personagens, ao mesmo tempo em que descobriam a existência de sítios arqueológicos e lugares considerados encantados. As incursões, que não foram poucas, lhes proporcionaram o acúmulo de conhecimento acerca da história mitológica e da arqueologia do Cariri.

Durante as andanças pela chapada e serras da região indagavam, sobre as histórias dos mais velhos, as lendas, as crenças, os mitos. Ao longo dos anos, tornaram-se amplamente conhecidos e sempre que um ou outro narrador encontrava algo diferente, contactava o casal para entregar qualquer objeto ou utensílio encontrado.

Dessa maneira, ainda na década de 1980, chegaram às mãos dos pesquisadores três objetos encontrados por pedreiros que trabalhavam na construção de uma casa no sopé da colina do Horto.

Conta Alemberg:

[...] Um dia nós recebemos de presente de pedreiros que estavam fazendo uma casa no sopé do Horto e encontraram três machados, e estes três machados feitos de lítico, feitos de pedras ali do Horto, eram ritualísticos. Não era machados que se usavam rústico para fazer utensílio doméstico, mas, eram ri-

---

<sup>6</sup> Rosiane Limaverde Vilar Mendonça (\*1964/+2017) era compositora, cantora, musicista, pesquisadora, mestre em Arqueologia e Preservação do Patrimônio pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutora em Arqueologia pela Universidade de Coimbra (UC).

tualísticos por conta da ornamentação deles e dos frisos que eles têm como que fosse uma coisa além do que fosse só uma ferramenta de uso rústico, porque as ferramentas da pré-história de uso rústico tinham uma estrutura montada para aquecer o uso, e existem as ferramentas que são ritualísticas, que são usados nos rituais religiosos, rituais ligados a essa cultura imaterial dessa relação do homem com o imaginário. São as pessoas mais antigas do Juazeiro, do Horto e comprovando que ali era um sítio lítico, onde se tirava pedras para fazer ferramentas líticas.

No tocante a essa descoberta, ressalta Alemberg, o fato de as peças terem sido encontradas justamente ali é muito significativo, pois, caso tivesse sido no alto da serra, provavelmente os romeiros as teriam levado, ou mesmo os indígenas, qualquer outra pessoa em visita ao lugar. No entanto, considera, ao serem localizadas no sopé, enterradas, descobertas somente porque os pedreiros trabalhavam nos alicerces de uma casa, fortalece a hipótese de os achados pertencerem a um tempo muito antigo.

As peças, hoje expostas na Fundação Casa Grande — Memorial do Homem Kariri, em Nova Olinda-CE, podem ser consideradas uma comprovação de que, no Horto, muito antes da chegada do Padre Cícero, “[...] desde o princípio geológico, aquele lugar foi um lugar diferenciado como um sítio ritualístico, um sítio sagrado, tinha esse encanto, tinha essa ciência embutida, tinha essa coisa encantada [...]”, afirma Alemberg.

**Figura 2** - Artefatos ritualísticos encontrados no sopé da serra do Horto



**Fonte:** Fundação Casa Grande - MHK, Nova Olinda-CE.

Para o pesquisador e também músico, Alemberg, os ritos religiosos hoje praticados na Colina do Horto por romeiros do Padre Cícero — passar entre as pedras e debaixo delas, tocar em objetos, entre outros —, estão presentes nas chamadas

[...] tradições do homem Kariri, esse lugar mantém a cultura imaterial do ritual vindo de uma forma antropológica, trazendo do Nordeste inteiro, como os índios chamam, os parentes para fazer ritual ali.

Neste sentido, defende que o “[...] Horto é um lugar encantado desde a pré-história”.

Em sua argumentação, explica que as pesquisas realizadas a respeito da formação geológica do Cariri apontam que, há 100 milhões de anos, a região foi um braço de mar e que quando esse “lago salgado” começou a secar, o lugar hoje conhecido como Horto foi o último a ser atingido, constituindo-se, assim, nas “[...] últimas águas do Cariri e transformando a serra numa ilha cercada por um grande rio”.

Alemberg defende que

[...] O Horto se situa no Vale do Salgado. Foram as últimas águas do Cariri. Ali era um grande rio, um baixo e o morro era uma ilha. Ela tinha um sentimento com afloramento da sua profundidade geológica das placas tectônicas que vinha formar aquelas pedras. Era como se fosse deuses que viessem de dentro da terra, tá entendendo? Para gerar aquela ilha. Ela sempre teve, desde a pré-história, no meio desse vale, entre suas bordas, esse grande rio invisível, por isso que Padre Cícero chamava de Rio Jordão.

Para Alemberg, o Padre Cícero, ao reconhecer a Serra do Catolé como um lugar especial, demonstrava capacidade e sensibilidade para se conectar com o universo sagrado dos encantados. Nesse sentido, afirma que o sacerdote “[...] tinha uma visão hídrica do Cariri, uma visão geológica, uma visão antropológica do povo que passeava por essa região”.

## 1.1 “AQUI É PARECIDO COM O HORTO ONDE JESUS FOI CRUCIFICADO”: Padre Cícero e o reencontro com o sagrado

Não é possível assegurar com precisão em que data o Padre Cícero conheceu e adquiriu as terras da Serra do Catolé. Uma pista nos é dada por José Marques da Silva, no livro *Milagres e previsões de Padre Cícero*, segundo o qual o pedreiro de sua confiança, mestre Antônio Ferreira, que conviveu por muitos anos com o sacerdote e sendo vizinho de seu pai, teria lhe contado que, certa vez, Cícero o convidou, assim como a outros amigos, para subir aquela serra e conferir, *in loco*, se lá era como “[...] tinha visto em sonho” (1996, p. 17).

No começo da caminhada, continua o autor, mestre Antônio diz que, chegando ao rio Salgadinho o Padre Cícero parou, observou e comentou: “[...] Daqui do pé desta serra até chegar perto da Capela de Nossa Senhora das Dores, é a largura do Rio Salgado. Este Rio é bem parecido com o Rio Jordão onde São João batizou Jesus”.

Ao chegarem no cume, o mestre diz que

[...] sentaram-se numa das pedras debaixo de um grande e frondoso pé de Tambor, e então o Padre Cícero olhando para o Juazeiro disse: Juazeiro será no futuro, uma grande cidade. Aqui neste lugar, onde nós estamos, é parecido com o Horto onde Jesus foi crucificado.

De lá seguiram para um sítio conhecido como “Veado Frio”, distante uns 3km. Ao chegar ao local, o sacerdote, mostrando-lhes duas pedras sobrepostas, exclama em forma de profecia: “Essas duas pedras, parecem com o Sepulcro onde Jesus foi sepultado” (*Op. cit.*, p. 18). Estava rebatizada a Serra do Catolé. Desde então, passou a ser chamada colina do Horto.

Uma questão importante a ser destacada nessa narrativa está relacionada à forma como o Padre Cícero chegou à Serra do Catolé, qual seja, através de um sonho/revelação. Não será a primeira

vez que o sacerdote terá uma visão do sagrado dessa maneira, segundo a historiografia que trata do assunto. De acordo com a narrativa fundadora de Juazeiro, foi por meio de um sonho/revelação que Jesus Cristo concedeu-lhe a missão de cuidar dos maltrapilhos e pobres do sertão.

Os sonhos têm um importante papel na vida religiosa. A Bíblia está repleta de passagens nas quais Deus se comunica com os profetas através deles. Sendo, portanto, o Padre Cícero um “santo”, “escolhido por Jesus para salvar a humanidade”, nada mais natural que Deus lhe mostre o sagrado através de uma revelação, de uma visão onírica.

Tais narrativas, somadas a centenas de outras que sobrevivem na oralidade, têm a função de demonstrar o poder sobrenatural do Padre Cícero, sua capacidade de comunicação com poderes ocultos, a sensibilidade de identificar e de se conectar com o que é reconhecido como sagrado, enfim, atribuições estas que só podem ser de uma natureza santa do ponto de vista de quem acredita.

É oportuno ressaltar que não existe, até o presente, o conhecimento de algum documento de autoria do Padre Cícero no qual ele faça menção a estes acontecimentos, tudo o que se sabe a esse respeito foi elaborado e escrito por terceiros, pessoas que conviveram com ele ou, ainda, através dos poetas populares que difundiram nos cordéis profecias e milagres do santo “padim Ciço”.

Outra questão que merece ser sublinhada é o significado da denominação da serra, numa explícita alusão ao Horto das Oliveiras, em Jerusalém, onde Jesus foi preso e experimentou momentos de dor, aflição, medo. Para os cristãos o Horto é um lugar de tormento, de sofrimento, mas, também, de reflexão, penitência, oração e resignação.

Toda cidade mística tem um monte sagrado, ressalta o padre Antônio Vieira, em livro intitulado *Roteiro lírico e místico sobre Juazeiro do Norte*, publicado em 1988. Sendo Juazeiro do Norte uma terra santa, conhecida como a “Nova Jerusalém”, sua montanha sagrada é, por assim dizer, o Horto do padim Ciço.

A narrativa do encontro do Padre Cícero com o seu “monte sagrado” não especifica em que data isso teria acontecido. Provavelmente, pode ter-se dado em 1872, ano em que o sacerdote fixara residência no então povoado do Juazeiro, e 1890, quando, juntamente com outros três padres, promete construir uma igreja dedicada ao Sagrado Coração de Jesus caso Deus fizesse chover no sertão, findando um ciclo de seca e fome. Em algum momento nesse intervalo de 17 anos, o sacerdote visitou a serra, a rebatizou de Horto e construiu em seu cume uma casa, ainda que pequena, para a mãe e irmãs, refúgio e descanso próprios.

## **1.2 “INTENCIONO IR FAZER A MINHA MORADA QUASE TODA NO HORTO”: A relação do Padre Cícero com o espaço sagrado da colina**

Percebe-se através das cartas escritas pelo Padre Cícero, de depoimentos daqueles que com ele conviveram ou mesmo nos artigos redigidos por visitantes interessados em conhecê-lo, que o Horto representava, para o sacerdote, muito mais que um lugar de repouso. Era o seu ambiente preferido, aquele em que se podia refazer as energias, restabelecer as forças. Era lá onde Cícero desejava passar os dias rezando, recebendo o sertanejo pobre, orientando, vivendo uma vida longe das questões mundanas, dos conflitos e perseguições.

Este desejo é manifestado em 18 de setembro de 1898, quando estava em Roma defendendo-se perante o Santo Ofício das acusações impostas pela Diocese do Ceará e buscando reaver suas ordens sacerdotais, em carta endereçado a sua mãe onde, entre outras notícias, confessa:

[...] o meu desejo é voltar e chegar em casa na hora que menos me esperem. E como desejo viver uma vida retirada depois de tanta luta e tanta angústia, intenciono ir fazer a minha morada quase toda no Horto e lá mesmo celebrando quase a maior parte dos dias. [...] querendo Deus, viver desconhecido e

reservado até quando N. Senhor fizer-me a caridade de chamar-me. Si eu não queria nada do mundo agora ainda estou querendo menos (SOBREIRA, 1969, p. 99-100).<sup>7</sup>

Esta carta/desabafo de um filho para uma mãe, escrita com as tintas da saudade e movida pelo sentimento de injustiça por estar tão longe de casa há tanto tempo por motivos que, na sua compreensão, não se justificavam, posto sempre ter defendido e agido conforme os preceitos de sua religião, revela também a pretensão de viver como um sacerdote comum, num lugar isolado, desconhecido e distante das disputas e assuntos que não fossem, somente, aqueles do seu Deus.

Animado pela ideia de fazer do Horto um lugar de retiro espiritual, solicita à mãe que convoque o mestre de obras, “Seu Antônio”, para que este prepare a sala da casa do Horto fazendo um altar e deixando-a como uma “[...] capelinha suficiente para celebrar o Santo Sacrifício da Missa. Si José Lobo e a Irmandade de Coração de Jesus combinar colloca-se lá a Imagem do Sagrado Coração de Jesus e senão o oratório de nossa casa que obtive a faculdade de celebrar lá”.

Amália Xavier de Oliveira, afilhada e filha de um grande amigo do Padre Cícero, com quem viveu o cotidiano de sua casa por mais de 30 anos, publicou, em 1969, o livro *O Padre Cícero que eu conheci*, no qual compartilha as lembranças e histórias que viu, ouviu e viveu sobre o que chama de “verdadeira história de Juazeiro do Norte”.

Diz a autora que viu o Padre Cícero subir a ladeira do Horto muitas vezes

[...] à meia noite, num belíssimo cavalo. O beato José puxava no cabresto ou rédea; Joana da Hora caminhando ao lado com uma lamparina de querosene firmada na cabeça; Maria das Malvas com uma ces-

---

7 Grifo meu.



ta conduzindo o Breviário, objeto de toilette, etc. As outras acompanhantes eram sempre: sai Umbelina, sai Águida e alguns que como estas adivinhavam que meu padrinho ia para o Horto naquela noite. Lá ficava semanas a fio (p. 53).

Durante a estada do sacerdote no Horto, comenta a autora, o povo, diariamente, subia a ladeira para rezar o rosário da mãe de Deus, ouvir conselhos e receber sua bênção.

Entre as várias recordações registradas conta que, certa vez, obrigada pelo sacerdote a passar uma temporada no Horto para curar uma anemia, pois, segundo ela, o padre considerava os “ares de lá bom para a saúde”, estavam sentados à mesa para o jantar que era servido às 15h. Naquele dia, uma das beatas que residia na casa e cuidava da alimentação do sacerdote, de nome Gerônima e apelidada de Giluca, preparou-lhe arroz cozido ao leite com a recomendação de que comesse tudo. O sacerdote, em companhia do fiel amigo, o cachorro “Capucho”, com o prato já servido separava a metade, comia uma parte e a outra passava para ela advertindo-a: “[...] coma; mas não diga que não fui eu quem comeu” (p. 23).

Entretanto, não era só sossego e oração que o Padre Cícero buscava no Horto. De lá, escrevia para as autoridades solicitando que socorressem o povo pobre enviando-lhe auxílio, como o fez durante uma das grandes secas do Ceará, em 1915, ao telegrafar para o amigo e deputado estadual, Floro Bartholomeu da Costa:

[...] Faça esforço telegrafando Governo salvar vidas mandando já trabalhos, socorros públicos. Aqui se-pultam todos dias de pura fome. Outros caídos ruas, caminhos. Socorros agenciados todos Estados nada vem aqui. Cem contos nossa direção salvaria muito em quanto vem inverno, plantações. Faça esforço. Todo Brasileiro, Cearense tem direito reclamar. Seu amigo Pe. Cícero. Horto 11 novembro 1915 (DHDPG).

Noutro período de crise, em 1918, quando o mundo vivenciou a primeira pandemia moderna conhecida como “gripe espanhola”<sup>8</sup>, o Padre Cícero, que ocupava o cargo de prefeito de Juazeiro, viu-se acometido pela doença fazendo seu isolamento social no casarão do Horto, conforme informa em carta endereçada ao amigo, Pe. Frederico, do Rio de Janeiro:

[...] A influenza espanhola também visitou-me, estou em convalescência em nossa casa no Horto, um sitio uma meia legoa da Cidade do Joazeiro. Está desde Fortaleza aqui em todo o Estado e nos Estados vizinhos cobertos desse flagello. Estaremos no começo do Fim? Deus nos responda. Oremus ad invicem. (CASIMIRO, 2012, p. 807-808).

Percebe-se através destes documentos e narrativas, que o Horto se apresentava para o Padre Cícero como um lugar diferenciado, especial, onde desejava fazer sua morada definitiva se não tivesse que cumprir uma missão que, acreditava, lhe teria sido dada por Deus.

Um indicativo muito forte da relação do Padre Cícero com o Horto enquanto espaço sagrado, de penitência, arrependimento, oração, está assentado nos idos de 1889, quando a região sofria com as consequências e mazelas de mais um ciclo de seca. Preocupado com a situação, promete construir uma igreja e consagra-la ao Coração de Jesus se Deus tivesse piedade do povo e fizesse chover, livrando os mais pobres de outro período de fome e miséria.

---

8 Sobre a gripe espanhola no Cariri Cearense vê o artigo: “**EM TODA PARTE SÓ SE OUVIA FALAR EM MORTE**”: a gripe espanhola no Cariri (1918-1919). Disponível em: [https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros\\_tempos\\_uema/article/view/831/890](https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/831/890).

### **1.3 A PROMESSA: Um bom inverno em troca de uma grande igreja**

No final do século XIX, o sertão sofria com constantes e prolongadas secas. Esquecidos pelo Estado e sob o domínio e exploração dos latifundiários de então, o povo sertanejo vivia em plena situação de miséria e de fome, sujeito às epidemias e outras adversidades (MARTINEZ, 2000; NEVES, 2000; REIS JÚNIOR, 2014).

Nos anos de 1877-1879, o Ceará registra mais uma fase de estiagem rigorosa. Na região do Cariri cearense, o estado de calamidade pública era relatado em cartas enviadas ao bispo diocesano por padres da região. Numa delas, o padre José Tavares Teixeira, de Assaré, ao pedir permissão para mudar-se de Santana do Cariri, relata: “Aqui, Exmo. Sr., estamos no maior grau de miséria, pois já duas infelizes mulheres acham-se presas por haverem, uma comido um irmão e outra a um próprio filho”!

Em 1890, a população caririense, ainda traumatizada com os horrores vividos nos anos de 1877-1879, já sentia os nefastos efeitos de uma nova seca. No começo do ano, aterrorizados com a falta de chuva, padres se uniram ao povo e em “[...] romarias de penitência de uma cidade a outra; levavam as imagens aos campos suplicando que fizesse cair do céu a chuva” (OLIVEIRA, 1969, p. 61).

Os meses passavam sem que nenhum sinal de chuva trouxesse a esperança de um bom inverno. Em seu testamento, Padre Cícero afirma: “[...] apavorados com resultados da seca de mil oitocentos e oitenta e nove (1889) receamos, aliás, com razão justificada que o ano de mil oitocentos e noventa (1890) fosse também seco” (Machado, 2001, p. 55). Ele, então capelão do Juazeiro, o vigário da paróquia São José, em Missão Velha, Manoel Félix de Moura, o vigário da paróquia Nossa Senhora da Penha, em Crato, Antônio Fernandes Távora e o reitor do seminário São José, também no Crato, Monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro, se unem numa última súplica prometendo que se Jesus enviasse chuvas para o sertão, impedindo mais um ciclo de seca, faria no alto da colina do Horto uma igreja dedicada ao Coração de Jesus.

Oliveira afirma que no dia seguinte à promessa dos padres,

[...] quando menos se esperava, em pleno dia de sol ardente, às duas horas da tarde, por milagre ou por coincidência, subitamente caíram chuvas abundantes que só pararam na manhã do dia imediato. Foram tão copiosas, que na mesma noite todos os açudes sangraram, alguns se arrombaram, e os rios transbordaram, alagando todos os brejos e estradas, havendo por consequência, um bom inverno produtor de fartura nos celeiros (*Op. cit.*, p. 71).

Aos olhos de todos, mais um milagre acontecia na Terra da Mãe de Deus. O Coração de Jesus se compadecia do sofrimento do povo pobre e atendia ao pedido do Padre Cícero.

Vale ressaltar que não foi a primeira vez que uma promessa desse tipo havia sido feita. Em 1878, ano em que o Ceará era assolado por uma das piores secas da história, D. Luís Antônio dos Santos, seu primeiro bispo, dedicou toda a província ao Sagrado Coração de Jesus, prometendo que, passada a seca, edificaria, em Fortaleza, uma grande igreja em sua homenagem, “[...] num ato solene de reparação pelos pecados do homem [...]” (DELLA CAVA, 2014, p. 78).

A promessa dos padres caririenses não destoava dos dogmas e práticas da Igreja Católica vigente. Porém, algumas questões marcam o seu cumprimento, tornando-a um dos pontos nevrálgicos da relação entre a igreja do Juazeiro e o clero cearense.

Chamamos atenção para a data da promessa — início de 1890 —, portanto, quase um ano depois da primeira ocorrência da transformação da hóstia em sangue na boca da beata Maria de Araújo, em 1º de março de 1889. O fato, embora pareça sem importância, se reveste de um significado maior, se considerarmos que, conforme demonstra Pinho, havia “[...] relatos de ‘fatos extraordinários’ ocorridos com Maria de Araújo pelo menos desde 1885” (2019, p. 66).

Outro dado a considerar é que, ainda segundo Pinho, em 1890 as notícias dos milagres do Juazeiro já estavam amplamente divulgadas na imprensa de quase todas as províncias do Brasil. Ou seja, já tinham extrapolado os limites do povoado e da região, sendo discutidas tanto na oralidade quanto em vários jornais.

Tais observações são dignas de nota, pois no ano em que é feita a promessa, já estava instaurado o movimento religioso no povoado do Juazeiro, àquela altura dos acontecimentos conhecida como “Nova Jerusalém” (Diário de Pernambuco - PE, Nº 194, 29/08/1889, p. 3). Isso é fundamental para entender toda a polêmica que vai se desenvolver em torno da construção da igreja no Horto.

#### **1.4. “PROMESSA É DÍVIDA”: A saga da construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus no alto da Colina do Horto**

No sertão há um ditado popular, que diz: “promessa é dívida”. Portanto, uma vez tendo sido atendido o seu pedido, Padre Cícero trata de cumprir a promessa, dando início ao projeto de construção da nova igreja. O cumprimento, no entanto, não será fácil de concretizar. Vista pela hierarquia da Igreja Católica, no Ceará, como uma obra que alimentava o fanatismo dos sertanejos e a crença na natureza sobrenatural do Padre Cícero, o contexto é considerado perigoso para a manutenção da ordem e dos dogmas da instituição.

A primeira polêmica estabelecida nesse tocante se deu em torno da obtenção da licença para dar início às obras, concedida pelo vigário do Crato, padre Antônio Alexandrino de Alencar, conforme menciona em carta endereçada ao bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, em 9 de setembro de 1893:

[...] Cumpre-me comunicar a V. Excia. o seguinte. No começo de julho do corrente ano, enderecei, em nome de José Bezerra Juca, uma petição de licença para a construção de uma Capela no sítio de sua velha mãe d'ele. Veio a licença e o concessionário, querendo construir a Capela perto da residência da

velha mãe, disse o Padre Cícero. = não constrói aqui, mas no fundo do sitio que eu dar-lhe-ei grande ad-jutório = Ouvindo estas palavras, o dito concessio-nário anunciou a vontade do Padre o qual, em vez de aceitar o risco de uma pequena Capela que eu havia dado, marcou uma Igreja de bom tamanho, que pretende construir tendo o referido concessionário por impossibilidade pecuniária abandonado o servi-ço, hoje somente à cargo do Pe. Cícero. O lugar da Capela é em cima de uma serra, distante meia légua do Juazeiro (DHDPG).

Vê-se que o padre Antônio Alexandrino denuncia a mudança de postura do Padre Cícero relacionada à natureza da licença concedida para a edificação do templo, esclarecendo que tratava-se de uma licença para construção de uma capela e não de uma igreja. Menciona, também a mudança do lugar originalmente demarcado para sua construção. Afirma, ainda, que em decorrência das modificações, feitas com o aumento do custo inicial da obra, seu parceiro, José Bezerra Juca, em nome de quem foi outorgada a autorização, desistiu da parceria, ficando o projeto apenas sob a responsabilidade do sacerdote. Percebe-se, nesse ínterim, que a construção da igreja no alto da colina, já em andamento, será ponto de tensão entre a Igreja do Ceará e aqueles que defendiam a veracidade dos milagres do Juazeiro.

A concessão, conforme afirma o padre Alexandrino, teria sido dada em julho de 1893. Portanto, no contexto de instauração da chamada “questão religiosa do Juazeiro”, na qual o bispo dom Joaquim declara que o sangue derramado da boca da beata Maria de Araújo após a comunhão não era “[...] nem podia ser o sangue de Cristo”. Na ocasião, exigira a retratação pública dos padres e religiosos que haviam manifestado alguma credulidade nos fatos, sob pena de cassação das ordens e até de excomunhão, proibindo a adoração dos panos ensanguentados. A reação previa também sanções e punições, além da condenação do que o bispo considerava fanatismo, qual seja, o tipo de religiosidade praticado no po-

voado, inclusive a forma como os romeiros tratavam a construção da igreja do Horto.

Com a licença concedida, tratou o Padre Cícero de adquirir o terreno — uma parte fora comprada, outra doada — e dar início, naquele mesmo ano, ao cumprimento da promessa, autorizando a feitura dos alicerces da futura Igreja do Sagrado Coração de Jesus, no alto da Colina do Horto (OLIVEIRA, 1989, p. 62).

Na construção do templo, homens e mulheres, adultos e crianças, agradecidos pela graça obtida, começaram a trabalhar em regime de mutirão, carregando cal, pedras, água e todo material necessário. Os mestres de obra responsáveis pela construção da igreja foram Antônio Eduvirgens, Vicente Grande e Manoel Correia, homens simples que acreditavam integrar um projeto divino, não só por se tratar do que consideravam fruto de um milagre, uma bênção advinda da promessa dos sacerdotes, mas, igualmente, porque era a construção de uma igreja no monte sagrado e idealizado pelo seu “padim Ciço”.

A crença na natureza sagrada do templo pode ser percebida através narrativas dos milagres ocorridos durante a construção da igreja, propagados oralmente, contados e recontados. Num desses eventos, narrado no livro *Juazeiro de ontem e de hoje*, de Vicente Ribeiro Sobrinho, consta que um dos mestres, Manoel Correia, teria sofrido um acidente, caindo do andaime. Ao saber do ocorrido, o Padre Cícero pergunta-lhe:

[...] — Manoel quer morrer e ir pro céu ou quer continuar minha obra?

Ele respondeu:

— Meu padrinho eu quero viver e terminar sua Igreja. E escapou. Morreu bem velhinho no Salgadinho, onde morava (2007, p. 31).

Padre Joaquim Marques Alencar Peixoto, num capítulo do livro *Juazeiro do Cariry*, publicado em 1913, intitulado “Igreja-Arca”, conta que durante a construção do templo o Padre Cícero dizia aos homens e mulheres:

[...] É preciso continuarmos com os trabalhos da Igreja do Horto. Nossa Mãe das Dores assim o quer, e assim, por mais de uma vez, mo tem revelado. À obra, pois, à obra de Deus, meus amiguinhos! Quem sabe si não havemos de nos escapar ali de um enorme aguaceiro semelhante ao dilúvio?! Ah! Quem sabe? À obra de Deus, ainda uma vez, pois, meus amiguinhos! (p. 36).

Para o autor, o sacerdote se vale de um determinado recurso narrativo — a obra foi uma revelação de Nossa Senhora das Dores, portanto, uma obra de Deus — no intuito de concretizar a realização do seu sonho. Nesse sentido, dizia o Padre Cícero, aquele que trabalhasse com afinco seria salvo do dilúvio que inundaria e destruiria o mundo mais uma vez, assombrando, amedrontando e obrigando os devotos a trabalharem gratuitamente na construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, no Horto.

Outros escritos ressaltam que não era apenas mais um trabalho, mas um ritual religioso, uma espécie de oração, uma celebração divina. Todos aqueles que acreditavam e participavam desse processo estavam em estado de graça com Deus, integrando-se ao sagrado. Por isso, tudo se realizava no âmbito de uma atmosfera festiva e profundamente ritualizada, conforme afirma Joaquim Pimenta num artigo publicado em 1940, na revista literária *Dom Casmurro*, intitulado “Como eu vi o Padre Cícero”. O autor narra uma visita que fizera ao Cariri no começo do século XX, descrevendo seu encontro com o sacerdote e as impressões que tivera ao visitar Juazeiro. Durante a estadia no povoado, foi convidado pelo padre para conhecer a Serra do Horto. Na subida da ladeira, afirma:

[...] deparamos um grupo de homens, mulheres, crianças, sujos e maltrapilhos, conduzindo latas, potes, cabaças de todos os tamanhos e feitios, puxado por uma banda de música: dois pífanos, um bombo e um tambor; na frente, um beato empunhando a bandeira. Iam buscar lá em baixo, em uma lagoa, água



para amassar o barro necessário à construção do templo. Mas, não paravam ali; primeiro, seguiam até a Matriz onde entravam cantando benditos. Minutos após, saíam, apanhavam o líquido e, ao som daquela singular orquestra, transpunham contentes a ladeira ingrime (PIMENTA, *in*: DOM CASMURRO - RJ, Nº 144, 06/04/1940, p. 05).

Por se tratar de um espaço sagrado, o material para a construção da igreja também teria de ser sacralizado. Nesse sentido, os construtores desenvolveram um tipo de cerimônia na qual, em procissão, tendo à frente um beato carregando a bandeira do Divino, passam diante da matriz para apresentar seu trabalho e receber as bênçãos da Mãe das Dores.

Percebe-se no testemunho de Joaquim Pimenta que a construção da Igreja do Sagrado Coração de Jesus transcorria dentro de um contexto de devoção e religiosidade popular com rituais não ortodoxos, algo que não agradava à hierarquia da Igreja do Ceará, uma vez que condenava os fatos do Juazeiro e reprovava a forma como milhares de romeiros chegavam ao povoado praticando sua fé.

Em 1896, o bispo dom Joaquim impõe a primeira interdição das obras da igreja, que já contava com os alicerces e paredes de 10 metros de altura. Em carta dirigida ao padre Antônio Alexandrino, datada de 13 de abril, dom Joaquim solicita que o vigário do Crato entregue ao Padre Cícero a portaria, suspendendo-o de celebrar o “Santo Sacrifício da Missa”. Diz mais:

[...] Constando-nos também que o mesmo sacerdote está construindo uma Igreja ou capela nas imediações do Juazeiro, sem prévia autorização nossa in scriptis e sem condições exigidas pelo Decreto Canônico, haja V. R<sup>ma</sup> de declarar-lhe que nós não consentimos na continuação desta irregularmente iniciada (CASIMIRO, 2012, p. 712-713).

Dias depois, em 28 de abril, o padre Alexandrino envia um ofício ao Padre Cícero, informando:

[...] Em cumprimento de ordem terminante do Exmo. e Revmo. Sr. D. Joaquim José Vieira, Bispo Diocesano, exarada em ofício a mim dirigido em data de 13 de abril do corrente ano, remeto a V. Revma a Portaria inclusa; e declaro que pelo Exmo. Sr. Bispo, foi proibido a continuação da obra da capela; que sob a denominação de Horto V. Revma. está construindo [...] próxima do Juazeiro como verá do original do mencionado ofício que juntamente remeto a V. Revma. (Pasta Legião da Cruz, doc. 15 - DHDPG).

No dia seguinte, o vigário do Crato escreve ao bispo, informando que o sacerdote recebeu o ofício com a notificação da portaria de suspensão das ordens e da proibição de continuidade das obras da capela. Afirma, ainda, que o portador lhe contou que “[...] o Padre Cícero abriu o envelope que continha todos os papeis, leu um pouco e depois debulhou-se em lágrimas” (CASIMIRO, 2014, p. 715).

A alegação do bispo diocesano de que a construção da igreja não tinha autorização por escrito, nem as condições exigidas pelo Decreto Canônico — daí sua suspensão —, deixou o Padre Cícero surpreso e indignado.

Em carta enviada ao compadre e amigo José Bezerra Juca, datada de 20 de outubro de 1897, cobra esclarecimentos sobre a questão da licença:

[...] Desde muito que tinha vontade de escrever-lhe sobre a licença que você me disse que tinha passada pelo Sr. Bispo para a construção daquela Capella do Horto; que sem esta licença por escripto eu não começaria o seu trabalho, você affirmou-me que tinha a dita licença requerida e alcançada pelo Pe. Monsenhor Antonio Alexandrino, Vigário do Crato; entretanto o Sr. Bispo que deu, segundo o que você me disse, a licença, me persegue mandando esbarrar a continuação da dita Capella, affirmando e allegando em Portaria a mim dirigida que não deu a licença e allegando como uma das causas da perseguição sem trégua que me fazem. E assim, você concorreu para

me perseguirem, me afirmando ter a dita licença sem a ter. Espero que me responda alguma coisa que pelo bom conceito que de você faço, não creio que tivesse me iludido (DHDPG).

Noutras palavras, assevera que somente começou a construção da igreja por ter sido informado que o vigário do Crato, monsenhor Alexandrino, havia recebido a devida licença, pedindo ao amigo que esclarecesse o assunto, pois de outra forma ele teria ajudado o bispo a lhe fazer uma “perseguição sem trégua”. Na mesma correspondência, lembra que o padre Alexandrino marcou o lugar da igreja declarando a todos que “[...] ainda depois da mesma suspensão pela tal Portaria ele, Vigário, declarou que tinha em sua mão a dita licença”. Constata-se que na mensagem, o próprio monsenhor Alexandrino admite ter concedido a licença. Porém, para a construção de uma capela, não de uma igreja.

Em meio a tantas polêmicas, a mobilização popular em torno da edificação do templo religioso não cessava. Além do trabalho voluntário, foi confeccionado um tipo de relicário que, conforme notícia veiculada no jornal fortalezense *A República*, em 10 de março de 1897, era vendido para angariar dinheiro com vistas à construção da igreja.

A matéria intitulada “Relíquias do Juazeiro”, em tom de denúncia, diz: “[...] A árvore do fanatismo plantada há uns oito anos pelo inconsciente Padre Cícero e pela histórica Maria de Araújo, na povoação do Joazeiro, floresce ainda e continua a dar nocivos frutos”. Rotulando o povoado de “[...] escola de perversão moral e religiosa [...]”, afirma ter recebido de um cavalheiro recém-chegado de lá uma “[...] relíquia que tem valido ao seu autor uma avultada fortuna”.

No tocante à descrição da relíquia, diz tratar-se de uma

[...] banda de papel almaço, tendo pintado numa das faces um cruzeiro e na outra uns pequenos quattras, à guisa de planta de Igreja.

Abaixo do cruzeiro lê-se a seguinte quadra, cuja ortografia conservamos para maior ludíbrio dessas tresmalhadas almas que tão parvamente se deixam enganar:

“Jesus amantíssimo  
Que na cruz morrestes  
Salvai minha alma  
Por quem padeceste”

É encimada pela pretensa planta da Igreja do horto, lê-se a oração que se segue:

Marca da igreja do horto a onde N. S. J. C — Sangue que correu pela terra esta igreja é a formatura tem 12 portas, 3 para banda do nascente, 3 para banda do poente, 3 para banda do Sul, 3 para banda do norte, estas 12 portas significa os 12 apóstolos de J. C. pede o sr. Padre Cícero que se reze um p-n (Pai Nosso) e uma a-m (Ave Maria) e ofereça ao Coração de Jesus em intenção da Igreja do Horto para que Deus venha com o céu divino puder nos ajudar acabar esta Santa igreja (A REPÚBLICA - CE, Nº 56, 10/03/1897, p. 04).

A relíquia, conforme informa o periódico, era vendida pela importância de 2\$000, acrescentando que “[...] No Juazeiro, quem não traz a tal relíquia ao pescoço, cuidadosamente encaixilhada num relicário ou embolsada num pedaço de pano, é considerado herege e como tal exposto às iras do populacho fanatismo”!

Para o autor da matéria, a construção da igreja representa a materialização do “fanatismo” criado e difundido pelo Padre Cícero em conluio com a beata Maria de Araújo, com o intuito de enganar, ludibriar e aproveitar-se financeiramente do povo pobre e ignorante.

Resistindo a todas as acusações e penalidades, Padre Cícero, ainda que declarando manter um “silêncio obsequioso”, se pronunciou: “[...] sem detrimento de minha consciência eu não posso negar a verdade e sinceridade do que fui testemunha [...]” (CASIMIRO,

2012, p. 67).<sup>9</sup> Movido pela mesma força, não desistiu de cumprir a promessa. Em 1898, quando esteve em Roma para defender-se perante a Santa Sé, encaminha uma petição escrita em italiano ao Cardeal Parocchi, solicitando a licença para sua construção:

1898-09-20 Do Padre Cícero Ao Cardeal Parocchi (em italiano)

Eminentíssimo e Reverendissimo Signore Cardinale Lúcido Maria Parocchi Il Sacerdote Cícero Romão Baptista desiderando erigere una piccola chiesa in princípio daquelle giá há despesa uma somma relevante, in uma proprieta sua denominata Horto, in Paróccia di Crato, Diocese de Fortaleza, Brasile per bene dei fideli, ad majorem Dei gloriam a comprimenrnto di um voto, dedicata al Sacro Cuore de Gesù, chiede umilmente a V.Enza Reverendíssima — la faculrra de erigerla, lasciando allá disposizione Del Diocesano la beenedizione della Stella dopoeretta.

Della V.Eminenza Revma

Illustrissimo Signore Cardinale

Roma 20 settembre 1898

S. Carlo al Corso.<sup>10</sup>

Convém salientar, no documento, que Padre Cícero se refere à edificação de uma “igrejinha”. Entretanto, ao receber uma resposta positiva do cardeal, traz de Roma a planta de um templo grande, com doze torres e capacidade para receber milhares de fiéis. Ou seja, se tivesse sido construída, seria a maior igreja do sertão brasileiro.

9 Grifo meu.

10 Tradução para o português: Eminentíssimo e Reverendissimo Senhor Cardeal Lúcido Maria Parocchi O Padre Cícero Romão Baptista desejando erigir uma igrejinha em princípio com o que já tem um valor relevante, em sua propriedade chamada Horto, na Paróquia do Crato, Diocese de Fortaleza, Brasil para bem ad majorem Dei gloriam a comprimento de um voto, dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, pede humildemente a V. Enza Reverendíssima — a faculdade de erguê-la, deixando à disposição do Diocesano a edição da Estrela após a ereta.

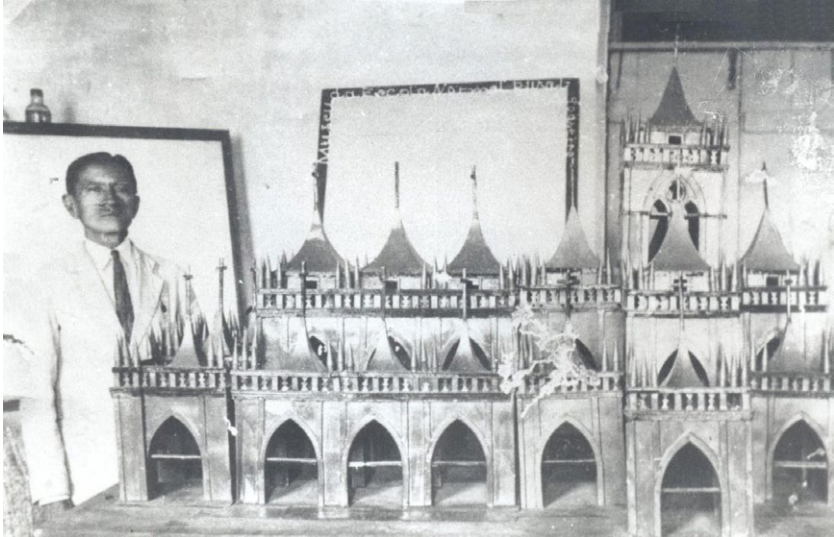
Da Eminência Revma

Ilustre Senhor Cardeal

Roma, 20 de setembro de 1898.

Ao chegar em Juazeiro em 1898, encomenda ao artesão, Pedro Coutinho, uma maquete em flandres, retomando os trabalhos de construção.

**Figura 3** - Maquete da Igreja do Sagrado Coração de Jesus a ser construída no Horto



**Fonte:** Acervo Renato Casimiro/Daniel Walker.

Em 1903, quando a construção da igreja transcorria normalmente, a obra é mais uma vez embargada por determinação do bispo diocesano. Ao vigário do Crato, o então padre Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, é enviado um novo ofício proibitivo, cuja resposta se deu logo em seguida:

[...] Tenho a honra de comunicar a V. Exa. Rvma. que levei ao conhecimento do reverendo pe. Cícero Romão Baptista ofício d V. Exa. Mandando suspender as obras da Capela que aquele sacerdote estava construindo perto da povoação do Juazeiro, e ele me respondeu que obedecia prontamente a V. Exa., suspendendo o serviço, o que efetivamente fez (CASIMIRO, 2012, p. 778).

Dom Joaquim justifica a decisão:

[...] não posso com consciência, salvo ordem superior, permitir que se continuem as obras da chamada Capela do Horto, por que a continuação destas obras faria de algum modo a sanção ao princípio falso de que ele originou-se e daria azo à continuação das tropelias e torpezas dos tais irmãos da Cruz, cujas façanhas e escândalos não lhe são desconhecidos. Para se apreciar o espírito de rebeldia do Pe. Cícero, basta pondera-se que, tendo sido proibida a continuação desta obra sem autorização minha (*Op. cit.*, p. 779-780).

Persistente no seu desejo de cumprir a promessa feita, Padre Cícero tenta, mais uma vez, obter autorização para a Igreja do Horto, apelando para o núncio apostólico do Brasil e o arcebispo de Pharsalia, Monsenhor Alexandre Bavona, em 1907. O núncio, naquilo que lhe concerne, envia ao bispo do Ceará, dom Joaquim, uma carta informando o pedido do sacerdote e solicitando informações sobre o caso.

Como resposta, dom Joaquim, em 20 de dezembro daquele ano, faz um relato acerca da questão religiosa do Juazeiro e da personalidade do Padre Cícero, afirmando ser ele um “[...] Sacerdote de costumes puros, e dado a exercícios de piedade, mas é de temperamento original em suas idéias”.

Quanto à licença para a continuidade das obras, explica:

[...] Há tempos começou o Pe. Cícero a edificar a tal Capela do Horto, sem me pedir a devida licença e sem observar as prescrições canônicas a tal respeito. Proibi a continuação desta obra, que ficou sustada. O Pe. Cícero exerce extraordinária influência sobre o povo ignaro e fanático das dioceses circunvizinhas, que vem em romaria ao Juazeiro, atualmente muito aumentado, e traz muitos donativos ao mesmo Sacerdote que hoje está rico, segundo somos informados. Em resumo, o Pe. Cícero Romão Baptista não reside em tal lugar chamado Horto, mas sim no Juazeiro onde há uma boa Igreja e celebração da Santa Missa

e a administração dos Sacramentos; o que lhe pede é um pretexto para dar importância ao projeto da tal Capela. Será bom que V. Excia. Revma. esteja prevenido a respeito do Pe. Cícero, que com quanto tenha boas qualidades, todavia é teimoso e sofista.

O texto traz algumas informações distorcidas no intento de induzir o cardeal a negar o pedido do Padre Cícero, assim como insinuar que não houve, por parte do sacerdote, um pedido formal de licença. Numa carta escrita em 1893, citada anteriormente, o próprio pároco do Crato, padre Antônio Alexandrino, afirma ter obtido o consentimento de dom Joaquim para a realização do projeto. Outra discrepância flagrante diz respeito ao fato de Padre Cícero não residir no lugar em que gostaria de construir a igreja, quando, na verdade, o sacerdote passava boa parte de sua vida na casa do Horto.

Apesar de insistir em busca da autorização de dom Joaquim desde 1903, quando o bispo impõe uma nova interdição das obras, a igreja, cujas paredes já estavam levantadas, são mantidas, representando para o romeiro mais um símbolo de fé e devoção. Pois, do mesmo modo que Jesus foi perseguido, humilhado e condenado injustamente, sofrendo no Horto das Oliveiras seu martírio, Padre Cícero, igualmente, estava cumprindo seu calvário, sendo proibido de exercer as ordens sacerdotais e não podendo, sequer, cumprir a promessa que fizera ao Sagrado Coração de Jesus.

Dessa maneira, o Horto passa a representar cada vez mais um lugar de penitência, oração, devoção. Beatos e romeiros buscam no alto da colina integrar-se ao que consideram sagrado, lá criando grupos de penitentes e rituais religiosos que não são bem vistos pela ortodoxia católica.

Em 1910, o padre Quintino relata ao bispo que o

[...] Horto estaria convertido ou elevado a Santuário do “Bom Jesus do Horto”, e o italiano Elias que conservando ali num casebre, à guisa de oratório, um quadro do Coração de Jesus e outros, explora largamente, à vista do Pe. Cícero, a credence de muita



gente, que não obstante as instruções do Parocho da freguesia, lá se vão cumprir votos, teria ensejo de fazer melhor collecta, não sei se para algum dividendo.

As ruínas de uma igreja não terminada fomentaram mais ainda o imaginário dos devotos, surgindo em torno dela vários tipos de crença, pœsias populares, benditos que, ao longo de décadas, foram ganhando novos significados, confirmando e consolidando para os seguidores do Padre Cícero a sacralidade daquele espaço da serra do Horto.

Se para os devotos o lugar se tornou um símbolo de fé, de devoção, para jornalistas, intelectuais e autoridades que visitavam o Padre Cícero, em Juazeiro, as ruínas da imponente Igreja do Horto despertavam curiosidade e admiração, ao mesmo tempo que denotavam a ignorância e o fanatismo de um povo rude, analfabeto, primitivo.

Na imprensa, artigos eram publicados ressaltando os rituais e crenças em torno do Horto, da igreja proibida e do poder sobrenatural do Padre Cícero, como os do jornalista Gustavo Barroso, publicados em 1921, no periódico carioca *O Jornal*, numa coletânea de quatro textos intitulados PADRE CÍCERO E O FOLK-LORE, nos quais analisa os benditos, os milagres, os fatos históricos e a igreja em si.

Barroso explica, de forma deturpada, os motivos que levaram Padre Cícero a construir a igreja no alto da colina do Horto:

[...] Devido ao grande número de peregrinos, o Padre Cícero resolveu construir no cume de um cerro, ao lado do Juazeiro, uma grande Igreja, porque a antiga capela da povoação não condizia mais com os progressos da mesma, nem abrigava bem todos os fiéis. De esmolas e com esforço ingentes, trabalhando todo o mundo — homens, mulheres e crianças — construiu-se a celebre Igreja do horto, cujas paredes, dizem, espessas e profundamente alicerçadas, fazem dela verdadeira fortaleza, mais formidável do que a que foi o último reduto da gente do conselheiro. Afirmam que essas muralhas tem, na base, mais ou menos, quatro metros de largura!

Em seguida, esclarece que sua intenção não é discutir a construção, e sim, o “folclore” que existe em volta dela, citando um poema cuja autoria apresenta o pseudônimo “Matuto Cantador”, no qual o poeta discorre sobre a Igreja do Horto:

Cícero Romão Baptista  
Formou esta obra santa,  
Deu-lhe o risco e deu-lhe a planta,  
E por Deus a administrou.  
Este padre Evangelista  
Distrae o nosso desvario  
Com o seu santo sumário  
E a salvação nos alega  
Por fim, com Cristo navega  
E a Cruz do Monte Calvário”

Formou esta obra santa  
Em forma de uma Igreja,  
Bendito, louvado seja  
Quem lhe deu o risco e a planta!  
E quem a ela se adianta,  
Com o seu santo Rosário,  
Mesmo cego, louco ou vario,  
Pede a Deus que lhe amostre  
Um meio como se mostre  
A cruz do Monte Calvário!

Parece o monte oliveira,  
Onde a obra se formou,  
No monte se edificou  
Sem levar telha ou madeira  
Luminosa Padroeira  
Com a chave do sacrificio  
Na salvação amostrou  
Pois seu filho se prostrou  
Na cruz do Monte Calvário.  
Este monte vem a ser  
Aonde Jesus orou  
E o anjo o fortificou  
Para o cálix beber  
E nos tormentos sofrer

Com vigor extraordinário!  
Se esse santo preparo  
Concorre à nossa reza,  
Sabereis o quanto peza  
A cruz do Monte Calvário.

Quem a vê, vê o Senhor Morto,  
Todo ferido e chagado,  
Foi por nos crucificado!  
Depois que orou no Horto  
Satanaz se vendo solto  
Formou planos salafrarios  
Com senadores falsários,  
Anciões, juiz do povo,  
Levaram Cristo de novo  
À cruz do Monte Calvário.

Pilatos lavou as mãos,  
Mostrando-se inocente.  
Ainda hoje há semente  
Dessa mesma geração...  
E é essa a causa, a razão  
Dos padres serem contrários,  
Vigários contra vigários  
Ministros contra ministros...  
E assim levaram Cristo  
À cruz do Monte Calvário.

Os versos apresentados pelo articulista possivelmente são do poeta popular João Mendes de Oliveira (1890-1918), um paraibano que residia em Juazeiro do Norte, conhecido como “O Cantador de Juazeiro”. Ao finalizar o artigo, Barroso ressalta:

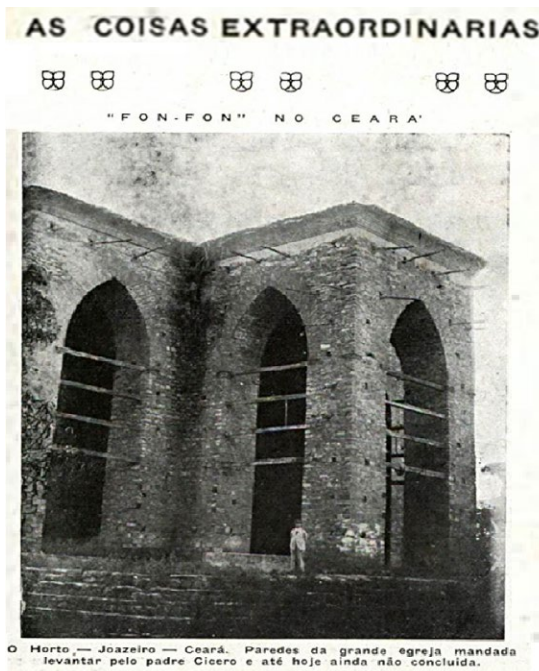
[...] A Igreja do Horto tem um nome de encomenda, que lembra o Gethsemani e as angustias do Cristo; e os versos do troveiro comparam a este o Padre Cícero, dominador e regedor da Nova Jerusalém. [...] O título da Igreja do Horto, Igreja onde ora o Padre Cícero, é significativo do que o povo do Juazeiro quer de verdade que ele seja [...].

Também Mário de Andrade, conhecido escritor, romancista, pesquisador das manifestações populares, em palestra proferida e publicada no *Diário Nacional de São Paulo* (Nº 299, 28/06/1928, p. 08) sobre a música brasileira, destaca, no tópico relacionado à música religiosa, os benditos entoados pelos romeiros do Padre Cícero, apresentando a seguinte estrofe de um desses cantos:

A igreja do Horto  
É feita de pedra,  
Tem mais de mil cedra (sedula)  
No pé do Cruzeiro  
Nosso Pai verdadeiro  
Esse ninguém vê  
Onde é o Juazeiro

Além de crônicas e artigos, fotos das ruínas eram publicadas em revistas de circulação nacional, como se vê abaixo:

**Figura 4** - Foto das ruínas da igreja do Horto publicada na Revista Fon Fon - RJ



Revista FON-FON - RJ, nº 24, cm 12/06/1925, p. 34

**Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

As ruínas da igreja interditada passam a ser consideradas mais um símbolo da religiosidade do Juazeiro e da devoção ao Padre Cícero. Em 1944, são demolidas em cumprimento às ordens dos padres salesianos, sob a justificativa de preparar o lugar para as comemorações do centenário de nascimento do sacerdote.

No final da década de 1960, a saga de construção da Igreja do Horto chega ao teatro brasileiro através da peça *A Construção*, de autoria do teatrólogo alagoano Altamar de Alencar Pimentel e montagem do grupo *A Comunidade*, com direção de Amir Haddad (RJ, 1969).

Em abril daquele ano, durante o período dos ensaios, a peça foi censurada por ser considerada subversiva, atentatória à moral e à religião (*Jornal do Commercio* - RJ, Nº 164, 16/04/1969). Após liberação, estreou no Teatro do Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro, em 20 de junho, ficando em cartaz até setembro.

A peça obteve o segundo lugar no concurso Seminário Nacional de Teatro, foi contemplada com o prêmio Molière, tendo sido bem avaliada pelo crítico Yan Michalski, do *Jornal do Brasil*, como um dos “[...] dez melhores espetáculos da década de 60” (PIMENTEL, 1992, p. 11). No espetáculo, o beato Fidélis, dizendo ter sido enviado pelo Padre Cícero para liderar os romeiros na construção da igreja do Horto, traz a seguinte mensagem:

[...] O fim está próximo. É necessário, portanto, construir a Igreja do Horto para o Juízo Final. Deus virá com toda a Corte Celeste e daqui julgará vivos e mortos. A Igreja do Horto será a última a ser construída na face da terra. Os que a ajudarem a construir e seguirem os meus conselhos terão a salvação eterna! [...] O Bispo não permitiu que fosse construída por nosso Padrinho, mas, nós vamos construir a Igreja do Horto. [...] só nós, os romeiros, vamos atender ao pedido do Padrinho e construir a sua Igreja! (*Op. cit.*, p. 27-28).

O autor explica que a peça mostra a desagregação mental, a alienação em que repousa o mundo “alucinado de romeiros e faná-

ticos” (*Jornal do Commercio* - RJ, Nº 215, 18/06/1969). Acerca dessa produção teatral, escreveu o crítico Yan Michalski:

[...] Altimar Pimentel escreveu uma curiosa e pitoresca história sobre um fenômeno eminentemente regional: os romeiros que vão ao Juazeiro cultivar a memória do Padre Cícero e pedir a esse uma série de milagres são vítimas de um golpe tramado por um falso beato: explorando a primária credence popular e estimulando o fanatismo místico dos romeiros, o vivaldino extrai-lhes dinheiro, alegando que o Padre Cícero teria mandado construir uma grande igreja local e mediante o cumprimento desta ordem acabaria com todas as misérias da região. Como pano de fundo dessa cruel trama, o autor urdiu, através de uma série de pequenos flagrantes concebidos com habilidade, um impressionante clima de primitivismo místico resultante da miséria e da ignorância. A obra escrita é interessante, mas as técnicas empregadas são bem-comportadas e tímidas demais para comportar toda a grandiosidade do fenômeno abordado e insinuar todo o seu potencial de significação simbólica (*Jornal do Brasil*, Nº 72, 01/02/1969, p. 34).

Em 1975, voltou a ser encenada pelo *Grupo Katharsis*, no Teatro Galpão, em Brasília, com direção de Chico Expedito. Em matéria do jornal *Correio Brasiliense*, foi destacado que:

[...] Com um grande sucesso junto ao público de Brasília, que assistiu à peça o Grupo Katharsis de Teatro termina no próximo domingo, sua temporada no Teatro Galpão, onde apresentam a peça “A Construção”, cuja montagem recebeu elogios do autor do texto, Altimar Pimentel, premiado com o Molière, por este trabalho, e que considerou de alto nível, o enfoque dado pelo diretor Chico Expedito ao tema essencialmente nordestino, mas com as conotações abrangentes a todo ser humano. “A Construção” mostra o esforço da população de Juazeiro em fazer cumprir a promessa do “padim”, Padre Cícero, de construir a Igreja do Horto, com 24 torres, naquela cidade, o que

não foi realizado graças à interferência do Bispo. De acordo com a promessa, no Juízo Final, o “padim” e Deus viriam juntos do Céu, para, em Juazeiro, Julgar vivos e mortos. Originalmente a igreja não chega a ser construída, mas na montagem do Katharsis, dois beatos Fidéis e Batista, com a ajuda dos romeiros, tentarão concluir a promessa do “padim” e para isso se defrontarão com o poder do Bispo, do padre e da polícia, cada um deles por motivos especiais (Nº 4380, 19/10/1975, p. 18).

Entrevistado pela reportagem, Roberto Bonfim, Relações Públicas do grupo e também ator, destacou que a peça recebeu os maiores elogios do público, principalmente dos universitários. O espetáculo, tanto na primeira vez que foi encenado no Rio de Janeiro, quanto na segunda, em Brasília, teve grande repercussão na imprensa, com fotografias dos ensaios e das principais cenas, críticas, artigos e reportagens, como demonstrado abaixo:

Figura 5 - Reportagem sobre a peça teatral A Construção, no jornal Diário da Noite - RJ



Diário de Notícias - RJ, Nº 14236, 18.06.1969, p. 13

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Durante a apresentação no Rio de Janeiro, o cineasta Vladimir de Carvalho grava a peça com a pretensão de transformá-la em filme (*Tribuna da Imprensa* - RJ, 31/08/1969).<sup>11</sup>

### 1.5. HORTO DO PADIM CIÇO: Campo de resistência na guerra civil do Ceará (1913/14)

Lugar de oração, penitência, descanso, a Colina do Horto também foi um espaço de resistência. Em 1913, quando eclodiu a guerra civil do Ceará na qual o governo cearense, no intuito de suprimir a liderança política do Padre Cícero, envia tropas para invadir Juazeiro, é no alto do Horto que se organiza uma das trincheiras de defesa e ataque das tropas rabelistas.

Devido sua localização, havia, por parte das tropas de Juazeiro, o temor de que a invasão da cidade acontecesse através da serra do Horto, pelo sítio São José, hoje conhecido como Santo Sepulcro. Temor, aliás, não infundado, conforme telegrama abaixo:

#### OS SUCESSOS DO CEARÁ JUAZEIRO SITIADO

FORTALEZA, 18 - A 4<sup>a</sup> companhia do batalhão, acampado em Santa Rosa, está exercendo severa vigilância sobre o Juazeiro, enquanto a 2<sup>a</sup> tem suas vistas sobre o “horto”.

O “Horto” é uma espécie de fortaleza, onde reside o Padre Cícero e que tem um pequeno subterrâneo. As tropas acham-se animadíssimas (*Estado do Pará* - PA, Nº 1013, 19/01/1914, p. 01).

Diante dessa possibilidade, a estratégia de defesa dos combatentes do Juazeiro, liderados por Floro Bartholomeu,<sup>12</sup> incluiu a

<sup>11</sup> Infelizmente, não encontrei estas filmagens.

<sup>12</sup> Floro Bartholomeu da Costa nasceu em Salvador no dia 17 de agosto de 1876. Chega a Juazeiro em 1908, ali permanecendo até sua morte em 8 de março de 1926. Médico de formação, ganhou destaque na política como vereador, deputado estadual e deputado federal. Floro era um dos homens de confiança do sacerdote, constituindo-se numa das personagens mais importantes do Juazeiro.



construção de um valado em torno da sede da cidade que ficou conhecido pelos romeiros como o “círculo da mãe de Deus”, além da construção, ao redor do Horto, de uma muralha de pedra, tanto para dificultar uma possível invasão quanto para servir de observatório caso alguma tropa do governo se aproximasse.

Transformado, em vista disso, num dos *fronts* da guerra civil do Ceará, foi construído ao lado da muralha uma casa de pedra onde se guardavam armas e munições e que servia de ponto de apoio para o descanso dos combatentes (OLIVEIRA, 1969, p. 164). Na sala, uma imagem do Coração de Jesus garantia a proteção daqueles que lutavam pela “terra da mãe de Deus”.

Em seu livro sobre a guerra civil do Ceará, intitulado *O Joazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914*, Irineu Pinheiro relata:

[...] Na serra do catolé, conhecida também por serra do Horto, bem em cima, uma guarda de homens escolhidos. Sob os muros altos e largos, que deveriam ser de um templo monumental, projetado pelo Padre Cícero e não concluído por motivos superiores, assim como na casa que lhes é contíguo abrigaram-se os romeiros escalados para aquela missão de confiança. Verdadeiros esculcas que de lá, do alto, noite e dia, velavam e vigiam o vale que se lhes estendia abaixo, dispostos a se sacrificar, se preciso, no posto, que lhes fora entregue e era de capital importância no sistema de defesa da vila (2011, p. 67).

Na imprensa, o alto do Horto é apontado como o reduto do Padre Cícero, o lugar onde nascera o movimento, acusando-o de que tinha como motivação restaurar a monarquia. Assim, despontaram diversas manchetes:

OS FANATICOS ARVORARAM NO CIMO DA TORRE DO HORTO A BANDEIRA DA MONARQUIA - OUTRAS NOTAS

FORTALEZA, 17 (A) - Notícias aqui recebidas dizem que os fanáticos do Juazeiro arvoraram no cimo da torre do Horto, que é o reduto do Padre Cícero a

bandeira da monarquia, dando vivas à decaída instituição, após muitas rezas, evoluções e manobras. (*Jornal do Brasil* - RJ, Nº 00352, 18/12/1913, p. 08).

O muro de pedra se tornou parte integrante do solo sagrado do Horto. Ao longo de muitos anos, quando os devotos vinham em romaria, levavam consigo pequenos pedaços de pedra como lembrança, amuleto ou para fazer chá, crenças que eram na cura de algumas enfermidades.

Apesar da ação do tempo e dos rituais mencionados, uma porção do muro original ainda pode ser vista do Horto. Quanto à casa de pedra, em 2005 foi restaurada por um representante dos salesianos, também administrador do Horto, padre José Venturelli. Porém, fica isolada do espaço de circulação dos romeiros, servindo de depósito, conforme fotos abaixo:

**Figura 6** - Fotografias do muro e da casa de pedra



Romeiros sentados no muro de pedra - 1940  
**Foto:** Raymundo Gomes de Figueiredo. Acervo: Renato Casimiro/Daniel Walker



Ruínas do muro de pedra - 2022  
**Foto:** Tânia Peixoto



Ruínas da casa de pedra  
- 2022  
Foto: Tânia Peixoto

## 1.6. “O HORTO, AQUI, É A PORTA DO CÉU!”: Narrativas e imaginário dos seus habitantes

A antropóloga Rosiane Limaverde Vilar Mendonça, no livro *Arqueologia Social Inclusiva: a Fundação Casa Grande e a gestão do patrimônio cultural da Chapada do Araripe*, publicado em 2017, afirma que “[...] existe no Cariri um outro território demarcado por lendários significados míticos de ‘Encantados’. Esses lugares são identificados e denominados pelo povo das localidades onde eles se manifestam” (p. 93).

Segundo Limaverde, esses espaços dito encantados são

[...] Lugares misteriosos situados nas pedreiras das serras, no mundo subterrâneo das águas e que são povoados de animais e figuras humanas encantadas que remetem a um tempo anterior, o do mito. Esses Lugares Encantados existem de fato, pelo menos nas narrativas, e revelam um mundo oculto pertencente ao passado e ao sobrenatural (p. 93).

Tais narrativas, de acordo com a autora, compreendem o universo mitológico do povo Kariri, no qual são produzidos mitos e lendas repassados de geração em geração até os dias atuais. Em meio a essa diversidade de lendas, a da “Pedra da Batateira” é, certamente, a mais conhecida e sedimentada no imaginário do povo sertanejo.

No Cariri existiu há muito tempo uma Lagoa Encantada, da qual os Kariri são descendentes. Segundo a lenda, a Lagoa Encantada é a morada da Mãe d'Água, uma enorme serpente com cara de mulher, que descontente com a chegada dos invasores brancos, um dia vai retirar a pedra que tapa a nascente do Rio Batateira e inundar novamente toda a região (*Op. cit.*, p. 94).

De acordo com a fábula, o local em que a Mãe d'Água, de nome lara, habitava é o mesmo lugar onde hoje se encontra o altar-mor da Matriz de Nossa Senhora da Penha, no Crato (DIAS, 2019, p. 277).

Limaverde ressalta que a lenda da Pedra da Batateira pode ser compreendida como “[...] uma narrativa transmitida oralmente pelas pessoas com o objetivo de explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais” (*Op. cit.*, p. 95-96). Durante o processo de transmissão oral, ela vai sofrendo alterações, sendo reelaborada, ressignificada pelas novas gerações. Esse é o caso, particularmente, dos devotos do Padre Cícero, que, ao recontá-la, incluem o Horto como o lugar destinado àqueles que se salvariam da inundação.

### ***1.6.1. “QUANDO A PEDA DA BATATERA DESCER, SÓ O HORTO VAI SE SARVAR”: Narrativas sobre a lenda da Pedra da Batateira***

Nas narrativas dos devotos habitantes, quando se cumprir a Lenda da Pedra Batateira e o Cariri ficar submerso pelas águas, só vai restar o Horto. A esse respeito, as irmãs Josefá Maria da Silva (Mocinha), Severina Maria da Silva (comadre Lu, 74) e Cleonice Maria da Silva (comadre Nenê, 73), naturais de Pernambuco e moradoras do Horto desde 1983, contam:

[...] Meu padim Ciço amarrou a peda na serra do Araripe, que é braço do mar. Todo tempo que essa peda da batateira descesse aqui ficava invadido d'água. [...] quando padim Ciço vinha aqui pro Horto, aí batia com o cajadim no cruzeiro que tinha lá em baixo, batia com cajadim assim e dizia assim: Muita gen-

te que vai visitar o mar, muitas cabeças aqui que vai visitar o mar. Que a peda da batateira quando descesse ficava cheio d'água. Aí meu padim chegou e disse: amiguinhos, quando a peda da batateira descer, quem vai tirar Nossa Senhora da Penha, na porta da Matriz? Eles disseram: eu, meu padim! Eu, meu padim! Ele disse: não, meus fios, vocês não têm coragem! Vocês não pode. Quem vai tirar ela sou eu, na porta da matriz.

É bastante significativo o relato de que, com a inundação do Cariri, a imagem de Nossa Senhora da Penha, padroeira do Crato, será conduzida pelas águas até a porta da Igreja de Nossa Senhora das Dores, padroeira do Juazeiro, e somente o Padre Cícero terá força e poder de resgatá-la, ensejando a vitória juazeirense sobre Crato. O imaginário do romeiro tem como pano de fundo o contexto de rivalidade política, econômica e as disputas identitárias e de narrativa surgidas com a chamada “questão religiosa do Juazeiro” presentes a partir das duas últimas décadas do século XIX (CORTEZ, 2000, p. 66-99). Quanto a esse aspecto, é importante lembrar que até 1911 Juazeiro era apenas um distrito do Crato e a Igreja de Nossa Senhora das Dores, até 1917, uma capela subordinada à matriz de Nossa Senhora da Penha.

Destaca-se também nessa reelaboração da lenda outro detalhe importante, qual seja, o papel atribuído ao Padre Cícero na explicação da sua origem. Enquanto na versão original as águas do subsolo da serra do Araripe, represadas pela Pedra da Batateira, constituíram uma armadilha dos índios Kariri para enfrentar a invasão dos colonizadores, do ponto de vista dos devotos foi o Padre Cícero quem “amarrar” a pedra e apenas ele irá desamarará-la, provocando uma nova inundação nas terras do Cariri, transformando a região novamente em mar. Para eles, o Horto

[...] é uma ilha. A Ilha aí do Horto começa até lá (aponta para a ladeira do Horto). As águas vai arru-diar perto do baixio, perto do Maroto. Aqui é uma ilha. Vai se salvar. Também ficava o mar d'água. Aí,

meu padim Ciço disse que quem viesse de lá não entrava e nem sai daqui, nem sai e nem entrava. E quem ficasse do lá de lá ia desejar uma folhinha aqui do Horto, mas num pegava, não. Que tava um mar d'água. Ele mandava a pessoa vim morar aqui no Horto. Nem entra e nem sai. [...] Quem tiver no Horto se salva. Disse que quando a água chegar ali, ainda vai ter criança, ali o menino vai pegar peixe pra sustentar a casa de família, ali da peda do joelho abaixo. Pescando pra sustentar a casa de família.

Delimitando precisamente até onde as águas vão chegar, explicam os devotos que, nessa época, quem estiver no Horto ficará isolado, que ninguém entrará ou sairá de lá, assim como nem mesmo uma folha poderá ser subtraída. Para aqueles que foram escolhidos, não haverá fome nem sede. Além dos peixes que serão pescados pelos meninos, existe no Horto um “sítio encantado” no qual, segundo a narrativa dos seus habitantes, haverá frutas viçosas e frescas para se alimentarem.

Sobre o sítio, contam que um dia uma mulher perguntou ao Padre Cícero: — “Meu padim, no Horto tem um sítio encantado? — Padre Cícero respondeu que sim e que seria desencantado no [...] tempo de Nosso Senhor chegar”. No entanto, o pomar foi desencantado uma vez, quando da construção do casarão do Horto. Certo dia, Padre Cícero

[...] deixou os trabaiaadores trabaiaando, [...] foi pra rua. Disse: ocês fiquem trabaiaando que eu vou pra rua, quando for lá pra onze horas eu trago lanche de vocês. Ele num descia de carro, não, descia a pé e num tinha caminho, era uma vareta por aqui que saía no Juazeiro. Aí, ele foi para o Juazeiro, lá houve um negócio que ele num podia vim. Quando chegou, tava o povo trabaiaando, mas tudo morrendo de fome. Aí chegou e disse: eu num trouxe nada pra vocês que num deu tempo, mas vocês entra aqui nesse mato aqui abaixo que vocês acha o que comer. Aí, o povo saíram sem ter pé de fruta nenhuma, acharam cada uma jaca deste tamanho assim, cacho de banana

madura caindo da palma. Cumeram que encheram a barriga. Diz o povo, que eu num vi, eu num vou dizer que vi, mas conta os mais véio. Disse que cumeram, que encheram a barriga, aí voltaram pra trás e disse: vão trabaiá agora? Vamos que tamo cum a barriga cheia. No oto dia, um deixou uma jaca marcada pra ir buscar. Pade Ciço foi pro Juazeiro e ele foi buscar a jaca, chegou lá num encontrou nem um pé de jaca, nem um pé de banana, nem nada, tinha nada. Só tinha pé de pau (AUGUSTO, 83).

No outro dia, continua a narrativa, quando os trabalhadores voltaram ao sítio e não encontraram absolutamente nada, nenhuma fruta, ficaram se perguntando: “[...] mais rapaz, o que foi que nós fizemo? Mais cadê o sítio encantado?”. Quando o Padre Cícero retornou do Juazeiro, no final do dia, perguntou:

[...] Meu amiguim, o que foi que vocês aconteceram aí? Disse: Meu padim, o senhor me desculpa, mas nós fumo buscar mais fruta e chegamo num tinha mais nenhuma. E o que foi que eu disse a vocês, pra que vocês num fosse lá. Vocês pensava que era só pegar lá assim? Ali, meus amiguim, é encantado. Ali vai ficar pro tempo, da época quando aqui no Juazeiro num tiver nada o meu rumeiro. Eu vou lá no meu sítio encantado, aí ele vai se desencantar. Quando a peda da batateira descer, ele disse vai desencantar esse sítio aí. Aí vai ficar pra todo mundo, todo tipo de fruta pra pessoa se alimentar da fruta desse sítio aí (Josefa, 5).

Constituindo-se como um ambiente que abrigará os escolhidos que irão sobreviver a um “novo dilúvio”, o Horto é descrito pelos moradores como um lugar sagrado, encantado, mas que um dia será desencantado. O “Horto Encantado”, no entanto, não é perceptível para todas as pessoas, nem todas têm a capacidade de vê-lo e conhecê-lo, conforme explica o sr. Manoel Félix, pernambucano, 76, há mais de 40 anos residindo ali:

[...] O Horto é Jerusalém encantado, pronto! É Roma encantada. Agora a gente, nós, nós pecador, nós como volume. Desculpa dizer: nós como volume que num entende de nada, acha que seja tudo mentira. Hoje, aqui esse Horto, eu num vi ele dizer, mas eu vi outros dizer, que aqui o Horto era um lugar tão santo que ninguém cuspiu no chão. Era um lugar encantado.

Outra questão recorrente nas narrativas dos habitantes é que, apesar de Padre Cícero ter destinado a posse legal do terreno à Congregação Salesiana, o Horto é território do romeiro. Nesse sentido, contam:

[...] esse terreno é do romeiro e quando o mundo se acabar toda a gente que tá aqui, [...] rapaz tem gente é muito aqui, né? E vai chegar mais, a senhora vai ver, a senhora vai ver isso quando entrar dois mil. Acho que num vai entrar dois mil, não. É mar e céu, aí. Que ele dizia que quando passasse mil novecentos e noventa e nove pra frente aqui era combate. Aí, né? A madinha foi e disse: Meu padim, e nós vamos morrer de fome? Ele disse: Não, morrer de fome, não. Neste tempo já tem pra cima e pra baixo, três dias se passa com qualquer coisa, enquanto chega fartura.

Os relatos acerca do desencantamento do Horto também se apresentam associados às intervenções realizadas na localidade no intuito de promover o aumento do turismo e, conseqüentemente, do volume de vendas e possibilidades de sobrevivência através do comércio informal, conforme se verifica na fala do sr. Marcelino Barbosa:

[...] Minha vó dizia que meu padim Ciço dizia que aqui o Horto era encantado. E era mermo, que eu arancei aqui a gente descendo daqui pra baixo e subia era numa vareta, numa estrada, num tinha carro, nem nada, era só uma vareta como quem ia pra uma roça. Ainda era encantado. Aí, depois que o tempo foi mudando, aí chegou Dr. Mauro, fez essa estátua aí.



Aí, pronto, de lá pra cá. E pra mim o Horto desencantou, foi o Horto desencantado muito depois que ele fez essa estátua [...] de lá pra cá [...] Depois que eles fizeram a estátua, aí romaria cresceu e visita que antigamente só era de ano em ano e agora é direto.

É oportuno observar que as narrativas são construídas, sobretudo, por moradores mais jovens ou por quem tem um emprego formal.

### ***1.6.2. “QUANDO PADIM CIÇO ERA MININO, VINHA BRINCAR AQUI”: Horto como morada eterna do Padre Cícero***

Sabe-se que o Padre Cícero nasceu no Crato, em 1844 e que somente veio morar em Juazeiro em 1872. Provavelmente, conheceu o Horto na década de 1870 ou 80. Porém, para os habitantes e devotos do sacerdote ele sempre viveu no Horto, lá é sua morada eterna, antes e depois da morte.

O Horto foi do meu padim Ciço, onde o meu padim Ciço se criou. (Maria Ferreira).

Quando meu padim Ciço era menino ia pá escola, aí, ele num ficava nem na escola, vim p'raqui brincar. Vinha p'raqui, pro Santo Sepulco, se a senhora ver lá. Já foi lá? Hum, lá pra dento do mato, diz ele, ia brincar, fazer igrejinha. (Antônio Casimiro).

O meu padinho Ciço era aqui, nessa casa aqui (mu-seu), esse pé de pau. Esse pé de pau onde é a estata dele era pé de pau, que ele prantou quando ele era minino (Maria do Carmo).

Ele toda vida viveu aí, e é dele aí. Tudo ai é dele, né? (Angelita, 76).

Costumam afirmar que, embora tivesse uma casa em Juazeiro “[...] todo dia ele subia pra fazer oração aqui no Horto. Ele fazia oração quando ele tava no mundo aqui, né? Ele dizia: — Aqui é a casa da oração, a casa do meu rumeiro [...]” (Josefa dos Santos).

Sendo, portanto, a morada do santo, era o Horto o lugar de “[...] discanso que pade Ciço tinha aqui. Aqui chama-se o Horto. Agora é o discanso onde o pade Ciço discansava. O pade Ciço discansava tanto aqui, formou o casarão, quem formou ele” (Augusto).

Para os habitantes o Horto é, por assim dizer, o lugar onde o Padre Cícero viveu, trabalhou, descansou, orou e, após deixar o mundo terreno, passou a fazer ali sua morada eterna. Toda essa construção imagética se dá constantemente num processo de reelaboração da crença compartilhada pelos devotos de que ele nunca morreu. Várias são as narrativas sobre o dia do suposto sepultamento do sacerdote. Sr. Geraldo, juazeirense nascido em 1919, conta que conheceu o Padre Cícero e que presenciou o dia do seu enterro. Durante o cortejo fúnebre, revela:

[...] Ninguém pegou no caixão do Padre Cícero. O caixão de Padre Cícero foi passando de mão em mão. Era tanta gente, que foi passando de mão em mão. Então, na hora que tavam levando o caixão, desceu uma onda de andurinha assim ó, ó, ó! Baixou em cima do caixão e voou novamente. Eu nunca me esqueci, para mim eu vejo todos os dias.

Dona Marinete, 76 anos, diz que um devoto lhe contou que estava na porta da Igreja do Socorro quando entram com o caixão:

[...] quando o caixão entrou, os homi cum o caixão dele, aí ele ficou de lado. Aí, o homi viu quando ele ficou na porta, quando entraram cum o caixão que fecharam a porta, ele saiu seguindo pro Horto. Meu padim Ciço seguindo pro Horto. Meu padim Ciço num foi enterrado. Meu padim Ciço era vivo, era santo. Aí, o veim disse que ele subiu pro Horto.

Segundo ela, quando circulou a notícia de que Padre Cícero não estava enterrado, mas morando no Horto, imediatamente mandaram abrir o túmulo:

[...] quando abriram a cova, só tava o sapato que eles trouxeram dali, que foram comprar um par de sapato e butaram nos pés dele, só foi o que ficou dento da cova, dento do caixão, isso aí, só foi o que ficou lá, o que foi comprado e butado, mas o que ele tinha, nada dele tinha dento do caixão, o caixão tava seco.

### ***1.6.3. “ÓI, MEUS AMIGUIM, VOCÊS PODE MORRER NO FIM DO MUNDO, A PRIMEIRA VIAGEM DE VOCÊS É AQUI”:***

#### ***Horto como lugar do Juízo Final***

Sendo a morada final do Padre Cícero, o Horto se apresenta para seus moradores como o lugar do “Juízo Final”, ou seja, onde todos serão julgados. Dona Josefa Vieira (dona Deda) afirma com convicção:

[...] Lugar santo, onde a gente, todo mundo vai ser julgado. Aqui, TODO mundo. Ele disse: “Ói, meus amiguim, vocês visite o Horto e o Santo Sepulcro que vocês pode morrer no fim do mundo, a primeira viaje de vocês é aqui. Que a igreja do Horto é a igreja do julgamento e vocês num pequem, proquê eu tenho que dá conta de vocês. É o pai num canto, o fio noto e eu noto canto. É nós três. Que eu sou uma pessoa das três pessoa da Santíssima Trindade”. Pois é aqui, dona moça, pois é aqui, a senhora pode morrer.

Lugar por onde todos, obrigatoriamente, terão de passar ao morrer, o Horto representa o espaço celeste, o céu, o inferno e o purgatório ao mesmo tempo de acordo com a crença de Dona Pedrina:

[...] O Horto pra mim é o céu, pra mim é o céu. Eu sei que é. Que aqui é o céu e o purgatório. Tudo é aqui. Pode morrer gente nos quato canto do mundo, vem tudo praqui! Pode morrer, donde morrer, vem tudim é praqui. É! Todo mundo, dos quato canto do mundo. Num fica ninguém por lá. O que chega aqui,

que passa daqui vai pra onde? Pra lugar nenhum, que aqui é Deus, é lugar de Deus. É o céu, é o purgatório, é tudo é aqui. O inferno, tudo aqui. Tem história de correr proto canto não. Correr praqui.

Observa-se nas falas a representação do Padre Cícero como uma das três pessoas da Santíssima Trindade ocupando o lugar que seria do Espírito Santo. Sentado no seu trono de glória, ao lado do Pai e do Filho, fará o julgamento final de todos os cristãos, estejam onde estiverem. Quem falou para os devotos que o Padre Cícero é o Espírito Santo? Segundo eles, o próprio sacerdote, conforme conta sr. Manoel Félix:

[...] Uma mulher, ela ainda é viva e mora aqui no Juazeiro. Uma senhora disse a ele: Meu padim, o senhor é Deus? Ele disse: Não, mulher, eu num sou Deus. Você quer saber eu quem sou? Na hora da bênção de seis horas da noite, seis hora você vem que você sabe eu quem sou, viu. Ela disse: Sim senhor, meu padim. Aí, esse povo fica curioso pra saber, que quando foi na hora de seis hora, ela chegou na frente da casa dele, ele ainda dava bênção, aí chegou. Aí chegou e ficou olhando pra ele. Ele aí disse: Pai, Filho e Espiritu Santo. Pronto, foi a palavra dele! [...] Quem tem mentalidade e entende mais ou menos, tá sabendo o que é, que ele disse: Pai, Filho, Espiritu Santo.

Convém sublinhar a forma como o Padre Cícero responde às perguntas que lhe são feitas. Isso se dá sempre através da sugestão, indução, ou de maneira direta. Nesse caso, ele não diz que é o Espírito Santo, mas sugere, deixando a livre interpretação e entendimento sob a responsabilidade de cada um.

O Horto como lugar do julgamento final é considerado, igualmente, como o “meio do mundo”, segundo sr. Francisco de Assis: “[...] Ave Maria, aqui é sagrado. Lugar de Nosso Senhor. Ói, o meio do mundo é aqui, tá vendo? O cento do mundo. Pra lá, pra lá, pra lá e pra cá (apontando com o indicador o norte, sul, leste, oeste)”.

Ramos (2014), no livro *O Meio do Mundo: território Sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*, explica que o “[...] Meio do mundo é o centro, o umbigo da terra, lugar por onde vem o alimento primordial, a força do existir e do significado” (p. 12).

Nesse sentido, no imaginário coletivo dos seus moradores, expressado através da oralidade, o Horto é o centro da sacralidade do mundo. Lugar sagrado, santificado, de penitência, oração e obediência; lugar de interação com o sagrado e onde, um dia, todos terão de passar para ser julgados.

Ao contar suas histórias sobre o encantamento e a sacralidade do Horto, repetem diversas vezes que nem todo mundo acredita, pois nem todos têm o dom, a fé e o merecimento de conhecer e reconhecer que “[...] o Horto é encantado pelo divino Espírito Santo, foi plantado por ele”.



## CAPÍTULO II

### “DEIXO PARA ORDEM DOS PADRES SALESIANOS...”: Os herdeiros testamentários do Padre Cícero e o alto do Horto

Às seis horas da manhã do dia 20 de julho de 1934, o Padre Cícero, após abençoar a beata Mocinha e proclamar que no céu pediria “[...] a Deus por todos [...]”, dá seu derradeiro suspiro, morrendo na sequência. À multidão de devotos, que há dias estava em vigília em frente à sua casa na rua São José, juntaram-se outros milhares que, ao receberem a triste notícia, se deslocaram até Juazeiro para o último adeus ao “padim Ciço”.

A notícia de seu falecimento circulou na imprensa naquele mesmo dia. O jornal carioca *A Noite* estampa a fotografia do Padre Cícero com a manchete:

O FALECIMENTO DO PADRE CÍCERO

Vitimou-o um ataque de uremia

Fanáticos invadem a residência do patriarca para se certificarem da verdade

(Nº 8135, 20/07/1934, p. 16)

“Todos queriam vê-lo!”, dizia a notícia d’*A Noite* sobre o sepultamento do sacerdote, enfatizando que “[...] Trinta mil pessoas acompanharam os funerais do Padre Cícero, sob a soalheira causticante — Três mortes por asphyxia durante o cortejo” (Nº 8183, 21/07/1934, p. 01).

Apenas sete dias se passaram após a morte do sacerdote quando se decidiu pela abertura do seu Testamento Cerrado em 27 de julho, às dez horas da manhã. Feito em 4 de outubro de 1923,

quando se encontrava gravemente doente, o testamento foi, por quase 11 anos, mantido sob os cuidados de sua secretária, Joana Tertulina de Jesus, a chamada beata Mocinha. No dia e hora marcados, ela o entregou ao juiz municipal, Dr. Plácido Aderaldo Castelo, na presença de autoridades religiosas e políticas, tendo início ali, naquele momento, a devida leitura.

Assim como a morte, o testamento do Padre Cícero ganhou ampla repercussão na imprensa, com destaque para trechos como:

### **O TESTAMENTO DO PADRE CÍCERO**

A maior parte dos bens foram legados aos Salesianos, com a obrigação de criarem estabelecimentos de ensino em Juazeiro  
(*Diário da Noite* - RJ, Nº 2096, 30/07/1934, p. 10)

### **O TESTAMENTO DO PADRE CÍCERO**

Os bens foram legados para a fundação de escolas na cidade  
(*O Paiz* - RJ, Nº 17041, 31/07/1934, p. 01)

### **“NUNCA FIZ MAL A NINGUÉM!”**

O testamento do Padre Cícero  
Uma verdadeira fortuna legada à Obra Salesiana de Dom Bosco  
(*A Noite* - RJ, Nº 8153, 07/08/1934, p. 01)

Elegendo a Congregação Salesiana como herdeira universal, o Padre Cícero deixou-lhe grande parte dos bens acumulados com o pedido de que se constituísse, em Juazeiro, “[...] um colégio para amparar as crianças pobres” (*O Estado* - SC, Nº 6527, 19/07/1935, p. 03).

O contato do Padre Cícero com os salesianos se deu, segundo Silva (1977, p. 65), em 1898, quando, durante a viagem a Roma para defender-se no Santo Ofício, passou em Recife e lá conheceu o padre Carlos Leôncio da Silva, ex-diretor do Colégio Salesiano daquela cidade. A partir de então, manteve intensa correspondência com a congregação, sobretudo na década de 1920, quando trocou



diversas cartas com o padre Rota, superior da ordem religiosa no Brasil.

As negociações para a efetiva instalação da Congregação Salesiana em Juazeiro não transcorreram com o Padre Cícero ainda vivo, uma vez que o bispo diocesano não concedeu a autorização necessária. E mesmo depois de sua morte, os herdeiros oficiais do Padre Cícero não usufruíram imediatamente os bens recebidos. Valendo-se do argumento de que as posses do patriarca eram, por força da lei canônica, pertencentes à Igreja Católica, a Diocese do Crato tentou anular o testamento conforme narrativa do juazeirense e ex-aluno do Colégio Salesiano de Juazeiro do Norte, Geová Sobreira, em entrevista concedida à professora Núbia Ferreira Almeida:

[...] A Diocese do Crato quis, em primeiro lugar, anular o Testamento do Padre Cícero, recorrendo aos tribunais civis brasileiros e não obteve êxito em suas demandas. Diante de suas fracassadas tentativas, a Diocese do Crato articulou-se com a alta hierarquia da Igreja no Brasil, de modo especial com Dom Sebastião Leme, para negar a permissão de entrada dos salesianos em Juazeiro. Com fundamento nas normas do Direito Canônico, o titular da Diocese do Crato não concedia o ‘placet’ para que os salesianos viessem se estabelecer em Juazeiro. Essa dura disputa, Diocese do Crato e Salesianos, durou 10 (dez) anos. Finalmente, no início de 1934, chegou-se a um termo essa disputa, numa negociação intermediada pelo Núncio Apostólico, Cardeal Sebastião Leme, Diocese do Crato e a Congregação Salesiana. O acordo foi o seguinte: o Padre Cícero faria uma doação, mediante Escritura Pública de 50% dos seus bens à Diocese do Crato e os outros 50% ficariam com os Salesianos. Essa doação ocorreu mediante Escritura Pública lavrada no L 17, fls. 1/5, datada de 17 de janeiro de 1934, no Cartório Machado. Como essa doação à Diocese do Crato continha “cláusulas especiais” para sua efetivação, para evitar demandas jurídicas, a Diocese do Crato só permitiu a vinda dos Salesianos, em fins de

1938, quando já tinha sido alienada a quase totalidade dos bens doados à Diocese do Crato. A demora da vinda dos Salesianos a Juazeiro se deu não em razão da questão religiosa — “Milagres de Maria de Araújo” e sim pela disputa dos bens legados aos salesianos (ALMEIDA, 2013, p. 82).

A versão de que a Diocese do Crato tentou, através da Justiça, anular o testamento do sacerdote, é também mencionada por Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros. Segundo a autora, “[...] a partir da morte do Padre Cícero, a Diocese do Crato tentou impugnar o seu Testamento, com o objetivo de se apossar dos bens deixados por ele” (2014, p. 331).

O processo movido pela diocese para anular o testamento do Padre Cícero não logrou o êxito esperado, posto que a Justiça brasileira reconheceu sua legalidade, ordenando a entrega dos espólios aos nomeados herdeiros. Outro motivo, contudo, contribuiu para a Diocese de Crato permitir a instalação da Congregação Salesiana em Juazeiro do Norte. Tomando conhecimento de que sobre os bens do Padre Cícero incidia uma volumosa dívida de caráter tributário e tendo sido negado, por parte das autoridades fiscais brasileiras, a isenção do pagamento de impostos sobre a considerável fortuna do sacerdote,

[...] As autoridades da Igreja, então, aparentemente aprovaram o legado do padre aos salesianos, contando que os missionários estrangeiros assumissem o compromisso de pagar os impostos (DELLA CAVA, *Op. cit.*, p. 324).

Pode-se deduzir, dessa forma, que a questão principal da demora de instalação da Congregação Salesiana em Juazeiro, conforme o desejo do Padre Cícero, estava muito mais atrelada a questões financeiras do que propriamente religiosas. Resolvida a querela, no final de 1938, finalmente é concedido o *placet* para os padres salesianos se instalarem em Juazeiro.

## 2.1. “AUXILIEM AOS BENEMÉRITOS PADRES SALESIANOS, COMO SE FÔSSE A MIM PRÓPRIO”: A atuação dos padres salesianos na Colina do Horto

No dia 31 de março de 1939 deu-se, no Círculo Operário de Juazeiro do Norte, a solenidade de instalação oficial da Congregação Salesiana, com a presença de diversas autoridades políticas, religiosas e educacionais, além de um número expressivo de juazeirenses. Entre os participantes estavam o bispo diocesano do Crato, Dom Francisco de Assis Pires, o inspetor dos salesianos do norte do Brasil, padre Guido Barra, o prefeito municipal, coronel Antônio Pita, e a diretora da Escola Normal Rural, Amália Xavier de Oliveira (ALMEIDA, 2013, p. 162).

A chegada dos salesianos como os donos, por direito, dos bens do Padre Cícero, entre eles as terras do alto da Colina do Horto e os imóveis lá existentes (casarão, ruínas da Igreja do Sagrado Coração de Jesus), assim como a promoção de mudanças, a imposição de regras, a destruição de objetos e outras coisas do sacerdote, foram marcadas por uma atmosfera que mesclava sentimentos antagônicos: aceitação/rejeição, congraçamento/tensão, esperança/revolta, otimismo/ceticismo. Para uma parcela da sociedade juazeirense, havia um enorme otimismo e esperança de que a instalação da Congregação Salesiana selasse, finalmente, as pazes entre a Diocese do Crato e Juazeiro do Norte (ALMEIDA, *Op. cit.*, p. 162).

Para outra parte da sociedade, especialmente os devotos, beatos, penitentes, enfim, a população mais pobre e romeira, o sentimento, a princípio, era de obediência — afinal, os salesianos eram os herdeiros do Padre Cícero. Com o tempo, no entanto, a relação tornou-se de desconfiança, permeada por conflitos e rejeição, conforme assinala a ex-professora do Colégio Salesiano, Cícera Viana da Silva, em entrevista concedida a Núbia Almeida. De acordo com ela, muitos argu-

mentavam: “[...] estes não são os padres salesianos que meu ‘Padim Ciço’ falava, quando chegar os verdadeiros salesianos (uns diziam) serão de pé descalço, (outros diziam) serão de sandália (chinelo) e outros afirmavam, serão de batina branca” (*Op. cit.*, p. 170).

O relacionamento conflituoso entre os agentes da religiosidade popular do Juazeiro e os padres salesianos pode ser demonstrado através de um episódio ocorrido em 1943, no qual João Marcolino, devoto do Padre Cícero, promove em praça pública um severo ataque aos salesianos, chamando-os de “[...] falsos herdeiros do Padre Cícero” (*O Radical* - RJ, Nº 3938, 02/07/1943, p. 02). Diante das palavras do devoto, o padre Antonio de Almeida Agra, diretor da congregação em Juazeiro do Norte, ao terminar a missa, chamou a polícia, que logo o prendeu (ALMEIDA, *Op. cit.*, p. 171). O caso repercutiu nacionalmente, pois o referido devoto se viu denunciado pelo procurador José Maria MacDowel da Costa ao Tribunal de Segurança Nacional, acusado de portar-se de maneira inadequada:

[...] diante da estátua do Padre Cícero, em Juazeiro Ceará, usando da palavra, fazendo pregações, atacando a Igreja e os padres, principalmente os Salesianos, que classificou de falsos herdeiros do Padre Cícero, além disso, o réu ouviu confissões de fanáticos, fez diversas entronizações e renovações do Coração de Jesus, condenando a devoção a Cristo Rei (*Diário da Noite* - RJ, N º 3815, 03/07/194, p. 5).

O ponto nevrálgico dessa relação é, certamente, o alto da Colina do Horto, por ser lá um dos lugares de maior manifestação da chamada religiosidade devocional ao Padre Cícero e onde, durante décadas, habitaram beatos, penitentes e devotos que circulavam entre as ruínas da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, rezando na capelinha do Beato Elias ou descansando debaixo dos pés de tambor.

Ao assumirem o espólio do Padre Cícero, os padres salesianos, nos primeiros meses em Juazeiro, fizeram visitas aos bens rece-

bidos (sítios, fazendas, imóveis). Em 15 de maio de 1939, o diretor da congregação, padre Antônio de Almeida Agra, fez a primeira inspeção ao Horto, naquela época arrendado à Joanna Tertulina de Jesus, conhecida pela alcunha de “beata Mocinha”. Segundo o padre salesiano Antenor de Andrade e Silva, após a visita o padre Agra resolveu tirar da beata a administração das terras do Horto, destinando-a a outra pessoa (SILVA, 1982, p. 323).

Infelizmente, o autor não menciona o nome de quem assumiu os cuidados do alto do Horto naquele momento. Entretanto, o afastamento compulsório da beata Mocinha, que durante décadas foi secretária, governanta, devota e fiel escudeira do Padre Cícero, cuidando e zelando seus bens — o arrendamento das terras daquele espaço repleto de símbolos sagrados, como as ruínas da antiga igreja, a casa do sacerdote, o icônico pé de tambor, enfim, onde romeiros se encontravam —, pode ser considerado a primeira atitude desrespeitosa nesse tocante, uma tentativa quase flagrante de combater a religiosidade não ortodoxa vivenciada naquele lugar. É possível aferir, dessa forma, que tal postura pode ter sido o primeiro passo na tentativa de desterritorialização do povo devoto do Juazeiro de seus ambientes sagrados, como também uma estratégia levada a cabo, a partir de então, de reduzir a devoção popular do romeiro ao Padre Cícero.

Em outubro de 1939, os salesianos transformam o casarão do Padre Cícero em escola, com 100 vagas para crianças de ambos os sexos (ALMEIDA, *Op. cit.*, p. 165). Nas “Crônicas da casa,<sup>13</sup> out. 1939”, consta que os padres salesianos contrataram, com os próprios recursos, duas professoras para ministrar as aulas. Sobre o estabelecimento de ensino, Almeida esclarece que “[...] não foram encontradas mais informações sobre a continuidade e, mesmo, o fim dessa escola” (p. 166).

Outro episódio assaz significativo em relação ao que estamos chamando de “estratégia para redução da devoção popular ao Padre Cícero”, mas que também representa uma arbitrariedade

---

<sup>13</sup> “Crônicas da casa”, documentos manuscritos onde se fazia registros diários dos acontecimentos mais importantes que envolvem o colégio e a congregação (ALMEIDA, 2013, p. 33).

dos padres salesianos no que tange ao respeito e à compreensão do significado místico e religioso do território sagrado do Horto — tanto para o Padre Cícero, quanto para seus devotos —, é a narrativa de que teriam os religiosos queimado em uma fogueira objetos e documentos do arquivo existente no casarão.

O evento, embora negado por parte dos salesianos, é narrado na oralidade por moradores do Juazeiro. Segundo Almeida, em 2010, quando estava fazendo sua pesquisa de campo para a tese de doutorado sobre o colégio salesiano de Juazeiro do Norte, ao entrevistar o sr. Luiz Magalhães, professor da instituição desde 1942, este lhe contou o fato, afirmando que foram queimados batinas, documentos etc. E que muitas pessoas, ao perceberem o que estava acontecendo, tentaram salvar algum objeto ou qualquer outra coisa possível.

Amália Xavier, no livro *O Padre Cícero que eu conheci*, menciona o acontecimento dizendo que um dos documentos salvos da fogueira foi uma “bula papal”, na qual uma imagem do Coração de Jesus, adquirida pelo Padre Cícero para ser colocada na Igreja do Horto, abençoava e dava indulgência aos fiéis que rezassem em frente a ela. Diz a autora:

[...] Confirmo o que digo apresentando uma cópia tirada do original que foi encontrado no arquivo que havia na casa do Horto e que pessoas ignorantes queimaram. O documento escapou das chamas, graças a uma das velhas da casa que sabia ler (XAVIER, 1969, p. 124).

Oliveira refere-se à queima do arquivo existente na casa do Padre Cícero no Horto. No entanto, não informa quem foram seus autores, dizendo apenas que se tratava de “pessoas ignorantes”.

No primeiro capítulo, narramos a saga do Padre Cícero para cumprir a promessa de construção de uma igreja dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. Entre permissões e proibições, o templo foi parcialmente edificado, tendo sido levantada parte de suas

paredes na altura de três metros quando, na primeira década do século XX, veio o embargo definitivo, paralisando a obra.

Ao impedir a continuidade dos trabalhos por obediência ao bispo, Padre Cícero, contudo, não manda derrubar o que foi construído. As enormes paredes do templo proibido passam a simbolizar mais um martírio e perseguição sofridos pelo sacerdote, ganhando diversas narrativas no imaginário do devoto, alimentando também a esperança de que um dia a obra seria terminada e a promessa, cumprida.

Movido por essa expectativa, o padre deixa em testamento, aos salesianos, o terreno, “[...] os prédios e a Capela em construção na serra do Horto, com todas as suas benfeitorias, registrando, com a súplica de que os mesmos terminem a construção da Capela do Horto” (SOBREIRA, 1969, p. 404-405). Durante a vida e após a morte do sacerdote, todos que o seguiram, de forma geral, incorporaram aquelas enormes paredes ao universo sagrado do Horto, realizando rituais religiosos, muitas vezes mal vistos pelo clero, pelos visitantes e por uma parcela da população de Juazeiro, como atos de fanatismo, ignorância, loucura.

Em março de 1944, quando Juazeiro se preparava para celebrar o centenário do seu fundador e patriarca, a população se mobilizou com o intuito de deixar a cidade limpa, linda e ordeira para a grande festa. Nesse sentido, é formada uma comissão organizadora composta por padres, políticos e “cidadãos ilustres” do lugar. “Mulheres e moças juntaram-se aos salesianos percorrendo o comércio para angariar donativos” (ALMEIDA, *Op. cit.*, p. 234).

As festividades contaram, como um dos ambientes de comemoração, com o alto da Colina do Horto. Fazia-se necessário intervir no espaço “organizando-o”, “higienizando-o”, afastando o máximo possível aquele “povo” com suas práticas religiosas “esquisitas” e não ortodoxas. Para tanto, era preciso remover um dos símbolos dessa religiosidade diferente: as ruínas da Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

A derrubada das colunas teve início, conforme registrado no livro “Crônicas da casa” de 16 de março de 1944, com iniciativa e

condução do padre João Damasceno. No dia 19, após a missa de domingo, é assinalada a demolição de mais duas colunas com a observação de que “[...] trabalharam umas 16 pessoas. Todo o trabalho tem sido bem organizado e tudo tem ocorrido bem”.

Em 3 de abril, numa segunda-feira da Semana Santa,

[...] às 5h da tarde a última coluna do Horto veio abaixo, depois de um intenso trabalho. Na crônica, após o registro o padre João Damasceno, responsável pelo trabalho de demolição da Igreja do Padre Cícero, é parabenizado sendo descrito como o “incansável diretor do futuro Santuário do Coração de Jesus, de acordo com o testamento do pe. Cícero” (“Crônicas da Casa”, 19/03/1944).

Duas questões importantes podem ser destacadas nesses registros. A primeira, a forma como é descrita a realização dos trabalhos de demolição da igreja, ou seja, conduzida de maneira organizada com “animação” e “cuidado”, sem nenhuma referência à reação dos beatos e dos penitentes, enfim, que viviam e tinham o lugar como um espaço sagrado, cuidando e reverenciando as ruínas como símbolo da presença do seu “padim Ciço”.

A segunda questão diz respeito às felicitações feitas ao padre João Damasceno, atribuindo-lhe o epíteto de “Pioneiro do futuro Santuário do Sagrado Coração de Jesus”. Provavelmente, fazia alusão ao projeto de construção de outra igreja; porém, não no alto da colina do Horto, conforme queria e prometera o Padre Cícero. Mas embaixo, na cidade, em frente ao colégio dos salesianos, instalado em 26 de abril de 1942, na antiga praça Pio X, em terreno doado pela Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte. O santuário começou a ser construído em 1949 e somente foi inaugurado 30 anos depois, em 1979.

A destruição das ruínas da Igreja do Horto foi presenciada pelo jornalista Edmar Morel que, enviado pelos *Diários Associados*, veio a Juazeiro produzir uma reportagem acerca do centenário de nascimento do Padre Cícero. Segundo ele, durante os dias em



que permanecera na cidade, conversou com dezenas de pessoas e teve acesso ao inédito arquivo do sacerdote (cartas, fotografias, livros de telegrama, recortes de jornais etc.). O jornalista recolheu um volume significativo de documentos, ao ponto de declarar que, quando foi embora, teve que a pagar “[...] um excesso de 18 quilos na viagem de regresso ao Rio” (MOREL, 1969, p. 01). Com esse material, produziu e publicou nos jornais pertencentes aos *Diários Associados* conteúdos diversos sobre o Padre Cícero e, na revista *O Cruzeiro*, periódico do mesmo grupo, lançou um conjunto de textos com quatro temas: **PADRE CÍCERO - O SANTO ES-COMUNGADO DO SERTÃO**, em 01 de julho, p. 58-65; **TERRA SANTA DO CARIRI**, em 23 de setembro, p. 62-67; **NO CARIRI É ASSIM**, em 21 de outubro, p. 58-68 e, finalmente, **OS ÚLTIMOS BEATOS**, em 14 de dezembro, p. 58-66.

No decorrer desse tempo, ainda organizou um acervo fotográfico bastante interessante dos lugares (praças, igrejas, cemitérios, cruzeiros, capelas) e de cenas do cotidiano religioso, sobretudo das pessoas comuns, devotos, romeiros, padres.

Entre as fotografias feitas pode-se apreciar diversas imagens do Horto — capela do beato Elias, pedra do joelho e do Monte Sinai, cruzeiro do século — e, principalmente, o flagrante de derrubada da igreja. Homens e mulheres colhem nos escombros do que restou do templo pedaços de tijolo, barro, pedras para guardar e ter em mãos um pouco do sagrado:

**Figura 7** - Devotos recolhendo os destroços das paredes da igreja do Horto  
(Revista O Cruzeiro)



**Fonte:** Hemeroteca Digital Brasileira-BN, RJ.

As fotos acima, publicadas no artigo “Terra Santa do Cariri”, trazem nas legendas a interpretação do autor quanto à demolição das ruínas, acusando os devotos de promoverem a destruição do que restou da igreja.

Nas duas primeiras imagens, nas quais homens e mulheres circulam entre os escombros recolhendo pequenos objetos, o jor-

nalista as descreve da seguinte maneira: “NADA MAIS EXISTE DA ERMIDA DO PADRE CÍCERO. Por que? Mistério! A verdade é o que vemos: mulheres, obstinadamente, de sol a sol, destroem aquilo que outrora ajudaram a construir” (*Revista O Cruzeiro* - RJ, 23/09/1944, p. 66).

Na foto logo abaixo, vê-se uma mulher com roupas típicas de beata também buscando fragmentos das paredes da igreja, cuja legenda transcrevemos aqui:

REVOLVENDO OS DESTROÇOS DA CAPELA DO HORTO. Uma mulher do povo ajudando a recolher os destroços da Capela do Horto, sonho irrealizado do Padre Cícero Romão Baptista que desejava vê-la com suas vinte e três torres, com vinte e três sinos, que replicando de uma só vez, fossem ouvidos até mesmo no mar (*Revista O Cruzeiro* - RJ, Nº 48, 23/09/1944, p. 70).

No artigo, Morel descreve a cena que viu quando ainda estava no avião:

[...] Anoitecia e o avião sobrevoava a cidade do Juazeiro, onde viveu e morreu o Padre Cícero Romão Baptista, o sacerdote adorado como Deus e o chefe político admirado e odiado pelos homens. O “Piper Club” fez uma curva sobre a serra do Catolé e vi, lá em baixo, um amontoado de criaturas trabalhando entre escombros. O aparelho baixou um pouco mais e, então, os meus olhos contemplaram um espetáculo de balbúrdia. Homens e mulheres, à frente dois padres, destruíram as últimas colunas da Capela do Horto, o templo que o Padre Cícero sonhou erigir.

A demolição das ruínas é abordada em outra matéria do jornalista, intitulada “Devassando o arquivo do Padre Cícero: Os mistérios de Juazeiro e documentos secretos do famoso sacerdote, numa série de quatro reportagens”. A cobertura, publicada em jornais de Manaus, Pernambuco e Rio de

Janeiro, apresenta fotos de documentos, pessoas e lugares envolvidos na vida religiosa, política, cultural e econômica do Padre Cícero.

No último texto que circulou em 6 de setembro no jornal carioca *Diário da Noite*, Morel insere na manchete, entre outros assuntos, a chamada: “[...] Desrespeitando a última vontade do capelão”. O artigo é ilustrado por uma foto capturada no Horto, na qual um padre salesiano anda em meio aos devotos, adultos e crianças, subscrita com a seguinte legenda: “Os religiosos, à frente um salesiano, jogam por terra as velhas pilastras da ermitã”.

**Figura 8** - Cenas do momento de derrubada das paredes da Igreja do Horto publicadas na revista O Cruzeiro



**Fonte:** Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional - RJ.

A mesma fotografia é publicada no *Diário de Pernambuco*, mas com outra legenda: “Os últimos fanáticos, do Padre Cícero, empregados na obra de destruição da capela do Horto, a Jerusalém do Cariri” (10/09/1944, p. 3).

A compreensão de Morel a respeito dos fatos é a de que aqueles devotos do Padre Cícero, num ato de contradição e anarquia, estavam destruindo, derrubando as ruínas da igreja idealizada e sonhada pelo sacerdote.

O que o autor não percebeu, ou não quis perceber, é que, na verdade, as pessoas que habitavam aquele espaço há décadas, que o respeitavam como um local sagrado, a terra onde o “padim Ciço” havia pisado, recebendo, aconselhando e resistindo às perseguições, deixando fincados a sua casa, seu templo inacabado, suas árvores sagradas, estavam tentando salvar, pelo menos, os resquícios, aquilo que sobrara do monumento que, de forma arbitrária e profana, estava sendo destruído pelos “donos” oficiais do lugar, pelos sacerdotes que viam naquelas manifestações de religiosidade, devoção e fidelidade ao Padre Cícero uma expressão de fanatismo, atraso, grosseria, coisa de gente ignorante.

Ao que tudo indica, a profanação do espaço sagrado dos devotos por parte daqueles que foram eleitos pelo sacerdote para “[...] continuar sua obra benfazeja” (MACHADO, 2002, p. 49) não teve nenhum protesto, nenhum ato de desagravo, nenhuma reação contrária da sociedade juazeirense. É fato que, em 1969, Amália Xavier faz uma referência à conduta dos salesianos, ao registrar a passagem da escritora Rachel de Queiroz pelo Horto, afirmando: “[...] infelizmente, mãos criminosas também apagaram esta lembrança” (p. 124).

Ao analisar atentamente as informações de Xavier no jornal *Diário de Pernambuco* em 1944, quando, na condição de diretora da Escola Rural de Juazeiro, elabora um minucioso relatório sobre o município para compor o plano pedagógico apresentado pelo sr. Nóbrega Cunha, é possível asseverar que houve, naquilo que caberia à sociedade juazeirense, certa cumplicidade e anuência no que tange à postura assumida pelos padres salesianos.

Diz a professora:

[...] Infelizmente, há ainda quem pense que todo o povo de Juazeiro tem fanatismo pelo padre; é um

erro que pretendemos elucidar. O Juazeiro é uma cidade cosmopolita. Três grupos humanos constituem a sua população atual, composta de elementos de diversas procedências, caracterizadas por tipos acentuadamente e diferentes quer, na raça, no estilo ou na cor. Distinguem-se, em primeiro lugar os que ali nasceram e que são conhecidos com a denominação de **naturais**. Em segundo lugar, os que vieram de fora, ali fazendo residência, com fins comerciais, e são os **forasteiros**. Em último lugar, aparecem os que para ali foram atraídos puramente por questões religiosas e que são os **romeiros**. **Os naturais**, também chamados de **proprietários**, pelo fato de todos possuírem terras no Município, já ali se achavam pelos seus antecedentes antes da chegada do Padre Cícero. Os de hoje, como aqueles, viram sempre na figura daquele sacerdote um amigo e benfeitor, reconhecendo sempre as suas virtudes.

**Os forasterios**, procedentes dos Estados nordestinos e de vários Municípios, consideravam o padre por este mesmo prisma, Dos **romeiros**, muitos vinham até ali, faziam as suas visitas a N. S. das Dores e ao padre, voltando depois aos seus domicílios; outros, guiados por um nefasto e dœntio misticismo, resvalavam para o fanatismo religioso, vivendo a maior parte da sua existência nas igrejas e trabalhando apenas para a sua manutenção, quando não vivem da caridade pública. Estes sim, são os fanáticos, que consideram o Padre Cícero um Deus e, mergulhados na sua ignorância, não querem admitir os princípios doutrinarios ensinados pelos sacerdotes. É lamentável — afirmo novamente — que mesmo no Ceará ainda haja quem pense que o Juazeiro é uma cidade só habitada por fanáticos que crêm serem inimigas, em preparação na divindade do Padre Cícero. Na época atual, a classe dos fanáticos está quase extinta e dentro em breve terá desaparecido (16/05/1944, p. 03).

A declaração, feita pouco mais de um mês após a demolição das paredes da igreja, descreve a natureza cosmopolita que compunha as classes sociais do Juazeiro, justificando que os chamados na-

tivos, forasteiros e até alguns romeiros, embora reconhecessem e admirassem o Padre Cícero, não praticavam com relação a ele uma devoção fanática. Ainda que existissem muitos da população romeira que vivessem nas igrejas pedindo esmolas, adjetivados pela autora como fanáticos e ignorantes, estes eram poucos, segundo ela, pois “[...] em breve estariam extintos”. Tal assertiva nos faz deduzir que Xavier estaria se referindo ao trabalho dos sacerdotes salesianos, na tentativa de reduzir a devoção popular ao Padre Cícero e de combater religiosidade popular dos seus seguidores, aqueles que circulavam em Juazeiro e no Horto.

Apesar da previsão de Xavier de que os “fanáticos, mergulhados na ignorância” desapareceriam da sociedade juazeirense, as romarias continuaram a crescer, assim como os chamados beatos seguiram transitando nos espaços sagrados do Juazeiro.

Outro elemento importante pode ser considerado: o dinheiro deixado pelos romeiros que visitavam Juazeiro duas, três vezes ao ano, vinha movimentando a economia local consideravelmente. E muitos deles, fixaram residência na cidade, aumentando o contingente de penitentes, beatos, pedintes etc.

## **2.2. “NÃO É O MESMO PROJETO, NÃO É NO MESMO LUGAR, NÃO É O MESMO NOME: A construção da nova Igreja do Horto**

A saga em torno da construção de um templo religioso no alto da colina do Horto como parte de uma promessa feita pelo Padre Cícero e mais três sacerdotes, em 1889, não terminou com a derubada de suas ruínas em 1944, tampouco com a construção de uma igreja na sede do Juazeiro, consagrada ao Sagrado Coração de Jesus. No final do século XX, o tema volta à tona com a decisão dos padres salesianos de construir uma nova igreja no Horto, denominada “Santuário do Bom Jesus do Horto”.

Enquanto inspetor da Congregação Salesiana em Recife, o padre Valério Breda, durante visita a Juazeiro para a inauguração de um ginásio esportivo e de um parque aquático, concedeu entrevista ao

jornalista Jakson Barbosa, diretor-presidente do jornal juazeirense Folha do Juazeiro, declarando a intenção de construir a “[...] Igreja do sonho do Padre Cícero” e, para tanto, pretendia mobilizar a população do Nordeste, o clero e políticos no intuito de solicitar a licença para a construção do empreendimento.

Segundo o padre Giuseppe Venturelli, anos mais tarde, padre Valério, já nomeado pelo Papa João Paulo II como bispo da Diocese de Penedo, antes de sua saída da inspetoria salesiana, encaminhou ao então bispo da Diocese do Crato, Dom Newton de Holanda Gurgel, uma solicitação de audiência para tratar de dois assuntos: licença para a construção da igreja no alto do Horto e abertura do processo de reabilitação do Padre Cícero. A segunda pauta, de acordo com Venturelli, irritou o prelado cratense, que logo encerrou as negociações com a seguinte frase: “Vá pra sua diocese, que aqui já tem bispo!”

Somente com a nomeação do novo inspetor salesiano, padre Raimundo Ricardo Sobrinho (1998-2004), a construção da igreja volta a ser discutida através de uma carta enviada a Dom Newton, na qual se apresenta e solicita uma resposta do pedido de seu antecessor. A partir dessa correspondência, houve uma série de reuniões entre os padres salesianos, o bispo e o Conselho Presbiteral da diocese.<sup>14</sup>

Venturelli ressalta que as discussões no tocante à concessão não diziam mais respeito aos aspectos religiosos de Juazeiro do Norte, já que, conforme assinalou um dos membros do Conselho Presbiteral da Diocese de Crato, padre Gonçalo Farias Filho, a nova igreja não era mais “[...] o mesmo projeto, não era mais o mesmo lugar, não era mais o mesmo nome”.

---

14 Infelizmente, não tivemos acesso aos arquivos do bispado de dom Newton, onde poderíamos encontrar documentos referentes às negociações para a construção da igreja, tais como cartas, atas etc. Segundo o diretor do Departamento Histórico Diocesano padre Antônio Gomes de Araújo (DHDPG), padre Francisco Roserlândio de Souza, os arquivos ainda não foram organizados. Dessa forma, as informações acerca desse assunto se baseiam apenas no depoimento do padre Venturelli, prestado no decorrer de entrevistas realizadas em 2001 durante a pesquisa de campo no Horto e, em 2021, ao voltarmos a conversar sobre o tema.



O empecilho, portanto, estava no tipo de parceria a ser estabelecida entre os salesianos e a Diocese de Crato, ou seja, como ficaria a questão financeira relativa à construção e aos donativos e esmolas deixados pelos romeiros. Para dirimir os entraves, o conselho propôs a formação de uma comissão tríplice: um representante da diocese (padre Gonçalo), um da paróquia Nossa Senhora das Dores (padre Murilo de Sá Barreto) e outro dos salesianos (padre Venturelli).

Não concordando com a constituição da comissão, por entender que os salesianos estariam em desvantagem, posto serem dois representantes da diocese e apenas um da congregação, o “[...] padre Ricardo sugeriu uma comissão com 04 membros, acrescentando aos 3 propostos mais um representante da Inspetoria Salesiana (padre Luiz Sampaio)”. Assim, o grupo deu início às reuniões de planejamento para a construção do templo. Porém, eram muitos os impasses, segundo Venturelli, no que tange ao aspecto financeiro do projeto. Após diversos encontros, padre Murilo se pronuncia e propõe:

[...] Nós vamos ficar aqui, reunindo em cada 15 dias, é? Por quantos anos? Conversar com o quê? Miolo de pote? Vamos combinar logo fazer assim: a igreja tem quer ser construída. Como se tira leite de uma vaca antes que seja vaca, num é? Deixa primeiro a bezerra ter seu filhote, depois tira o leite da vaca. Então, deixa terminar a igreja, aí então, se define: do cofre da igreja tira 10% como todos pagamos.

Ao se chegar a um entendimento quanto às questões burocráticas, a edificação da nova Igreja do Horto começou em 1999. O projeto arquitetônico já havia sido desenvolvido por dois arquitetos do Instituto de Verona, na Itália, Giacomo Gabrieli e Giorgio Ugolini. Conforme Padre Venturelli, o contato com os profissionais se deu ainda na gestão do padre Valério Breda. Durante uma visita a seu irmão e também padre salesiano na Itália, Breda comenta a intenção dos salesianos de construir um templo no alto do Horto. O irmão então indica os dois artífices.

Após contatar os arquitetos, padre Breda “[...] lançou a eles a proposta da colaboração na construção de uma igreja de caráter social para

os pobres. Quando pe. Valério lhes disse que a Igreja do Horto era um grande projeto em favor dos pobres [...]”, conseguiu convencê-los a aceitar o desafio (depoimento do padre Venturelli).

Padre Venturelli afirma que os arquitetos italianos não conheciam o estilo das igrejas do Brasil e também de Juazeiro do Norte, tampouco a religiosidade característica do lugar e, conseqüentemente, do Horto. Para embasar o trabalho a ser desenvolvido, “[...] vieram aqui e estudaram um pouco a arte das construções de igrejas no Brasil e planejaram uma igreja tipo modelo colonial, aquelas igrejas, com duas torres”. Para o projeto arquitetônico, especificamente, se basearam nas construções europeias, como a Igreja Padre Pio, em forma de espiral, da cidade de San Giovanni Rotondo, com adaptações para o clima e estilo brasileiros. Sobre o local da construção, primeiramente se pensou na área em que está situado o cruzeiro, depois se decidiu pelo maior distanciamento da estátua, onde havia uma plantação de árvores frutíferas, próximo à casa de pólvora. Desse modo, o templo poderia ser visto das cidades de Juazeiro e Crato, afirma Venturelli.

Com a construção da nova igreja e a implantação do projeto de revitalização levada a cabo pela Prefeitura de Juazeiro do Norte, a Inspetoria Salesiana resolveu que o complexo do Horto deveria ficar sob a responsabilidade da congregação, tirando assim a administração das mãos de leigos e nomeando os padres Giancarlo Perini e Giuseppe Venturelli. O primeiro cuidaria da espiritualidade e o segundo, das questões práticas, burocráticas.

Nomeado administrador em julho de 1999, padre Venturelli só assume definitivamente em fevereiro de 2001. Ao longo desses dois anos, explica, dividiu seu tempo e trabalho entre a paróquia de Santo Amaro, em Jaboação-PE, e a administração do Horto. Movido por um sentimento mais sintonizado com os aspectos místico e sagrado do Horto, Giancarlo Perini defendia a menor intervenção possível no espaço, chamando atenção para a conservação dos passos do Padre Cícero e do respeito à religiosidade própria do povo romeiro, escrevendo vários artigos e pequenos livros nesse sentido, como *O Horto do meu padrinho e Horto: montanha sagrada*.

Padre Venturelli, com uma postura mais pragmática, voltada para a concretizar o projeto de construção da nova igreja do Horto, impôs disciplina e um conjunto de regras no intento de reorganizar o local, dividindo-o entre o sagrado (lugar de oração, penitência, devoção) e o profano (lugar de comércio, lazer, diversão).

Responsável pela construção da nova igreja, padre Venturelli desenvolveu, em 2000, quando ainda estava em Jaboatão, a primeira campanha de arrecadação de fundos com vistas à implementação do projeto, denominado "Um milhão de amigos". A campanha tinha-se como slogan "Se o Padre Cícero tem um milhão de amigos e cada um doa R\$ 1,00 (um real), então teremos um milhão de reais para a construção da torre da igreja do Horto".

Em 2002, a Congregação Salesiana contratou Antônio Miguel Kater Filho, conhecido como o "marqueteiro dos católicos", para desenvolver e coordenar a campanha de arrecadação de verbas para a construção da nova igreja do Horto. Sua primeira investida foi a criação da associação "Afilhados do Padre Cícero", que consistia no cadastro do maior número possível de devotos do sacerdote, enviando-lhes cartas, mensalmente, para informar e pedir doações. Em seguida, elaborou-se um panfleto no qual se informava como fazer parte da associação e quais as vantagens de integrar o grupo, contendo uma ficha que o devoto deveria preencher aceitando a proposta, tal como se vê abaixo:

Figura 9 - Panfleto de divulgação da campanha de arrecadação de verbas para a nova igreja do Horto

**FICHA DE REGISTRO DO AFILHADO**

Pedido por escrito, deixado pelo Padre Cícero, em seu testamento, a todos os seus queridos afilhados, amigos,romeiros e devotos:

Reprodução fotográfica de um trecho do testamento do Padre Cícero, onde pede aos "seus queridos, queridos e caríssimos, queridos e caríssimos" que doem um dinheiro, seja em espécie ou em cartão de crédito, para a construção da igreja do Horto. O dinheiro deve ser depositado em nome do Padre Cícero, e o nome do doador deve ser registrado em uma lista que será mantida em uma caixa de madeira.

Para isso, uma Salesiana, responsável pela Igreja do Horto, fará um contato com você. Você será informado e receberá uma guia contendo o nome de seus filhos, os nomes dos AFILHADOS DO PADRE CICERO, suas respectivas endereços, telefones de seus queridos pais e irmãos, assim como os seus locais, assim como a sua foto. Assim, você poderá fazer parte do pedido de Deus.

Para isso, se registre como afilhado em afiliação para desfrutar a Igreja do Horto, preservando o patrimônio e não desvirtuando o Padre Cícero. Não é necessário ser católico para participar.

Contas bancárias para depósito em favor da construção da Igreja do Senhor Bom Jesus do Horto:

BANCA ADMSO Agência: 0408 Conta Corrente: 38006-2  
B. HO BRANH Agência: 04312 Conta Corrente: 32.254-4

Afilhados do Padre Cícero  
Cassiano de C. Brito - Fone: 5239-3611  
Caro filho de Deus Padre Cícero  
Ferreira - Fone: 5239-4472  
Ferreira - Fone: 5239-3611

Publicadores  
Luiz Cabeteira  
Zozes Costa

Mas Padre Cícero tem um pedido especial para você e todos os romeiros e afilhados...

O panfleto foi confeccionado com excelente qualidade gráfica, ilustrado com fotos do Padre Cícero, da maquete e da igreja em construção, além de um trecho do testamento em que o sacerdote pede ao Romeiro que não deixe de vir a Juazeiro, sendo distribuído nas romarias de 2002.

Em 2003, é produzido o *Jornalzinho dos Afilhados do pe. Cícero*, com circulação trimestral. No editorial da 1ª edição, são apresentados os objetivos do periódico:

[...] Mostrar às nossas queridas afilhadas e afilhados, por fotos e notícias, o andamento das obras da Igreja do Senhor Bom Jesus do Horto. [...] também contando alguns fatos interessantes sobre a vida do Pe. Cícero, dando voz à gratidão de seus afilhados e publicando entrevistas com pessoas importantes ou autoridades da Igreja falando dos novos estudos sobre a vida e a memória do Pe. Cícero. [...] também divulgando os eventos que realizaremos no horto. [...] Há também um espaço para vocês se manifestarem numa seção especial denominada A palavra dos afilhados, que divulgará as cartas dos afilhados e afilhadas do Pe. Cícero que nos forem enviadas contando histórias, fatos e agradecimentos.

Com quatro páginas, o “jornalzinho”, assim como o folder, também era impresso em material de ótima qualidade. Porém, suas publicações tiveram uma circulação relativamente pequena, con-

tando pouco mais de um ano, num total de cinco edições. Para substituí-lo, lançou-se a *Revista dos Afilhados do pe. Cícero*, em 2005, com publicação semestral.

Tanto o “jornalzinho” quanto a revista traziam um formulário que, depois de ser respondido, tornava o romeiro apto a fazer parte da associação “Afilhados do Padre Cícero”, devendo este contribuir, mensalmente, com um valor em dinheiro para a construção da igreja do Horto e, em contrapartida, receber em casa as notícias sobre o andamento da obra.

Em 2017, a campanha assumiu um novo patamar com a produção de um aplicativo que podia ser baixado no celular, facilitando ao devoto realizar sua doação de forma mais fácil e rápida. Na descrição, consta o seguinte:

O aplicativo dos Afilhados do Padre Cícero permite a comodidade do usuário de se cadastrar para ser um colaborador e mantenedor das atividades e obras da Colina do Horto do Padre Cícero em Juazeiro do Norte/CE. O aplicativo é destinado para as pessoas que querem colaborar com as obras do Horto do Padre Cícero. O que precisa fazer é o cadastro por meio do aplicativo com dados como CPF, e-mail, entre outros. Após o preenchimento, aperta-se o botão cadastrar que serão enviados os dados para a central do Horto que enviará boletos na casa do afilhado para o pagamento mensal. Esse cadastro pode ser cancelado a qualquer momento.

Com a saída do padre Venturelli em 2015, o Horto passou a ser administrado por uma mulher, a Irmã Carmina Freitas.

Em 2019, uma nova mudança é feita na administração do Horto: os padres salesianos ficam apenas com o trabalho relacionado às questões pastorais; a parte burocrática e as demandas relativas ao aspecto financeiro (cobrança de taxa dos vendedores, comerciantes), disposição do espaço para o comércio, atendimento aos agentes externos (imprensa, visitantes, autoridades etc.), entre outros, voltam a ser coordenados por uma pessoa leiga, assumindo

a função a agente cultural Francisca Maria Santana do Nascimento, que já trabalhava no Horto desde o período do padre Venturelli.

O novo formato de administração implantado pelo padre Venturelli era considerado muito rigoroso e discriminatório, pois buscava higienizar, modernizar e disciplinarizar o complexo do alto do Horto. Isso rendeu-lhe o epíteto de “xerife”.

Embora se respeitasse os padres salesianos por serem estes os herdeiros do Padre Cícero, parte da população local se ressentia com as mudanças promovidas no Horto, sobretudo no que se refere à retirada das barracas do centro da colina sem uma prévia discussão e consulta aos principais atingidos pelas reformas: os habitantes e aqueles que, de alguma forma, garantiam seu sustento através do trabalho naquele espaço.

Durante as entrevistas, apesar de reconhecerem que era necessário uma melhor organização da área, muitos se mostravam revoltados e com medo de perder o lugar de venda. Por esse motivo, quando questionados acerca de qual seria o maior problema do Horto, as respostas mais recorrentes eram:

[...] Num quero dizer não minha fia, que ói, causa prejuízo, viu?

A dificuldade eu num sei comentar [...].

[...] não tô sabendo dizer, eu a quase que num tenho o que responder.

[...] eu a quase que num tenho o que responder, porque eu num posso dizer.

O maior pobrema? (silêncio) Eu num sei [...].

Outra característica bastante presente em suas falas é a percepção que lhes era comum quanto às reformas no espaço sagrado do Horto. Para os habitantes devotos, estas representavam a destruição dos bens deixados pelo Padre Cícero, um apagamento dos passos do sacerdote. Um exemplo desse sentimento de negação dos novos equipamentos apresentados como parte do legado do Padre Cícero é a postura no tocante à construção da nova igreja. Embora seja anunciada como a realização da promessa do Padre

Cícero, percebe-se nos depoimentos dos devotos que moram no Horto que não há reconhecimento dessa obra como tal.

Dois desses testemunhos são bastante ilustrativos com respeito ao mencionado sentimento de negação. O primeiro, do sr. Francisco de Assis, 74 anos, quase todos eles vividos no Horto, agricultor que sobrevive de esmolos colhidas aos pés da estátua:

[...] Ói, tem aquela igreja acolá (A nova igreja que está sendo construída). Pra mim num voga aquela igreja acolá, num voga. Sabe onde a igreja pra ser aí (Onde era a antiga capela, que hoje é o salão de entrada do museu) nesse negócio, aí... Que quando ocê sentar nessa igreja aí, na base dela assim, a mãe vai dizer: sai daí, menino! Eu num caio não, mãe. A base é virada pra acolá, a igreja. Aí faz aquela igreja acolá. Pra mim num voga aquela igreja acolá, pra mim vogava se fosse aqui. Ali, ó! Se a base dela fosse aí, a base dela de ferro era dois dedo, penso aquele ferro enfiar no chão, bem feito, que ele fez aí. Aí desmanchou, cortou tudim. Ó a sobra dela aí. Pronto. Aquela igreja acolá num voga, só voga essa daí, que nem ia fazer aí, né? Que ele dizia, ele nunca chamou ninguém pra casa: — “Vamo, meus irmãozinho, lá pra igreja”. Quando a igreja era aí, né? Não, pronto. Aí o povo diz: Não, é o museu! Que diabo de museu, rapaz. História de museu! Aí é a casa de meu padim Cicho, né? A igreja dele. Que ele nunca chamou ninguém: vamos lá pro Horto, lá pra minha casa. Nunca chamou não. Vamo lá pro horto, pra igreja. A igreja... Agora num sei se a igreja essa que tava fazendo aí, que tá. Em breve, né. Ou se era a casa dele.

Para o depoente, a igreja em construção não tem valor nenhum, pois não é a do Padre Cícero. Além de estar sendo construída noutra lugar, destruíram a que existia, fazendo referência às ruínas do velho templo iniciado pelo sacerdote. Em tom de tristeza, denuncia: “aqui é assim, acabaram cum tudo de meu padim Cicho, viu”. Lamenta que cada vez mais estão destruindo aquilo que ele deixou

no Horto: derrubada do pé de tambor, a transformação do casarão em museu e, principalmente, a demolição da igreja do sacerdote.

Outra declaração contundente é a de dona Maria Ferreira dos Santos, conhecida por Marinete, de 76 anos, 36 de moradia no Horto, comerciante. Assim como o antecessor, se queixa:

[...] foi ele que fez aquela igreja. Hoje em dia derrubaram a igreja, mas a igreja era muito bem-feita. Derrubaram o artá que ele mandou fazer, derrubaram o artá que meu padim Ciço mandou fazer. [...] E aquela igreja, aquela coisa lá incima, aquela laje de lá incima e a escada pra subir, aquilo tando cheio de gente incima e cheio embaixo, vai cair e gente muita que morre. Essa igreja nova, aquilo acolá tando cheio de gente lá incima e cá embaixo, caindo tombém. Já foi na igreja nova? Num acho poesia naquela igreja nova, num acho ali jeito de igreja. Eu fui à missa no primeiro do mês, todo mês tem missa lá. Fui à missa no primeiro domingo. Ai, meu Deus, pelo amor de Deus! Como é que pode?

Dona Marinete se surpreende com a arquitetura da igreja, não reconhecendo a edificação como um templo religioso. Para ela, quando esta estiver repleta de pessoas, cairá, matando muita gente.

Portanto, num primeiro momento, não há, sobretudo entre aqueles moradores com idade mais avançada, uma sintonia com a nova igreja do Horto. Em suas falas, é possível perceber certo lamento, tristeza pela desativação da capela que funcionava no casarão e pela destruição dos passos do sacerdote, no Horto.

A nova igreja, ainda em construção, passa a significar, de alguma forma, mais uma etapa no processo de desterritorialização dos devotos do espaço sagrado, uma vez que são impedidos de expressar sua fé no lugar onde viveu e orou o seu padim Ciço, levados a rezar numa igreja que não é mais o mesmo projeto, nem o mesmo lugar, nem o mesmo nome escolhido pelo sacerdote.



### **2.3. SAEM AS BEATAS, ENTRAM AS FREIRAS: as irmãs salesianas no Horto**

No modelo da nova forma de administrar o alto do Horto implantado pelos salesianos a partir dos anos 2000 — no qual os próprios padres lidavam com as questões do dia a dia, estabelecendo regras, reorganizando o espaço, firmando convênios com entes públicos e assumindo um trabalho pastoral mais voltado para os dogmas e rituais do catolicismo oficial —, a presença de freiras que pudessem auxiliá-los em tais empreitadas passou a ser planejada. Com esse intento, o padre Raimundo Ricardo, então inspetor da instituição, convidou as irmãs salesianas Filhas de Maria Auxiliadora para se estabelecerem no local. No intuito de lhes proporcionar um melhor suporte nesse sentido, autorizou a construção de uma casa situada ao lado do agora Museu Vivo.

Em 2005, chega ao Horto as irmãs Norma Lúcia, Josefa Ferreira e Maria de Jesus Germano. Esta última, natural de Juazeiro, quando criança costumava brincar nas terras ali circunscritas e no Vale do Maroto, de propriedade de seu pai, o empresário Manoel Francisco Germano (VENTURELLI, 2022). O objetivo era desenvolver um trabalho pastoral e colaborar no acolhimento do dito “[...] povo santo de Deus, em Juazeiro do Norte, particularmente, os peregrinos” (INTERFACE, 2020). No decorrer de sua estadia no Horto, afirma Venturelli, as irmãs fomentaram várias atividades, sobretudo na área da saúde e no atendimento às crianças com o projeto “Amiguinhos de Jesus”.

As irmãs permaneceram no Horto por quase sete anos. Porém, em janeiro de 2012, encerraram seus trabalhos, deixando o local. Segundo Venturelli, algumas questões contribuíram para este desfecho. Primeiro, a irmã Maria de Jesus Germano, a principal responsável pela manutenção das freiras, com 80 anos de idade, se viu acometida por um problema de saúde, tendo que se mudar para Fortaleza. No ano seguinte, houve uma mudança na Inspeção Geral da congregação, assumindo a irmã Yvonne Reungoat. Com ela, uma nova configuração foi implementada para ressignificar o

carisma e qualificar a presença e missão da corporação no Brasil. Ainda de acordo com Venturelli, a nova madre não se mostrou muito satisfeita com o trabalho desenvolvido pelas suas subordinadas, transferindo-as para localidades mais alinhadas com o espírito e objetivos da Congregação Filhas de Maria Auxiliadora.

Com a vacância deixada pelas irmãs, Venturelli se articula com as Servas da Caridade de Jesus, também vinculadas à família salesiana. Em julho de 2012, o bispo do Crato, Dom Fernando Panico, recebe duas cartas, uma de Venturelli, administrador do Horto naquela ocasião, e outra da irmã Apollinaris Yuriko Shimura, superiora geral da congregação, solicitando autorização canônica para ser instalada, no Horto, uma comunidade religiosa. Na correspondência, Shimura ressalta que a congregação pretendia desenvolver no local um trabalho pastoral e espiritual, “[...] dando preferência aos irmãos menos favorecidos”. O consentimento para tal se deu em 6 de agosto daquele ano e, no dia 26, desembarcaram no Horto as irmãs Agnes, nascida no Japão e naturalizada brasileira, Lúcia, descendente de japoneses e Damian, natural da Coreia.

A Congregação das Irmãs da Caridade de Jesus foi fundada em 1937 pelo italiano padre Antônio Cavo, na Província de Miyazaki, no Japão, associando-se à família salesiana. Desde a década de 1960 tem atuação no Brasil. No convênio assinado entre as freiras e a Inspetoria Salesiana do Nordeste, o principal objetivo delas no Horto seria “[...] a ação social e evangelização em favor da comunidade de Juazeiro do Norte e, também, em atendimento aos romeiros de Padre Cícero”.<sup>15</sup> Conforme documento das irmãs, o trabalho em parceria com os padres salesianos assim pode ser sintetizado:

[...] missão de fazer a acolhida dos Romeiros e o trabalho Pastoral aqui na comunidade do entorno. E, juntamente com as lideranças da comunidade somarmos força no trabalho pastoral: na liturgia, na catequese, com os ministros e coroinhas, no oratório, na visita aos doentes, na formação das lideranças, com en-

---

15 <https://boletimsalesiano.org.br/materias>. Acesso em: 10 maio 2022.

contros bíblicos e de espiritualidade, novenas, etc... e também no Programa da Rádio FM Padre Cícero.

Na atualidade, encontram-se no Horto quatro irmãs, são elas: Matilde Tiemi, diretora da comunidade; Madalena, Luiza e Maria Sônia. Ao indagar à irmã Sônia se antes de virem residir em Juazeiro já conheciam a história do Padre Cícero e o contexto religioso do lugar, esta respondeu:

[...] Quando nós chegamos aqui, praticamente, a gente começou a conhecer o Padre Cícero aqui. A gente [...] ouvia falar, mas não conhecia o Padre Cícero. A gente veio conhecer aqui. Desde o início, as primeiras irmãs, também.

Em entrevista para o site “Horto do Padre Cícero”, realizada em fevereiro de 2021, a diretora da comunidade, irmã Matilde Tiemi, ao ser questionada sobre quais são os trabalhos desenvolvidos no Horto pela congregação, assim se expressa:

[...] Fazemos o trabalho principal, de acolhimento dos Romeiros, mas também, cuidamos da parte litúrgica das celebrações, organização, ajudando a coordenar essa dinâmica, e também, a parte pastoral, juntamente com os salesianos, naturalmente. Entre as atividades pastorais está a formação das lideranças, catequese, acompanhamento de batismos, também dos ministros da eucaristia, coroinhas, além de novenas, as vias sacras, tudo o que acontece em termos de pastoral, de espiritualidade, aqui no Horto, nós estamos acompanhando. Já estamos atuando aqui há 8 anos.<sup>16</sup>

---

16 Disponível em: <http://hortodopadrecicero.net.br/entrevista-com-a-irma-matilde>. Acesso em: 11 maio 2022.

Noutras palavras, as irmãs realizam um trabalho voltado para as questões pastorais e os interesses da Igreja, literalmente. Quanto às beatas, ainda se vê algumas poucas circulando pelo Horto. Dona Elza e dona Maria Pinheiro sobreviveram às intempéries com suas vestimentas típicas, alertando para o fim do mundo e para o que consideram pecado, pregando arrependimento.

## CAPÍTULO III

### DO ESPAÇO SAGRADO AO ESPAÇO TURÍSTICO: Intervenções do poder público no alto do Horto

Os padres salesianos  
Receberam e são os donos  
Mais os políticos avançaram  
Dizendo está em abandono  
Vamos se unir aos padres  
Nós ficamos com a metade  
Para nós se faz um troco  
(Severino do Horto)

A partir de 1950, Juazeiro do Norte passa a vivenciar um relevante crescimento populacional e industrial, sendo apresentada como a cidade do progresso. Para fazer jus ao título, um conjunto de reformas urbanas é colocado em prática por parte do poder público municipal (GOMES, 2015).

Sendo um dos lugares mais visitados na cidade do “padrinho Ciço”, o alto do Horto torna-se o cerne de várias intervenções sob a justificativa de que era preciso higienizá-lo, urbanizá-lo e modernizá-lo, a fim de incrementar o turismo religioso em Juazeiro do Norte.

Diversas foram as ações: a instalação de uma torre de TV em 1965 derrubando o famoso pé de tambor; a construção da estátua com 25 metros no lugar onde seria a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em 1969; a “Revitalização da Colina do Horto”, em 1997, com a transformação do casarão do sacerdote em “Museu Vivo” e a higienização do espaço, com a desterritorialização daqueles

que representavam o mundo dos beatos, penitentes ou expressões da devoção popular ao Padre Cícero. Neste capítulo, discutiremos cada um desses feitos, analisando o impacto que causaram no espaço sagrado do Horto e na vida de seus habitantes.

### **3.1. MAIS VALE UM CANAL DE TV DO QUE UMA ÁRVORE CENTENÁRIA: A derrubada do pé de tambor para a construção das torres de TV**

O primeiro empreendimento do poder público no alto do Horto se deu em 1965, durante a administração de Francisco Humberto Bezerra (1963-1966). O projeto contou com a iniciativa de duas pessoas: Luiz Gonçalves Casimiro (comerciante) e Luiz Ferreira de França (técnico em eletrônica), que, desejosos de trazer a modernidade para a cidade do Padre Cícero, começaram a articular a instalação de uma torre que pudesse transmitir uma estação de televisão. A ideia era captar o canal da TV do *Jornal do Comércio*, de Recife-PE (CASIMIRO, 2000, p. 183-187). Conforme relata Casimiro, filho de um dos idealizadores do projeto, antes da decisão de instalar a torre no alto da colina do Horto foram feitas duas tentativas, uma delas numa casa residencial e outra em Caririaçu, na Serra de São Pedro.

Frustrada a tentativa de instalação em Caririaçu, buscou-se um lugar em Juazeiro. Os técnicos, ao conhecerem o alto da colina do Horto, identificaram ali o melhor local para a captação das imagens televisivas. O então prefeito de Juazeiro, entusiasmado em trazer a modernização para o município ao transmitir um canal de televisão, assina um contrato com uma empresa pernambucana em 7 de julho de 1965, dando início aos trabalhos de construção das quatro torres necessárias para a consecução da obra.

No entanto, para trazer o moderno, fazia-se necessário demolir os ícones que representavam o passado. Dessa forma, o lugar escolhido para instalar a antena foi em frente ao casarão do Padre Cícero, sendo indispensável para isso

[...] a retirada de diversas e frondosas mangueiras: a derrubada do velho tambor —árvore que conferia um aspecto inconfundível, visto de várias partes do Cariri; a remoção das últimas ruínas da igreja do Horto; [...] a demolição da casa dos milagres — antiga moradia do Beato; a remoção do velho cruzeiro que ficava em frente à capela (CASIMIRO, *Op. cit.*, p. 186).

No ímpeto do progresso, a prefeitura, comerciantes e parte da população do Juazeiro não titubearam em destruir o lugar onde homens e mulheres devotos vivenciavam seu mergulho no sagrado, reconhecendo naquele espaço a memória e a presença do seu “padrinho Cicho”, lá buscando refrigério, oração e descanso. Depois de atravessarem as muralhas de pedra, rezavam na capela do Bom Jesus do Horto, do beato Elias, bebiam água dos potes do casarão e abrigavam-se à sombra do pé de tambor para contemplar o vale do Juazeiro e repousar onde o sacerdote os reunia para rezar e aconselhar. O projeto, orçado em 20 milhões de cruzeiros, foi posto em prática: comprou-se material, levou-se energia elétrica para o alto do Horto e iniciaram-se os trabalhos de instalação das antenas.

A primeira transmissão do canal 2 da TV Jornal do Comercio ocorreu em 25 de outubro de 1965, empolgando parte considerável da população de Juazeiro, embora a maioria, aquela que não dispunha de um televisor, não pudesse usufruir do conforto da modernidade.

O impulso modernizante da administração municipal é denunciado pela professora Luitgarde Barros, em sua dissertação de mestrado defendida em 1980 e publicada em livro anos mais tarde, como um

[...] ataque ao universo do Padre Cícero, não pelas armas, como ele temeu até a morte; mas, subliminarmente, pelos mecanismos do progresso, pela deculturação de um mundo que luta pela própria preservação, pelo culto de seus santos, pela proteção de seu padrinho (BARROS, 2014, p. 339).

Renato Casimiro relata que quando seu pai viu na cópia xerografada da dissertação da professora Luitgarde Barros a denúncia de que aquela iniciativa representava um ataque ao universo religioso do Padre Cícero, foi tomado por um imenso sentimento de angústia e tristeza. Não por causa da pesquisadora ou do que ela denunciava, mas, sim, por ter-se dado conta de que ele, como devoto e defensor do sacerdote, poderia ser um dos responsáveis pelo apagamento dos seus rastros.

Enquanto uma parcela da população juazeirense se orgulhava da chegada do “progresso” e da “modernidade”, os devotos que circulavam naquele ambiente, para eles sagrado, choravam e lamentavam a destruição da memória do Padre Cícero. Dona Josefá dos Santos, 51 anos, natural de Alagoas, veio morar no Horto no mesmo ano em que derrubaram a árvore sagrada. Diz a alagoana:

[...] mais tarde que a gente vai levar castigo. Já tamo levando. Ói, tá fãrtando o quê? Inverno. Ele disse que cortar, acabar cum essa mata aí, o inverno incurta. É! E já cortaram esse pé ali, né? Cabaram cum pé de Tambor, que foi que ele deixou. Esse pau que nasceu aí, esse pé de Tambor, né? Cabaram. Acabaram o que ele deixou. Ói, cadê a chuva? E noutos canto chove, diz que é invervão. Nos outos canto aí por redor. E aqui, a chuva é chuuiu... Vai s'imbora. E tudo aí é castigo.

Apesar de muitos habitantes do Horto, naquela ocasião, não reagirem no sentido de impedir o corte do pé de tambor, acreditam, mesmo nos dias atuais, que o Padre Cícero castiga aqueles que agrediram seu espaço sagrado, infligindo-lhes sofrimento, seca e fome. O lamento pela derrubada da árvore também é expressado nos versos do poeta popular Sebastião Batista Ramos:

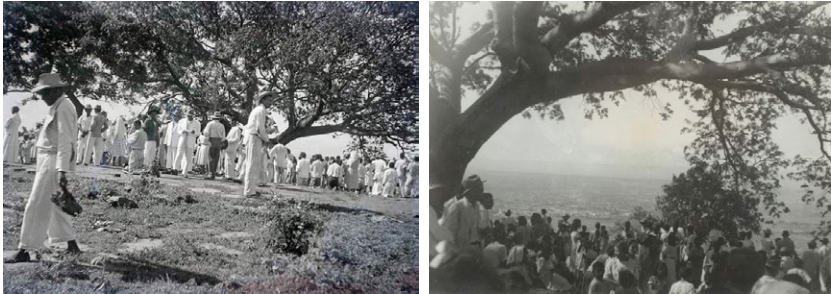
Romeiro que vem de fora  
Trazendo a alma contrita  
Quando faz uma visita  
No Horto, sem querer, chora



Desgostoso vai embora  
Com um imenso amargor  
Chega aonde é morador  
Avisa a todo romeiro  
No Horto do Juazeiro  
Cortaram o pé de tambor

Aqueles que presenciaram o corte da árvore em cuja sombra o sacerdote os recebia para rezar o rosário, aconselhar, abençoar, acreditavam que, em cada golpe desferido, as folhas da velha árvore choravam.

**Figura 10** - Romeiros à sombra do pé de tambor que foi cortado para a instalação da torre de TV



**Acervo:** Renato Casimiro e Daniel Walker  
Fotos de Raymundo Gomes de Figueiredo, 1942.

Na esteira desse processo, além do pé de tambor, outro ícone da religiosidade do povo devoto do Padre Cícero tombou literalmente: a chamada “capelinha do Bom Jesus do Horto”, construída pelo beato Elias no início do século XX a partir de uma promessa feita pela mãe do sacerdote. Com a construção da igreja dedicada ao Sagrado Coração de Jesus proibida, a capelinha tornou-se o lugar no qual os devotos se reuniam para orar, conforme registro de Raymundo Gomes de Figueiredo, na década de 1940:

**Figura 11** – Romeiros na capela do Bom Jesus do Horto construída pelo beato Elias



**Acervo:** Renato Casimiro e Daniel Walker  
Fotos de Raymundo Gomes de Figueiredo, 1942.

Ainda que não tenham esboçado nenhuma reação — assim como na destruição das ruínas da velha igreja —, violenta ou organizada, os devotos, porém, recolheram lascas do tronco, restos da folhagem e das raízes para guardar como lembrança ou para preparar remédio. Afinal, tratava-se de uma árvore sagrada, pois tudo que habitava no Horto assim o era para quem acreditava (CARVALHO, 1998, p. 28).

Sobre tal episódio, diz Oliveira (1969, p. 63): “[...] se aguçamos o ouvido, ouviremos, nas quebradas da Serra, o eco dos golpes do machado num protesto doloroso contra os que destroem para construir e não constrói”.

Na imprensa, as narrativas em torno do corte do pé de tambor reverberaram em tom de deboche, de escárnio:

FOFOCAS E PADRE CÍCERO — No meio de tanta fofoca política [...] ocorre um caso singular. Em Juazeiro, estavam fazendo testes para a televisão do Recife. A imagem estava chegando, às vezes boa, mas, às vezes, com defeito. Foi então, quando surgiu a palavra do técnico, dizendo uma arceira, em frente à igreja

do Horto, estava interceptando a imagem. A igreja do Horto foi começada a construir há muitos anos pelo beato Lourenço, e a Santa Sé impediu o término da obra. Agora, mandaram cortar árvore em frente às ruínas da igreja, e a imagem da televisão desapareceu de uma vez. Os beatos voltaram à carga, dizendo que a árvore havia sido plantada pelo Padre Cícero, e que isto era castigo. No dia seguinte, não havia um galho sequer da frondosa árvore. Os beatos haviam recolhido todos como lembrança (*Correio Brasiliense*, Nº 1642, 07/10/1965, p. 03).

O entusiasmo pelo progresso esbarrou em algumas questões de ordem prática. Segundo Casimiro (*Op. cit.*, p. 187-188), transcorridos seis meses de instalação, poucas casas tinham adquirido o aparelho de TV. Além disso, a torre instalada no Horto não era suficiente para captar uma transmissão de qualidade devido à longa distância entre Juazeiro e Recife e, por fim, a manutenção, feita com componentes caros e frágeis, que não eram encontrados na cidade, tinham que vir de fora, fato que demandava interrupções na difusão das imagens por longos períodos.

Se naquelas circunstâncias as torres de TV instaladas no Horto eram insuficientes para proporcionar aos juazeirenses o prazer de assistir a uma programação televisiva de qualidade, a derrubada do pé de tambor significou mais um ataque ao universo religioso dos devotos do Padre Cícero.

### **3.2. “AQUI SERÁ CONSTRUÍDO UM DOS MAIORES MONUMENTOS DO MUNDO”: A estátua do Padre Cícero no alto do Horto**

Dois anos depois do corte do pé de tambor, outra intervenção inovadora na colina do Horto é realizada: a construção de uma estátua do Padre Cícero em tamanho gigante, no mesmo lugar em que fora começada a igreja do Sagrado Coração de Jesus. Para os devotos do sacerdote, com a edificação de uma escultura em sua homenagem se cumpria mais uma profecia do Padre Cícero, pois

ele teria dito aos mestres que trabalhavam nas obras da igreja: “Aqui será construído um dos maiores monumentos do mundo”.

Walter Barbosa, em artigo publicado no *Diário de Pernambuco* intitulado “E o Padre Cícero falou”, classifica a escolha do Horto para a construção do monumento como uma “[...] feliz coincidência e notável contradição”. Para o autor, houve uma

[...] coincidência por ter o Padre Cícero dito que naquele local seria erigido um dos maiores monumentos do mundo; não foi o templo, mas a sua estátua. Contradição porque, se o prelado soubesse que tal monumento seria, no futuro, a estátua do padre, a igreja teria sido feita se o Padre Cícero adivinhasse que o monumento, em apreço seria a sua estátua. [...] como diz o adágio popular que “O HOMEM PÔE E DEUS DISPÕE”, o santuário foi iniciado e demolido, para dar lugar a uma obra de arte que ocupa, segundo afirmações, o terceiro lugar no mundo (Nº 256, 04/11/1969, p. 10).

A ideia de construir a estátua surgiu em 1967, quando assumiu a prefeitura de Juazeiro do Norte (1967-1970) o barbalhense e autodeclarado devoto do Padre Cícero, José Mauro Castelo Branco Sampaio. Em depoimento num documentário sobre a sua construção, disse o gestor:<sup>17</sup>

[...] Logo que tomei posse no segundo ou terceiro dia, recebi a visita de um beato, chamado beato da Cruz. Esse beato eu só recebi esta vez e nunca mais

---

17 Outra versão sobre a ideia de se construir uma estátua do Padre Cícero no alto do Horto é dada pelo ex-assessor do prefeito Mauro Sampaio, Aldemir Sobreira, em entrevista ao blog História do Juazeiro, no qual conta que:

Certo dia, no início da sua gestão, Mauro deu-me uma carona e durante o trajeto até a prefeitura me disse que um beato havia dado uma sugestão para construção de uma herma lá no Horto. Seria uma forma de homenagear o Padre Cícero.

— O que você acha disso?

— Que herma,\* que nada Doutor Mauro! Meu “padim” merece mais do que um simples busto lá no Horto. Vamos construir é um monumento! Você tem todas condições para realizar uma obra capaz de ser um ponto de referência da gratidão do povo de Juazeiro ao seu grande benfeitor; mais do que um projeto turístico de grande enver-

o vi. Ele era moreno, estatura mediana, magro, vestia uma bata e uma cruz nas costas bem grande, era a figura dele. Ele disse: — Dr. Mauro, eu queria que o senhor construísse um cruzeiro. Eu disse: um cruzeiro, beato? Sim, um cruzeiro. Eu disse: Oh! Beato! Já tem tanto cruzeiro neste país, por que não vamos construir a estátua do Padre Cícero? Aí, ele sorriu e disse: Outros me prometeram o cruzeiro e não fizeram, quanto mais a estátua do meu padim!<sup>18</sup>

Decidido em erguer o monumento, Mauro Sampaio procurou, em Fortaleza, um escultor; porém, não obteve resultado nesse sentido. Numa exposição de artes plásticas na Faculdade de Filosofia do Crato — atual Universidade Regional do Cariri —, o jornalista juazeirense Aldemir Sobreira conheceu o artista visual pernambucano Armando Lacerda, um dos premiados da mostra. Ao indagar se aceitaria o desafio de construir uma estátua em homenagem ao Padre Cícero, o jovem escultor aceitou imediatamente.

No segundo semestre de 1967, o prefeito enviou o projeto de construção à Câmara Municipal. Na mensagem, disse o seguinte: “[...] ao tomar a decisão de erigir uma estátua do fundador desta cidade, não me animaram sentimentos subalternos, e sim, o desejo de perpetuar a lembrança do grande apóstolo do Nordeste” (*Diário de Pernambuco*, Nº 259, 05/11/1967, Caderno 3, p. 10).

Aprovado por unanimidade, em 16 de novembro de 1967 foi dado início às obras da estátua. Dada a dificuldade de acesso ao alto da colina, optou-se por construí-la em blocos num galpão

---

gadura, capaz de eternizar na memória regional a gratidão dos juazeirenses e de todos os romeiros... — Estava tão entusiasmado com a ideia que quase fiz um discurso!

— É claro!

— Que nada Mauro, quanto a isso, o Gumercindo Ferreira tira de letra. Na base da administração direta.

— Você tem quem faça o projeto?

— Ainda não, mas isso é fácil. Na próxima viagem a Fortaleza, vamos atrás de um escultor e está tudo resolvido. Você vai ver. Não conseguimos encontrar nenhum escultor disponível em Fortaleza. Fonte: <http://historiadejuazeiro.blogspot.com/2011/05/historia-da-construcao-do-monumento-de.html>. Acesso em: 13 maio 2022.

18 Fonte: TV Padre Cícero, Juazeiro do Norte-CE. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=rCIWQSFYDE&ab\\_channel=WeltonMoura](https://www.youtube.com/watch?v=rCIWQSFYDE&ab_channel=WeltonMoura). Acesso em: 14 nov. 2021.

na rua São Francisco, sendo estes posteriormente transportados para o Horto, onde recebiam os ajustes finais para a subsequente montagem. O pensamento inicial de construir uma estátua com sete de altura foi sendo alterado ao longo do tempo. Passou para 12 metros até que se decidiu: teria 17 metros, com oito metros de base. Os cálculos do monumento ficaram sob a responsabilidade do engenheiro Rômulo Ayres Montenegro.

Jornais de todo o país publicaram em suas páginas manchetes anunciando o fato. No *Jornal do Brasil*, publicado na capital federal, circulou a informação: “JUAZEIRO DO NORTE ERGUERÁ MONUMENTO DE 24,8 METROS HOMENAGEANDO O PADRE CÍCERO”.

FORTALEZA (Correspondente) - Juazeiro do Norte erguerá na Serra do Catolé, na elevação conhecida como Horto, o maior monumento do Norte e Nordeste, que será uma homenagem da prefeitura municipal ao legendário Padre Cícero Romão Baptista, que com o correr do tempo se transformou num símbolo do Cariri. A estátua, que será executada pelo escultor pernambucano Armando Lacerda, pesará mais de 200 toneladas e terá 24,8 metros de altura (o corpo medirá 16,8 metros e ficará sobre um pedestal de oito metros), correspondendo a um edifício de cinco andares. Será vista das cidades de Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha e Caririaçu.

#### FÉ E TURISMO

A obra representa o espírito místico que caracteriza a região, que se acentua mais com as levas deromeiros e curiosos. Ficarà perto da capela consagrada como o “local santo” em que o Padre Cícero dizia as orações particulares.

A imprensa ressalta o objetivo turístico e econômico que subjaz a construção do monumento. No *Diário de Pernambuco*, o correspondente Carlúcio Pereira, em matéria sobre a aprovação do projeto pela Câmara Municipal, o sintetiza como manchete: PONTO TURÍSTICO DE JUAZEIRO GANHA ESTÁTUA DO FUNDADOR DA CIDADE.

Além da construção da estátua, havia a proposta de se fazer uma série de beneficiamentos na estrutura do Horto, conforme informa a notícia publicada no *Diário de Pernambuco*:

[...] A Prefeitura do Juazeiro do Norte, no interior do Ceará, já empregou cerca de 50 mil cruzeiros novos na estátua do Padre Cícero que está sendo construída no Horto e que será um dos pontos de atração turística. A estátua está sendo implantada no cume da serra e será circundada por vários jardins, praças, “playground”, além de outras atrações. O monumento do taumaturgo do Nordeste, é considerado o segundo do Brasil, somente sendo inferior, ao famoso Cristo Redentor da Guanabara (Nº 110, 12/05/1968).

Contudo, a requalificação com jardins, praças e outras atrações ficaram somente no papel, uma vez que, um ano após a inauguração da estátua, Mauro Sampaio renunciou ao seu mandato em 7 de agosto de 1970, assumindo o vice, José Teófilo Machado. Os trabalhos de construção duraram dois anos, sendo marcada a inauguração para o dia 1º de novembro de 1969, período em que acontece uma das maiores romarias de Juazeiro, a de Finados.

Para a festa alusiva àquele momento, instituiu-se uma comissão central formada por José Gondim Lóssio, Aderson Borges de Carvalho, João Batista Menezes Barbosa, Vicente Nunes Magalhães, padre Francisco Murilo de Sá Barreto, Luís Bezerra de Sousa, padre Murilo Domingues (SDB), padre Antônio Onofre de Alencar, Frei Sabino do Buriti e Edval Vieira de Almeida (*Diário de Pernambuco*, Nº 224, 27/09/1969, p. 15).

**Figura 12** - Convite para inauguração da estátua do padre Cícero no alto do Horto



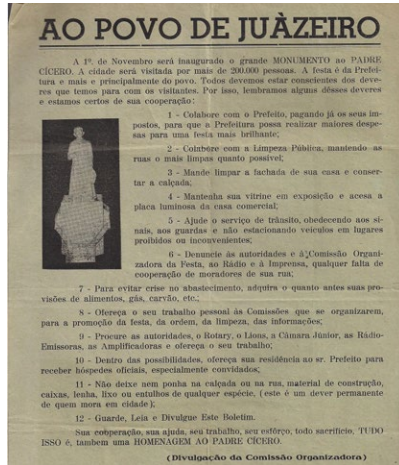
**Acervo:** Acervo Renato Casimiro/Daniel Walker.

Convites foram enviados a autoridades políticas, militares, religiosas, como também a intelectuais e escritores. Uma ilustre convidada, a escritora cearense Rachel de Queiroz, embora não tenha comparecido ao evento, em agradecimento escreveu um artigo com o título “Estátua do Padre Cícero”, no qual ressalta a biografia do sacerdote, sua história e o que considera uma justa homenagem. Ao justificar sua ausência, afirma: “[...] faltei à festa, mas, não vejo a hora de chegar até o Juazeiro, tomar a benção do Meu Padrinho, agora com o seu vulto erguido sobre o imenso vale do Cariri, continuando o seu pastoreio da terra e do povo” (*Diário do Paraná*, Nº 4291, 05/01/1969, Segundo Caderno, p. 02).

A cidade de Juazeiro se prepara para o grande dia. Além da comissão central, foram constituídas diversas subcomissões que ficariam responsáveis pelos detalhes mais locais da festa. A expectativa era de receber o dobro de romeiros.



**Figura 13** - Panfleto à população de Juazeiro com orientações sobre festa de inauguração da estátua



**Acervo:** Renato Casimiro/Daniel Walker.

Durante a preparação, uma questão preocupou os organizadores: a falta de estrutura quanto ao acesso e ao próprio espaço no alto da colina do Horto. A única possibilidade de chegar ao local, a chamada ladeira do Horto, embora tenha sido pavimentada no início da década de 1960 durante o governo de Virgílio Távora (1963-1966), não era considerada uma via segura para receber a multidão de pessoas que se aguardava, tampouco oferecia conforto para as autoridades convidadas.

No intuito de solucionar o problema, ainda no decorrer de edificação da estátua, a comissão central solicitou ao governo estadual (DÆR) a construção de uma nova rodovia até o cume da colina do Horto, conforme relata um dos organizadores:

[...] Entendimentos já foram iniciados entre a municipalidade juazeirense e o Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem para a construção de uma rodovia de emergência ligando a zona urbana de Juazeiro ao local onde se ergue a estátua. O sr. José Læerte de Araújo, chefe da 2ª residência do DÆR, sediada em Crato, já está efetuando os estudos preliminares, visando à realização da obra (*Diário de Pernambuco*, Nº 224, 27/09/1969, p. 15).

No entanto, os trâmites burocráticos não permitiram, em tempo hábil, a abertura da nova estrada, sendo esta efetivamente construída somente na década de 1980. A solução encontrada foi realizar a festa e a inauguração do monumento embaixo, no largo da Matriz de Nossa Senhora das Dores.

Desse modo, em 1º de novembro de 1969, milhares deromeiros e diversas autoridades encontraram-se em Juazeiro para homenagear o Padre Cícero. Segundo o correspondente do jornal *Diário de Pernambuco*, jornalista Jota Alcides, a programação foi a seguinte:

17h - missa oficiada pelo Monsenhor Benício de Barros Dantas Melo, vigário de São Miguel dos Campos, Alagoas.

19h - começaram chegar as autoridades — Governador em exercício, general Francisco Humberto Ferreira Ellery; secretários de Estados, comandante da 10ª Região Militar, general Luiz Serff Sellmann; presidente do Tribunal de Justiça, dr. José Maria Queiroz; Dom Vicente de Araújo Mattos, bispo do Crato; padres de vários estados nordestinos e, inclusive, do Rio e São Paulo; deputados federais e estaduais; Polícia Militar do Ceará; vereadores do Município; todos os prefeitos da região do Cariri e algumas cidades de outros estados; outros convidados e pessoas de destaque do mundo sócio-político

20h e 20min - O governador em exercício, Francisco Humberto Ferreira Ellery, comandante da 10ª Região Militar, general Luiz Serff Sellmann, o bispo da Diocese do Crato, Dom Vicente de Araújo Mattos e presidente do Tribunal de Justiça, dr. José Maria Queiroz, acionaram o controle remoto, acendendo os refletores que iluminaram o Padre Cícero. Calorosos aplausos partiram do povo, num momento de contagiante emoção (Nº 256, 04/11/1969, p. 10).

Após a solenidade, iniciou-se a festa popular, com um espetáculo pirotécnico que iluminou toda a cidade no movimento de girândolas de fogos durante 20 minutos, sob o olhar emocionado

e admirado da multidão presente. Em seguida teve um festival de violeiros, com a participação de artistas de todo o Nordeste.

As festividades de inauguração tiveram significativa transmissão midiática, com a participação de jornalistas de Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju e dos principais jornais do Rio e São Paulo.

O conglomerado jornalístico Diários Associados, do paraibano Assis Chateaubriand, deu ampla cobertura ao evento, enviando o repórter Glauco Carneiro para produzir as matérias que seriam veiculadas nos periódicos pertencentes ao grupo. Chegando a Juazeiro do Norte dias antes da inauguração, o mencionado jornalista entrevistou romeiros, autoridades políticas e religiosas, pessoas que conheceram e conviveram com o sacerdote, escritores etc.

O conteúdo produzido e publicado no vespertino carioca *O Jornal*, por exemplo, apresentou como título “PADIM CÍCERO - A estátua do Mito”. O texto fala da crença dos romeiros, um pouco da biografia do sacerdote, da economia e cultura da cidade:

[...] O Padre Cícero dos nossos dias, mais do que ontem, não é só — como o designaram os admiradores e adversários — “o santo”, “o fanático”, “o patriarca”, “o chefe de bandidos”, “o político”, “o sacerdote desviado da igreja”. É atração turística. É fonte de renda (Nº 14779, 30/11/1969, p. 5).

Descrevendo sua impressão ao avistar, ainda do avião, a Serra do Horto, diz que

[...] A estátua é mais desconcertante do que a do Cristo Redentor. Surge do alto da colina escalpelada, pobre e adusta, como a presença do concreto e do ferro fixando velhas emoções. Não lembra, como o Cristo Redentor — a quem é superior como obra artística e detalhe — nada daquele otimismo irradiante que a beleza do Rio condiciona. É quase como uma afirmação de posse. Sólida, séria, inamovível,

senhora da vida e da morte dos romeiros. E a terra é amarela, agressiva.

Entre as fotos publicadas na matéria, uma é da recém-inaugurada estátua e outra traz uma visão panorâmica do alto da colina — feita provavelmente do avião — onde se vislumbra, além do enorme monumento, o casarão do Padre Cícero. As matérias jornalísticas, em sua maioria, traziam um registro da estátua e uma breve biografia do sacerdote, com destaque para a fama que lhe conferiu notoriedade e prestígio advindos dos milagres ocorridos com a beata Maria de Araújo, além de sua peculiar atuação política.

Boa parte do que a imprensa produzira acerca da construção e inauguração da estátua pode ser inserido, assim como toda a vasta bibliografia a respeito do sacerdote, no campo maniqueísta: ora as romarias são interpretadas como frutos do fanatismo, da ignorância e do misticismo construído e incentivado pelo Padre Cícero; ora ressaltam suas qualidades enquanto líder religioso e político, fundador de Juazeiro, bom sacerdote etc.

Os temas abordados iam das questões relacionadas às dimensões gigantescas do monumento, tratando-o como a “Terceira maior estátua do mundo” (*Jornal do Brasil* - RJ, Nº 180, 04/11/1969, p. 23); “Um dos maiores monumentos do mundo” (*Diário de Pernambuco*, Nº 256, 04/11/1969, p. 10), ao potencial financeiro e econômico do empreendimento: “ESTÁTUA DE PADRE CÍCERO CUSTOU CEM MILHÕES” (*Diário de Pernambuco*, Nº 224, 27/09/1969, p. 15).

A imprensa também não se privou de noticiar tentativas de golpe:

#### QUADRILHA ARRECADA DINHEIRO ESTÁTUA DO PADRE CÍCERO:

[...] Notícias procedentes de Maceió dão conta que uma quadrilha está percorrendo as principais cidades nordestinas e arrecadando quantidades fabulosas para a construção de uma grande estátua do Padre Cícero em sua cidade Natal, Juazeiro do Norte. [...] Por sua vez, o prefeito de Juazeiro do Norte, desmentiu que tenha comissionado quem quer que seja

para arrecadar fundos (LUTA DEMOCRÁTICA - RJ, 22/01/1969, p. 4).

Outro elemento bastante presente nas narrativas é a apresentação do monumento como instrumento dinamizador do turismo. Neste aspecto, é comum encontrar frases nas quais o Horto é qualificado como “[...] ponto turístico de visitaç o obrigatória de nossos visitantes” (*Diário de Pernambuco* - N  259, 05/11/1967, Caderno 3, p. 10).

Em outra matéria do mesmo periódico, documentando o desenvolvimento da festa de inauguração, o jornalista juazeirense Jota Alcides avalia o monumento como uma ATRAÇÃO TURÍSTICA ao afirmar que, com a instalação da estátua, Juazeiro do Norte

[...] terá agora mais ainda a sua projeção e dada a sua grandeza e originalidade, apresenta-se como uma atração turística de destaque para o País, já que está colocado em terceiro lugar dentre os monumentos existentes nas Américas. No roteiro turístico nacional, Juazeiro do Norte, a progressista cidade do Cariri cearense, está destacada agora com o Padre Cícero de 25 metros, erguido no pico do Alto Horto, modernamente iluminada, num lugar por demais agradável e convidativo de onde pode observar-se um belo panorama do verde Vale do Cariri (N  256, 04/11/1969, p. 10).

Infelizmente, não é feita menção nenhuma   religiosidade dos romeiros, ao aspecto místico do Horto, aos beatos, enfim, aos devotos do Padre Cícero que circulavam e viviam naquele lugar, crentes de que ali o espaço se configurava como sagrado, a morada eterna do sacerdote. Ao contrário, destaca-se apenas a perspectiva do clima e de o lugar ter uma visão privilegiada do Vale do Cariri — portanto, um ambiente para o turista ver.

A inauguração da estátua trouxe uma multidão a Juazeiro do Norte. O correspondente do *Diário de Pernambuco* Jota Alcides informou que, durante a semana da romaria de Finados daquele

ano, o DETRAN montou postos de fiscalização nas estradas com o propósito de saber, com precisão, o número de pessoas que entrava na cidade. Algo em torno de 300 mil pessoas de acordo com o órgão.

Em outra matéria publicada no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, escrita pelo enviado especial Rangel Cavalcanti, diz-se que, segundo o “[...] Clube de Serviço de Juazeiro, havia cadastrado a entrada na cidade de 125 mil pessoas, transportadas em 6.100 veículos, desde caminhões a automóveis de último tipo” (Nº 180, 04/11/1969, p. 23).

A verdade é que, embalada pela notícia alvissareira da inauguração no Horto, a romaria teve um significativo acréscimo de romeiros, além dos muitos que vieram aguçados pela curiosidade ou para trabalhar (jornalistas, estudiosos, políticos etc.).

O aumento do fluxo de pessoas, conseqüentemente, incrementou o comércio local e da região como um todo. Apesar de muitos romeiros terem condição financeira precária, vários deles trazendo até o próprio alimento, dormindo sob as árvores ou em redes armadas debaixo dos caminhões (*Jornal do Brasil*, *Op. cit.*), os gastos durante os quatro dias do evento religioso foram de cerca de 3 (três) milhões de cruzados novos, gerando aos cofres públicos 300 mil cruzados ao Imposto de Circulação de Mercadoria (ICM).

Em Juazeiro, por exemplo, os hotéis e pensões existentes tiveram sua capacidade máxima totalmente ocupada, levando muitos que vieram à festa a hospedarem-se nas cidades vizinhas, como Crato e Barbalha. No comércio, os armazéns “[...] venderam todo o estoque de rapadura e farinha. O gás teve pouco consumo, pois a maioria dos alimentos não precisava ir ao fogo, como pão, farinha, rapaduras e frutas, estas últimas vendidas a preços extorsivos” (*Jornal do Brasil*, *Op. cit.*).

Também a Igreja Católica, mesmo não tendo informado sua arrecadação, se viu bastante beneficiada com o movimento. Comentários dão conta de que era possível ver “[...] os padres juntando moedas com pás, diante da grande quantidade de dinheiro

colocado no monumento do padre, nos cofres das igrejas e em outros locais pelos romeiros” (Jornal do Brasil, *Op. cit.*). O sucesso financeiro trazido com a inauguração da estátua foi tão colossal que animou o prefeito, Mauro Sampaio, a criar a Secretaria de Turismo de Juazeiro do Norte naquele mesmo ano.

A estátua passou a ser considerada o ícone, o cartão-postal, a identidade visual não só da cidade de Juazeiro do Norte, mas, igualmente, de toda a região do Cariri cearense, passando a ser usada pelos poderes público e privado tanto em nível municipal, quanto regional e estadual, pelo comércio e indústria, imprensa, em propagandas e em matérias referentes ao município e ao seu patriarca, tanto nos aspectos religioso, cultural, social, econômico etc.

A estátua do Padre Cícero avolumou a quantidade de romeiros de forma expressiva, ampliando com a mesma força o comércio no alto do Horto, que sempre existiu, porém, de forma sazonal, fazendo surgir uma notável diversidade de atividades informais: fotógrafos, vendedores de souvenir, pedintes, soltadores de fogos, instalação de barracas (geralmente feitas de papelão, flandres e palha) que vendiam desde bijuterias, remédios caseiros e homeopáticos, a discos, roupas, lembrancinhas, imagens de santo, entre outros, e bares, que ao som alto de músicas “[...] profanas, vendiam bebidas alcoólicas”.

Por outro lado, esse processo atraiu também outro tipo de público, qual seja, aquele que subia a colina com outros fins, tais como beber, fazer uso de drogas ilícitas, namorar e mesmo na época das romarias, assaltar e roubar, conferindo outra dinâmica ao lugar que passava, cada vez mais, a agregar um aspecto que amalgamava o sagrado e o profano (ELIADE, 1992).

Outra consequência foi a crescente urbanização, com a venda de loteamentos e terrenos localizados no entorno do perímetro em que estavam edificadas o casarão e o recém-inaugurado monumento do Padre Cícero.

### 3.3. UM NOVO PROJETO DE URBANIZAÇÃO DO HORTO: A construção da praça, barracas, banheiros e estacionamento

A rápida urbanização e o crescimento do comércio informal no alto do Horto não se deram de forma organizada e regulamentada pelo poder público nem pela Congregação Salesiana, proprietária das terras que circunscvem aquela colina. Estes se limitavam a celebrar missas na capela do casarão e cobrar, dos vendedores ambulantes e barraqueiros que se estabeleciam no local, uma taxa que era recolhida por leigos indicados pelos padres, como o Sr. Severino José da Silva, que, de 1959 até 1960, recebeu do diretor do Horto, padre Gino Moratelli, a incumbência de administrar junto aos demais comerciantes as vendas no local, assim como recolher o pagamento do percentual devido aos salesianos.

Sem assistência por parte do poder público municipal, sem o cuidado dos donos da terra e com a intensificação do número de indivíduos que se dirigiam ao Horto movidos por interesses nem sempre religiosos, o sagrado e o profano passaram a coexistir no mesmo espaço, numa espécie de caldeamento entre o perfil religioso e místico e os chamados “prazeres mundanos”, como a cachaça, a dança, a festa, o negócio etc. Este inusitado contexto suscitou em muitos um profundo sentimento de revolta, gerando protestos para com aquilo que entendiam ser desrespeitoso em relação ao lugar onde o Padre Cícero viveu momentos importantes de sua vida.

As reclamações chegaram à imprensa através de notícias que denunciavam o estado de abandono e miséria ali presentes e constantes. Em 7 de março de 1988, no *Diário do Nordeste*, circula a denúncia dos casos de “BADERNA NO HORTO”:

[...] Quem foi ao Horto com intuito de fazer oração, deparou-se com bebedeiras, desrespeito e cenas não compatíveis. [...] A cada ano aumenta o desrespeito nos locais onde o Padre Cícero meditava e rezava pedindo a Deus pelos nordestinos, reclamam os romeiros. Bebedeiras, músicas profanas, práticas de sexo quase que em via pública, roubos, exploração, desatenção nas horas dos sermões e tantos outros desrespeitos.



O final da matéria traz a fala do Secretário de Cultura, Abraão Batista, que justifica a situação alegando que, por serem as terras do Horto de propriedade particular, pertencente aos padres salesianos, a “[...] municipalidade nada pode fazer para controlar a área, nem ao menos tentar urbanizá-la”.

Em 18 de janeiro de 1990, o jornal *Tribuna do Ceará* publica mais uma denúncia do “estado de miséria” da colina do Horto, reivindicando a “[...] necessidade de construção de banheiros públicos e sanitários para atendimento da demanda”.

No mesmo ano, o *Diário do Nordeste* volta ao tema denunciando a situação em que se encontrava a estátua, dentre outros fatos: “[...] o monumento vive no mais completo abandono, sem se falar na promiscuidade, vandalismo e exploração nos arredores da estátua [...] com a presença de espertalhões e [...] um número de pedintes nunca visto” (26/10/1990).

As denúncias vinham, principalmente, de grupos e associações que atuavam na pesquisa e cultura de Juazeiro do Norte. Em uma audiência entre representantes do Instituto José Marrocos de Pesquisas e Estudos Socioculturais do Cariri (IPESC) e artistas da Associação Amigos da Arte (AMAR) com o prefeito Carlos Cruz, discutiu-se o estado de abandono e descaso do alto do Horto com diversas sugestões para melhorias na área, ficando acertado que o gestor municipal proporia uma reunião com os salesianos para discutir uma forma de intervir na localidade.

Dois meses após a audiência, foi apresentado um projeto de urbanização:

#### URBANIZAÇÃO DO HORTO ENVOLVERÁ CERCA DE 200 MILHÕES

[...] O arquiteto Jorge Mauro Soares Lins atendendo solicitação do prefeito Carlos Cruz, juntamente com a Congregação Salesiana e IPESC apresentou projeto de urbanização da Colina do Horto, medindo 23.000 metros quadrados de área urbanizada e cerca de 12.000 metros quadrados de área verde. Sanitários,

estacionamento e 79 barracas padronizadas fazem parte do projeto.

O entendimento entre a municipalidade e a Congregação Salesiana, proprietária do local deverá resolver o crucial problema de abandono, vandalismo, exploração e imundice ora existente (Diário do Nordeste - CE, 24/12/1990).

O arquiteto responsável, Jorge Mauro, residente em Juazeiro do Norte desde 1976 — na época, recém-formado —, veio trabalhar numa empresa de construção civil na ocasião. Numa entrevista concedida recentemente,<sup>19</sup> afirmou que por ter sido um projeto realizado há mais 30 anos, não dispunha de nenhum documento que pudesse comprová-lo. No entanto, lembra que havia uma discussão sobre a necessidade de se fazer uma intervenção urbanística naquele território, levando-se em conta que

[...] O comércio ambulante no Horto era caótico, as barracas, os ambulantes ficavam em volta da estátua do Padre Cícero, então, havia um conflito grande entre o religioso e o comércio. Então, havia aquela balbúrdia e os comerciantes não deixavam que osromeiros fizessem seus atos religiosos como deveriam. Teve que se tomar uma medida.

Procurado pelo prefeito Carlos Cruz, este lhe apresentou uma proposta que consistia em

[...] Tirar os ambulantes em volta da estátua do Padre Cícero e fazer um protótipo de barraca, todas elas iguais e foram colocadas no sentido longitudinal dos dois lados do acesso que dava à nova catedral que deveria ser feita posteriormente. E no espaço em volta da estátua foi feita uma grande praça, onde seria um espaço de convivência dosromeiros para as suas atitudes puramente religiosas. Também foi feito um estacionamento, porque havia um conflito gran-

---

<sup>19</sup> Entrevista realizada via WhatsApp em 07 dez. 2021.

de entre veículos e pedestres, não tinha uma hierarquização, né? Os espaços dos pedestres estavam sendo tomados pelos veículos e tivemos que alocar os veículos em um espaço definido exclusivamente para eles, para liberar o espaço para os romeiros. Também foi feito instalações sanitárias. Foi feito uma melhora muito grande, no sentido de adequação do espaço religioso que se destinava a ser a Colina do Horto, foi devolvido o espaço dos romeiros para que eles fizessem as suas atuações religiosas em homenagem ao “padim pede Ciço” e o restante dos serviços foram realocados em espaços diferenciados.

Com vistas ao financiamento pretendido, Carlos Cruz buscou a parceria da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), que, naquele momento, era coordenada pelo juazeirense Aduino Bezerra. Em entrevista ao jornal *Diário do Nordeste* (*Op. cit.*), disse que o órgão estava “[...] pronto para receber todos os projetos, inclusive os ligados ao setor de turismo”. Ainda segundo Jorge Mauro, o projeto foi executado com sucesso, embora não saiba informar se com financiamento da SUDENE ou com recursos da prefeitura.

Nos primeiros meses de 1997, o abandono e a miséria presentes no alto da colina do Horto voltam à tona através de uma longa matéria assinada pelo correspondente do *Diário do Nordeste*, o jornalista Francisco Demontier Tenório, intitulada:

O SANTO SEPULCRO É O PARAÍSO MÍSTICO DE  
BEATOS E PENITENTES  
O ALTO DA COLINA DO HORTO, EM JUAZEIRO, O  
LUGAR É SANTUÁRIO ECOLÓGICO-RELIGIOSO DOS  
ROMEIROS DO PADRE CÍCERO  
(17/05/1997, Caderno Regional - p. 6).

Citando um artigo escrito pela antropóloga Luitgarde Barros, em 1990, com o título “Salvemos o Santo Sepulcro”, no qual denuncia a destruição do que chama de “[...] último sítio histórico de Juazeiro — o único espaço do mundo dos beatos” (2014, p. 345), o

jornalista ressalta a importância mística e religiosa do Horto, afirmando ser o local o “[...] o ponto turístico dos mais importantes do Ceará e um dos mais visitados da América Latina”. Depois de consultar pesquisadores, religiosos e políticos a respeito da importância do Santo Sepulcro e do alto do Horto, denuncia a falta de zelo e preservação destes espaços sagrados.

Um dos depoentes, Abraão Baptista — cordelista e então presidente da Fundação Memorial Padre Cícero —, relembra sua infância quando ia ao “[...] Santo Sepulcro tomar banho e beber nas águas cristalinas [...]”, atribuindo a destruição do espaço e do Horto à má administração da Ordem dos Salesianos. Ao mesmo tempo, defende a intervenção do poder público no sentido de promover o “[...] desfavelamento e tombamento pela Prefeitura Municipal desse complexo histórico e turístico de Juazeiro do Norte para ser administrado pela Fundação Memorial Padre Cícero” (Diário do Nordeste, *Op. cit.*).

A reportagem reverberou de forma bastante forte na sociedade juazeirense, suscitando outras questões quanto à falta de zelo do patrimônio e legado deixados pelo Padre Cícero. Ainda no *Diário do Nordeste*, na edição de 7 de julho, outra matéria é veiculada com o seguinte título:

REACENDE DEBATE SOBRE PATRIMÔNIO DO PADRE  
CÍCERO

Ordem Salesiana é criticada pela forma como administra bens deixados pelo patriarca de Juazeiro do Norte

(07/07/1997, Caderno Regional - p. 3).

O artigo tece críticas contundentes à maneira como os padres salesianos administravam os bens históricos e religiosos do alto da colina do Horto, acusando-os, inclusive, de dificultar qualquer tentativa de negociação com o governo municipal.

Mais uma vez o presidente do Memorial Padre Cícero, Abraão Batista, faz sérias acusações aos salesianos, afirmando que não tinham nenhuma vocação turística e se prendiam “[...] à pertinên-

cia dos feirantes e ambulantes que [tomavam] conta da Colina do Horto em derredor da estátua do Padre Cícero”. Neste aspecto, relata que

[...] quando foi secretário de Cultura, propôs aos salesianos a retirada das bancas do local e ouviu deles a resposta que “cada uma que saísse representava uma perda na arrecadação”. O aumento considerável na quantidade de bancas propiciou o surgimento e constante crescimento de uma imensa favela tanto no Horto quanto no Santo Sepulcro.

Compartilhando da mesma opinião com relação à favelização do alto do Horto, o escritor e advogado Francisco de Assis Ferreira dos Santos defende a parceria entre o governo municipal e os salesianos no intento de preservar o “[...] patrimônio histórico e, também, turístico como fonte de economia [...]”, propondo uma ampla urbanização com a ampliação da área de circulação e retirada da “favela que enfeia” o Horto.

O jornal esclarece que procurou ouvir a opinião dos salesianos sobre as acusações de negligência e descaso para com o alto do Horto. Porém, somente o padre Valdemar Pereira Santos, responsável pelo local até 1990, admitiu a pertinência de algumas críticas na defesa de um entendimento entre as autoridades locais e a congregação, afirmando que “[...] o padre Valério Breda, provincial da Ordem Salesiana, estava procurando entendimentos com a Fundação Roberto Marinho para conseguir apoio com vistas à recuperação deste patrimônio”.

A polêmica teve como resultado prático a celebração de um “Convênio de cooperação técnica e institucional” entre a Inspetoria Salesiana e a Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte, com a proposição e implantação do projeto denominado “Revitalização do Horto”. Levado a cabo no início de 1998, proporcionou uma das maiores alterações vistas até então no âmbito do sagrado e no modo de vida de seus habitantes.

### **3.4. UM PROJETO PARA “REVITALIZAR” O QUE JÁ TEM VIDA: destruir o espaço místico para construir o espaço turístico?**

O projeto que teve como foco a “revitalização do Horto” foi elaborado e posto em execução no segundo mandato do prefeito Mauro Sampaio (1997-2000), motivado pela polêmica em torno do abandono e destruição do patrimônio deixado pelo Padre Cícero no alto da colina do Horto. Conhecido por ter construído a estátua do sacerdote durante seu primeiro mandato (1967-1970), Mauro Sampaio assina, em novembro de 1997, um convênio com a Inspetoria Salesiana e apresenta à sociedade a referida proposta. Denominado de “Convênio de cooperação técnica e institucional”, o documento conta com oito cláusulas. A primeira delas apresenta como objetivo a formalização e cooperação entre as partes para:

[...] implantar um projeto de revitalização, urbanização e preservação da área denominada “COLINA DO HORTO”, de propriedade da INSPETORIA [...] em cujos limites encontra-se erigida a estátua do Padre Cícero Romão Baptista, constituindo-se, o referido sítio, em santuário de visitação e concentração pública a ser revitalizado por iniciativa da PREFEITURA.

Na segunda cláusula, são elencadas 12 ações que a prefeitura deveria realizar na colina do Horto, a saber:

1. Refazer o calçamento da “ladeira antiga”, restituindo as fachadas do seu casario às características originais;
2. Restaurar e dotar de iluminação a estátua do Padre Cícero;
3. Proceder à restauração e recuperação do imóvel constituído da residência do Padre Cícero, devolvendo-lhe a configuração original, para implantar no mesmo local, um Museu de Cera ou Memorial que exibirá personagens que a frequentavam, bem como o mobiliário e utensílios que compunham o cenário original.

4. Executar projeto de urbanização da área social e de visitação da “Colina do Horto”, observando-se a harmonia arquitetônica e ambiental, restaurando alguns dos equipamentos existentes, tudo de acordo com as plantas originais, a paisagem local e vegetação da época pesquisada, preservando-se sempre a autenticidade do conjunto arquitetônico;
5. Sinalizar a via que interligará a Estátua à Capela do Bom Jesus do Horto, pontuando-a com indicações de nichos para a reflexão espiritual dos visitantes;
6. Remover, na estrita observância às normas legais, os pontos de comércio informal existentes, cadastrando-os e recolocando-os em área apropriada e delimitada, de modo a excluir do ambiente sacro as atividades profanas;
7. Construir, em local previamente indicado pela INSPECTORIA, um anfiteatro apropriado para encenações religiosas, palestras e funções litúrgicas;
8. Restaurar as defesas de pedra e a “casa de Pólvora”, marcos históricos da chamada Sedição do Juazeiro;
9. Interligar a Capela com a estrada de acesso ao “Santo Sepulcro”;
10. Promover, em uma segunda etapa, a construção de habitações para moradores locais, visando a desocupação de toda a área em atendimento às exigências sociais da população;
11. Captar recursos perante terceiros e destinar recursos próprios ao financiamento dos objetivos deste Convênio, assumindo a exclusiva responsabilidade pela execução, eventuais contrapartidas e quitação dos projetos;
12. Promover a manutenção dos logradouros e equipamentos da “Colina do Horto”.

Foram definidas, ainda, algumas outras demandas: cada ação da prefeitura teria de ser submetida à Inspeção Salesiana com base no projeto constando um plano de trabalho, metas, cronograma e fonte dos recursos financeiros, com a observação de que todas as despesas (dívidas trabalhistas, impostos etc.) dele decorrentes seriam de responsabilidade da administração municipal.

Estabelecido o convênio, a prefeitura contratou a empresa Jório Cruz Arquitetura & Consultoria S/C Ltda, com sede na cidade de Recife. Segundo depoimento de Jaqueline Sampaio,<sup>20</sup> filha do então prefeito e coordenadora do projeto, não houve um critério específico para a escolha da referida empresa. Essa escolha se deu apenas por questões de praticidade. Naquele período, seus filhos estudavam na capital pernambucana para onde viajava com frequência, sendo-lhe mais fácil encontrar, ali, profissionais qualificados para tal empreendimento. De acordo com ela, estes não tinham conhecimento prévio ou vivência com o universo religioso de Juazeiro do Norte.

A empresa contratada apresentou ao prefeito Mauro Sampaio, em dezembro de 1997, uma minuta com as propostas de trabalho e caracterização das atividades.<sup>21</sup> Composta de 14 páginas, continha oito ações que deveriam ser consideradas. Algumas já constavam no convênio com os salesianos — a implantação de um museu vivo, melhoria do acesso —, outras despontavam como novidade: valorização paisagística da serra do Horto, fixação do marco monumental do terceiro milênio, construção de um conjunto residencial e a definição de um agente gestor do Horto do Padre Cícero.

Para cada uma delas, o documento apresenta uma descrição do ambiente e as devidas propostas de intervenção. Na primeira, revitalização do Horto, afirma-se que o alto do Horto “[...] revela-se acanhado por vários fatores urbanísticos e ambientais”, apresentando, em seguida, os elementos que contribuem para a configuração dessa realidade:

[...] Em primeiro lugar, seu agenciamento sofre consequência de uma pulverização de elementos que disputam e degradam o sistema ambiental do conjunto urbanístico. São canteiros impróprios à monumentalidade e à afluência deromeiros; pequenos monumentos (obelisco e busto) desproporcionais e

---

20 Entrevista realizada em dezembro de 2021.

21 A cópia da minuta foi disponibilizada pela coordenadora do projeto de revitalização, Jaqueline Sampaio, e faz parte do acervo “Mauro Sampaio”.



com uma implantação desfavorável ao principal interesse reinante; e, finalmente, um conjunto de árvores que quebram, definitivamente, a perspectiva visual, tanto da esplanada e da estátua do Pe. Cícero, quanto da esplêndida paisagem circundante.<sup>22</sup> A esse quadro desfavorável se acrescenta a desordenada e pouca estética distribuição de barracas de comércio, ainda mais agravada pela permanência de alguns comerciantes que nelas residem, sob evidente promiscuidade.

Para os elaboradores da minuta, a paisagem do Horto, com suas árvores frondosas, cruzeiros seculares, ícones de religiosidade popular e, sobretudo, a população composta de “pobres”, “favelada”, “promíscua”, que “enfeia”, “atrapalha”, disputa e “degrada” o lugar, representava fatores “desfavoráveis” para a constituição de um ambiente que o “turista” pudesse visitar. Com essa perspectiva, a proposta de revitalização tinha a pretensão de

[...] recuperar e valorizar a monumentalidade natural do ambiente, cujo elemento central é a estátua de Pe. Cícero, a sua antiga casa e a vista privilegiada do vale e da cidade do Juazeiro. Para isto, está prevista a construção de uma nova esplanada, em prolongamento da atual, ensejando maior espaço para os romeiros e abrigando, no espaço por ela coberto, todas as lojas do comércio informal existente. [...] Aos visitantes será assegurado mais conforto e, sobretudo, beleza e harmonia proporcionadas pelos elementos urbanísticos e arquitetônicos reinantes na grande praça.

A minuta concebe como elemento central do alto da colina do Horto apenas o patrimônio edificado, ou seja, a estátua, o casarão do sacerdote e a vista panorâmica do Vale do Cariri, desconsiderando a especificidade religiosa e o aspecto místico do lugar. Ignorava, principalmente, as pessoas, os milhares de devotos que

---

22 Grifo meu.

vivem ali e visitam o Horto em busca daquilo que lhes é sagrado, de um milagre, de conforto espiritual e da “presença” do Padre Cícero na tentativa de se integrar ao mundo dos antepassados, dos beatos.

Sem um estudo prévio acerca do aspecto religioso do Horto e sem ouvir os principais interessados, as autoridades políticas e religiosas, através de burocratas vindos de fora, sem vivência alguma com a mística de Juazeiro do Norte e com uma visão meramente econômica, propõem transformar o lugar num destino unicamente turístico.

Em 25 de julho de 1998, o prefeito reuniu-se com a imprensa, pesquisadores (alguns deles com passagem e hospedagem pagas pela prefeitura, como Luitgarde Barros, Maria do Carmo Pagan Forti, Gilmar de Carvalho), autoridades políticas, religiosas e educacionais, personalidades da elite de Juazeiro e escritores locais para fazer a apresentação do projeto. Conforme depoimentos de pessoas que compareceram à reunião, a maioria dos participantes reagiu de forma crítica, discordando e protestando contra a proposta de “revitalização do Horto”.

Mais uma vez, a voz que se manifestou em protesto foi a da professora e antropóloga Luitgarde Barros. Em artigo publicado no jornal juazeirense *A Notícia*, em 11 de agosto de 1998, ela declarou que, após ouvir e ver a exposição do que se pretendia fazer no alto do Horto, teve a clara noção do que é o “paraíso perdido”. Sua postura discordante é sintetizada no livro *A terra da Mãe de Deus: um estudo do movimento religioso de Juazeiro do Norte*, de autoria própria, publicado pela primeira vez em 1988, já estando na 3ª edição.

Barros denuncia a destruição do mundo dos beatos e o apagamento da história do Padre Cícero no alto da colina do Horto. Mostrando-se indignada com a proposta, afirma que o verbo “revitalizar” deveria significar “[...] fazer reviver antigas paisagens vitalizadas, preteridas vidas” para, em seguida, esbravejar contra a ideia de transformar o lugar de descanso e oração do Padre Cícero e seus seguidores num cenário “artificial”, declarando que

só “[...] um milagre da pós-modernidade [...] substitui homens por simulacros, a vida concreta pela realidade virtual”.

Ao expressar sua repulsa, questiona:

[...] Será que ninguém entende que este mundo é um mundo simbólico, que só vive na crença dos romeiros? Alguém já se perguntou por que quem vai à “Terra do meu Padrinho”, tem de “tocar o túmulo do santo”? Há de se tocar a cama onde ele dormiu, pisar o chão que “Ele pisou”, olhar as coisas que “Ele contemplou nos seus últimos dias na Terra”? É toda esta energia que “revigora” os romeiros vindos dos seus lugares de moradia esvaziadores de vida, para beberem a seiva da virtude, a força que eles creem terem sido deixados pelo Padre Cícero.

A despeito das críticas, Barros concordava com a necessidade de uma ação efetiva por parte da administração municipal não somente no Horto, mas em todo o município de Juazeiro do Norte, no sentido de devolver à cidade o verde vale que lhe inspirou o nome, a casa onde o Padre Cícero recebeu o desígnio de criá-lo como refúgio dos que sofrem, não deixando de ressaltar que “[...] quem sobe o Horto quer se recolher à sombra de árvores frondosas, para meditar sobre a vida “nesse vale de lágrimas”.

Nessa direção, defendeu que se fizesse um reflorestamento, um replantio das árvores antes existentes, construção de bebedouros e banheiros públicos, instalação do teatro coletivo da Paixão de Cristo encenada por José Marrocos e a beata Izabel Montezuma da Luz, melhoria dos ranchos dos romeiros, orações com as bênçãos da Mãe das Dores e do Padre Cícero, distribuição de mudas de plantas nativas como o juazeiro, pequizeiro, mandacaru, entre outras, transformando, assim, “[...] Juazeiro no centro ‘revitalizador’ da caatinga nordestina em vias de extinção”. Por fim, sugere: “[...] revitalizemos a vida, a terra e a fé dos romeiros do Padre Cícero, preservando as marcas de sua ‘passagem na terra’, antes de ir sentar lá no seu trono de glória, no céu resplandecendo junto a Nossa Senhora!”. Não obstante as críticas e sugestões de alteração

da proposta original, o prefeito comunica: “[...] nada será alterado no projeto” (*A Notícia* – Juazeiro do Norte, 28 /07/1999).

A coordenadora do projeto, Jaqueline Sampaio, afirmou que, diante das críticas, ouviu do prefeito, também seu pai, a seguinte declaração: “Minha filha, se tudo que eu tivesse de fazer na minha vida, fosse desse jeito, eu não tinha enfrentado nada”. Em vista disso, autoriza a execução da proposta tal como apresentada pela empresa Jório Cruz Arquitetura & Consultoria S/C Ltda.

Se os proponentes do projeto tiveram o cuidado de apresentá-lo a pesquisadores e personalidades, o mesmo não se deu em relação à comunidade do Horto, onde centenas de famílias viviam e comercializavam no espaço. Apesar de serem os principais interessados e impactados com as mudanças impostas, não houve nenhuma prévia reunião com os comerciantes, fogueteiros, peneiristas, fotógrafos e todos os demais que sobreviviam do próprio trabalho no alto da colina. Não havendo consulta, portanto, nenhuma escuta foi cogitada.

Segundo foi relatado durante a pesquisa de campo, os habitantes do alto da colina do Horto tomaram conhecimento do projeto por meio de boatos, do que um e outro falavam. A informação é confirmada por Jaqueline Sampaio, acrescentando ainda que apenas um cadastramento foi feito com todos que comercializavam ali. As incertezas e constante desinformação geraram na população local um clima de medo e de desespero.

Conforme o cadastramento realizado pela empresa e apresentado na minuta, existiam no Horto 180 barracas de comércio informal:

[...] a maioria delas tem, também, função residencial. A espontaneidade dessa utilização registra uma inegável promiscuidade, contraditória diante da monumentalidade do ambiente e, sobretudo, do que ele representa em termos de fé e vigor da sociedade.

A sondagem daqueles que comercializavam e moravam no Horto objetivava, segundo a minuta, a “[...] identificação da área e o tra-

tamento, do ponto de vista urbanístico e arquitetônico, que permita o assentamento dessa comunidade ainda socialmente destoante”.<sup>23</sup> Os dados coletados são apresentados, desse modo, a partir de uma visão unilateral que percebe o lugar somente como espaço de turismo, sem a tentativa de entender o amplo e profundo significado das vivências e de moradia no espaço sagrado do Horto.

### ***3.4.1 “HISTÓRIA DE MUSEU... AÍ, É A CASA DE MEU PADIM CIÇO”: O Museu Vivo do Horto***

A primeira e principal obra do projeto de revitalização do Horto foi a transformação do casarão do Padre Cícero em Museu Vivo. Segundo Jaqueline Sampaio, o imóvel estava com a estrutura comprometida e com sério risco de cair, precisando de uma grande reforma. De acordo com ela, o prefeito Mauro Sampaio, conhecedor da grave situação, decidiu implementar a mudança:

[...] já ia fazer uma grande reforma na casa, foi uma obra muito cara a revitalização da casa. Aí, ele disse que eu encontrasse alguém para “dar uma utilidade à casa” e que gostaria de ter cenários na casa que retratassem a vida do Padre Cícero.

Da necessidade de reformar o casarão, pode-se dizer, é que nasce o projeto maior de revitalizar não só o imóvel, mas todo o Horto. Para transformar o casarão popularmente conhecido como a “Casa dos Milagres” em “Museu Vivo”, era necessário como primeira providência “higienizar”, remover tudo que não condizia com um “museu”, ou seja, objetos, monumentos, quadros, ex-votos e, sobretudo, as pessoas que lá moravam, entre elas senhoras de idade avançada, muitas vivendo no imóvel desde a época do Padre Cícero.

A retirada dessas senhoras beatas representou mais uma etapa no processo de desterritorialização dos devotos do Padre Cícero do campo santo do Horto. O fato teve protesto por parte de al-

---

23 Grifo meu.

guns, fazendo com que os executores da obra construíssem um anexo ao museu para receber duas das moradoras do antigo casação: Luiza do Horto e Maria, a primeira ali estabelecida desde 1935 e a última, de quando o Padre Cícero ainda era vivo.

O “Museu Vivo” foi inaugurado em 20 de julho de 1999. A proposta museológica consistia na exposição de objetos pertencentes ao sacerdote e ex-votos deixados pelos romeiros após criteriosa seleção sob a responsabilidade dos funcionários, além de cinco cenários representando passagens da vida do Padre Cícero, com a inclusão de personagens feitos de resina de poliéster (cabeça e mãos), criados por um renomado artista plástico de origem pernambucana, mas radicado na França, Mozart Albuquerque Guerra.

A representação de momentos vividos pelo sacerdote foi assim distribuída: 1. Cena política: sentado à mesa de jantar, o Padre Cícero é acompanhado pelos amigos Floro Bartholomeu da Costa e Aureliano Pereira da Silva, tendo a seu lado, em pé, as fiéis beatas Tereza do Padre (escrava alforriada pelo pai do Padre Cícero) e sua governanta, a beata Mocinha; 2. Cena da vida íntima: Padre Cícero encontra-se em seu quarto, deitado em uma rede, ladeado por um oratório, um guarda-roupa e sua cama. Na parede, uma foto da mãe e quadros de santo; 3. Cena do escritório: Debruçado em seu birô, o Padre Cícero recebe seu primo e maior defensor dos milagres da transformação da Hóstia em sangue de Cristo, o jornalista, abolicionista e educador José Joaquim Telles Marrocos; 4. Cena religiosa: na sala do santo, o Padre Cícero está de joelhos rezando diante da imagem do Coração de Jesus, trazida por ele da Europa para ser posta na igreja que pretendia construir; 5. Cena do milagre: paramentado, celebrando uma missa, o Padre Cícero está em pé, tendo ao seu lado a beata dos milagres, Maria de Araújo.<sup>24</sup>

As demais salas do museu são destinadas à exibição de ex-votos divididos por tema: réplicas de partes do corpo humano, diplomas, vestidos de noiva, conquista de bens (imóveis, automóveis etc.), eleições políticas, campeonatos de futebol, fotografias das mais variadas etc. Tem ainda um cômodo reservado ao oratório e

---

24 Está é a única menção feita à pessoa da beata Maria de Araújo em todo o museu.

à sala dos potes, cuja água os romeiros bebem acreditando que se trata de água benta, ou milagrosa.

O único compartimento que não é propriamente parte do museu é a primeira sala do casarão, na qual funcionava a capela<sup>25</sup> construída pelo Padre Cícero e onde eram celebradas as missas. No processo de transformação em Museu Vivo, o ambiente perdeu a função religiosa que lhe era característica, sendo retirados de lá o sacrário, esculturas e imagens sacras, passando a ser uma sala de apresentação da Congregação Salesiana. Encontram-se no local: um painel com os preceitos ecológicos do Padre Cícero, trechos do testamento em que cita os padres salesianos, fotografias e quadros de santos salesianos e europeus: Domenico Sávio (italiano), Laura Vicuña (chilena), Santa Maria Mazzarello (italiana), Dom Bosco (italiano), São Francisco de Sales (francês). Como em todo museu, não se pode tocar os objetos, nem comer e beber durante a visitaçào.

A casa que era do devoto, noutras palavras, daquele a quem era permitida a entrada a qualquer hora, com liberdade para mergulhar a caneca nos potes de água benta, dormir no chão em que o Padre Cícero pisou, tocar objetos e imagens deixados por ele integrando-se ao sagrado, agora é um museu com hora para entrar e sair, no qual apenas se pode circular entre os velhos corredores que agora exibem os ex-votos como artefatos, e não como prova dos milagres do sacerdote. A mudança na função religiosa da casa alterou não somente a relação do romeiro com o espaço dito sagrado, mas, sobretudo, a vida dos moradores e comerciantes do alto da colina do Horto, sendo-lhes impostos regras, comedimento, nova postura etc.

As novas diretrizes foram definidas durante uma reunião organizada pelo padre José Venturelli com os comerciantes locais em 21 de outubro de 2001, na qual se elaborou um documento denominado “Esboço de regulamento para o comércio no Horto”,<sup>26</sup> com seis cláusulas que determinavam: proibição da venda de objetos nas portas do museu, na praça e perto do palanque onde as mis-

---

25 Este espaço foi discutido no primeiro capítulo.

26 A cópia do documento me foi entregue pelo padre José Venturelli em 2001, durante minha pesquisa de campo para a dissertação de mestrado.

sas são celebradas, com a fixação no chão de fitas indicativas do lugar onde podem ficar; não se pode fotografar dentro do museu; os fogueteiros têm horário e lugar para vender fogos; proibição do uso de som para anunciar produtos e, por fim, todos devem se cadastrar e pagar as taxas devidas aos salesianos.

O clima entre os comerciantes e moradores diante do novo regulamento era de revolta e perplexidade em alguns casos, além do medo de falar sobre o assunto. Havia também desconhecimento sobre o projeto de revitalização e as mudanças que estavam sendo implantadas, fato que gerou diversas especulações. Muitos, inclusive, movidos pelo temor, ao concederem entrevista, se valeram de pseudônimos para se proteger.

Somente um dos habitantes se pronunciou publicamente, o Sr. José Severino da Silva, conhecido pela alcunha de “Severino do Horto”, poeta-devoto, pernambucano, morador desde 1962. Durante anos, foi incumbido de arrecadar as taxas devidas pelos demais comerciantes aos padres salesianos, sendo um dos que foram retirados do casarão, onde possuía uma pequena banca de venda de cordéis e artigos religiosos. Como forma de protesto e indignação, escreveu e publicou, pelo menos, quatro folhetos<sup>27</sup> denunciando a descaracterização do espaço físico e o desrespeito à população do Horto com o projeto de revitalização.

No primeiro cordel, intitulado “A casa grande do Horto e o sinal do fim do tempo”, sem data, mas provavelmente escrito no começo do projeto de revitalização, o poeta popular denuncia que as reformas do Horto são obras do diabo, que pretende destruir o que o Padre Cícero deixou. Está dividido em duas partes. Na primeira, afirma que através de seus versos defenderá o direito e a verdade. Assim, ressalta: “Meu Padrinho marcou na serra/Com um espírito de luz/E com a horde de Jesus/Que a tradição não erra/Lá tem o muro da guerra/O Divino Espírito Santo/Deu valor e bateu palma”.

Ao anunciar que o Horto estava em perigo, uma vez que o diabo, valendo-se do poder do dinheiro, engana os padres para

---

27 Nos cordéis, o autor registra o desejo de que as cópias fossem fiéis à ortografia e sem emendas, nem corrigenda.



destruir o que o Padre Cícero deixou, coloca-se da seguinte maneira: “O comunismo penetra//Dizendo nos quer turismo/E jogar tudo no abismo/Que o inferno é nossa meta/Se os padres ficam pateta/Vendo um dinheiro graúdo/Um governo cabeçudo/Trazendo uma lei ingrata/Diz quem se revoltar nos mata/E no fim se enrola tudo”. As reformas representam para o romeiro, na verdade, uma forma de aniquilar o espaço que lhe é sagrado.

**Figura 14** - Primeira parte do cordel “A casa grande do Horto e o sinal do fim do tempo”

**Aut.: Severino José da Silva**  
**A Casa Grande do Horto e os Sinais do Fim do Mundo**

Botei a pena na mão  
Não encontrei sacrifício  
Para vencer a verdade  
Meus versos forte e maciço  
Sempre defendo o direito

A casa santa do horto  
Tem valor de Matriz  
E querem destruir ela  
É o satanás quem diz  
Mais ele não toca nela  
Que meu Padrinho rezou nela  
Pros romeiros ser feliz

Eu escrevi a verdade  
Com muita sabedoria  
Chegamos aos fins dos tempos  
Assim diz as profecias  
E esta casa tão bela  
Só quem pode bolar nela  
Somente Enoque e Elias

O comunismo penetra  
Dizendo nos quer turismo  
E jogar tudo no abismo  
Que o inferno é nossa meta  
Se os padres ficam pateta  
Vendo um dinheiro graúdo  
Um governo cabeçudo  
Trazendo uma lei ingrata  
Diz quem se revoltar nos mata  
E no fim se enrola tudo

Meu Padrinho marcou na serra  
Com um espírito de luz  
E com a horde de Jesus  
Que a tradição não erra  
Lá tem o muro da guerra  
O Divino Espírito Santo  
Deu valor e bateu palma

Disse é descanso das almas  
Dos sacerdotes eu garanto  
É um morro abençoado  
E a casa é um convento  
Tem muito amador por dentro  
O prédio e bem preparado  
Meu Padrinho fez com cuidado  
Cheio de boa vontade  
Disse ele isto aqui mais tarde  
Fu mesmo me admiro  
Lá pro tempo do martiro  
Vai ser morada de pobre

Neste tempo o diabo solto  
Quando a guerra se arrebenta  
E os padres não aguenta  
Correm para serra do horto  
Aqui encontra o conforto  
O prazer e a alegria  
E a sempre Virgem Maria  
Manda padre para valer  
E lá no horto vai ter  
Santas missas todo dia

Eu que já estou no horto  
Espero pela a vitória  
Confio em Nossa Senhora  
Que é quem me dar conforto  
Só saio depois de morto  
Tomo outra direção  
E das águas do Jordão  
Inda pretendo beber  
Ai todos vão saber  
Quem era Cícero Romão

Meu Padrinho não enganou  
Foi profeta a toda hora  
Se uniu a Nossa Senhora  
E a Cristo Redentor

E lhe ressuscitou morto  
Deu aos romeiros conforto  
Diss os romeiros querido  
Todo inferno reunido  
Inda não me toma o horto

O diabo por sua vez  
Mede e torna a medir  
A vontade é destruir  
O que meu Padrinho fez  
Arruma muito freguez  
É secretário de mais  
Um entra e outro sai  
É converça e mais conversa  
Dizendo cuida de preça  
Que o tempo é curto de mais

O horto esta em perigo  
De entrar nuna questão  
Mais Padrinho Cícero Romão  
Defenda deste castigo  
Mais sempre a verdade digo  
Me Padrinho está me olhando  
Eu realizo meu plano  
Neste belo Cariri  
Não deixe o horto fugir  
Da mão do Saleziano

Meu Padrinho não tem engano  
É um padre sábio e culto  
Da terra todo seu fruto  
Deixou para salesianos  
Para eles ir conservando  
Esta minha moradia  
Que fez com sabedorias  
É onde eu vou rezidi  
Só tem direito a belir  
Nela é Enoque e Elias

Na segunda parte, Severino reafirma a importância da casa grande do Horto como um lugar de oração destinado ao romeiro. Lembra que esta foi construída com a união dos devotos e con-

clama todos para defendê-la: “Nós devemos ter cuidado/E também rezar ali/Não deixar bolir/Que nossos antepassados/Fizeram esforços pesados/Tudo na santa união/E a casa da oração/Deve assim prosseguir/Não se deve destruir/Obras de Cícero Romão”.

Finaliza o cordel com um recado para os padres salesianos: “Se o esperito não me engana/Meu Padrinho Cícero Romão/Fez uma doação/Aos padres Salezianos/Foi logo recomendando/É só para desfrutar/Nunca pode reformar/É para rezar e fazer o bem/Nunca ofender ninguém/Sem emprestar e nem dá”.

Figura 15 - Segunda parte do cordel “A casa grande do Horto e o sinal do fim do tempo”

### REFORMA DA CASA SANTA

Nesta casa eu admiro  
O mistério do redentor  
Nela fazia o retiro  
Nela deu grande suspiro  
Nascido do coração  
Minguém faça confusão  
Que esta casa nunca cai  
Deixe a casa grande em paz  
Para se fazer oração  
  
Pois bolir com quem está quieto  
Quem bole sempre se arrasa  
A reforma desta casa  
Seja no pizo ou no teto  
Querem fazer no concreto  
Isto tal não aconteça  
Ou na segunda ou na terça  
Bolir aqui não é mole  
Quem com muitos pedras bole  
Uma lhe cai a cabeça  
  
Meu Padrinho Cícero é fiel  
Mais precisa de quem tem  
Se for para fazer o bem  
Se faça o que Deus quiser  
Mais eu acho que não é  
Segundo as profecias  
Mais vale a Virgem Maria  
Para a verdade eu tenho dom  
Este plano não é bom  
Pois vem da masonaria  
  
É um bloco preparado  
Que a muitos anos pelejada uma  
queda na igreja  
Jogar a reza de lado  
O cristão tome cuidado  
Reze e a cabe a preguiça  
Joga num forno da brasa  
Meu Padrinho fez esta casa  
Pra promessa rezar e missa  
  
Dois exército na guerra  
Um de Deus e outro do cão  
E Padrinho Cícero Romão  
Já avizou nesta terra  
Quem escuta-lo não erra  
E vive bem no país  
Lhe disse e ainda diz  
Quando eu sair da qui  
E o sanatas destruir  
Todos as obras que eu fiz  
  
No lugar da oração  
Ele transforma um pagode  
Mais com Deus ninguém pode  
Nem com o povo cristão  
Meu Padrinho Cícero Romão  
O padre mais verdadeiro  
Ninguém compra com dinheiro  
Se une a Nossa Senhora  
Bota satanás para fora  
E faz limpeza em Juazeiro  
  
O diabo em todo se soca  
E a igreja quer driblar

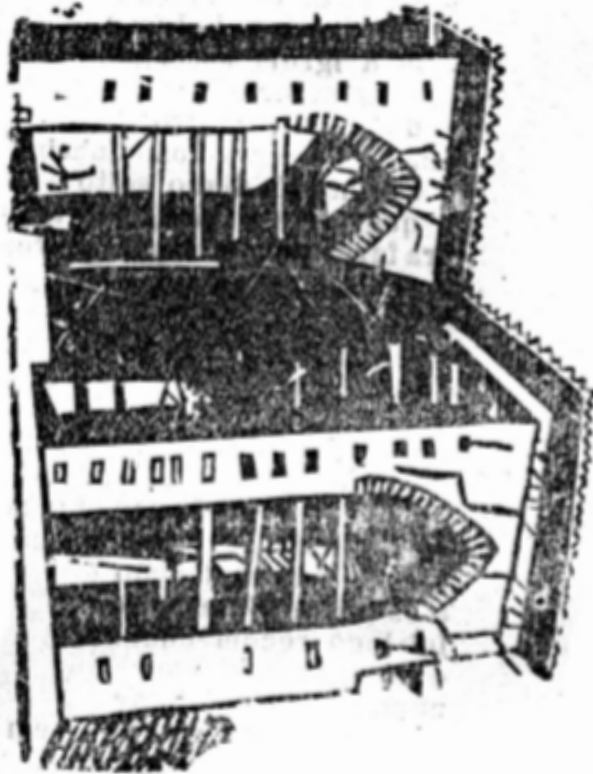
Mais deve-se conservar  
Todas as obras estórica  
E a família católica  
Deve rezar sem preguiça  
Que o diabo tem cobiça  
De jogar os cristãos na brasa  
Meu Padrinho fez esta casa  
Para promessa reza e missa  
  
Eu vou fechar minha boca  
E vou abrir o meu ouvido  
A escritura tenho lido  
Vejo as moças cega e louca  
Esta raça se fez mouca  
Só obdece a política  
E o Satanás tem cobiça  
De jogar os cristãos na brasa  
Meu Padrinho fez esta casa  
Para promessa reza e missa  
  
Meu Padrinho Cícero Romão  
Quer os romeiros bem forte  
No Juazeiro do Norte  
Se vença qualquer questão  
Na casa da oração  
Todo diabo tem cobiça  
Cristão reza sem preguiça  
Que satanás se arrasa  
Meu Padrinho fez esta casa  
Para promessa reza e missa  
  
Isto aqui tem segredo  
Como um reno encantado  
É um chão abençoado  
Que piso e não tenho medo  
Meu Padrinho rezava cedo  
Dando aos romeiros talento  
Eu me valho de São Bento  
Antes da cobra moder  
Esta chapada vai ser  
O lugar do julgamento  
  
Meu Padrinho só fez o bem  
A casa muito santa está  
Os romeiros pagam promessas  
De toda parte que vem  
Mais nela tem um porém  
Se desencanta mais tarde  
Quando o ódio e a maldade  
No meu brasil mergulhar  
Está casa vai virar  
Convento de freira e padre  
  
Meu Padrinho com muito esforço  
É num plano verdadeiro  
Se uniu com os romeiros  
Ainda no tem moço  
No horto fez um coloco  
Depois de benzêr o chão  
Alegrou seu coração  
Disse nesse chão aqui  
Eu pretendo a construir  
A casa de oração

Faz 74 anos  
Que os romeiros com alegria  
Numa procissão subia  
Os tijolos carregando  
Meu Padrinho abençoando  
Em qualquer data do mês  
É um grande prédio fez  
Os romeiros todos se uniam  
De uma vez só subiam  
10 milheiro de uma vez  
  
Água ia na cabeça  
Com um sacrificio sem fim  
Mais ninguém achava ruim  
Dizia o prédio cressa  
Ou na segunda ou na terça-feira os  
romeiros tudo era irmão  
E Padrinho Cícero Romão  
Ficou muito satisfeito  
E deixou o prédio feito  
A prova da união  
  
Nós devemos ter cuidado  
E também rezar ali  
Não deixar bolir  
Que nossos antepassados  
Fizeram esforços pesados  
Tudo na santa união  
E a casa da oração  
Deve assim prosseguir  
Não se deve destruir  
Obras de Cícero Romão  
  
O mundo já deu 2 tombos  
Levou mais um emporão  
Se esta casa for ao chão  
Todos nos preparem o lombo  
Que da verdade eu não zombo  
Confio em deus verdadeiro  
Sou poeta brasileiro  
E tento que explicar  
Satanás quer derrubar  
Para fazer pouco ao romeiro  
  
Satanás não é de nada  
Deve ficar no inferno  
E deixar o pai eterno  
Com a igreja sossegada  
A Virgem immaculada  
É dona do Juazeiro  
Ninguém compra dinheiro  
O satanás é diabo solto  
E quer mexer lá no horto  
Pra fazer pouco aos romeiros  
  
Se o esperito não me engana  
Meu Padrinho Cícero Romão  
Fez uma doação  
A os padres Salezianos  
Foi logo recomendando  
É só para desfrutar  
Nunca pode reformar  
É para rezar e fazer o bem  
Nunca ofender ninguém  
Sem emprestar e nem dá.

No final do cordel, Severino do Horto apresenta dois desenhos. O primeiro diz respeito às ruínas da igreja com a observação de que fora construída pelo Padre Cícero, em 1889.

**Figura 16** - Desenho das ruínas da Igreja do Horto no cordel “A casa grande do Horto e o sinal do fim do tempo”

**A antinga Igreja em construção; erguida na serra do horto, pelo Padre Cícero, em homenagem ao Sagrado Coração de Jesus: Construída em 1889**



A segunda gravura traz o cruzeiro e o pé de tambor com a informação:

**Figura 17** - Desenho do pé de tambor e do cruzeiro do Horto no cordel “A casa grande do Horto e o sinal do fim do tempo”



Atente-se para a observação feita pelo poeta no final do desenho: “Uma lembrança que faz rever o coração dos Romeiros (Conserve as tradições do passado)”.

O segundo cordel, intitulado “O Horto em grande reforma: uns sorrindo e outros chorando”, data de 22 de junho de 1999, logo após a inauguração do Museu Vivo. No folheto, Severino ressalta o encantamento e a importância mística da casa construída pelo Padre Cícero para o romeiro. Seus versos expõem a interferência do poder público e dos padres salesianos que, ao promoverem a

reforma do lugar, transgrediram o sagrado expulsando os santos, referindo-se à remoção da escultura do Bom Jesus do Horto, das imagens de Nossa Senhora e de anjos da antiga capela. Conclui seu cordel-protesto lamentando o destino dos pobres, pois, para estes, só restou “olhar e chorar”, uma vez que se viram destituídos do ambiente com o qual mantinham uma relação estreita, agora dominado por poderosos e ricos.

Figura 18 - Cordel “O Horto em grande reforma: uns sorrindo e outros chorando”

# O HORTO EM GRANDE REFORMA

## Uns Sorrindo e Outros Chorando

Poeta José da Silva (Severino do Horto)

Jesuíto começou com os romanos andando a pé com as brigas de José de Masta e de José firmadas na oração e o Padre Cicero Romão pouco cultivar a fé

Padre Cicero o grande mestre soube corrigir a cruz converter amasar e se abrigar com Jesus mestre de sabedoria nunca excentoso venha que apasante a sua luz

Em 34 subiu ao céu a chamado do Subterano e seus bens materiais doou pra o Salésiano sem gororilla e sem resultado para ir recebendo fruto e seus bens ir conservando

Os padres Salésianos receberam e não os doou nada os políticos avangaram dizendo está em abandono vamos se unir aos pobres são ricos com a cidade para nós se faz um troço

Se foram 92 anos nessa época todo dia de sábado vai levantado no tempo da romaria romeno detendo furo de Padrinho Cicero deuto e rezando com alegria

A casa Santa do Horto a profetia não era Padrinho Cicero fez em 1907 lá esperava uma guerra os romenos com bravura meu Padrinho fez a mais segura de toda a face da terra

Alicease com 80 palmos era a fundura do chão com 1 metro de grossura as paredes do casarão Padrinho Cicero periticoz depois do batismo a casa da oração

Era muito vistoso os romenos tinham cobija o pedio era um encanto que ficaram sem orgulho Padrinho Cicero disse: nessa o número papa proceza e o padre ecilho mesa

O Prefeito é muito forte e com o documento assinado pelo padre impotter que é o dono do retanado disse a reforma é preciso vamos mudar o alto, a meseta e o telhado

Quando lá uma mudança uns sorriu e outros chora de Caste como um Horto o Bom Jesus foi embora com 2 anjos e a Mãe Virgem detendo sua origem para uma igreja proterida

Siguiu tambem a imagem que o Mestre Nova fez Jesus na flagelação sendo ele o Rei dos reis mas tambem foi afastado teve que sair calado fingiu mais outra vez

Entrou outra direção e o prefeito decidiu mudar os planos sempre a sua ordem se cumprir pra muitos que fazem pericia sem o Bom Jesus e a missa o valor diminuiu

Governo Prefeito e Padre do nascente ao por do sol a casa nasceu se reforme se detra ela melhor Juuatico forte e unido dos dias e mais subido lhe toca a parte maior

A era de 1999 muitos homens se detrai quando entrou os 2 mil muitos avarentos cai Jesus vem e dar um fredo o equibano fica no meio nem pra frente nem pra trás

Isô lá está decretado o usado na confusão a filha matando o pai o irmão matando o irmão Jesus que é o Rei dos reis vem derruba o anjotas e encerra sua missão

Anos de andar 2 mil ninguém não fique nervoso Jesus um mano cortado um redentor poderoso encerra a missão do sacrifício para a glória de Patrio Cicero prova o sangue precioso

O Papa João Paulo II grande sucessor de Pedro que foi o Papa primeiro Jesus libera seu convite e ele vem muito ligito a terra de Cicero Romão ajudar Jesus na missão em Juuatico

Dom Bosco um grande santo diz: meu Deus será castigo no terra e semente do João está rolando o trigo e a lá quase morrendo eu estou no céu mas estou vendo o Horto em grande perigo

O Horto é um lugar santo todos devem respeitar se catucarem demais ele vai desmanchar se antes não pedirem arrango o rio vem bater o fogo de quem quiser profanar

Meu amigo José Estevão com frote de ombos boa se o rio se abate em 3 mil pra nós não ficar atos a fim de nos dar conforto pra nós que mora no Horto hoje a frote de canoa

Se Jesus não vim depressa saindo da encruzeta falando publicamente a missão de 60 dias o cristão vai fracagar pois não pode suportar dos governos e tiranias

A violência avangando e a segurança só de Cristo os cidadãos rezando muito quando por seus mistérios mas os anjotas não para lá é o fim está na casa em creto, confusão e registro

O Juuatico rezou e a verdade replandece Nossa Senhora a dona do Padrinho Cicero debete vai se acabar toda gangue Jesus vem govern o seu sangue at o Juuatico cresce

Quem viver vida compida vai sentir grande alegria de ver Jesus Nazareno o grande filho de Masta da Matriz do Juuatico pregado para o mundo inteiro ele só da encruzeta

Padrinho Cicero Romão foi um precursor esperto na Matriz do Juuatico rezava e falava certo Jesus vem lhe procer não há quem possa empastar o fiedente e liberto

O aviso é três estacionos neste país brasileiro eles entrecerrem bem pra despetar o romento se eu não estiver saindo em novembro vai chegando a pastir do Juuatico

Mas ninguém não tinha medo isso é só para converso os pais não detraem as crianças namorar a trileição Jesus é bom quer salvar mas é preciso alertar a todo poro cristão

O bom Jesus está em luta os honras logo fora da sua própria casa a sede os cristãos lhe «Jura disse: a sua doutrina é bela mas não queremos sua capela o Seabos pode ir embora

O Horto passou 92 anos muito bem assegurado e os padres salésianos conservando com cuidado agora chegou a quebra passo para a profetisa o pobre está liquidado

Fizem casa bonita pobre fica só alhandado quando quem era o Horto e como está ficando mais se o bom Jesus não volta pobre vai se liquidar pois está se liquidando

Rico não gosta de pobre toda vida foi assim eu nunca vi pobre bom tem nunca vi rico ruim o pobre vive em deserto mais quando rico chega perre o pobre logo tem fira

Rate Horto se balança jurece que vai correr se ricos tabularem agora estão botando pra valer se os Salésianos vierem não se pobres nem a cidade não tem direito a bater

O Mooca Vivo é importante bem feito e muito bonito vireem Il os santos novos bom Jesus se viu alho sem ver ninguém da sua lado teve que sair rezado fingido para o Egito

Chegaram duas romarias lá do Distrito do Arno e mais nova disse vamos embora a mais velha disse o que foi quando tu está dormindo não vê os anjotas se balando os que talam vem depois

Estes santos novos são romeiros muitos vireem da França diz não chegamos pra morrer o que não se quer é dança não conhecemos o evangelho mas com o bom Jesus velho ninguém vai fazer alijança

Vai meus dias lindado rezou de ficar sanado chorando nos pés da Virgem rogando e pedindo apito pois estou vendo o portigo me esforço pra ser trijo Deus me leve de ser joio

— FIM —

O terceiro cordel — “Jesus a segunda vez traído na santa casa do Horto: Bom Jesus do Horto” —, escrito em 24 de março de 2001, quase dois anos depois da instalação do Museu Vivo, é mais um protesto contra a destruição da “Casa Santa do Horto”, da desativação da capela que funcionava na primeira sala. Nesse período, Juazeiro do Norte se encontrava sob nova administração do prefeito Carlos Cruz, tendo à frente da coordenação do Museu Vivo e das obras de revitalização do Horto a primeira-dama do município, Sra. Maria do Socorro Gomes de Figueiredo Cruz. Na ocasião, introduziu-se uma série de mudanças na condução e organização do espaço, retirando todos os cofres dos padres salesianos de dentro da casa, assim como imagens e esculturas sacras como a do Bom Jesus do Horto, conseqüentemente desativando a capela que funcionava na primeira sala. Isso resultou numa atmosfera de tensão entre os padres salesianos e a população do Horto.

Indignado, Severino do Horto não se isenta de expressar sua revolta com a flagrante profanação do espaço sagrado, afirmando que os salesianos se deixaram envolver por interesses duvidosos. Dizem os versos do poeta: “Os padres deram um cuxilo/e os inimigos avançaram/O altar arrebetaram/ Logo mudaro o estilo/ Bom Jesus para o esilio/ De uma capela ensolada/ Onde os fôgos faz suada/ Para acaba de ensolá/ Os bebado para defecar/ Ponto certo é “a calçada”.

Consciente quanto à transformação do Horto em um lugar unicamente voltado para o turismo, sintetiza: “[...] Turismo uma ilusão/Museu vivo presepiço/A casa de oração/Padrinho Cícero Romão/Toda Verdade responde/ Vem ateu não seio de onde/ Só para pertubar o pouvo/queremo Bom Jesus de novo/ Morando na casa grande”.

Figura 19 - Cordel "Jesus a segunda vez traido na santa casa do Horto: Bom Jesus do Horto"

# Jesus a Segunda vez traido na Santa casa do Horto Bom Jesus do Horto Severino José da Silva (Poeta do Horto)

Bate a pena na mão  
Não encontrei sacrifício  
Para versar a verdade  
Meus versos forte e magis  
Saíram com muito respeito  
Mas defendendo o direito  
Da casa de padrinho Cícero

A casa Santa do horto  
tem um valor da maioria  
é para os romanos nessa vela  
e sim meu padrinho quis  
com a formosa capela  
que meu padrinho meza nela  
para os romanos ser feliz.

Eu encontrei a verdade  
Com muito amor e critério  
É a casa de esperança  
De meu padrinho tem ministério  
A casa santa do Brasil ao estrangeiro  
Ela pertence ao romano  
Pois foi eles que fizera

Meu padrinho seguiu na frente  
de bom que o leitor conheça  
Pois água e tijolo  
Virou tudo na cabeça  
Uma menção vinha amando  
e as malheras cantando  
Eu quero que o prelo crecha

Meu padrinho abençoando  
Desta vez quem que faça  
A casa de oração  
Cada tijolo uma graça  
ligada a capela  
Um rememore que resa nela  
Nossa senhora lhe abraça

Nunca pode ser mudado  
Fato de Cícero Romão  
Se mudarem alguma coisa  
Só fica na cabeça minha  
Eira em sua mão  
Mezcla em sua mão e fim  
É a casa de oração

Éra um grande tabuleiro  
Nunca mais estrada  
Será do coléti chanda  
Muitas avozes alguns coqueiro  
Meu padrinho botou um crucifixo  
Depois de beber o dolo  
Padrinho Cícero Romão  
Deixou do céu de anil

Dize aqui vos construir  
A casa de oração  
Esta casa quero que faça  
Pois eu já beber o chlo  
Cada tijolo uma graça  
Cada vela uma oração  
O padre Cícero Romão  
Fundador de lauroiro

Unido a deus recitado  
A cada o pé da cruz  
No centro o bom Jesus  
Abençoando os romemio

Meu padrinho morreu na terra  
Com o espírito de luz  
e com a ordena de Jesus  
Que a traidão não erra  
lar tem o mundo da guerra  
Que fica lar meu recito  
A seguir cubra sem a maneta

Meu padrinho resou com calma  
Dize "discarne das almas  
desceitos mais senno"

É um amor abençoado  
e a casa e como um convento  
Tem muito armador por dentro  
O prelo bem preparado  
Meu padrinho fez com cuidado  
Cada tijolo uma oração  
Dize ele isto a quit mais tarde  
Eu mesmo mi admiro  
Lar por tempo de martirio  
Vai ser notada de padre

Por 94 anos  
Que foi construída a casa santa  
Meu padrinho fez a planta  
lá na frente abençoando  
Sempre os romemio resoudo  
Cada tijolo uma oração  
e padrinho Cícero Romão  
Dize esta casa não se quebra  
Mas trado os poder Sclátes  
e romemio fazem oração

Faz 47 anos  
Éra uma escola singela  
Um padre bem versado  
Transformou numma capela  
Do Francisco benedico  
Um altar que era um troco  
Se tirava sem ter sono  
Replica de traidão  
e bom Jesus ficou no centro  
Abençoando os romemio

Bom Jesus nunca cedeu  
Vou se rinitir e salvar  
Mais so para atrapaçar  
Encontram este muera  
e viso da terra dos judeus  
Padei Nando chegou  
Com o seu antigo estragado  
Diz o muera embelna  
Não é mais casa de resa  
e bom Jesus no atoleiro

Assumio Pe. Ricardo  
Procurou em defender  
Mas lá fazer o que  
Já achou tudo assentado  
Para tomar o casario  
Um bloco bem preparado  
Muito alongo e afinado  
Luz dera aperta de mão  
Fizem a casa da oração  
Entre a fábrica de pecado

Terbo a alma agitada  
Na qual vem o selado  
Do bom Jesus ser espelho  
De sua antiga merada  
Para uma capela esculpida  
Mudaro logo o estilo  
O padre deu um cruzeiro  
e os inimigo evanoram  
Que o altar rebentaram  
e bom Jesus para o estilo

Os padres deram um cruzeiro  
e os inimigo avanoram  
O altar rebentaram  
Logo mudaro o estilo  
Um bloco bem preparado  
Muito alongo e afinado  
Luz dera aperta de mão  
Fizem a casa da oração  
Entre a fábrica de pecado

Terbo a alma agitada  
Na qual vem o selado  
Do bom Jesus ser espelho  
De sua antiga merada  
Para uma capela esculpida  
Mudaro logo o estilo  
O padre deu um cruzeiro  
e os inimigo evanoram  
Que o altar rebentaram  
e bom Jesus para o estilo

Os padres deram um cruzeiro  
e os inimigo avanoram  
O altar rebentaram  
Logo mudaro o estilo  
Um bloco bem preparado  
Muito alongo e afinado  
Luz dera aperta de mão  
Fizem a casa da oração  
Entre a fábrica de pecado

Terbo a alma agitada  
Na qual vem o selado  
Do bom Jesus ser espelho  
De sua antiga merada  
Para uma capela esculpida  
Mudaro logo o estilo  
O padre deu um cruzeiro  
e os inimigo evanoram  
Que o altar rebentaram  
e bom Jesus para o estilo

Os padres deram um cruzeiro  
e os inimigo avanoram  
O altar rebentaram  
Logo mudaro o estilo  
Um bloco bem preparado  
Muito alongo e afinado  
Luz dera aperta de mão  
Fizem a casa da oração  
Entre a fábrica de pecado

Terbo a alma agitada  
Na qual vem o selado  
Do bom Jesus ser espelho  
De sua antiga merada  
Para uma capela esculpida  
Mudaro logo o estilo  
O padre deu um cruzeiro  
e os inimigo evanoram  
Que o altar rebentaram  
e bom Jesus para o estilo

Terbo a alma agitada  
Na qual vem o selado  
Do bom Jesus ser espelho  
De sua antiga merada  
Para uma capela esculpida  
Mudaro logo o estilo  
O padre deu um cruzeiro  
e os inimigo evanoram  
Que o altar rebentaram  
e bom Jesus para o estilo

O horto mudou o clima  
Mudou de religião  
e entrou na outra terra  
Mudou o cheiro lar de cima  
Que o bom Jesus não entina  
Tem o orgulho de novo  
Mas ninguém esta no imperio  
Da infamia vela a lei  
Que os romemio não se quebra  
No prelo que eles fizem

Eu pergunto a São João Bosco  
Que amigo o Senhor tem  
Na nova Jerusalem  
Neste planjo toco  
Quemso bom Jesus sonoco  
Que ele é Deus ventaleiro  
Foi quem chegou primeiro  
Dize que casa ele é dono  
Quemso ele no do trono  
Para abençoar os romemio

Se a virgim me ajudat  
Marta e Nazari  
Aumentar a minha fé  
Eu prometo a trabalha  
Para o bom Jesus voltar  
Já brinço já vivo mundo  
Que não sairá ninguém  
Para alegria do povo  
Quemso bom Jesus de novo  
Mostrando na casa grande

O Brasil da Santa Cruz  
o horto misionero  
Um muera religioso  
Espalharom o bom Jesus  
Da igreja da cruz  
São os homens de gravata  
Que se revoltou eles mata  
Desataram os padre no prelo  
Lusid deu um no negro  
So padrinho Cícero deata

Turismo uma iniciativa  
Muera vivo prelojo  
A casa de padrinho Cícero  
A casa de oração  
Padrinho Cícero Romão  
Toda verdade responde  
Tem avoz não sei de onde  
So para pertubar o povo  
Quemso bom Jesus de novo  
Mostrando na casa grande

Turismo uma iniciativa  
Muera vivo prelojo  
A casa de padrinho Cícero  
A casa de oração  
Padrinho Cícero Romão  
Toda verdade responde  
Tem avoz não sei de onde  
So para pertubar o povo  
Quemso bom Jesus de novo  
Mostrando na casa grande

Turismo uma iniciativa  
Muera vivo prelojo  
A casa de padrinho Cícero  
A casa de oração  
Padrinho Cícero Romão  
Toda verdade responde  
Tem avoz não sei de onde  
So para pertubar o povo  
Quemso bom Jesus de novo  
Mostrando na casa grande

Turismo uma iniciativa  
Muera vivo prelojo  
A casa de padrinho Cícero  
A casa de oração  
Padrinho Cícero Romão  
Toda verdade responde  
Tem avoz não sei de onde  
So para pertubar o povo  
Quemso bom Jesus de novo  
Mostrando na casa grande

Turismo uma iniciativa  
Muera vivo prelojo  
A casa de padrinho Cícero  
A casa de oração  
Padrinho Cícero Romão  
Toda verdade responde  
Tem avoz não sei de onde  
So para pertubar o povo  
Quemso bom Jesus de novo  
Mostrando na casa grande

Turismo uma iniciativa  
Muera vivo prelojo  
A casa de padrinho Cícero  
A casa de oração  
Padrinho Cícero Romão  
Toda verdade responde  
Tem avoz não sei de onde  
So para pertubar o povo  
Quemso bom Jesus de novo  
Mostrando na casa grande

Turismo uma iniciativa  
Muera vivo prelojo  
A casa de padrinho Cícero  
A casa de oração  
Padrinho Cícero Romão  
Toda verdade responde  
Tem avoz não sei de onde  
So para pertubar o povo  
Quemso bom Jesus de novo  
Mostrando na casa grande

Turismo uma iniciativa  
Muera vivo prelojo  
A casa de padrinho Cícero  
A casa de oração  
Padrinho Cícero Romão  
Toda verdade responde  
Tem avoz não sei de onde  
So para pertubar o povo  
Quemso bom Jesus de novo  
Mostrando na casa grande

Nos ajudou o bom padrinho  
Vá a seu amigo Jesus  
No horto assenda uma luz  
Claro como caminho  
Pois dom Bosco esta sozinho  
Luminando a estrada  
Romemio chega de mais  
Mais o muera deve voltar  
Troco eles era  
Voltam chorando para trás

É Palavra de Jesus  
Foi quem falou mais certo  
Os filhos de terra são mais esperto  
Da que os filhos da luz  
São inimigos da cruz  
Eu encontrei num bom livro  
e coloco no meu arquivo  
Que maqui não tem vontade  
quem esta e casa do padre  
Com os padre todos vivos

Temos um horto abençoado  
Por lusid que é prelojo  
E logo a quit no meu verso  
Já temos um altar quebrado  
Um sacramento abençoado  
e um muera cheio de novela  
Éra uma santa e bela  
Nilo se pode profesar  
Bom Jesus deve voltar  
Para sua antiga capela

Noss grande adepto a Padre Cícero  
Fizem no casario  
Ele de bom oração  
Foi da com sacrificio  
Romemio assistiram logo  
e fizeram uma casa bela  
Para o bom Jesus morar nela  
e romemio deve ajudar  
Para o bom Jesus voltar  
Para sua antiga capela

Noss grande adepto a Padre Cícero  
Fizem no casario  
Ele de bom oração  
Foi da com sacrificio  
Romemio assistiram logo  
e fizeram uma casa bela  
Para o bom Jesus morar nela  
e romemio deve ajudar  
Para o bom Jesus voltar  
Para sua antiga capela

Noss grande adepto a Padre Cícero  
Fizem no casario  
Ele de bom oração  
Foi da com sacrificio  
Romemio assistiram logo  
e fizeram uma casa bela  
Para o bom Jesus morar nela  
e romemio deve ajudar  
Para o bom Jesus voltar  
Para sua antiga capela

Noss grande adepto a Padre Cícero  
Fizem no casario  
Ele de bom oração  
Foi da com sacrificio  
Romemio assistiram logo  
e fizeram uma casa bela  
Para o bom Jesus morar nela  
e romemio deve ajudar  
Para o bom Jesus voltar  
Para sua antiga capela

Noss grande adepto a Padre Cícero  
Fizem no casario  
Ele de bom oração  
Foi da com sacrificio  
Romemio assistiram logo  
e fizeram uma casa bela  
Para o bom Jesus morar nela  
e romemio deve ajudar  
Para o bom Jesus voltar  
Para sua antiga capela

Noss grande adepto a Padre Cícero  
Fizem no casario  
Ele de bom oração  
Foi da com sacrificio  
Romemio assistiram logo  
e fizeram uma casa bela  
Para o bom Jesus morar nela  
e romemio deve ajudar  
Para o bom Jesus voltar  
Para sua antiga capela

Noss grande adepto a Padre Cícero  
Fizem no casario  
Ele de bom oração  
Foi da com sacrificio  
Romemio assistiram logo  
e fizeram uma casa bela  
Para o bom Jesus morar nela  
e romemio deve ajudar  
Para o bom Jesus voltar  
Para sua antiga capela

Noss grande adepto a Padre Cícero  
Fizem no casario  
Ele de bom oração  
Foi da com sacrificio  
Romemio assistiram logo  
e fizeram uma casa bela  
Para o bom Jesus morar nela  
e romemio deve ajudar  
Para o bom Jesus voltar  
Para sua antiga capela

Noss grande adepto a Padre Cícero  
Fizem no casario  
Ele de bom oração  
Foi da com sacrificio  
Romemio assistiram logo  
e fizeram uma casa bela  
Para o bom Jesus morar nela  
e romemio deve ajudar  
Para o bom Jesus voltar  
Para sua antiga capela

Se o bom Jesus não voltar  
o horto preloja a pra  
A igreja andou pra tras  
Os cruzeiros foram assar  
Romemio não pode andar  
Nesta casa santa e bela  
Que meu padrinho resou na  
De julho no pé do altar  
Bom Jesus deve voltar  
Para sua antiga capela

Sei que o diabo esta solto  
Pois a guerra se rebenta  
e os cruzeiros foram assar  
Corre para terra do horto  
que encontra o confesso  
O prelar a alegria  
A sempre virgem Maria  
Manda Padre para voltar  
A Qui no horti vai ser  
Santa moça todo dia

Desde sua fundação  
tem 2 colunas forte  
No lauroiro do norte  
Do Padre Cícero Romão  
Lá se o oração  
As bróças meu padrinho mande  
São honras se espande  
Quem faz romemio feliz  
E a mite de dea matriz  
e bom Jesus da casa grande

Desde sua fundação  
tem 2 colunas forte  
No lauroiro do norte  
Do Padre Cícero Romão  
Lá se o oração  
As bróças meu padrinho mande  
São honras se espande  
Quem faz romemio feliz  
E a mite de dea matriz  
e bom Jesus da casa grande

Desde sua fundação  
tem 2 colunas forte  
No lauroiro do norte  
Do Padre Cícero Romão  
Lá se o oração  
As bróças meu padrinho mande  
São honras se espande  
Quem faz romemio feliz  
E a mite de dea matriz  
e bom Jesus da casa grande

Desde sua fundação  
tem 2 colunas forte  
No lauroiro do norte  
Do Padre Cícero Romão  
Lá se o oração  
As bróças meu padrinho mande  
São honras se espande  
Quem faz romemio feliz  
E a mite de dea matriz  
e bom Jesus da casa grande

Desde sua fundação  
tem 2 colunas forte  
No lauroiro do norte  
Do Padre Cícero Romão  
Lá se o oração  
As bróças meu padrinho mande  
São honras se espande  
Quem faz romemio feliz  
E a mite de dea matriz  
e bom Jesus da casa grande

Desde sua fundação  
tem 2 colunas forte  
No lauroiro do norte  
Do Padre Cícero Romão  
Lá se o oração  
As bróças meu padrinho mande  
São honras se espande  
Quem faz romemio feliz  
E a mite de dea matriz  
e bom Jesus da casa grande

Desde sua fundação  
tem 2 colunas forte  
No lauroiro do norte  
Do Padre Cícero Romão  
Lá se o oração  
As bróças meu padrinho mande  
São honras se espande  
Quem faz romemio feliz  
E a mite de dea matriz  
e bom Jesus da casa grande

Desde sua fundação  
tem 2 colunas forte  
No lauroiro do norte  
Do Padre Cícero Romão  
Lá se o oração  
As bróças meu padrinho mande  
São honras se espande  
Quem faz romemio feliz  
E a mite de dea matriz  
e bom Jesus da casa grande

Desde sua fundação  
tem 2 colunas forte  
No lauroiro do norte  
Do Padre Cícero Romão  
Lá se o oração  
As bróças meu padrinho mande  
São honras se espande  
Quem faz romemio feliz  
E a mite de dea matriz  
e bom Jesus da casa grande

Desde sua fundação  
tem 2 colunas forte  
No lauroiro do norte  
Do Padre Cícero Romão  
Lá se o oração  
As bróças meu padrinho mande  
São honras se espande  
Quem faz romemio feliz  
E a mite de dea matriz  
e bom Jesus da casa grande

No quarto e último cordel — “O reboiço do Horto e os pobres sem paradeiro” —, o autor discorre sobre a situação dos comerciantes locais. Embora não esteja datado, Severino o escreveu após a reunião do dia 21 de outubro de 2001, quando todos foram informados que com a reforma da praça no entorno da estátua e do museu, todas as barracas seriam removidas e novas regras teriam de ser adotadas pelos comerciantes informais.

O cordelista denuncia a situação do povo desfavorecido em meio às decisões do poder público e da Igreja Católica: “[...] o pobre sem ter destino/e o povo em agonia/ e todo mal feito que havia/ a culpa é seu Severino”.

No último verso, Severino revela seu desencanto e tristeza diante da modernização do Horto, lamentando: “[...] O progresso é desumano/deixa o pobre já os tombos/com as tripas na cabeça/parecendo um malassombro/deram ordem para cortar/também as asas dos pombos”.

Figura 20 - “O reboiço do Horto e os pobres sem paradeiro”

**Autor: SEVERINO JOSÉ DA SILVA  
(SEVERINO DO HORTO)**

## ● O REBOIÇO NO HORTO E OS POBRES SEM PARADEIRO

Uma Ocaibada tirada  
E encover em me arrisco  
com o capulho  
era do cast cortico  
grande devaçada a morte  
mas a lapaçãta lapaçãta  
para lapaçãta o nobreio

O perfido amparou e não  
disse nada pro povo  
vê lá para o chaburo  
que o chaburo amparou,  
em certo lado é de praça  
e não tem mais dinheiro  
eu quero e a praça limpa

Use dia e fio na frente  
e meçam não melhada,  
que o horto e do Padrim Ciço  
e ainda harrado, não o do praça  
e no não só fio do meu  
e por ser chaburo do  
fio do não do não

O reboiço melhada  
com coraçã e mista lá  
e praça e amparou melhada  
mas a pedreio quer  
fazer nada no meirã  
para jogar sobre um lado  
e lapaçãta uma melhada

Eu colho em Jesus Cristo  
que o principio ao fim  
que mais forte no preito  
para moeder sem  
reboiço do Horto e do Padrim  
e disse dos harrado  
dizem lá um para mim

Fica uma praça bailla  
só lá bailla melhada  
e eu que me visito  
mas não que me visita  
bala mel. Deu a sua em certo estrada  
porque Jesus eu se aprãta  
eu haver respeito nela

Os interrogatório falvam  
e seiro lapaçãta  
de todo sem este reboiço  
que é o que eu de tudo  
o pobre disse e não o do praça  
e não o do praça  
que o praça de lapaçãta

E uma detona que tem  
dize que vem amparã  
e guarda do berrite  
brega no Valtico  
e disse sem coraçã  
nossem parca uma questão  
é mais forte de que harrado

Meu se não hater em mim  
e mesmo não hater  
e deabo de qui da terra  
e um dia que Deus far deu  
e não hater em mim  
e não hater em mim  
e não hater em mim  
e não hater em mim

E tem um letter moreso  
que todo serviço melha  
harrado melhada, e  
e lapaçãta sobre a face  
melha melhada em harrado  
no tempo de virgã  
e lapaçãta melhada

E este padre lapaçãta  
por ser amparado  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Ó que vale do rio grande  
que é a terra de verã  
e se amparou no casto  
e se lapaçãta em chaburo  
é de cara fechada  
que harrado melhada  
não quero ver uma corça

Coraçã e praça se praça  
tendo um para mais lapaçãta  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

O pobre do Severino  
que o coraçã melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Uma com chava na cara  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

E a praça do Severino  
que o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Meu Padrim Ciço harrado  
tambã seiro uma guerra  
na harrado e a que se terra  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Com praça melhada  
que não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Quero que a lapaçãta  
arrastada e groceira  
por colho que se melhada  
e seppero não atrevida  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Os que são melha melhada  
por ser amparado  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Mais quem não quer enteder  
e se não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Quem disse que não melha  
lá lá melhada melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Eu adora a terra de Cristo  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

O bom Jesus está ferido  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Eu já sei desarrastado  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Meu hater em mim  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Portanto eu passo a praça  
que não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Portanto eu tenho colido  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Eu quero e não melha  
de melhada melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Procuro ver se ajito  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Se não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

A via é perrecoito  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Jesus em uma certa estrada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

A are de 80 farã  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

O progresso é desumano  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada

Meu hater em mim  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada  
e não o melhada



Os poemas de Severino do Horto mostram, de forma simples, mas irrefutável, a indignação que os comerciantes e moradores do alto do Horto tinham sobre as ações destrutivas e o desrespeito ao legado do Padre Cícero com a desterritorialização dos devotos daquele espaço, tomado como místico, religioso, encantado. Explicitam também a visão do conflito, a tensão entre o poder público, a nova gestora do museu e os salesianos na disputa pela tutela do patrimônio ali existente.

A peleja não passou despercebida por outros moradores que, atentos aos movimentos, resumem a percepção dos fatos:

[...] o problema entre a prefeitura e os padres salesianos aqui no Horto é como um casamento, em que durante algum tempo deu certo, mas, depois, quiseram se separar e na partilha dos bens, um era o dono do imóvel e o outro dos móveis, ou seja, os padres salesianos são dono do casarão em que funciona o museu, mas, a prefeitura é dona dos móveis, dos bonecos etc.

Duas questões são importantes para entender a tensão entre a nova coordenação do Museu Vivo e os padres salesianos, donos das terras e dos bens materiais do Horto.

A primeira está relacionada à indicação da Inspeção Salesiana dos padres Giuseppe Venturelli e Giancarlo Perini para a administração do Horto, função antes ocupada por leigos. A chegada dos dois sacerdotes ocorreu no ano de implantação do museu, em 1999, embora o primeiro só tenha se mudado definitivamente para Juazeiro em janeiro de 2001. Ou seja, com o alto investimento do poder público na implantação de equipamentos que tinham a pretensão de atrair um número cada vez maior de visitantes e desenvolver o chamado “turismo religioso”, era natural que a Congregação Salesiana tomasse posse, de fato e de direito, do Horto, entregando a seus membros o controle das propriedades herdadas do Padre Cícero. É verdade que, nesse momento, é posto em prática pela Ordem Salesiana o projeto de construção de uma

nova igreja no Horto. Portanto, fazia-se necessário que padres fossem os porta-vozes da entidade religiosa, e não outras pessoas.

A outra questão refere-se à atitude do prefeito Mauro Sampaio. Antes de terminar seu mandato, providenciou o tombamento do Museu Vivo e da estátua do Padre Cícero como patrimônio histórico, cultural e artístico do município através do Decreto Nº 1.385, de 3 de outubro de 2000. Apesar de reconhecidos como patrimônio da Prefeitura de Juazeiro do Norte, o parágrafo único do primeiro capítulo estabelece que os

[...] objetos ficam entregues aos cuidados dos padres Salesianos, para que o guardem, protejam e os defendam como parte do Patrimônio Cultural e Espiritual que o Patriarca Fundador desta cidade lhes deixou em seu testamento e os Romeiros vêm completando continuamente com os mais diversos ex-votos.

A despeito de a guarda dos objetos e do monumento do Padre Cícero terem ficado sob a responsabilidade dos salesianos, o decreto de tombamento, que se baseou no § 3º do art. 157 da Lei Orgânica do Município, determina:

§3o - À administração Municipal cabe, na forma da lei, a gestão de documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais e os sítios arqueológicos em articulação com os Governos Federal e Estadual.

Percebe-se, então, que uma lei superior ao decreto assegura à prefeitura o direito de tomar para si a gestão do dito patrimônio. Desse modo, a nova coordenação do Museu Vivo se torna responsável pelos bens materiais do Horto, valendo-se da prerrogativa de fazer alterações onde considerar importante, entrando em conflito, conforme informado anteriormente, com os interesses dos padres salesianos.

O ano de 2001 foi *sui generis*, pautado pela disputa de poder na administração dos bens patrimoniais e culturais do Horto. A representante da prefeitura municipal, também gestora do Museu Vivo e encarregada pelo andamento do projeto de revitalização, reivindica o direito de posse dos dois equipamentos tombados, quando, na verdade, os padres salesianos são os legítimos proprietários do casarão e das terras onde foi construída a estátua do Padre Cícero.

A contenda tornou-se pauta de uma reunião realizada em 15 de janeiro de 2002,<sup>28</sup> no casarão do Horto, com a presença dos padres José Venturelli e João Carlos Perini, do inspetor salesiano padre. Raimundo Ricardo Sobrinho, padre Murilo de Sá Barreto, pároco de Nossa Senhora das Dores, o bispo diocesano Dom Fernando Panico e o advogado da inspetoria, Dr. Gilberto Lima. Venturelli expôs as tensões no relacionamento com a representante da prefeitura, a primeira-dama e mandatária no Horto, sra. Laura, argumentando que ambas interferiam na administração do Museu Vivo, uma vez que estavam

[...] proibindo as missas na antiga Capela do Casarão e a movimentação feita com os romeiros no sentido de angariar fundos para a nova Igreja dedicada ao Bom Jesus do Horto, proibindo o uso dos cofres, chegando ao ponto de recolhê-los, prendê-los e mantê-los sob chaves.

Padre Venturelli afirma que o desentendimento entre as partes estava comprometendo a continuidade do projeto de revitalização. Em consequência disso, “[...] a sustentação da estátua do Padre Cícero estava ameaçada de cair devido a não conclusão dos trabalhos de revitalização da praça do Horto iniciada pelo prefeito Dr. Mauro Sampaio no mandato anterior, trabalhos iniciados e não concluídos”.

A partir dessa reunião, elaborou-se um documento intitulado “Orientações para o novo convênio com a prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte”, no qual constava que:

---

28 Uma cópia da ata me foi entregue pelo padre Venturelli no período da reunião.

Para celebração de um novo convênio, ou retomada do convênio precedente através de um aditivo com a Prefeitura, é imprescindível a observância dos seguintes itens:

I. A prefeitura deve declarar a intenção de doação dos recursos a serem aplicados, bem como o resultado final (benfeitorias) das obras realizadas, [...] bem como pedir autorização ao Inspetor Salesiano para a execução do projeto. As benfeitorias realizadas no horto devem ser confiadas definitivamente à Inspetoria Salesiana como previsto no documento (decreto) de tombamento e sucessivamente doadas de acordo com a legislação vigente, por meio de Lei Municipal aprovada pelo Poder Legislativo;

II. Deve ficar bem expreso e indubitável a intenção de colaboração da Prefeitura para o bom atendimento dos Romeiros, dentro do respeito a sua cultura e religiosidade, colaborando com os Salesianos que o Patriarca chamou a Juazeiro do Norte. O contrato deve prever de forma precisa a disponibilidade da Prefeitura em deslocar pessoal apto a colaborar com os Salesianos, sob orientação e supervisão destes, o que implica em capacidade de diálogo, de compreensão temática do fenômeno religioso;

III. A orientação e aprovação expressa da Assessoria Jurídica em todas as fases de negociação até a formalização do pacto.

Conforme o documento acima, para a continuidade da parceria entre os salesianos e a Prefeitura de Juazeiro do Norte, o ônus de todas as ações e intervenções no Horto previsto no projeto de “revitalização” seria da prefeitura, desde os gastos com construções, reformas etc., até o pagamento dos salários dos funcionários que iriam trabalhar no Museu Vivo, enquanto o bônus, no que se refere ao controle, administração e posse dos bens, seria da Congregação Salesiana.

Diante das condições propostas, durante todo o mandato de Carlos Cruz e devido aos conflitos entre a gestora do Museu Vivo e os padres salesianos, as reformas previstas no projeto de revi-

talização foram paralisadas, sendo retomadas apenas no governo de Raimundo Macedo (2005-2008).

No contexto dessa querela, os comerciantes e moradores do alto do Horto, que viam suas vidas mudarem rapidamente, lidavam com a incerteza do futuro, sem saber como seria a sobrevivência a partir dos projetos que alteravam substancialmente a forma de ser e fazer comércio no local. Mas, sobretudo, que transgrediam e destruíam os espaços sagrados apagando a memória do Padre Cícero.

Apesar do clima de perplexidade que tomava conta, alguns dos depoentes externavam em suas falas o que pensavam acerca disso tudo. Sr. Manoel Félix, 76, com mais de 40 anos morando no Horto, agricultor, ao ser indagado sobre o maior problema encontrado ali, responde:

[...] O pobrema daqui é o negócio por causo que os prefeitos tira um e bota outro, mistura tudo [...]. Porque todo ele que fica é pra trabaia e tem que fazer o sirviço. Mostrar o sirviço que tá fazendo. Agora, ali um faz o sirviço mais certo, já outro mistura, fica um negócio assim, mistura. [...] Porque ali acho assim, que eu num tenho nada a ver e tô falando, mas num tenho nada a ver. Aqui, eu acho que essa casa grande quem era pra dominar era os pade salesiano, era quem era pra dominar de dento a fora, do princípio ao fim, o prefeito num botava a mão. Mas abriram a mão, ele entrou, o romeiro vem pagar promessa, num pode entrar, quer butar um dinheiro lá no cofre caladinho, pagar aquela promessa. Eu acho que seja assim, porque se faz aquela promessa pra pagar, uma promessa, uma prece, [...] recebeu uma graça, pagar na estátua do Horto, vem pra estátua do Horto, num vai deixar lá na Matriz. Se deixar na casa grande, vai deixar na casa grande, num vai deixar nouto lugar. Por isso que eu digo, quer dizer, se o pade fosse o dono mermo, quer dizer que dono é, mas tomasse conta pra resolver, que no tempo que os pade tomava conta mermo, aí o negócio era outro, o negócio era outro, era tudo mais controlado. Por isso que eu acho assim.

Defendendo o direito de os padres salesianos administrarem o casarão, seu Manoel fala de uma questão bastante sagrada para o romeiro, que é pagar sua promessa da forma que foi concebida. Dito de outra forma, se a pessoa foi deixar uma esmola no Horto, é lá que ele tem que ir. Porém, com a retirada dos cofres de dentro do casarão, agora museu, o romeiro fica impedido de cumprir os votos.

Nesse tocante, presenciamos uma cena muito interessante. Uma devota, chorando aos gritos porque não podia pagar a promessa — o cofre havia sido retirado —, diante da situação foi-lhe aconselhado que deixasse o dinheiro na Igreja de Nossa Senhora das Dores ou na Igreja do Socorro, pois era a mesma coisa. Ela assim respondeu: “Não, senhora, eu prometi deixar aqui e só serve aqui, a da Igreja do Socorro e da Mãe das Dores eu já dei”.

Em outro depoimento, dessa vez do sr. Misael José, 70, dois anos morando no Horto, novamente surge a questão da interferência da prefeitura,

[...] o maior pobrema daqui do Horto tá sendo, que eu acho, as pessoa de fora que querem interferir e mandar no Horto mais do que os pade, né? Esse é o grande pobrema. Porque desde quando eu cheguei aqui, conheço e o povo fala, que pade Ciço doou isso aqui para os salesianos. E agora começa também essa intervenção da prefeitura dento do museu, os pade tão até desgostoso que eles num têm mais direito ao museu. Esses são os pobrema, acho. Acho que tá mais afetando mais o Horto e atacando mais o Horto, né. Que as pessoa deve ter fé e confiar em Deus, mas pedir a Deus que resolvesse os pobrema, mas eu acho que ninguém podia interferir de querer mandar no Horto, a não ser os salesiano.

A fala de Misael, assim como a de Manoel, é de reconhecimento do direito de mando dos padres salesianos. Ainda que o primeiro tenha declarado que morava em Juazeiro há mais de 20 anos, foi viver no Horto apenas no período em que começa o conflito entre a Congregação Salesiana e a prefeitura.

Diferentemente dos dois depoentes anteriores, Domingos Francisco dos Santos, 40, comerciante e morador do Horto há 6 anos, não toma partido por nenhum dos lados, somente reconhece que a disputa acirrada prejudica a vida na localidade, promovendo o atraso.

[...] O maior problema é que a gente conheceu aqui há seis anos pra trás e era mais melhor do que agora. Aí, tá cada vez mais se acabando, cada vez mais enfraquecendo tudo, tudo. Aí, os problema é isso, o motivo é esse que num pode ficar entregue aqui a dois partido, a ser salesiano e prefeitura, tem que ter um lado só, ou esquerda ou direita, ou um lado ou outro. Um lado tomando conta, vai à frente e se ficar os dois, cada tempo que passa cada vez mais pra trás. Ôi, nós conheceu aqui com seis ano era muito, outra coisa que num é agora. [...] se fosse pra melhoramento, tava mais melhor do que achemo há seis anos atrás e tá cada tempo que passa, cada dia que passa tá ficando mais pra trás, tá acabando mais ainda. Em tudo, as romarias, em tudo.

Na sua compreensão dos fatos, as intervenções feitas não proporcionaram melhorias na vida nem no movimento do lugar. Pelo contrário, promoveram o atraso enfraquecendo a força que caracteriza o Horto.

Enfim, segue a fala de dona Maria José, 38, comerciante, moradora do Horto há 30 anos. Segundo ela, o maior problema enfrentado até então dizia respeito à falta de valorização, tanto dos salesianos quanto da prefeitura em relação às reais demandas e personagens do lugar, afirmando que a parceria entre as duas entidades nada trouxe de valor:

[...] num sabe valorizar nada. Um quer uma coisa, outro quer outra, fica tudo desorganizado. Esse é o maior problema. Se eles se alinhasse os dois direitim, podia ser que sáisse alguma coisa que prestasse, mas eles num se alinha. Um quer uma coisa e outro quer outra, problema é esse.

Com a retomada do projeto de revitalização em 2005, no primeiro ano de mandato Raimundo Macedo, usando verbas do Estado do Ceará, fez a reforma da praça promovendo “[...] a retirada de todas as outras barracas, deslocando-as para um único cordão, ao longo da subida e ao lado da área liberada” (VENTURELLI, 2022).

Dessa maneira, os projetos de modernização realizados no Horto desde a década de 1960 alteraram drasticamente a vida dos devotos habitantes do alto da colina, uma vez que muitos perderam seus pontos de comércio e até sua morada, os espaços de circulação para vendedores ambulantes foram restringidos e, principalmente, viram ser destruídos os ícones sagrados.

A agressão ao território, com a destruição do espaço místico para a construção de equipamentos voltados para o turismo religioso, promoveu a desterritorialização dos beatos que ali viviam contando a história de diversos milagres, rememorando as profecias do Padre Cícero, advertindo sobre o pecado e o fim do mundo de acordo com suas crenças.

É importante ressaltar que na relação com o espaço sagrado e os símbolos existentes nele, devotos, moradores ou visitantes, num primeiro momento, expressam sentimento de rejeição ao novo, à mudança. No entanto, com o transcorrer do tempo, incorpora-os num processo de constante ressignificação e reelaboração, recriando comportamentos, atitudes e rituais em relação ao lugar.



## CAPÍTULO IV

### “NÓIS TUDIM SOMO RUMEIRO DO PADIM CIÇO”: Os herdeiros da fé

No final do século XIX o Padre Cícero conheceu a Serra do Catolé, renomeando-a de Serra do Horto. Desde então, o lugar foi transformado num espaço de oração, penitência e fé. Lá, construiu uma pequena casa onde viveu ao lado de familiares e de pessoas que o viam como santo, descansando grande parte de seus dias ali, rezando, recuperando-se de doenças e reestabelecendo forças para cumprir a missão que acreditava ter sido dada por Deus.

Usufruindo da paisagem natural com sabedoria e consciência ambiental, à sombra do pé de tambor recebia romeiros de vários lugares, aconselhando e ensinando a rezar o rosário da mãe de Deus, assim como orientando a seguir o que considerava ser um bom caminho. Disse-lhes que aquele ambiente era sagrado, místico, que todos deveriam respeitar, cuidar e nele se penitenciar dos ditos pecados humanos.

Antes e depois de sua morte, homens e mulheres identificados como beatos, penitentes, devotos, majoritariamente indivíduos de origem humilde, pobres e analfabetos, crendo ser ali um espaço santificado e místico, do “julgamento final”, construíram barracos e casas no alto do Horto e adjacências, conservando intactas suas árvores sagradas. Sob as bênçãos do Padre Cícero acreditavam, ainda, que num dado momento seriam salvos quando Deus destrísse o mundo pela segunda vez, tal como aconteceu com Noé e sua família, segundo o Antigo Testamento.

O Horto tornou-se o lar, a moradia de centenas de pessoas que para lá se dirigiam em busca do sagrado. Muitos viviam como ermitãos, sem apego aos prazeres mundanos, ao mesmo tempo

em que se penitenciavam e oravam frequentemente valendo-se de suas vozes para propagar histórias de milagre, cura, castigo, proclamando a sacralidade ali supostamente existente, reverberando os conselhos e orientações do Padre Cícero. A vida e as narrativas de todos eles circulam na oralidade, sendo contadas e recontadas pelos mais velhos — avôs, pais e mães — realimentando a crença na mística do Horto e ressignificando a relação com o espaço.

Mas quem são os sujeitos históricos que viveram e ainda vivem no alto do Horto? Que histórias são contadas por eles e a respeito deles? Que relatos permanecem e são reelaborados, ressignificados? Qual é o perfil socioeconômico e educacional da população que reside e lá trabalha? Que narrativas são essas e como se relacionam com o espaço sagrado do “padim Ciço”?

O capítulo em tela busca conhecer um pouco mais esse contingente populacional através de suas próprias vozes. No primeiro momento, ao garimpar uma informação aqui e outra acolá, construímos, minimamente, a biografia de alguns beatos que viveram e tiveram uma relação quase mística com o espaço, que habitam as memórias e a história de Juazeiro do Norte. No segundo, elaboramos uma biografia coletiva dos moradores que comercializam no alto do Horto com base nas entrevistas do período em que foi realizada a pesquisa de campo para minha dissertação de mestrado, entre os anos de 1999 e 2001.

#### **4.1. NO TEMPO DO “PADIM CIÇO”: Os beatos do Horto**

É recorrente na oralidade a crença na sacralidade do Horto, assim como a história de homens e mulheres que, crendo na santidade e sobrenaturalidade do Padre Cícero, tiveram uma vida dedicada à penitência, oração, pregação, resiliência. Muitos os consideram loucos, fanáticos, ignorantes. Outros acreditam tratar-se de beatos, de pessoas cuja fé e devoção foram únicas. Tais indivíduos fazem parte da memória social (PORTELLI, 1997) dos devotos que vivem ou visitam a “[...] terra da Mãe das Dores e do padim Ciço”, em Juazeiro do Norte.

Embora não existam muitas fontes sobre os beatos que viveram no Horto, é possível reconstruir um pouco de suas histórias através dos livros de memorialistas e das narrativas orais compartilhadas por aqueles que os conheceram e conviveram com eles, narrativas que são contadas de uma geração para outra ao longo do tempo. Morro santo, terra sagrada desde a época do Padre Cícero, muitos beatos e devotos elegeram o alto do Horto como um lugar para fixar residência, mas alguns, porém, se destacaram por sua forma de vida e de vivência da fé religiosa. Convém conhecer cada um deles.

### **Beato Manoel João - o beato do Santo Sepulcro**

De pele morena, vestia-se de forma discreta e simples. Limpo, educado, humilde e atencioso, assim Otávio Aires de Menezes (2012) descreve o beato Manoel João. Mesmo tendo estudado, Manoel João era um homem da roça. Gostava da lida na agricultura, tornando-se um profundo conhecedor das plantas. Nas terras do Horto plantava feijão, milho, fava, mandioca. Mas sua especialidade eram as ervas medicinais, o que fazia dele um homem respeitado e procurado por pessoas que vinham de longe para consultas, rezas e curas (MENEZES, *Op. cit.*, p. 124).

Começou a vida de beato seguindo o padre Ibiapina. Com a morte do sacerdote, muda-se para Juazeiro, elegendo o Padre Cícero seu novo mestre. Devoto fervoroso de Santo Amaro e Santo Antônio, não deixava de rezar o rosário um dia sequer.

Cego dos dois olhos, vivia como um ermitão entre as pedras sagradas do Santo Sepulcro. Costumava ir ao Horto para conversar com o Padre Cícero. Segundo Severino do Horto, apesar de cego, deslocava-se sozinho sem precisar de um guia, o que causava admiração das pessoas que diziam:

[...] Mas meu Padrim! Como é que Mané João vem do Santo Sepulcro praqui cego dos dois olhos e o senhor num manda nenhum guia pra ajudar, pra ele

não tropeçar nas pedras? Ele dizia: Precisa não! Pra vocês saber que ele é cego materialmente, mas ele tem vista espiritualmente e a estrada dele é luminosa. Ele num tropeça em pedra não! (CARVALHO, 2014, p. 20-30).

Próximo ao dia de sua morte, pediu ao Padre Cícero para ser enterrado no Santo Sepulcro. Desse modo, quando faleceu, em 1925, foi sepultado no lugar que lhe era sagrado e construída uma capela que ainda hoje pode ser vista e visitada.

O padre Azarias Sobreira, ao saber que o beato estava prestes a morrer, subiu ao Horto para dar-lhe os últimos sacramentos, descrevendo-o como “[...] a personificação da bondade, do recolhimento, da modéstia e do bom-senso” (1969, p. 443-444).

### **Beato Vicente - O beato das matas**

Branco, olhos azuis, nariz afilado, estatura regular, assim Xavier de Oliveira (1921, p. 49) descreve o beato Vicente. Natural de Pernambuco, com ascendência holandesa, foi lenhador de profissão, vivendo nas matas do Horto e cortando madeira para as construções do Padre Cícero. Nas costas carregava o machado, ao invés da cruz.

Diferente de tantos outros beatos do Juazeiro, Vicente não frequentava missas, não se confessava, não portava o cordão de São Francisco amarrado à cintura e não pedia esmolas, vivia do suor do seu trabalho. Só não deixava de ter, no pescoço, mesmo que por baixo da túnica azul-claro, o rosário da Mãe de Deus e a imagem de São José.

Passava dias, semanas dentro da mata, razão pela qual não podia receber a tradicional “benção do Padre Cícero” realizada diariamente da janela de sua casa, no final da tarde. Contudo, no mesmo horário, onde quer que estivesse, ajelhava-se, e voltado para Juazeiro fazia suas preces recebendo, ainda que de longe, as bênçãos do sacerdote.

Homem calmo, pacífico e educado (MENEZES, 2012, p. 124), o beato Vicente era, entretanto, um homem valente. Na guerra civil do Ceará em 1913-1914, quando soube que Franco Rabello enviara homens para matar o Padre Cícero, “[...] trocou o machado pelo bacamarte, deixando a mata da serra do Horto para defender seu ‘padrinho’ atirando de cima das trincheiras para ver a queda. Cada carregamento dava 7 tiros, eram 7 quedas” (OLIVEIRA, 1969, p. 173). Segundo a autora, o beato explicava sua participação no conflito armado, dizendo: “Vieram atacar minha casa, minha obrigação é defender-me!”

Em 1913, quando Juazeiro se preparava para a guerra, construiu-se em redor da cidade uma barricada que ficou conhecida como “valado da Mãe de Deus”. O beato Vicente trabalhou na sua construção durante seis dias consecutivos. No alto do Horto, foi um dos responsáveis pela edificação do muro de pedra, impedindo que as tropas inimigas invadissem Juazeiro através de lá.

Xavier de Oliveira (*Op. cit.*, p. 58) narra um diálogo que teve com o beato em 1915 quando lhe pediu permissão para fotografá-lo, ao que respondeu negativamente com um “[...] sorriso incolor, apertado sobre os dentes amarelos”. O beato era desconfiado e não afeito a coisas modernas:

- Isso é coisa da besta-fera,
- Mas o Padre Cícero tira, ponderei-lhe, para convencê-lo.
- Sim, mas Cristo também andava sobre as águas e não se afogava. O meu Padrinho pode ele pisar em fogo e não se queima.
- Mas, eu é que não quero que o “Capiroto” tenha o meu retrato.

## O beato Manoel Palmeira - o convertido

Menezes Neto (1985, p. 61) descreve o beato Palmeira como um mulato magro e pálido, rosto emoldurado por um cabelo negro e ligeiramente crespo e barba crescida. Tranquilo e de passos len-

tos, usava camisolão preto de algodão grosso, tingido com tinta de lama feita pelas tintureiras da terra. Na cintura, uma corda de fio, alva, com um crucifixo pendurado na ponta. Uma cruz preta, mais ou menos do seu tamanho, pesava-lhe sobre o ombro direito.

Sua conversão se deu numa das vezes em que estava preso na cadeia do Crato, quando teve uma visão do inferno. Em sua percepção, aqueles que morriam em pecado ou cometiam falso testemunho eram espetados com ferro em brasa e obrigados a beber chumbo de ferro derretido em grandes caldeirões. Essas cenas de suplício cruciantes fizeram com que o valente Manoel Palmeira abandonasse a vida de samba e briga para dedicar-se às coisas de Deus.

Convertido, decidiu morar no Horto. Em carta endereçada ao bispo dom Joaquim datada de 4 de setembro de 1894, afirma o pe. Alexandrino: “[...] os beatos do Joazeiro, entre os quais o celebre Palmeira, vivem pregando todos os dias alli e recebendo esmolas em nome da religião do Joazeiro” (CASIMIRO, 2012, p. 650).

Homem de confiança do Padre Cícero, foi um dos responsáveis pela construção da igreja do Horto. Numa correspondência enviada à sua irmã em 1º de janeiro de 1895, o sacerdote assim se expressa: “[...] se você tem continuado a dar dinheiro a Manoel Palmeira para o serviço da serra, esbarre enquanto eu chegar, que pretendo estar aí querendo Deus ou na semana seguinte ou na outra” (CASIMIRO, *Op. cit.*, p. 685).

Apesar de sua personalidade austera e de gozar de bom conceito entre os beatos, diz Menezes Neto:

[...] Todos os dias, o austero e taciturno beato sumia-se com uma de suas nove companheiras, por dentre os cardos e juremas da montanha a orar e fazer penitências. Satanás, no entanto, fiel cumpridor das ordens de Jeová, não careceu do auxílio da serpente [...] Sem ela, o Santo devorou o “fruto proibido” [...] E, diziam que, das nove companheiras que compunham a guarda do templo **in fieri**, nem uma escapou. Cumprindo-se, rigorosamente, o conhecido preceito bíblico: — Crescei e multiplicai-vos [...]. (1985, p. 61).

## Beato Elias — um santo homem ou um falso beato?

Elias Gilli, italiano de Nápoles, chegou a Juazeiro ainda no século XIX. O padre Alexandrino, em carta expedida ao bispo diocesano em 11 de julho de 1895, informa que dois “orientais”, de nomes Elias e Gregório, estavam esmolando em cidades e povoados do Cariri (CASIMIRO, 2012, p. 701).

Xavier de Oliveira, no livro *Espiritismo e Loucura: contribuição ao estudo do fator religioso em psiquiatria*, afirma que o italiano vivia no Juazeiro há mais de 30 anos, definindo-o como um “misticopata” e dizendo ser ele portador de “[...] conjuntivite granulosa, com um cachimbo malcheiroso e uma bela voz de tenor” (1931, p. 49).

Sendo, possivelmente, o beato mais polêmico que viveu no Juazeiro, sobre ele existem muitas narrativas, desde os motivos que o fizeram deixar a Europa e vir para o Cariri depois de abandonar a mulher após flagrá-la em adultério, até a acusação de abusar sexualmente das mulheres (solteiras e casadas) que o seguiam.

Encarregado pelo Padre Cícero de cuidar e zelar das ruínas da igreja do Sagrado Coração de Jesus, passa a morar num casebre no alto da colina construindo ao lado uma pequena e rústica capela dedicada ao “Bom Jesus do Horto. Ali, o beato Elias liderou um movimento religioso que, entre outras atividades, incluiu a penitência através do sofrimento e do flagelo.

Em 1910, numa carta do vigário do Crato, padre Quintino, remetida ao bispo dom Joaquim, ao denunciar que o Horto fora transformado num santuário do Bom Jesus, no qual se incentivava à veneração do quadro do Sagrado Coração de Jesus e da escultura do Senhor Morto, ambos vindos da Europa, o sacerdote acusa o beato Elias de

[...] explorar largamente, à vista do Pe. Cícero, a credence de muita gente, que não obstante as instruções do Pároco da freguesia, lá se vão cumprir votos, teria ensejo de fazer melhor coleta, não sei se para algum dividendo (CASIMIRO, 2012, p. 789).

Considerando as informações fornecidas pelo padre. Quintino, pode-se deduzir que o Horto era um lugar de grande visitação de romeiros e que o beato Elias exercia ali uma liderança religiosa. Nos primeiros anos do século XX, fundou no Horto a Irmandade da Cruz, um grupo de penitentes que depois recebeu a alcunha de Corte Celeste, pois seus membros eram conhecidos pelos nomes de santo, tais como: São José, São João, Santa Filomena etc. O grupo costumava reunir-se “[...] algumas vezes por semana, a altas horas da noite, usando trajes especiais, rezavam e cantavam o ofício das almas” (OLIVEIRA, 1969, p. 242).

Dada a sua personalidade excêntrica e mística, bem como sua liderança junto a muitos penitentes, o beato Elias foi acusado de explorar a boa-fé dos devotos. Otávio Aires de Meneses diz que todos “[...] os romeiros que iam fazer promessas ou pagar graças alcançadas na serra do Horto, ao passarem pela casa das orações, prestavam contas com o beato, que cobrava o ‘sinal do milagre’, para que a promessa fosse completamente atendida” (2012, p. 126).

Edmar Morel, em matéria publicada na revista *O Cruzeiro* - RJ em 16/12/1944, o descreve como um sádico:

[...] foragido de sua pátria, por crime de furto e estupro. Elias com uma Cruz de madeira nas costas, subia a Serra do Catolé e à noite seviciava os seus fanáticos com afiadas navalhas, em forma de dísticos. As vítimas sangravam ao cântico de

Adeus mundo de misérias  
Adeus mundo enganador  
Minha alma só quer amar  
O meu Deus e meu senhor.

O Senhor, é claro, era Elias. Elias foi uma legenda de horror nos sertões do Cariri.

Na reportagem, o jornalista afirma que visitou a casa do beato Elias e que lá existia um subterrâneo onde “[...] encarcerava suas mulheres e guardava as penitências, incríveis instrumentos de tortura feitos com pedaços de ferro velho”.



O beato Elias era um líder nato, conseguia arregimentar homens e mulheres de todas as idades que, seguindo suas orientações no modo de vestir-se e de portar-se, se isolavam da sociedade e se reuniam nos cemitérios para fazer penitências e rezar pelos supostos pecados da humanidade. As reuniões eram marcadas por atos de disciplina que consistiam na autoflagelação com chicotes compostos por lâminas nas pontas e outros castigos físicos.

As polêmicas envolvendo o beato Elias não ficaram restritas apenas às questões religiosas. Muitos o acusavam de manter relações sexuais com as penitentes, com rumores de que mulheres abandonavam os maridos e meninas apareciam grávidas.

Em seu livro *Beatos e cangaceiros*, Xavier de Oliveira nos conta:

[...] o typo mais perfeito de fanático que conheço. Nem lhe falta o acidente sexual [...], tendo abandonado a esposa, em Napoles, para, agora, velho já de 70 anos, prevaricar contra uma virgem em Juazeiro, o que deu motivo ao Pe. Cicero tirar-lhe a batina de beato e tomar-lhe as chaves da sua egrejinha do Horto, que lhe tinham sido confiadas havia tantos anos (1920, p. 49).

Segundo relatos que circulam na oralidade, diversas vezes o beato Elias fora agredido por maridos, pais e irmãos de suas vítimas. Numa dessas surras, um rapaz, sabendo que sua irmã foi iludida por ele, espancou o beato com um porrete de madeira levando-o à morte.

Sua práxis religiosa, entre outras tantas coisas, transformaram Elias, certamente, num dos mais conhecidos e polêmicos beatos que viveram no alto do Horto. Durante anos, a pequena capela de palha do Bom Jesus foi símbolo da religiosidade popular. Histórias a seu respeito são frequentemente contadas e recontadas na atualidade. Várias dessas narrativas vêm à tona, como os túneis subterrâneos em que realizava rituais e praticava atos libidinosos com as seguidoras.

## Beato José Florentino – a relíquia do Padre Cícero

O beato José, como era conhecido, se tornou no começo do século XX uma espécie de pajem, ou seja, aquele que conduzia o cavalo do Padre Cícero nas viagens pelo Cariri. Foi também considerado um homem calmo, pacífico, humilde, de conversa agradável e amigo dos animais (MENEZES, 2012, p. 128).

Em artigo publicado na revista *O Cruzeiro* de 1944, intitulado “Os últimos beatos do Juazeiro”, escrito por Edmar Morel e Zulema Figueiredo, é feita a seguinte descrição do beato José: “Cabelo carapinho cortado baixo, de estatura alta, magro e esbelto, olhos miúdos e negros muito suaves na expressão, lábios finos e queixo pequeno” (Nº 8, p. 106).

Segundo narrativas orais, o beato José conservou-se casto em virtude de um voto feito a Nossa Senhora das Dores e São Francisco de Assis em 1914, quando o governo de Franco Rabello tentou invadir e destruir Juazeiro na conhecida guerra civil do Ceará.

Tranquilo, puro, meigo, de profunda fé e de costumes muito rígidos. De acordo com Maria das Dores Guilhermino — ou Dorinha do Horto, como é conhecida —, em artigo de sua autoria com o título “O Horto do Padim Ciço: um mundo místico dos penitentes”, o beato “[...] não gostava de ver mulheres com roupas curtas”. Na sequência, cita um depoimento de Dona Antônia:

[...] Brigava com as mulheres que usavam roupas curtas ou calças. Com o cajado batia em algumas mulheres, dizendo que Deus não queria ver essa falta de respeito. Então, eu e outras amigas cantávamos para chatear o beato. Ô meu santo Beato José, tu só quer ser santo, mais santo não és, tu andas pregando sermão com a vara pra dar nas mulheres. O beato, continua a autora, ficava irritado e não gostava do cântico (2009, p. 11).

Último beato do Padre Cícero, José Florentino morou numa casinha encostada ao casarão do sacerdote até sua morte, na década de 1950.

Na modesta habitação, que ainda hoje existe, morou durante muito tempo o sr. Severino do Horto, que o descreve como “[...] o mais santo dos beatos [...]. O povo chamava a relíquia do Padre Cícero, foi ele que morreu por derradeiro!”.

#### **4.2. AS ROMEIRAS DO ALTO DO HORTO: Beatas, penitentes, donas de casa, trabalhadoras**

Infelizmente, não são muitas as fontes sobre as beatas que viviam no Horto. Sabe-se que várias delas moraram na casa do Padre Cícero antes e depois de sua partida. Amália Xavier, por exemplo, cita o nome de uma beata conhecida por Giluca (Biluca), que era membro de uma das mais antigas famílias do Juazeiro, os Bezerra de Meneses. Giluca, depois de renunciar à posição social que tinha para dedicar-se à religião, escolheu morar no casarão do Horto, ficando encarregada de cuidar da alimentação do sacerdote (1969, p. 23). Ainda segundo a autora, outras beatas — Joana da Hora, Maria das Malvas, Umbelina, Águida — acompanhavam o Padre Cícero quando este subia a serra do Horto (p. 53).

No artigo supramencionado, Dorinha do Horto cita alguns nomes de beatas e penitentes que viviam no alto da colina:

[...] Dona Águida — diretora da casa e administradora. Morava na casa sua irmã Luzia, Zefa Pastora, Dona Terezinha, madrinha de Fogueira de Luiza, Benta, Cecília Miúda (era anã), Evangelina, professora, sua mãe era prima do padre Cícero. Dona Massau, Lia e Lira, Joana Grande, Santa e sua irmã Tumaza, Severina, Maria, que morou na casa de pólvora, Antônia Jandira e sua irmã Gina e a beata Biluca com sua irmã beata Júlia (2009, p. 16).

Dorinha ainda menciona algumas mulheres que moravam no casarão após a chegada dos padres salesianos: Dona Lica Maria da Silva, diretora da casa, sua irmã Dona Maria Pereira da Silva, Dona Bia, Gina, Dona Zefinha e Luiza do Horto.

Em 1999, com a possibilidade real de transformar o casarão em museu, as últimas duas senhoras que moravam lá foram removidas, Dona Maria e Dona Luiza do Horto, a primeira desde a época do Padre Cícero, a segunda, desde 1935. A decisão de retirá-las do imóvel teve repercussão negativa entre os habitantes do lugar, parte da população de Juazeiro e pesquisadores, forçando os idealizadores do projeto a construir um anexo para abrigá-las.

É preciso ressaltar a importância que as mulheres têm na história do Juazeiro, afinal, foi através de uma delas, Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo — a beata Maria de Araújo — que a hóstia se transformou em sangue, dando início à tão polêmica e estudada “questão religiosa”, tornando o pequeno povoado amplamente conhecido dentro e fora do Brasil.

Renata Marinho Paz, em seu livro *As beatas do Padre Cícero: participação feminina no movimento sócio-religioso de Juazeiro do Norte*, publicado pelas Edições IPESC/URCA em 1998, faz uma importante reflexão acerca da atuação das mulheres nesse tocante.

As senhoras do Horto, sejam as que viviam no casarão ou as que circulavam no espaço sagrado do alto da colina, com suas roupas típicas, vozes, testemunhos e trabalhos prestados, difundiam e ainda difundem as narrativas dos milagres realizados, ressignificando o imaginário acerca do Horto e exercendo o papel de guardiãs da memória e da história do lugar.

Os relatos de seus habitantes quase sempre principiam com a menção às histórias contadas pelas mulheres mais velhas do Horto. Ao serem indagados sobre o Padre Cícero, explicam:

[...] À época que cheguei aqui, as véia conversava muito sobre o padim Ciço e eu gostei de ouvir os mais véi falar, né? (João Leite).

[...] uma veinha, quando nós cheguelmo aqui, ela cansava de dizer que ele falava. Uma véia que conversava de padim Ciço. [...] E têm muitos, muito exemplo aí. Que muitas véia que trabaiava quando nós cheguelmo aqui, elas contava. Agora muitas que elas contava aí eu num butei na cabeça, não. Elas contava

os exempro dele, que aconteceu cum ele. Aí muitas véia contava, dizia (Josefá dos Santos).

Tais mulheres, apesar da escassez de fontes escritas a respeito delas, vivem na memória dos moradores do alto do Horto, que reverberam através da oralidade as histórias contadas por elas.

Durante a pesquisa de campo, conhecemos e ouvimos algumas dessas mulheres beatas, penitentes, casadas, solteiras, jovens e idosas que, com suas vidas e com a posterior morte no espaço sagrado do Horto, dão pistas de crenças, vivências e peculiares visões de mundo a partir de suas próprias falas.

**LUIZA DO HORTO** - a última moradora do casarão do Padre Cícero

Luiza Maria dos Santos, conhecida como Luiza do Horto, natural de Campina Grande-PB, chegou a Juazeiro do Norte em 1936 com apenas 12 anos de idade. Seu genitor, José Justino dos Santos, veio morar na casa de pedra onde residiu o beato Vicente. Após a morte dos pais, mudou-se para o casarão do Padre Cícero — também chamado de “casa dos ex-votos” — com outras senhoras, passando a receber e orientar os romeiros que chegavam ao local. Embora não se vestisse como tal nem gostasse de ser chamada de beata, Luiza nunca casou, dedicando-se à devoção ao Padre Cícero. Uma de suas características mais fortes era a alegria com que recebia os visitantes, padres e romeiros.

Em 1999, com a transformação do casarão do Padre Cícero em Museu Vivo, as duas últimas moradoras da casa, Dona Maria e Luiza, foram obrigadas a sair, provocando uma onda de protestos por parte de pesquisadores e personalidades da cidade. A pressão culminou com a construção de um anexo ao imóvel com dois quartos, uma sala conjugada à cozinha e um banheiro, onde passaram a residir.

Dona Maria faleceu logo após a inauguração do museu, em 2000. Luiza ainda viveu por 20 anos compartilhando ensinamen-

tos, histórias sobre o Padre Cícero e recebendo em sua sala, além dos romeiros, visitantes de vários lugares do Brasil.

Luiza, embora muito devota do Padre Cícero, conforme dito anteriormente não gostava de ser tratada como uma beata. Costumava dizer: “[...] beata era as mais véia que morava no casarão, eu num sou véia”. Também não era do seu agrado falar sobre as questões religiosas do Juazeiro. Sempre que alguém lhe pedia para se pronunciar a respeito do assunto, mudava o rumo da prosa e dizia: “[...] num sei nada dessas coisa antiga, não”.

Segundo Ercília Braga de Olinda, durante entrevista com Luiza para o livro *Maria de Araújo: uma santa na penumbra*, ao lhe perguntar, cinco vezes, o que ela achava da beata, respondeu: “Por que vocês gostam de perguntar se ela era santa? Por que vocês querem saber sobre beatas? Isso já passou, agora é outro tempo!” (2021, p. 137).

Numa das muitas vezes que levei meus alunos para as aulas de campo no alto do Horto, fomos, como sempre fazíamos, visitar Luiza. Numa dessas ocasiões, ela proferiu a seguinte súplica: “[...] Nosso Senhor misericordioso/Pela sua morte, paixão e ressurreição/Aos céus, rolai as pedras do meu caminho, do nosso caminho e de todos, principalmente dos pade (sic) de Crato, aquele que gosto muito dele, o pade Jorzelândio (Roserlândio), de Fátima Pinho e de Dom Fernando”. Em seguida, fez uma declaração: “[...] se Deus quiser, Dom Fernando vai descobrir o segredo de padim Ciço”. Perguntei: Qual? — E ela prontamente respondeu:

[...] A beatificação dele. Num diz que vem um bispo italiano, tudo. Quem sabe quem é? Quem sabe num é ele um dia, né? Num tem essa histora aí das véias, que um dia vinha um bispo italiano, né? Você num leu? Então, quem sabe se num é ele? Porque no Crato teve dom Vicente, Dom Newton. Quem sabe, num é ele.

Isso se deu em 17 de agosto de 2015. Quatro meses depois, em 13 de dezembro, o bispo do Crato, Dom Fernando Panico, torna pública a carta-mensagem do Secretário de Estado de Sua

Santidade, Cardeal Pietro Parolin, denominada “Reconciliação histórica da Igreja com o Padre Cícero”, na qual se é afirmado: “[...] é sempre possível, com a distância do tempo e o evoluir das diversas circunstâncias, reavaliar e apreciar as várias dimensões que marcaram a ação do Padre Cícero como sacerdote”. Ainda no documento, o cardeal reconhece o Padre Cícero “[...] como mediador entre o sertão e o litoral, entre os pobres e as elites nacionais, entre a cultura popular e a modernidade adveniente, entre o catolicismo tradicional e o movimento reformador”.

Ao reproduzir as falas das “velhas do Horto” de que um bispo estrangeiro iria reabilitar o Padre Cícero, Luiza identificava nas ações de dom Fernando a concretização do que fora dito pelo próprio sacerdote: “A minha defesa quem fará é a *própria Igreja*”.

Ao longo de mais de 40 anos, Luiza morou no casarão e trabalhou com os padres salesianos, recebendo romeiros, transmitindo informações. Sempre simpática e muito gentil, alegrava-se quando alguém ia visitá-la. A profícua relação afetiva que manteve com o espaço sagrado do Padre Cícero por tanto tempo lhe rendeu o cognome de Luiza do Horto.

Cuidada, nos últimos anos, por Dorinha do Horto, terminou sua jornada em 18 de junho de 2020, exatamente no dia em que festejava, anualmente, a Renovação do Sagrado Coração de Jesus com todos os ritos tradicionais da religiosidade popular, participação de toda a comunidade local e dos amigos, transformando o evento num momento de grande confraternização e alegria.

### **DONA ISAURA** – a última mística do Horto

Filha de trabalhadores rurais seguidores do Padre Cícero, Isaura Francisca de Freitas nasceu num sítio no município de Icó, Ceará, em 28 de outubro de 1928. Casou-se ainda jovem, porém não teve filhos. Muito religiosa, devota de São Francisco de Assis e do patriarca de Juazeiro, veio morar no alto do Horto durante a administração do padre Nestor Sampaio, por volta da década de 1960.

Dona Isaura lembra que quando chegou a Juazeiro, voltando de uma romaria a Canindé, foi ao Horto e percebeu que ali, segundo ela, era um lugar abençoado e que o Padre Cícero a havia chamado. Na ocasião, diz, construiu uma

[...] toca ali debaixo do pé de Juá, derrubaram o pé de Juá. Eu comprei uma lona e fiz uma toca. Passei três meses. Aí, o pade (sic) Nestor foi olhar, aí correu o boato de que eu era macumbeira. Aí, o pade Nestor foi lá. Disse: eu boto a senhora daqui pra fora. Eu disse: Eu só saio daqui com a ordem de Deus que me botou aqui, [...] eu tô aqui debaixo do pé de Juá, mas eu só saio daqui com a ordem de Deus e de Nossa Senhora. [...] eu vim foi com a ordem de meu padim Ciço, praqui. [...] Ele foi lá e disse: amanhã eu trago a poliça pra meter a chibata. Eu disse: pode trazer a poliça, pois eu só saio daqui com a ordem de quem me butou aqui. O rancho era coberto com palha de côco.

Justificando o seu direito de morar no alto do Horto, afirma: “[...] A terra é de meu padim Ciço. Ele marcou o canto da minha morada, que num era pra ser empregado por cause de ninguém. Ele marcou o canto pra mim: Sua casa é ali”. Depois de três meses morando num barraco, continua dona Isaura: “[...] comprei uma palhoça e com a continuação do tempo, eu fiz a casa”. Situada na avenida Pe. Jezu Flor, logo abaixo da praça principal do Horto, viveu o resto de sua vida.

Durante muitos anos, dona Isaura se empenhou nos cuidados do esposo, que era cego. Após a morte dele, passou a viver uma vida de quase reclusão, dedicando-se a orações e penitência. Em sua casa, cultivava um pequeno pomar que lhe tirava o sossego. Dizia ela: “[...] os ladrão só falta é mim matar por cause desses pezim de fruta que tenho. Só num mata porque Deus, meu pai, é quem toma conta de mim”. Do pequeno sítio colhia, semanalmente, frutas para levar aos padres salesianos.

Numa das minhas incursões ao Horto, após concluir algumas entrevistas para a pesquisa de mestrado, estávamos eu, o padre



Venturelli, Dorinha e outras pessoas sentados à mesa no anexo do museu onde morava Luiza, quando entrou pela porta uma senhora baixinha, de lenço na cabeça e roupa franciscana, trazendo uma bacia repleta de frutas frescas. Era dona Isaura.

Dispondo a bacia sobre a mesa, observou o padre Venturelli por alguns minutos como quem queria dizer alguma coisa. Em meio ao burburinho de nossa conversa, finalmente se pronunciou: “Pade, padim Ciço mandou eu vim aqui dizer que o senhor tome conta do Horto!”. Todos nos calamos. Repetiu dona Isaura: “Padim Ciço disse que mandou o senhor pra cuidar do Horto!”. Em seguida, explicou que no sonho que tivera, o sacerdote havia lhe confidenciado que estava muito triste com a situação de abandono em que o Horto se encontrava e que, por esse motivo, enviou o padre Venturelli para cuidar, organizar o lugar.

Dona Isaura ficava dias inteiros em oração, muitas vezes sem se alimentar para expiação dos pecados, dizia. Um pouco beata, um pouco mística, afirmava ter sonhos/revelações e conversas frequentes com o Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores. Segundo Dorinha do Horto, que cuidou dela nos últimos anos de vida,

[...] era alma de Deus na terra. Vivia regrada na devoção, na penitência. Tinha uma devoção a São Francisco, vestia batina marrom, pés descalços, não comia carne, aliás, só no domingo podia comer o pirão da carne. Tinha dia que eu não podia entrar lá que era o dia da penitência. Um dia, ela me pediu para não ir lá durante uns oito dias, recebeu uma penitência: vou me penitenciar pela alma de um padre. Por ser um padre, a penitência era maior. Ela era mística, um dia ela tava chorando, viu a pessoa que morreu, tava sofrendo.

Já velhinha e debilitada, dona Isaura foi levada para morar num dos quartos do anexo do museu, ficando sob a responsabilidade das freiras salesianas. Em 18 de junho de 2021, faleceu com 93 anos.

## DONA PEDRINA - a carpideira do Horto

Uma mulher negra, pobre, que só sabia assinar o nome, morava em um barraco de papelão e plástico, sem energia elétrica, água encanada, banheiro, próximo à muralha de pedra. Esta foi Dona Pedrina, natural do Piauí. Abandonada pelo marido, passou a viver da agricultura e da venda de frutas (manga, goiaba etc.) que colhia nas matas do próprio Horto. Assim como tantas outras, sua família vinha com frequência às romarias do Juazeiro e alimentava o desejo de morar na terra da Mãe de Deus e do Padre Cícero. Contava das suas lembranças, uma viagem longa feita pelo irmão mais velho:

[...] veio praqui, passou sessenta dia na viagem, trinta pra lá, trinta pra cá, veio de pé. Aí, quando chegou lá, já foi certa pra vim s'imbora, que era pra vim tudo, cum tudo. Viemo cum tudo. Papai, quando era vivo, pelejou cum mãe pra vim, mãe num quis vim. Depois que ele morreu foi que mãe a resolveu a vim. Depois que nós crescemo tudo, aí foi que ela resolveu a vim. Mais graça a Deus, tô bem!

Dona Pedrina e sua família chegaram ao Horto em 1972, ela com 29 anos de idade. Ao ser questionada sobre o motivo pelo qual decidiu morar ali, respondeu: “[...] ele (Padre Cícero) me chamou. Me trouxe praqui! Deu toda força de mim trazer praqui e pra outros canto eu num vou. E praqui eu vim trazida por ele, cum toda famia que nunca tinha vindo aqui, primeira vez que vimo, fiquemo!”

Mulher simples e humilde, porém, de personalidade forte, dona Pedrina afirmava, com firmeza, sua fé na santidade do Padre Cícero e em Nossa Senhora das Dores. Gostava de rezar o rosário e fazer suas orações em diversas horas do dia, em casa, pois não apreciava ir à igreja. Assim descreveu o seu cotidiano:

[...] Ói, tudo quanto eu faço eu consigo por ele (Padre Cícero). Vivo aqui direto. Ó, amanheço o dia [...] boto minha cumidinha no fogo. Vou cuidar de minha vendinha aí. Quando é seis hora, eu pego um bocado

de velinha, lá em cima, naquele acendedor. Aquelas velinha eu pego, que caiu dento daquela caixa, eu pego assim uma sacola desse tamanho! [...] Todas seis horas todo mundo pode óiá, seis pra sete. Aí, eu rezo o terço todo dia, seis pra sete. Quando é seis, às vez eu rezo, outa vez é sete hora. Quando termino, me assento acolá naquela peda e rezo o meu rosário todim acolá. Ninguém num me vê na igreja, não. Eu me pego no meu artá, rezando. Rezo o terço de Maria valendo, Salve Rainha e pelo Senhor Deus. Todo dia, todo dia. Num tem essa história de dizer tal dia, não. Ocê pode marcar, pode eu tá onde eu tiver, se eu chegar oito hora da noite, eu chegar onze hora da noite, ainda me vê aí no pé do meu artá, rezo meu terço e quando acaba, inda rezo o meu rosário, enquanto eu num rezo tudim, eu num durmo. Aí que eu vou à igreja todo dia? Eu num vou não. Tenho meu artá. No meu artá tem meus santo, tem meu Coração de Jesus, tem tudo pra mim rezar. Pro quê eu num vou rezar? É mermo que tá na igreja, que eu tô rezando todo dia, rezando toda hora.

Para dona Pedrina, Padre Cícero é o próprio Deus, que tudo pode e tudo faz. Contou que um dia, encontrando-se doente da barriga e sem condições de ir ao médico, suplicou:

[...] Ô, meu padim Ciço, que que eu faço, sei que vou morrer desse negoço na minha barriga. Eu num quero ir pra doutor, meu padim Ciço! Quero que vós me amostre um remédio nem que seja em sonho. Aí, de noite quando eu fui dormir sonhei cum minha cunhada, essa que mora em São Paulo. Aí, ela tinha uma menininha, assim, deste tamanho. Aí, eu sonhei, diz que eu tava sentada cum café na mesa, diz que ela chegava cum a fia dela. Aí, ela arroudeou assim a mesa, sentada na mesa, ela arroudeou assim a mesa mais eu. Aí, ela disse assim: Ô, Cecília, o remédio de Pedrina! Aí ela, ela disse: oxente mãe, é só ela fazer a garrafada do toré. Aí, eu já sabia fazer. Aí quando eu acordei, acordei naquela fé tão grande de meu padim Ciço, eu disse: vou ficar boa. Aí fui ligeiro buscar, que

já sabia fazer, fui buscar ligeiro. Mandei as menina trazer, as menina trouxeram, peguei, enchi a panela, assim, um caldeirão desse tamanho, cheio. Encarquei bem encarcado [...], quando acabei botei a água. Tudo certim no beço da panela, abafei no caldeirão. Enchi o fogão de carvão, botei fogo. [...] Vim desabafar ele no outo dia. Quando foi nos outo dia enchi quatro lito, quatro lito de bitorim. Quando terminei de beber os quatro lito, cabou-se! Eu num podia triscar na minha barriga assim nem de vagazim e, hoje, eu bato aqui num sinto nada, nada, nada. Era um cisto, tava desse tamanho (mais ou menos do tamanho de uma laranja), mexia que nem menino, dava vontade de comer as coisas que nem menino.

Mesmo não se reconhecendo como penitente ou beata, Dona Pedrina, juntamente com outras senhoras, compunha um grupo de cinco mulheres que cantava nos chamados “velórios do Horto”. Era comum elas adentrarem a madrugada entoando cânticos a cada hora, além de uma música dedicada ao defunto, ou à sua família, principalmente à meia-noite, momento em que se cantava o Bendito das Almas, e às cinco da manhã, o Bendito da Aurora, quando se expressava o desejo de conhecer a hora da morte, conforme se vê nos versos: “Ah, meu Deus, quando será? / Quando será o meu dia / d’eu me vê ajoelhado / nos pés da virgem Maria?”

Dona Pedrina, amplamente conhecida e querida na comunidade do alto do Horto, é descrita como uma pessoa muito simples, despojada, que não tinha luxo algum, tampouco se preocupava com a aquisição de bens materiais. Como rezadeira, costumava receber crianças e adultos para tratar “vento caído”, “mau olhado” e outros incômodos. Faleceu antes de ser retirada do Horto, durante o projeto de revitalização.

### **JOSEFA MARIA VIEIRA** – a parteira do Horto

Conhecida na comunidade como “Dona Deda”, Josefa Maria Vieira, aposentada, viúva, mãe de 14 filhos, natural da cidade de São José da Laje, Alagoas, morou no Horto por mais de 40 anos,

dando continuidade ao trabalho de sua mãe como parteira. Analfabeta, dizia que nunca quis estudar:

[...] Mãe me botou na escola quando eu era pequena e eu disse: eu num quero, eu num quero. Eu quero é ser parteira que nem mãe. Eu cresci e me criei, quando tive o primeiro fio e imburaquei, peguei minino que já tem 52 anos e ainda pego, se me chamar, vou pegar o minino e cortar o cordão.

Devota fervorosa do Padre Cícero, afirmava que só nasceu graças a ele, pois, quando estava prestes a vir ao mundo, sua mãe sofreu durante cinco dias consecutivos num parto muito complicado e todos acreditavam que a criança não sobreviveria. Sua mãe contava que, ao ver o seu sofrimento, um compadre lhe aconselhou a fazer uma promessa com um santo poderoso. Desesperada e já sem forças, valeu-se do Padre Cícero lhe fazendo uma promessa: se “[...] ele desse a graça daquela criança nascer e ela ficar boa, quando essa criança tivesse cum idade de visitá-lo, vinha aqui dá benção a ele. Com poucos minutos eu nasci”, afirmou dona Josefá.

O cumprimento da palavra se deu aos oito anos quando a mãe, além de parteira, cuidava dos velórios na comunidade em que morava. Naquele ano de 1933, organizou uma romaria com destino a Juazeiro. Sobre a viagem, dona Josefá conta o seguinte:

[...] Nós passemos vinte dias de viagem, de pé, de São José de Lage até aqui. Nesse tempo num tinha essa história de caminhão, caminhonete, nada não. Ou vinha de pé, ou vinha nas costa de jumento. Chegemo aqui, eu entrei mais minha mãe, só entrava duas em duas pessoa, só entrava duas pessoa. Aí nós entremo, ele tava numa sala lá no casarão, num foi num museu não, viu? Foi no casarão. Eu vou de ôio fechado e digo onde era a sala que padim Ciço tava. Uma mesinha assim como mesa de santo, bem forrada e ele assim (rezando) [...]. Aí minha mãe se ajoelhou, eu me ajoelhei, aí minha mãe disse: bença, meu padim! Ele disse: Deus te abençõe, minha ami-

guinha. Aí eu fui, dei minha bença também a ele, aí ele disse: Deus te abençõe, minha amiguinha. Aí, fez o sinal da cruz na minha testa, pronto! Eu só conversei cum padim Ciço isso, mais ele conversou uma meia hora mais minha mãe.

Ao relembrar a conversa que sua mãe tivera com o Padre Cícero, dona Josefa ressaltou que lembrava de tudo, posto ser sua cabeça de “[...] véia um gravador”. Contou ainda que ele se reportou a ela, dizendo:

[...] Ói, minha amiguinha, você viva como tá vivendo, mas se você encontrar um morto numa estrada, numa porta, dento do mato, se for homi, você vai aos bolso dele, você vai ao pescoço, se for mulher, você vai passar a mão no pescoço, se num encontrar um rosário, você interre no mato que bicho, o tempo destrói. E você viva do que sabe, que a mãe de Deus lhe dá o pão de cada dia três vez no dia. E olha, minha amiguinha, eu quero três rosários no dia, por cima de enfado e preguiça. Eu quero três rosário num dia, por cima de enfado e preguiça. [...] E você nunca deixe de visitar a Mãe de Deus.

Sendo esta a primeira de muitas romarias, dona Josefa declarou que sempre teve o desejo de fixar residência em Juazeiro, repetindo para si mesma: “[...] eu inda moro no Juazeiro, eu inda moro no Juazeiro, eu inda moro no Juazeiro, eu inda moro no Juazeiro”. Seu desejo, no entanto, só se realizou depois de muitos anos, quando já estava casada e com vários filhos para criar. Ela conta que, um dia, após rezar o rosário, adormeceu:

[...] No primeiro sono, não. Segundo sono, eu me encontrei cum ele, no sonho. Digo: bença, meu padim Ciço! Ele disse: Deus te abençõe! Eu digo: Meu padim, eu vou morar no Juazeiro — no sonho. Aí, ele disse assim: minha amiguinha, num é tempo, não. Eu digo: Mas por que, meu padim? Eu tem o dinheiro de ir, já tá tudo arrumado, tudo pronto. Ele disse: num é

tempo, não. Olhe, minha amiguinha, quando a gente quer fazer uma coisa, a gente espera cinco, dez e quinze ano. Aí, eu me acordei. Digo: oxente, se for daqui a quinze ano eu num quero ir mais, né! Fiquei revoltada, né? Aí, no outro dia, eu contei as fia. As fia se revoltou tudo, por que num sei o que, por que mãe isso e aquilo, que sonho é variedade. Eu disse: não, minha fia, sonho num é variedade, não. Sonho é variedade quando a gente num sonha cum santo, mas todo sonho que eu tenho cum padim Ciço é um aviso, ele me avisa. Aí, fui morar em Crato. Quando eu cheguei em Crato — uma coisa é ver, outa é contar —, com quinze mês justim, eu tava na matriz de Juazeiro, até hoje, entrou pra trinta e um ano.

No Horto, dona Josefá, além de exercer a profissão de parteira, trabalhou muitos anos na roça, mas gostava de dizer: “[...] do Juazeiro eu num saio, porque padim Ciço me disse: você vai morar no Juazeiro, você vai se enterrar no Perpétuo Socorro, minha amiguinha. Pode ficar ciente. E o Horto pra mim é tudo, tudo”.

Em sua narrativa, sublinha que se comunicava com o Padre Cícero através dos sonhos, como o que pediu para vir morar no Juazeiro. Além deste, contou, pelo menos, outros dois: um em que o sacerdote lhe avisa que teria 14 filhos e um aborto, e outro, em que se apresenta.

[...] quando foi de noite que eu dormi, cheguei numa feira. Sentei numa carçada numa loja e ele chegou e disse até a mim assim, e disse muita coisa, muita coisa. Aí, eu fiquei calada, no coração dizendo que era mentira, num sabe? Pensando: hum, que esse pade tá dizendo... Eu, né? Aí ele disse assim: Se eu disser qual é o santo — pode escrever e pegar no gravador que ele disse a mim —, se eu disser qual é o santo que tu adora e venera e tudo na tua vida é ele, tu acredita no que eu tô dizendo? Eu disse: Se o senhor disser, eu acredito. Aí, ele olhou pra mim assim, aí eu disse: ele vai dizer que é São Sebastião. Quer dizer, eu no meu pensamento, né? — Em sonho. Num tinha sonho

não, eu tinha é uma coisa que nem aviso, era como que nem uma coisa que eu tava vendo. Aí, ele disse assim: Você acredita mermo? Eu disse: Acredito. Se o senhor disser qual é o santo que eu amo de todo o coração, com todas minhas forças, com todo meu ser, com toda minha alma, aí eu acredito em tudo que o senhor tá dizendo. Aí, ele olhou pra mim assim e disse: olha, o santo que tu adora com todo ser, com todo teu coração, com toda tua alma, que tudo que tu precisa tu pede a ele, é o pade do Juazeiro — fez assim na minha cara —. É o pade do Juazeiro. E eu tô mentindo? Eu digo: Não senhor. Eu me arrepiei todo. Eu digo: não senhor, o senhor agora falou verdade.

O gesto do Padre Cícero ao passar a mão em seu rosto como quem estava tirando-lhe a venda dos olhos tem um significado sobrenatural. É como se estivesse se apresentando, se revelando para ela como um santo forte, como seu protetor. Reafirmando seu amor e fé no sacerdote, Dona Josefa se emociona e compartilha:

[...] desde menina, quando eu aprendi a falar, minha mãe me ensinou a amar a ele e ele é seu padrinho, minha fia. Eu digo: sim, senhora minha mãe. E eu vou morrer com essa fé, num tem quem tire, num tem crente, num tem ninguém no mundo, ninguém no mundo tira a confiança e a fé e o amor que eu tenho a padrim Ciço. Ocê pode passar o dia todim aí pregando, e eu escutando, mas num tira.

Quando já estava finalizando nossa entrevista, Dona Josefa volta a narrar seu encontro com o Padre Cícero, ressaltando a lembrança que guardou de sua fisionomia, assim como a sensação de ter sido abençoada, tocada por ele:

[...] Olhe, minha fia, a mió coisa do mundo foi o pade ter feito o sinal da cruz na minha testa. Mais conheci como tô conhecendo a senhora aqui e falei com ele, me ajelhei nos pés dele, a mão dele, você num vê uma pasta de algodão de seda? Era a mão de padrim



Ciço. Lindo, lindo, lindo, lindo! É Nosso Senhor Jesus Cristo redentor do céu e da terra. Ói, meu cumpade, tudo que o senhor tá passando aí bote nas mãos de padim Ciço. Eu digo: pode botar, bote nas mãos de padim Ciço, diga a ele: meu padim, o senhor é meu advogado. E fique quieto que ele resolve tudim e o senhor vai vê. Eu tô tranquila, eu rezo meu rosário bem cedo, meio-dia, de noite, as vez eu me acordo rezando meu rosário. Rezo Maria! Valei-me! Rezo o fio de Nossa Senhora.

Dona Josefa ressalta: “[...] num sei se por outros, eu num boto fé em ninguém, nem também tiro fé de ninguém, agora pra mim, tudo eu boto nas mãos dele, tudo eu peço a ele!”. Mulher forte, de fé inabalável, reconhecida pela comunidade como grande conhecedora do poder e dos milagres do Padre Cícero, viveu quase 50 anos no Horto como parteira. Gostava de dizer que “pegou muitos mininos” nos braços e era do seu apreço contar as histórias de encantamento do lugar.

#### **4.3. “NÓIS SOMO UM SÓ. E ELE, É POR NÓIS!”** – Uma biografia coletiva dos moradores do alto do Horto

Em torno do casarão/museu e da estátua do Padre Cícero, no cume do Horto, formou-se uma comunidade marcada pela certeza de residir num espaço considerado sagrado. O Horto começou a ser habitado ainda no século XIX, quando teve início a construção da igreja prometida pelo Padre Cícero ao Sagrado Coração de Jesus. Conforme afirma Agostinho Balmes Odísio, no livro *Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero*, publicado em fac-símile (2006), “[...] logo que Padre Cícero iniciou os trabalhos, os pedreiros e serventes das obras, construíram as suas taperas perto do futuro templo, semeando a ladeira e adjacências de tapoias de barro e palha”.

Hoje o alto do Horto tem uma população de aproximadamente 1.000 habitantes. Até a década de 1960, porém, a densidade demográfica era praticamente insignificante quando comparada ao res-

tante do território do Juazeiro. Algumas poucas casas e barracas de beatos, penitentes ou alguns romeiros moravam nas adjacências e nos sítios próximos.

No entanto, as constantes intervenções e investimentos do poder público no sentido de promover o turismo religioso no local — como a construção de uma gigantesca estátua do Padre Cícero em 1969 — aumentaram consideravelmente o fluxo de romeiros, visitantes e turistas dando início a um intenso comércio informal e à promoção de uma rápida urbanização do espaço. Unindo a fé à possibilidade de “ganhar o pão de cada dia”, dezenas de famílias ali se estabeleceram construindo barracos, casas e outros tipos de moradia, pois se sentiam escolhidos e privilegiados em viver e trabalhar no lugar sagrado do sacerdote.

Quem são, portanto, essas mulheres e homens que escolheram viver no Horto? Quais suas origens, como e por que vieram? Como sobrevivem, que tipos de trabalho realizam e quais são suas representações acerca das atividades e daquele espaço dito sagrado?

No intuito de responder tais indagações, utilizamos o método da prosopografia, que consiste em definir uma população a partir da utilização de critérios capazes de fornecer dados que permitam o estabelecimento de uma descrição bibliográfica e um perfil de sua dinâmica social, privada, pública, cultural, ideológica ou política (CHARLE, 2006, p. 41). Para tanto, foi elaborado um questionário com enfoque, no primeiro bloco, em gênero, idade, estado civil, taxa de fecundidade e escolaridade. No segundo, naturalidade, tempo e condições de moradia no Horto. Por fim, no terceiro bloco, trataremos das questões relativas ao mundo do trabalho. Também como metodologia para identificar representações, imaginário e visões de mundo, realizamos entrevistas semiestruturadas entre os anos de 2000 e 2001, nas quais cada entrevistado respondeu perguntas sobre o Padre Cícero, Horto, práticas sociais etc.

Ao intercalar a análise das tabelas com os dados estatísticos no tocante à situação social dos habitantes e comerciantes do alto do Horto, com suas falas e narrativas, objetivamos ouvir e conhecer o devoto, a mulher e o homem simples que não ocupam cargos im-

portantes, não estão em posições de comando e que, quase nunca, figuram nas centenas de livros escritos sobre o Padre Cícero, religião e política em Juazeiro do Norte. Quando surgem, geralmente são abordados como coadjuvantes ou complementos da história.

#### ***4.3.1. “NÓIS TUDO SOMO DEVOTO DO PADIM CIÇO”: Perfil social, de gênero e civil***

Quando realizamos a pesquisa de campo, entre os anos de 2000 e 2001, moravam no alto da colina aproximadamente 90 famílias, com uma população perto de mil habitantes. Quase todas viviam, de alguma forma, do que ganhavam em seus pequenos comércios e prestações de serviço no entorno da estátua e do casarão do Padre Cícero, mais conhecido como alto do Horto.

Utilizamos alguns critérios que pudessem dar conta da representatividade, do perfil socioeconômico e educacional daquela coletividade. Nessa direção, entrevistamos pessoas a partir de 16 anos com, pelo menos, dois anos de moradia. Foram aplicados 75 questionários e realizadas 75 entrevistas, feitas, preferencialmente, nos locais e horários de trabalho de forma aleatória, com o cuidado de não entrevistar mais de um indivíduo por família. Com base na compilação dos dados, elaboramos as tabelas que serão analisadas a seguir. A primeira delas apresenta a quantidade e porcentagem das entrevistas em relação aos gêneros feminino e masculino.

**Tabela 1 - Gênero**

<b>GÊNERO</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Feminino	44	58,7
Masculino	31	41,3
TOTAL	75	100,0

Considerando os dados obtidos, o sexo feminino equivale à maioria dos entrevistados, com 58,7%, enquanto o masculino representa 41,3%. Tais informações estão em sintonia com o que é apresentado no censo de 2000 realizado pelo IBGE, que aponta o percentual de mulheres com 52,79%, enquanto os homens correspondem a 47,21% da população do município.

A predominância de mulheres no alto do Horto assinala outro aspecto muito importante da pesquisa que será melhor discutido posteriormente. Trata-se da forte presença do trabalho feminino naquele espaço, já informado em estatísticas oficiais, como o Relatório sobre o Desenvolvimento Humano, no qual consta uma intensa participação das mulheres nas atividades econômicas, em particular, no mercado informal (PINHO; NASCIMENTO, 2002, p. 99).

Assim, é oportuno destacar o crescente papel da mulher na manutenção e sustento da família, pois, em várias ocasiões, apesar de já estarem aposentadas, continuam desenvolvendo algum tipo de trabalho ou pedindo esmolas para ajudar na criação dos netos e na subsistência dos filhos que, apesar de casados, ainda moram com os pais.

Na tabela abaixo, em que se apresenta a idade dos que responderam ao questionário, chama-se atenção para o alto índice de pessoas acima de 60 anos, correspondendo a 33,3%. Destas, seis têm de 60 a 69 anos, 17, de 70 a 79 anos e quatro, mais de 80 anos. Em relação ao gênero, são 15 mulheres e 11 homens com idade acima dos 60 anos.

**Tabela 2 – Idade**

<b>IDADE</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
até 19 anos	4	5,3
20 a 29	8	10,7
30 a 39 anos	14	18,7
40 a 49	14	18,7
50 a 59	10	13,3
Acima de 60	25	33,3
<b>TOTAL</b>	<b>75</b>	<b>100,0</b>

No outro extremo, ou seja, dos mais jovens, com idade até 19 anos, quatro deles correspondem a 5,3%. Entre eles, três são mulheres e um homem. As demais faixas etárias de 20 a 59 anos equivalem, juntas, a 61,4%, sendo 15 homens e 22 mulheres.

O perfil referente ao estado civil dos entrevistados, demonstrado na próxima tabela, revela que 66,6% são casados, 5,4%,

separados e 12% são viúvos, perfazendo um total de 84% dos que, supostamente, constituíram famílias.

**Tabela 3** - Estado civil

ESTADO CIVIL	f	%
Casado(a)	50	66,7
Solteiro(a)	12	16,0
Separado(a)	4	5,3
Viúvo(a)	9	12,0
<b>TOTAL</b>	<b>75</b>	<b>100,0</b>

Os que se declararam solteiros, correspondendo a 16%, apenas três são homens e nove, mulheres. Geralmente, elas trabalhavam com as mães para ajudar nas despesas da casa.

No que tange ao número de filhos declarados nos questionários, percebe-se um nível elevado na taxa de fecundidade:

**Tabela 4** - Quantidade de filhos

Número de filhos	f	%
Sem filhos	14	18,7
01-02	13	17,3
03-04	17	22,7
05-06	7	9,3
07-08	8	10,7
09-10	10	13,3
+ de 11	6	8,0
<b>TOTAL</b>	<b>75</b>	<b>100,0</b>

Conforme a tabela acima, das 61 entrevistadas que declararam ter filhos (81,3%), 64% têm mais de três. São famílias bastante numerosas, com 30, 25, 20 filhos, segundo informaram. Vale lembrar que parte significativa cria netas e netos.

É importante sublinhar o alto índice na taxa de fecundidade da população do alto do Horto, que corresponde a 5,26 filhos para cada mulher, muito superior aos índices apontados no censo do IBGE de 2000 com relação ao Brasil, na época, de 2,39 e em Juazeiro do Norte, 2,6.

Os dados relativos ao nível de escolaridade da população constam na tabela subseqüente:

**Tabela 5 - Escolaridade**

ESCOLARIDADE	F	%
Analfabeto	25	33,3
Só assina o nome	9	12,0
Lê pouco	11	14,7
Ensino Fundamental I (incompleto)	21	28,0
Ensino Fundamental II (incompleto)	6	8,0
Ensino Médio	3	4,0
<b>TOTAL</b>	<b>75</b>	<b>100,0</b>

Segundo os dados, pode-se afirmar que é flagrante o elevado índice de analfabetismo, fato que equivale a um terço do total. Se se considerar apenas aqueles que assinam o próprio nome ou leem pouco, chega-se a 60%. Ninguém declarou ter nível superior e apenas 4,0%, disseram cursar o nível médio.

Infelizmente, ali existe uma única instituição pública de Ensino Fundamental I e II, a Escola Municipal Sebastião Teixeira Lima, que funciona nos turnos da manhã e da tarde. Não há escola de Ensino Médio, uma realidade que, segundo os próprios moradores, se apresenta como uma dificuldade, já que para cursar o Ensino Médio seria necessário um custo adicional com passagens. Perde-se muito tempo no deslocamento, fazendo com que os jovens se privem de trabalhar no comércio local.

Constata-se que, conseqüentemente, boa parte deles abandona a escola antes de completar o Ensino Fundamental, dada a necessidade premente de trabalhar muito cedo porque casaram e precisam sustentar a família. Ou, ainda, porque tem que ajudar no orçamento doméstico vendendo quinquilharias, lavando carros, soltando fogos etc.

Outro motivo que pode explicar a evasão escolar é o fato de muitas crianças se sentirem melhor nas ruas e aos pés da estátua, mendigando, do que em sala de aula. De acordo com uma professora da comunidade, “[...] as crianças acham melhor estar na estátua do padim Ciço pedindo esmolas do que estudando”.

Contudo, é preciso levar em conta o perfil de quem respondeu o questionário e concedeu entrevista, ou seja, pessoas com idade acima de 30 anos, oriundas de famílias pobres, trabalhadoras rurais, muitas vindas de cidades pequenas nas quais a dificuldade de ingresso na escola era maior, conforme depoimento da peneirista dona Maria do Carmo, de 58 anos:

[...] minha fia, no tempo que nasci e me criei num existia estudo. Eu não tive estudo por causo quando eu nasci e me criei era um lugar desabitado, num existia professor, num existia nada. Existia só o varredo e as casa lá dento, aquelas casa de taipa. Assim me criei. Mas, sou rica tombém!

Em outras narrativas, os depoentes ressaltam que não havia, por parte dos pais, interesse ou entendimento quanto à importância do estudo, sobretudo quando se tratava de filhas, conforme relata dona Josefá dos Santos Vieira, 51 anos:

[...] Só sei fazer meu nome bem pouquim. Aprendi assim, alguém me ensinando. Meu pai num butou nós no estudo, não. Nesse tempo do povo ingnorante, né? Aí, na primeira escola, mãe disse: bote os minino na escola. Pai disse: boto não, que é da besta fera. E nunca butou a gente no estudo. Quando nós chegemo aqui, mãe butou nós na escola, no outo dia, ele tirou nós. Agora, meus irmãos homi, quando ficaram maiozim, por conta deles, disseram: vou estudar pra escrever meu nome. Mas, meu pai com as minina muié, nunca butou no estudo. Nós como 8 homi e 3 muié. Aí, os homi estudaram, muitos estudaram alguma coisa, mas nós muié nunca butaram no estudo. Mas, eu tenho maior vontade de estudar (risos). Mas hoje tô cum pobrema da vista, aí, eu num posso.

A percepção de que a mulher não tinha o direito de estudar também é relatada por dona Maria Pinheiro dos Santos, conhecida como “Maria Moça”, solteira, sozinha, vestindo-se como uma beata, lenço na cabeça. Aos domingos, tem o hábito de pregar o fim das

eras, denunciando o que considera pecado. Em sua fala, diz ter sido discriminada pelo pai, que não aceitou sua decisão de viver como tal. Ao ser indagada por que não estudou, respondeu com certa mágoa: “[...] naquele tempo que nasci, os pai só dava valor a fio homi pra estudar. As fia muié era discriminada. Ele me discriminou”.

Muitos afirmam que isso acontecia em decorrência de crenças religiosas. Segundo Maria Ferreira dos Santos, 76, seus pais só ensinavam a rezar, pois para eles o estudo “[...] era coisa da besta fera”. É oportuno salientar que em muitas dessas falas percebe-se certo arrependimento ou até desgosto por não terem tido a oportunidade de frequentar a escola, demonstrando, assim, a valorização do conhecimento, da educação.

#### **4.3.2. “EU VIM FOI COM A ORDEM DE MEU PADIM CIÇO”: Por que morar no alto do Horto**

Um componente relevante na prosopografia da comunidade do alto do Horto é a possibilidade de entender como esta se formou, qual a origem dos seus habitantes/comerciantes e, principalmente, o que representa para essa população morar no espaço sagrado do Padre Cícero. No intento de compreender essas questões, solicitou-se no questionário que os entrevistados respondessem qual era sua naturalidade, quanto tempo e por que decidiram morar e trabalhar naquele ambiente. Na tabela abaixo, apresentamos a frequência e porcentagem do lugar de nascimento daqueles que se dispuseram a participar da pesquisa:

**Tabela 6** - Naturalidade

NATURALIDADE	f	%
Ceará	18	24,0
Pernambuco	22	29,3
Alagoas	17	22,7
Paraíba	12	16,0
Piauí	01	1,3
Maranhão	02	2,7
Maceió	01	1,3



Sergipe	01	1,3
São Paulo	01	1,3
<b>TOTAL</b>	<b>75</b>	<b>99,9</b>

Dos 75 entrevistados, apenas 18 declararam ter nascido em cidades do Ceará e, destes, oito eram de Juazeiro do Norte, correspondendo a 24%. Um detalhe pertinente: entre os que informaram ter nascido no município juazeirense, os pais ou avós se assumiam como romeiros que decidiram viver na terra do Padre Cícero.

Os três estados que predominam no alto do Horto são todos do Nordeste: Pernambuco, 29,3%; Alagoas, 22,7% e Paraíba, 16%, o que corresponde a 68,2% do total. Os dados obtidos equiparam-se ao levantamento feito por outros pesquisadores e pela equipe da Pastoral da Romaria da Basílica de Nossa Senhora das Dores, a saber: 33% são de Pernambuco, 20% de Alagoas e 19% da Paraíba (NASCIMENTO, 2002; Diário do Nordeste, 2009).

Quanto às respostas relativas ao tempo em que residiam no alto do Horto, temos a seguinte tabela:

**Tabela 7** - Tempo de moradia no alto do Horto

<b>TEMPO DE MORADIA NO HORTO</b>	<b>f</b>	<b>%</b>
Nasceu no Horto	7	9,4
01 - 09 anos	13	17,3
10 - 19 anos	22	29,3
20 - 30 anos	20	26,7
Mais de 30 anos	13	17,3
<b>TOTAL</b>	<b>75</b>	<b>100</b>

Somente 17,3% responderam que residem no Horto há mais de 30 anos, ou seja, lá se instalaram antes da inauguração da estátua em 1969. Os outros 82,7% vieram posteriormente, fato que corrobora a suposição de que as intervenções e investimentos do poder público foram fundamentais para o processo de urbanização no local em consequência do aumento de fluxo dos visitantes, oportunizando o surgimento de diversas atividades comerciais e econômicas, portanto, de sobrevivência.

Ao analisar as falas dos moradores e comerciantes, é possível identificar dois núcleos narrativos: um, relacionado às crenças religiosas (o Padre Cícero os chamou, pagamento de promessas etc.); outro, ancorado em questões mais práticas, como a perspectiva de ter uma renda através do comércio ou de outras atividades. É válido enfatizar que ambos os núcleos não estão, necessariamente, dissociados. Majoritariamente aparecem na mesma fala do depoente.

As histórias de cunho religioso, dito de outra forma, aquelas norteadas ou permeadas por um sistema de crenças religiosas, apresentam como centro a ideia de que não foi uma decisão pura e simples de o indivíduo vir morar no Horto. Era, antes de tudo, um “chamado”, uma convocação de Nossa Senhora das Dores e/ou do Padre Cícero, ou uma graça alcançada. Desse modo, a tentativa de fixar residência no espaço sagrado do sacerdote envolve uma série de dificuldades, de etapas a serem vencidas, de conquistas obtidas paulatinamente.

Maria Luciene, 35, reside no alto da colina há 29 anos e é proprietária de uma barraquinha de lanches. Ela conta como chegou aqui:

[...] Meus avós vieram visitar e gostaram. Voltaram ao Pernambuco novamente. Vieram e foram de volta. Depois vieram meus pais. De pouco a pouco veio todo mundo, a família. Os filhos e filhas de meus avós vieram tudo. Logo em seguida, assim que chegamos moramos em Salgadim, ali perto do rio Salgadim. Porque tinha uma casa ali. Ali num era o que é hoje, num era o que é hoje, né? Era muito bom, era limpo, num tinha essa sujeira que hoje tem. Aí, nós encontremo uma casa ali conhecida. É, tinha um senhor chamado Seu Lauro, ele foi quem deu a casa pra nós morar. Depois de lá, foi na época que meu avô recebeu o dinheiro do sítio, das casas que vendeu lá em Pernambuco, compramos uma casa na rua do Horto, dentro de uma casa foi morar três família, é. E daí por diante, fomo morar aqui no sítio e depois do sítio, o lugar melhor que eu achei pra morar, tanto eu como meus pais. E se hoje me desse uma casa

pra morar em Juazeiro, podia me dar p'reu morar de graça que eu num queria, pra morar, não. Meu lugar predileto é o Horto. Só em tá arredor do Padre Cícero aqui, apesar de ser nas costas, mas num tem nada não, tá bom demais, eu adoro aqui.

Infere-se que o desejo de morar na terra do Padre Cícero — Juazeiro e Horto — só se concretiza depois de muitas idas e vindas em romaria e de forma escalonada: primeiro vêm os avós, pais, filhos e, finalmente, o restante da família. Uma vez estando em Juazeiro, para se chegar ao Horto a família experimenta vários sacrifícios, residindo nos arredores, como no rio Salgadinho — considerado o portal de entrada do Horto —, sítios, até alcançar a graça de viver, segundo eles, aos pés do sacerdote. Outro traço marcante da narrativa de Luciene diz respeito à sua memória da paisagem de Juazeiro em tempos passados. O rio Salgadinho, por exemplo, tinha outra configuração, era melhor conservado: “[...] Ali num era o que é hoje, num era o que é hoje, né? Era muito bom, era limpo, num tinha essa sujeira que hoje tem”.

Valendo-se dos mesmos argumentos, dona Helena Maria da Conceição, 61, mais de 40 anos morando no alto do Horto, divide seu tempo entre os cuidados com a casa, o trabalho na agricultura e os degraus que permitem o acesso à estátua do Padre Cícero, interpelando os transeuntes para pedir uma esmola, uma “esmola por amor de Deus”. Assim ela se pronuncia:

[...] Deus quis que eu viesse praqui. Morei na rua do Juazeiro, né. Morei ali num sítio chamado Maroto, que é do meu padim Ciço. Aí num deu certo, vim praqui. [...] pedi até ao menino Jesus essa casa preu morar, aí ele me deu, foi até um tempo de Natal. Aí, ia passando o santo nas casas, aí que disse, eu disse até assim: Meu Menino Jesus, se o senhor Jesus mermo do céu, for Jesus verdadeiro de Deus, me dê minha moradinha — eu chorando —, me dê minha moradinha preu morar que eu também sou sua fia. Eu disse assim, num foi fazendo pouco de Nosso Senhor, não. Foi proque pecador num merece nada, minha fia. Eu

sou pecadora, eu num vou dizer que sou santa, nem sou merecida, nem isso e aquilo outo, que eu num sou. Deus faz uma coisa cumigo se ele vê que eu mereço, se ele vê que eu num mereço, nada feito, eu já tô sabendo que eu num mereci, tá vendo?

Noutras palavras, segundo dona Helena, ao chegar em Juazeiro morou nos arredores do Horto. Na ocasião, pediu chorando ao “menino Jesus” uma casa por lá e, embora se reconhecesse pecadora, diz ter sido atendida.

João Leite, 45 anos de idade — 27 morando no Horto —, natural de Pernambuco, conta que seu pai, após uma romaria a Juazeiro, visitou toda a cidade:

[...] subiu pro Horto. Chegou no Horto achou muito interessante. Quando chegou lá falou pra minha mãe, disse: Maria, gostei bastante de Juazeiro, que Juazeiro é ótimo pra morar, né? E eu ainda tô achando que a Mãe de Deus tá me chamando pra Juazeiro e nós vamo s'imbora pra Juazeiro, nós vamo morar no Horto. [...] de lá do Pernambuco praqui era pra morar aqui em cima, já viemo com essa introdução de lá praqui pra cima, num foi proto canto.

Assim como no roteiro das demais narrativas, o pai de João Leite sentiu o chamado de Nossa Senhora das Dores e não titubeou em atendê-lo, deixando para trás sua terra natal e vindo morar no Horto. Para muitos romeiros, morar em Juazeiro, sobretudo, no Horto é uma das maiores graças alcançadas, é a realização de um sonho, a tradução do encontro com o sagrado. Dona Maria do Carmo, romeira que anualmente se deslocava de Alagoas para visitar a terra do Padre Cícero, afirma:

[...] quando eu chegava aqui encontrei muita paz. Aí eu digo, o lugar é esse pra mim morar. Pedi ao meu padrim, chorando, muitos anos pra poder chegar aqui. Eu num cheguei somente a dizer: eu vem de lá pra cá e vou ficar aqui, não. Pedi muito. Ói, tá cum três ano

que eu mora aqui, nunca paguei um aluguel de casa. Deixei minha casa, tá lá em Alagoa. [...] Aí, quer dizer que eu pedi muito a meu padrim e ele me trouxe. E agora, se Deus quiser e ele, eu vou construir nem que seja um barraquim desse tamain mode eu dizer: pronto, meu padim, agora estou mais carma.

Observe como, em sua declaração, ressalta que não basta apenas expressar, verbalizar o desejo de vir morar no Horto. Não. Somente depois de muita súplica, de muitos pedidos, o Padre Cícero concede a graça possibilitando a moradia, a sobrevivência para ali se estabelecer.

Noutras falas, morar no Horto equivale ao pagamento de uma promessa. Ao ser acometido por alguma doença ou aflição, pede-se a solução ao Padre Cícero em troca de deixar a terra natal. Dona Maria José relata que a decisão de vir embora transcorreu por causa de uma promessa feita por sua mãe:

[...] minha mãe fez uma promessa cum meu padrim Ciço. Se fosse valida, vinha morar aqui. Aí foi valida, aí veio s'imbora. No primeiro ano que ela veio, já ficou.

O chamado ou a escolha dos devotos de morar no Horto sucede de várias formas, mas o mais comum se dá através do sonho. Seu Augusto, 83, mais de 40 anos vivendo no alto da colina, revelou:

[...] quem me trouxe foi ele, padim Ciço. Eu vi, eu dormi três noite lá nos pés dele, ali na estátua, de lá, aqui. Aí, quando foi no outro dia eu disse à muié: Lúcia, eu vou me embora pro Juazeiro. Ela disse: Lá é perigoso, meu véio, num vou não. Aí eu disse: Não, mais nós vamo. Aí quando foi um dia, ela sonhou nós dormindo lá nos pés de Nossa Senhora das Dores, na matriz. Quando foi no oto dia, ela disse: Pode vender a casa que eu vou, agora me deu certo, eu vou, já sei que lá dá pra eu viver. Aí, ajeitemo a casa lá e compremo a casa aqui.

Também foi em sonho que Marcelino Barbosa, 57 anos, natural do Maranhão, criado pelos avós a quem chamava de pai e mãe, se viu chamado a morar no Horto. Ele conta que os pais vinham sempre a Juazeiro e que, ao retornarem, contavam as histórias do Padre Cícero.

[...] dormindo aí, aí sonhei que [...] nunca tinha visto padim Ciço, mas no sonho eu via aquele pade branco, da cabeça branca. Aí, eu me acordei assustado dento da rede, aí mãe disse: Que é, meu fio? Eu digo: mãe, eu vou dizer uma coisa à senhora. Ela disse: O que é? Eu digo: Mãe, eu tava sonhando cum pade. Pelo jeito que eu vi, ele era meu padim Ciço. Ela perguntou: que jeito era? Eu disse: era um padim branco, da cabecinha branca, um cajadim na mão, uma batina preta, um livro aqui na mão, debaixo do braço. Foi que ele lhe disse? Aí eu digo: O que ele disse foi isso, que o lugar da gente num era aqui não, era no Juazeiro e vamo pro Juazeiro. Aí eu fui e falei pra ela o que era que meu padim Ciço tinha dito. Aí, ela foi e disse: tá vendo, seu Nastácio, nós vamo ou num vamo? Aí, pai disse: Dona Maria, nós larga nossas coisa aqui, nosso terreno, nossos paió de arroz, nossas criação, pra ir prali pro Juazeiro? Eu nunca fui lá. Ela disse: Mas nós vamo e se ocê num quiser ir, eu vou-me embora. [...] Aí nós viemo. Viemo de pés. [...] quando nós cheguemo, ele disse: Agora, Dona Maria, eu trouxe um trocado e quando esse dinheiro se acabar? Aí, ela foi e disse: Meu padim Ciço e Nossa Senhora das Dores dá oto, se num der mais ele mostra um patrão aqui, casa pra nós morar e tudo. [...] Aí, comecemos a trabaiá até que Deus ajudou, nós compreimo um chãozim aqui. Aí, Deus ajudou que nós compreimo um chãozim, inté hoje, tamo por aqui.

Incorporadas às narrativas ligadas à religiosidade e à fé, circulam também as que ressaltam ser o alto do Horto um lugar propício para ganhar dinheiro, um ambiente de trabalho, de sobrevivência. Para seu Domingos Francisco, 40 anos, natural de Sergipe, o que o motivou a vir foi algo nesse sentido:

[...] veio fazer experiência no negócio e deu certo. Só isso! Aí, vai fazer seis ano que a gente tá aqui e daqui acho que, até os dias de vida que a gente tiver, vai passar por aqui mermo.

Já seu Misael José, 70 anos, natural de Pernambuco, conta que tinha imóveis e comércio em Juazeiro. Porém, com a crise econômica perdeu tudo, até vender seu último patrimônio. Em meio à falência, confessa: “[...] quando vendi a derradeira parte da casa, inventei a morar noutra cidade pra ver se ganhava o pão e num tava dando certo. Cabou-se tudo”. Quando já estava sem esperança nenhuma, sua filha, que tinha um barraco no Horto, lhe disse:

[...] Pai, tem um barraco meu lá no Horto, vá tomar de conta e morar nele, negociar. Aí, já num tinha mais nada e vim aí pro barraco, ficar ali embaixo num tava dando negócio. Ai, fiz esse carrim aqui e fui aventurar da vida aqui, num é? Também tem uma aposentadoriasinha, qualquer coisa que apurar aqui é pra interar e morando no barraco, num sei se vou sair daqui, pra onde vai.

Seja por uma questão de fé, uma graça alcançada, um suposto chamado ou por razões financeiras, morar no Horto significa para essas pessoas um motivo de alegria, de satisfação, de merecimento. Parecem estar em comunhão com o Padre Cícero e a Mãe das Dores.

#### ***4.3.3. “AQUI É ONDE NÓIS ARRUMA NOSSO PÃO DE CADA DIA”: Narrativas sobre o trabalho e a sobrevivência no alto do Horto***

Lugar santo, de oração, sagrado, porta do céu: é assim que os devotos do Padre Cícero definem o Horto. Em suas narrativas, dizem que o sacerdote costumava falar: “[...] se a gente soubesse quanto era santo o Horto, quando a gente subisse da rua pra cá, a gente nem ao meno cuspiam, tão santo que é” (Maria Divina, 78 anos, comerciante). No entanto, esses mesmos devotos desenvolvem no alto do Horto um intenso movimento comercial, venden-

do desde remédios caseiros e homeopáticos a bebidas alcoólicas, imagens sacras, brinquetes.

O que pode parecer paradoxal, entretanto, é apenas mais um elemento constitutivo da sacralidade do lugar, pois, por um lado o próprio Padre Cícero afirmava que aquele se tratava de um local onde “[...] ninguém num cuspiam no chão porque dizia que aqui é um lugar sagrado [...]” (Geraldo, 82 anos, aposentado) e que, portanto, “[...] aqui num era lugar de ninguém vender nada. É lugar de rezar, de orar” (Maria do Carmo, 58 anos, peneirista). Por outro, justificam as inúmeras atividades comerciais, dizendo: “[...] no lugar do nosso padim Ciço eu veio arrumando todo o dia o pãozinho, o dinheiro do açúcar, né? [...] e eu imagino que é os poder dele que traz os rumeiros pra gente viver” (Antônio Casemiro, 51 anos, vendedor ambulante).

A aparente contradição entre o sagrado e o profano é esclarecida com base nas histórias contadas sobre o posicionamento do sacerdote quando lhe pediam permissão para vender no local. Dona Maria Divina, 78 anos, 32 destes ali morando, natural de Alagoas, parteira, aposentada e comerciante, conta o que os mais velhos falavam:

[...] muié que fazia cocada e veio aqui pedir a ele (Padre Cícero) pra vender aqui no Horto, neste tempo num tinha ninguém que vinha vender aqui não. Ele disse: Não, aqui não. Vá vender lá naquele pé de tamarina perto do Zé do Mel. Tinha um pé de tamarina e cortaram. Disse: vá lá naquele pé de tamarina, que lá você vende. Ela disse: Num vende não, meu padrim. Aí, disse: Vende. [...] aí a muié desceu cum as cocada. Quando chegou lá, ficou lá onde ele disse. Foi xuuuuuu, vendeu as cocadinha, foi em casa pegar mais. Eu sei que ficou lá vendendo cocada, lá onde ele disse.

Segundo vários depoimentos, Padre Cícero proibia o comércio em determinados espaços, estabelecendo um campo sagrado que não podia ser maculado com atividades consideradas profanas



(comércio, circulação de dinheiro). Porém, não deixava nenhum dos seus devotos sem a possibilidade de ganhar o sustento, destinando-lhes, quando necessário, um lugar específico para esse fim.

Percebendo, portanto, o trabalho desenvolvido no Horto como uma autorização concedida pelo Padre Cícero, centenas de mulheres e homens, jovens, adultos, idosos vivem do que ganham, seja através da comercialização de diversos produtos, da prestação de pequenos serviços ou das esmolas dadas por milhares deromeiros que visitam o lugar anualmente.

Embora o movimento comercial ocorra durante o ano todo, nos períodos de romaria o número de vendedores ambulantes, pedintes e de instalação de pequenas barracas e de tripés aumenta extraordinariamente, com pessoas oriundas de outros lugares de romaria, como a de Bom Jesus da Lapa, na Bahia (28 a 6 de agosto) e Canindé, no Ceará (27 de setembro a 4 de outubro). Nos outros meses, contudo, o comércio se faz, majoritariamente, por moradores do lugar que vivem quase exclusivamente do que conseguem arrecadar. São também ambulantes, prestadores de serviço, barraqueiros. O trabalho é quase totalmente informal, levado a cabo por famílias em atividades distintas que podem ser categorizadas, de forma geral, nos seguintes grupos:

**1. DONOS DE BARRACA:**<sup>29</sup> Ao longo dos anos, aqueles que foram morar no alto do Horto o fizeram inicialmente com um modesto comércio através da construção de pequenas barracas, dispostas na subida em direção à estátua, prolongando-se até o começo do caminho que culminava na nova igreja. Feitas de flandres, papelão, madeira ou alvenaria, muitas vezes também eram a moradia do barraqueiro. Nelas eram vendidos remédios caseiros e homeopáticos (cascas, raízes, folhas de planta), camisas, brinquedos, imagens de santo, chaveiros, enfim, toda uma variedade de artigos religiosos e não religiosos. É importante sublinhar que nenhum deles era proprietário do terreno

---

29 A partir de 2002, durante o projeto de revitalização do Horto, foram retiradas as barracas que ficavam entre o casarão/museu e a entrada do Santo Sepulcro, sendo construídas lojinhas padronizadas na base da estátua. Segundo Francisca Maria, administradora do Horto, existem hoje 53 estabelecimentos e 72 lojas/barracas.

em que estava localizada a sua barraca, pois este pertence aos salesianos. Cabia-lhes apenas o direito de usufruto desses abrigos/trabalho. Assim, pagavam pela permanência nesses pontos determinados uma espécie de aluguel, cujo valor oscilava entre os períodos de romaria e os meses menos movimentados. Em 2001, segundo o cadastro realizado pela administração do Horto, havia 156 barracas; destas, 10 também serviam de moradia para seus donos. Em 2005, com a continuidade do projeto de revitalização, foram construídas lojinhas na base da estátua, sendo removidas as barracas que ficavam no centro do Horto entre a estátua e o caminho do Santo Sepulcro. Conforme Francisca Maria Santana, priorizaram aqueles que já tinham barraca; no entanto, muitos não aceitaram ou não tiveram condições de manter as lojinhas.

**2. VENDEDORES AMBULANTES:** São homens e mulheres, jovens e velhos, que comercializam algum tipo de produto de forma individual e sem um lugar fixo, circulando em todo o espaço do Horto. Nos ciclos de romaria esse número triplica. Vendem de tudo: comida, picolé, lembrancinhas, rapé (também conhecido como “torrado” ou fumo torrado), velas etc. 67 deles hoje atuam no alto da colina.

**3. VENDEDORES EM TRIPÉ:** Comerciantes que vendem seus produtos em uma estrutura desmontável, ou seja, em um tripé, embora tenham um lugar fixo, definido pela administração do Horto. O número de tripés, segundo dados dos administradores, é de aproximadamente 42.

**4. PENEIRISTAS:** Este trabalho é exercido majoritariamente por mulheres que, em um pequeno tabuleiro pendurado por uma fita ao pescoço, vendem souvenirs: fitas do Padre Cícero, canetas, rosários, terços, adesivos para carro, chaveiros etc. Até o começo dos anos 2001, elas circulavam amplamente em todo o perímetro do Horto, desde o estacionamento até o casarão do sacerdote. Com a chegada do padre Venturelli e a implantação de algumas regras na organização do comércio local, foram proibidas de circular e vender na praça entre a estátua e o Museu Vivo. Uma

característica importante diz respeito ao trabalho que, muitas vezes, é desenvolvido por várias mulheres da mesma família — avó, mãe e filha. A jornada diária é de aproximadamente 10 horas, conforme declararam, e o faturamento apresenta uma média de um salário mínimo. São cadastradas pela administração do Horto 50 peneiristas com idade que varia entre 10 e 70 anos.

**5. FOGUETEIROS:** A soltura de fogos entre os devotos do Padre Cícero é uma tradição alimentada até os dias atuais. Ela ocorre sempre que o romeiro pisa o solo sagrado do alto do Horto anunciando sua chegada e manifestando gratidão e alegria por estar ali. Em várias situações, o ritual é realizado como pagamento de uma promessa ou somente para expressar a satisfação de chegar ao lugar da morada eterna, pois assim o consideram. O costume, que é antigo, proporciona trabalho para os jovens, todos homens, que recepcionam aqueles que chegam vendendo-lhes fogos ou se colocando à disposição para soltá-los. 32 pessoas trabalham nessa atividade.

**6. FOTÓGRAFOS:** São, em sua maioria, homens que, em torno da estátua do Padre Cícero, convidam romeiros e visitantes em geral para registrar seu momento de fé com a tradicional foto em que a mão do sacerdote repousa sobre a cabeça do fotografado, ou este fica de mãos dadas com o padre. A atividade de fotografar romeiros existe há muitos anos. Porém, com a inauguração do monumento do Padre Cícero, se tornou uma atividade mais constante, transformando o fotógrafo numa figura emblemática do Horto. Outrora, o trabalho se realizava de forma livre. Entretanto, desde 2001, é necessário o cadastramento de cada trabalhador. Na atualidade, cerca de 42 deles estão no local.

**7. LAVADORES/GUARDADORES DE CARRO:** O trabalho desenvolvido pelos guardadores de carro é realizado no principal estacionamento do Horto, no começo da ladeira que dá acesso à estátua e ao casarão. Este grupo é composto por homens com idade entre 17 e 30 anos que, além de vigiar, muitas vezes lavam os carros. Embora não recebam uma remuneração fixa,

pois o estacionamento que pertence aos salesianos é gratuito, são cadastrados e pagam uma taxa à administração do Horto. Segundo declararam, conseguem arrecadar algo em torno de 30,00 a 50,00 reais por dia em época de romaria. São oito homens trabalhando nessa atividade.

**8. PEDINTES:** Em sua maioria, são senhoras e senhores acima dos 60 anos que ficam ao longo da ladeira de acesso à praça em que estão localizados o museu e a estátua. Todos são aposentados que buscam complementar a renda familiar. No entanto, não se limitam apenas a pedir esmolas: cantam benditos, propalam as prédicas do Padre Cícero. Para este grupo, o que fazem constitui um trabalho, pois com esta atividade conseguem sustentar os filhos que estão desempregados, ou ainda as netas e netos. O número de pedintes varia muito, podendo ser de cerca de 50 nos períodos de romaria.

Convém destacar que, além da atividade comercial desenvolvida no alto do Horto, a maioria desse contingente se compõe de trabalhadores rurais, ou, no dizer deles, “colocam a roça”. Outro dado interessante é que, geralmente, toda família tem algum tipo de comércio no Horto. Em muitos casos, o pai é vendedor ambulante, a mãe e as filhas, peneiristas e assim por diante. A circulação desses trabalhadores se dá em todo o perímetro do Horto, desde o estacionamento, no caminho para a igreja nova até a entrada do Santo Sepulcro.

No questionário prosopográfico sobre o tipo de trabalho desenvolvido no alto do Horto, demonstrado na tabela abaixo, é possível constatar a predominância da atividade informal.

**Tabela 8** - Atividades desenvolvidas

ATIVIDADES	F	%
Comerciante	24	32,0
Comerciante e aposentado	10	13,3
Comerciante e agricultor	5	6,7
Comerciante/artesão	4	5,4
Aposentada (o)	11	14,7
Aposentado e agricultor	6	8,0
Fotógrafo	3	4,0

Agricultor	2	2,7
Lavador/guardador de carro	1	1,3
Soltador de fogos	1	1,3
Aposentado e pedinte	1	1,3
Agricultor e pedinte	1	1,3
Dona de casa	2	2,7
Trabalha com carteira assinada	3	4,0
Não trabalha	1	1,3
TOTAL	75	100,0

A atividade comercial representa 57,3% do total. Neste grupo, muitos são senhoras e senhores com idade avançada e aposentados, mas que ainda se dedicam a algum outro tipo de trabalho, seja por motivo pessoal e religioso, ou porque continuam sendo eles os que sustentam a família. As donas de casa, ou seja, as mulheres que cuidam exclusivamente dos filhos e da casa, representam um número bastante pequeno, apenas 4%. Também é de 4% o contingente que declara trabalhar com carteira assinada.

Do total de entrevistados, 36,2% disseram se encontrar aposentados e 18,6%, que trabalham na agricultura. Destes, apenas 14,7%, após se aposentarem, deixaram de trabalhar e 2,6% só trabalham na roça. Dados que corroboram a afirmação anterior de que muitos, apesar da idade, têm a necessidade de completar a renda com alguma atividade, mesmo que seja a de pedinte.

Outra tabela, agora com dados relativos à renda obtida com o trabalho no alto do Horto, pode ser levada em conta para o desenho do perfil social dos habitantes daquele espaço.

**Tabela 9** - Renda adquirida com o comércio no alto do Horto

RENDA	F	%
Até 1 Salário Mínimo	52	69,4
Até 2 Salários Mínimos	16	21,3
Até 3 Salários Mínimos	4	5,3
Sem renda	3	4,0
TOTAL	75	100

O faturamento obtido com as atividades comerciais e de pedinte é, mais ou menos, de um salário mínimo. Nos períodos de romaria, apesar do número de vendedores triplicar, pode chegar até a dois salários, conforme declararam no questionário. Os que afirmaram receber acima de dois salários são, quase sempre, aqueles que já contam com a aposentadoria e que se valem de outra atividade laboral para aumentar a renda.

Os números acima não representam o total da receita por família, já que o questionário solicitava somente os proventos de cada entrevistado. No entanto, vale salientar que vários membros de uma mesma família desenvolviam algum tipo de atividade, por exemplo: a mulher e a filha eram peneiristas e o marido vendia lanches. Ou, a mulher era aposentada e o homem tinha barraca, tripé. Muitos declararam trabalhar também como auxiliar de pedreiro, gari, diarista etc.

Constata-se, a partir dos dados apresentados, que a maioria dos habitantes do alto do Horto vivia precariamente, com famílias numerosas e voltada para os trabalhos que, ainda hoje, dependem do fluxo das romarias e das visitas para assegurar-lhe uma renda que fica em torno de apenas um salário mínimo. Apesar de toda essa realidade, quando questionados a respeito disso revelam sentimentos de gratidão e contentamento não pela condição financeira, mas por estarem no lugar que lhes é sagrado, o campo santo do Horto. No tocante à percepção de suas atividades comerciais, podemos identificar alguns núcleos narrativos:

**Trabalho como liberdade:** O trabalho está intrinsecamente associado à ideia de ser o dono do próprio tempo, do próprio desejo, sem estar subordinado a nenhum padrão, regras, normas. Na fala de “Cícero dos Fogos”, 48 anos, casado, quatro filhos, morador de uma barraca de lata, esta questão fica explícita:

[...] aqui nos pés dele todo dia, eu venho praqui e arrumo o que comer e num sou empregado de ninguém, sou empregado d'eu mermo, sou empregado do romeiro. É! Proquê o romeiro chega aqui, eu traibao pro romeiro, aí sou empregado do romeiro.

Dito de outra forma, seu único patrão é o romeiro do Padre Cícero que vem para reverenciar o sacerdote, proporcionando-lhe as condições necessárias para que possa garantir a sobrevivência, ainda que minimamente. Esse sentimento também vem à tona na voz de Claudiana da Silva, 19 anos, peneirista, solteira: “[...] Aqui eu tenho o meu próprio trabalho, eu mermo trabalho pra mim mermo e num preciso tá atrás de emprego de ninguém, né?”

Antônio Casemiro, 51 anos, natural de Alagoas, gosta de circular no Horto com seu tradicional “chifre de boi”, recipiente onde coloca o rapé, produto que, segundo ele, serve para curar, entre outras doenças, a “[...] rinite, sinusite, resfriado, dor de cabeça, dor de estômago, cansaço, canseira e até espinhela quebrada”. Com sua simpatia e comunicação assertiva, diz o seguinte:

[...] Ói, minha fia, eu trabaiei muito alugado e adepois que cheguei a trabaiaí aqui, nunca mais fui pá roça dos outos. [...] Eu pedi a ele só pra eu arrumar um serviço deu trabaiaí e ganhar meu pão pra num andar me batendo pelo mundo. E todo dia eu arranjo cinco real, três real, mas conforme, né? Conforme a romaria, um dia que nem hoje é fraquim, mais já deu preu arrumar cinco real, já dá pro açúcar, né?

Ganhando diariamente o suficiente para comprar algum alimento, seu Antônio se orgulha de não precisar trabalhar na “roça” dos outros, de não ter que se subordinar a ninguém. Ele se satisfaz por ter sido atendido pelo Padre Cícero de “ganhar o pão” sem precisar sair do Horto.

**Trabalho e vitória:** O trabalho vem vinculado ao sentimento de vitória, no sentido de vencer a fome, a miséria. Vitória porque esta representa a realização do sonho de viver na terra santa do Padre Cícero e de criar os filhos. Comumente, informam que chegaram ao Horto sem nenhum “tostão” e, aos poucos, se esta-

beleceram numa atividade qualquer, superando as adversidades, o infortúnio. O raizeiro João Leite sintetiza sua história:

[...] Cheguei aqui com cinquenta mil réis pra poder obter os gêneros alimentícios, sobrou-me sete reais, comprei um balaio por quatro reais, com os três comprei de laranja, me meti a vender pelas porta. De dez horas pra onze já cheguei com um mercadinho de gêneros alimentícios para dar de comer. E depois com a continuação, confiando em Deus primeiramente e em meu santo padre, então eu continuei vendendo humilde e hoje sô um dos raizeiros, posso falar em nome do Senhor, aqui no terreno do Padre Cícero Romão Baptista, vendendo vegetal.

Em outro depoimento, fica mais evidente a sensação de vitória por parte dos comerciantes do Horto:

[...] pensar que não ocê vai subindo, ocê miorando, pensar que não, ocê tá comprando uma casinha [...] tá comprando o chão de sua casa, tá fazendo sua casa, vai viver sua vida tranquilo, entendeu? Ocê vai entrar num comércio, vender seja lá o que for. E, assim, você leva sua vida, assim ocê leva a vida devagar. Agora ninguém vai é subir direto, subir que nem um fogo, não! Vão primeiro sofrer um pouco, prá entender. Se a gente num sofrer a gente num entende. [...] dá pra nós ir arrumando um bocado devagazim, num dá pra ficar rico, mas dá pra comer um bocadim mais tranquilo.

O sofrimento é considerado uma etapa necessária do sacrifício. Para o depœnte, é possível vencer, conseguir o sustento da família. Entretanto, as provações devem fazer parte para que se possa entender o que é viver do comércio no alto do Horto, qual é o significado do lugar. Lá tem trabalho para todos, ninguém morre de fome, todos vencem. Mas vencem porque conseguem com o trabalho permitido pelo Padre Cícero, como adquirir um imóvel próprio, ganhar dinheiro, comer, vestir.



Dona Helena, por exemplo, diz com orgulho que quando chegou ao Horto, logo começou a trabalhar:

[...] duas semana, aí pronto, num faltou mais o pão de cada dia dentro de casa, ajudando meu marido, pra num vê se recramar, pra num vê ele dizer: Helena, você disse que num tinha paciência? E agora você tá. Você disse que tinha paciência e agora tá agoniada desse jeito. E eu trabaiei promode ele num dizer que eu [...], pra num dá desgosto a ele. Fiquei, criei meus fios nesse santo Horto, aqui vendendo café. Comecei cum cinco mil réis, vendendo pãozinho com churrasozinho assado no espeto. Quando um fio dizia assim, tô cum fome, eu dizia: Meus fio, pode comer aí, coma pão, como tudo, que eu vou buscar oto de tarde. De tardezinha eu corria pra rua e ia buscar oto. No oto dia, tornava a vender e tornava de dá comer meus fio. No oto dia, eu tornava a correr e buscar minha fia, tinha hora que eu chegava sete hora da noite em casa, mas num me recramava.

É flagrante em dona Helena, ainda que sutilmente, a satisfação de trabalhar para contribuir com o sustento dos filhos sem dar margem para quaisquer acusações do marido, algo que é bastante relevante se considerarmos a sociedade patriarcal e machista da qual as mulheres nordestinas são vítimas.

Outra narrativa nesse contexto de conquista da dignidade através do trabalho, de criar os filhos e comprar uma casa, é a de Raimundo José, 80 anos, casado, 35 filhos, dos quais morreram 12 e 23 sobreviveram. Agricultor acostumado à lida pesada do campo, afirma com certo desgosto que, por motivo de saúde, chateou-se com as orientações do médico: “[...] doutor me deu uma dieta que eu num tinha direito mais de ir numa roça, nem espiar uma roça. Aí, eu fiquei meio atarantado cum isso, meio contraído de minha cabeça”. Sentindo-se inútil e sem poder trabalhar, pediu ao Padre Cícero uma maneira de ocupar o tempo, de ganhar, como dizia, “uns trocados”. Certo dia, ao acordar, disse:

[...] Muié, eu vou pro Horto. Ela disse: O que tu vai ver no Horto? Eu digo: Eu vou vender uma garrafa de café. Aí, o que eu vou fazer? Pedir esmola, eu num vou. Eu vou caçar um meio pra mim viver mió. Aí, eu tenho seis fio dento de casa ainda, ai vim praqui, peguei a garrafa de café e fiquei por aqui. Eu num tinha direito nem de subir um batente. Aí, eu fiquei debaixo daquele pé de Juá cum uma garrafa de café. No outo dia, eu vim cum uma garrafa de café e uma de chá. Aí, disse pra muié: Vigia se tu compra um bolim. Aí ela comprou uns bolim. No outo dia, eu disse: compra uma pipoquinha. Ela comprou. E a senhora me aquerdita, que eu fiquei aqui nesse movimento. No primeiro de novembro me deu um patite preu comprar uma gomia pra fazer uma tapioca. Cheguei em casa, falei cum a muié e ela disse: isso é conversa, tu já véio, vai levar mais coisa, tu vai acabá de morrer. Aí, descí foi no Juazeiro. Na segunda-feira, truxe dois quilo de gomia; na quarta-feira, tinha se acabado a gomia. Fui de novo, truxe quato quilo, quando foi no sabo ela foi e troxe um saquio cum 10 quilo de gomia. Na outa semana, ela comprou um saquio cum 25 quilo. E eu fiquei aqui cum essa gomia.

Assim como nos relatos anteriores, vê-se que seu Raimundo começou com pouco: uma garrafa de café, depois uma de chá, em seguida a venda de pipoca, tapioca. Sem pressa, construiu sua dignidade com a possibilidade de retomar o trabalho ganhando o suficiente para cumprir com aquilo que considerava ser suas obrigações religiosas e de pai, sem contrair dívidas e tampouco depender de quem quer que seja.

[...] proque eu tinha que fazer a festa de meu Coração de Jesus dia 27 de novembro e eu acostumava fazer uma refeiçãozinha pra minha família, né? Vinha muita gente pra minha casa e eu digo: nós tamo muito acabado, as besteira que nós têm gastei cum tratamento. Aí, cum essa minha estadia aqui nós fizemo a festa do mermo jeito. E eu fiz refeição pra tudim, fiz bolo, tomemo café e tiramo a renovação do meu Coração de Jesus na maior satisfação. Ainda hoje, tô aqui cum

o comércio que a senhora tá vendendo aí. Já fiz três casamento depois que eu tô aqui, já fiz três casamento de fio e num devo um tostão a homi nenhum e num tem outra mensagem: só as garrafia de café aqui. É, eu confio nesses dois homi toda minha vida.

Ao contar detalhadamente sua decisão de trabalhar no Horto, seu Raimundo revela a compreensão que tem em relação ao Padre Cícero. Para o agricultor, o sacerdote não desampara aqueles que acreditam nele. Acometido por uma doença que lhe roubou a autonomia, encontra uma forma de não só ocupar a mente e o tempo, como também ganhar o dinheiro que lhe permitisse realizar a renovação do Coração de Jesus conforme a tradição, com o almoço em família, o bolo, o café, além de ajudar os filhos. A sensação de vitória, portanto, não está associada ao enriquecimento, à fortuna, ao acúmulo de bens materiais, à notoriedade política, mas apenas à tentativa de garantir o mínimo necessário para continuar vivo. O mínimo para eles é o máximo, é tudo.

**Trabalho e vida:** Aqui, o trabalho no alto do Horto é entendido como uma dádiva do Padre Cícero para que suas “amiguinhas” e “amiguinhos” possam ter uma vida minimamente digna, conforme afirma Cícero José, fotógrafo: “[...] a gente veve aqui por causo dele”!

A certeza de que na terra santa do Horto o Padre Cícero promove a vida, não deixando seus escolhidos morrerem de fome e de sede, atrai milhares de pessoas que vão consumir produtos diversos ou oferecer esmolas, fazendo com que cada um possa viver do próprio trabalho, segundo “Cícero dos Fogos”:

[...] eu tô cum cinco ano aqui que eu vivo, eu sobrevivo é sortando fogo, somente pra promessa e dá pra dar de comer, eu andar cum dinheiro, somente de promessa que chega aqui, né? [...] que eu sorto fogo de promessa, vivo somente de fogo e dá pra viver.

Padre Cícero, de acordo com essas narrativas, é considerado um provedor, aquele que não abandona seus afilhados. Maria do Carmo sintetiza bem essa percepção em relação ao sacerdote:

[...] Trabaio aqui e arrumo meu pãozim de cada dia. Mas, nosso padrinho Ciço, que é santo, se eu disser: eu não tenho o que cumer — que Deus me defenda, meu pai!—, eu chego aqui e arrumo. Nós aqui, nós confiando em nosso padrinho Ciço, que é santo, nós veve, nós veve tranquilo!

Maria de Lourdes Freire, 58 anos, casada, 10 filhos, trabalha como peneirista e assim o percebe: “[...] nós pede a ele, nós vê, nós trabaia aqui nos pés dele, nós come, nós bebe, nós veste. Tudo aqui é de fé dele, né”?

Para dona Maria, também peneirista, 45 anos, 25 destes morando no alto do Horto, 10 filhos, estar ali equivale à oportunidade de viver sem medo:

[...] O Horto é onde a gente arranja o pão de cada dia. É onde nós arranja o pão de cada dia de nós viver, é aqui, de inverno a verão. E é todos nós. Pruquê se num fosse o Horto, meu Deus do céu! Eu trabaiei cinco ano na construção, só arranjei doença. E num arranjei nada.

Para Francisca Andréa, 48, trabalhadora de uma barraca de café, o Padre Cícero é aquele que viabiliza o sustento: “[...] hoje em dia a gente sabe que a gente só veve mais pelos poder dele aqui na terra, né? Por causo dessa romaria todo mundo veve, né”?

Para os devotos do Padre Cícero que se sentem escolhidos por ele para morar no seu espaço sagrado, o trabalho é muito mais que uma atividade que lhes possibilita a vida financeira. É a confirmação de que o padrinho, ao trazê-los para lá, lhes proporciona os recursos para a sobrevivência diária, enviando milhares de pessoas. É, enfim, a possibilidade de viver como diz seu Sebastião Pastor: “O padim Ciço dexô o Horto pra sarvar os peregrinos pobres que somos nós”.

## “O PADIM CIÇO DEXÔ O HORTO PRA SARVAR OS PEREGRINOS POBRES QUE SOMOS NÓIS”: Considerações finais

[...] O Horto é uma maravilha de uma natureza viva que meu padim Ciço dexô. Agora, essa natureza viva se chama sítio encantado criado pelo Divino Espírito Santo, foi encantado por ele. Aqui servia para precisão dos mais necessitados, né.

A declaração acima foi feita pelo Mestre de Cultura, sr. Bosco Ferreira da Paz, morador da rua do Horto. Diariamente, frequenta as escadarias de acesso à estátua do Padre Cícero munido de sua viola, cantando benditos e pedindo aos transeuntes “uma esmola pelo amor de Deus”.

Sua narrativa expressa as duas mais significativas representações elaboradas pelos devotos que habitam o alto do Horto: a crença de que o lugar é um espaço sagrado, o paraíso encantado criado e habitado pelo Espírito Santo, que é o próprio Padre Cícero. Ali, segundo eles, no Dia do Juízo Final todos serão julgados. Acreditam, ainda, que o Horto é o lugar onde o romeiro pobre encontrará as condições necessárias para garantir sua sobrevivência e que, com a permissão do Padre Cícero, ganhará o pão de cada dia, o sustento da família através da intensa atividade do comércio informal.

O Horto sempre foi um território dos devotos. Em vida, o Padre Cícero aceitou e conviveu com beatos, penitentes. Homens e mulheres que realizavam seus próprios rituais religiosos, quase sempre não aceitos pela hierarquia da Igreja Católica, vistos pela elite como atos de fanatismo e ignorância.

Mesmo após a morte do sacerdote, continuou a ser o ambiente escolhido pelo devoto para visitar, viver e rezar. No alto da colina, os romeiros se dirigiam à capelinha do Bom Jesus do Horto, construída pelo beato Elias. Rezavam nas ruínas da Igreja do Sagrado Coração de Jesus; sentavam à sombra do pé de Tambor, a conhecida árvore centenária sob a qual, de acordo com os antepassados, o Padre Cícero aconselhava, contava histórias e abençoava aqueles que sabiam ouvi-lo. Também bebiam a água benta dos potes colocados à disposição pelo sacerdote para matar a sede dos seus “romeirinhos”, dando-lhes liberdade para tocar as imagens sacras, crentes de que estas podiam curá-los das doenças. Enfim, pisavam o espaço sagrado como quem a ele se integra, tornando-se mais um elemento dessa ampla sacralidade. A atual população do alto do Horto se compõe dos romeiros e seus descendentes — filhos, netos, bisnetos —, que sempre mantiveram os ouvidos e olhos atentos a tudo que cerca a história do lugar, desde as profecias até os poderes miraculosos atribuídos ao Padre Cícero.

O Horto é para os devotos um lugar divino, pois é a morada eterna do santo: Padre Cícero. Segundo a crença dos habitantes, quando criança, o sacerdote deixava de ir à escola para brincar na construção de igrejinhas e esconder-se em suas matas, onde recebia os romeiros para ensinar, abençoar, aconselhar. Após tornar-se encantado, lá permanece até hoje ao lado do Pai e do Filho, quando fará o julgamento final de todo ser humano.

O território do romeiro começou a sofrer interferências da Igreja Católica e do poder público a partir da década de 1940. Com a chegada dos padres salesianos, paulatinamente foi posto em prática um processo contínuo de destruição e apagamento dos passos do Padre Cícero, resultando na consequente desterritorialização daqueles que viviam e circulavam no alto do Horto.

A primeira iniciativa nesse sentido se deu no âmbito da administração local, com o afastamento da beata Mocinha, mulher que teve sua existência quase toda dedicada aos cuidados das finanças, da alimentação, vestuário, da saúde e da vida do sacerdote.

Em 1944, com o pretexto de “limpar” o espaço para comemorar o centenário de nascimento do Padre Cícero, o padre João Damasceno ordenou a derrubada das ruínas da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, inacabada em decorrência de um embargo do bispo dom Joaquim no final do século XIX. Igreja esta, vale ressaltar, que o sacerdote pediu, em seu testamento, para que os salesianos concluíssem a construção.

Na década de 1960, outros agentes começam a intervir no território e na religiosidade do alto do Horto. Valendo-se de um discurso que colocava no centro a necessidade de modernizar e incrementar o “turismo religioso”, são desenvolvidos projetos que, desde então, descaracterizam o espaço, destruindo ícones e signos que representavam e ainda hoje representam, para o romeiro, a presença do Padre Cícero. Em 1965, cortaram o pé de tambor para construir uma torre de TV. Em 1969, derrubaram a capelinha do Bom Jesus do Horto para erguer a estátua do Padre Cícero.

Em 1999, com a remoção das beatas que moravam, há décadas, no casarão do Padre Cícero para transformá-lo num museu vivo, paradoxalmente a vida pulsante do imóvel com a presença dos devotos é substituída por bonecos feitos à base de resina de poliéster, representando supostos fatos da vida do sacerdote, mas que não incluem o povo romeiro. Os ex-votos são expostos após rigorosa seleção; porém, não se pode tocá-los ou interagir com o espaço e com os objetos que, por terem pertencido ao Padre Cícero, são revestidos de sacralidade para o devoto.

Em 2006, deu-se continuidade ao projeto de “revitalização do Horto” com a retirada de todas as barracas que ficavam localizadas entre a praça da estátua e a entrada do Santo Sepulcro, sendo estas transferidas para “lojinhas” construídas na base do monumento. Embora se tenha garantido aos donos de barraca a prioridade na venda de seus produtos naquele novo espaço, muitos desistiram e abandonaram seus ofícios. Afinal, segundo eles, não havia mais o contato direto com os romeiros, não estavam mais num ambiente sagrado.

Em 2019, o então governador do Estado do Ceará, Camilo Santana, assinou, no Memorial Padre Cícero, a ordem de serviço para a construção de um teleférico na colina do Horto no valor de aproximadamente 80 milhões de reais. O equipamento turístico foi inaugurado em 28 de março de 2022. Na página do governo, a inauguração do teleférico é assim anunciada:

Com capacidade para transportar até 2.080 pessoas por hora, o Teleférico do Horto, em Juazeiro do Norte, foi inaugurado pelo Governo do Ceará, na tarde desta segunda-feira (28). O equipamento será importante para incrementar mais ainda o turismo na região, principalmente o religioso,<sup>30</sup> já que liga a Praça dos Romeiros à área onde fica a estátua de Padre Cícero, um dos símbolos do Cariri. O investimento foi da ordem de R\$ 79,1 milhões (Cf.: <https://www.ceara.gov.br/>).

No mesmo site, afirma-se que “[...] O Horto é um espaço turístico religioso que recebe milhares de romeiros por ano. A ideia do teleférico é exatamente ser um equipamento que possa atrair turistas, gerar a economia do turismo na região”.

Percebe-se em todos esses empreendimentos a explícita e deliberada intenção de transformar as romarias de Juazeiro do Norte em “turismo religioso”, com a anuência e participação da própria Igreja Católica, sendo o alto do Horto o ápice da chamada religiosidade romeira, o que mais sofreu alterações drásticas ao longo dos anos num processo que sobrepõe o “espaço construído” ao “espaço vivido”, também denominado “espaço social”. De acordo com um dado conceito da geografia, o espaço construído é aquele que “[...] pode ser observado em suas formas aparentes e materiais; refere-se aos espaços arquitetônicos e está escrito nos objetos que compõem o processo de ocupação do território” (EGLER, 2003). Já o espaço vivido pode ser entendido como “[...] um espaço-movimento e um espaço tempo vivido” (FRÉMONT, 1976, p. 33). É

---

30 Grifo meu.



nele que os indivíduos estabelecem relações humanas, criam laços afetivos, emocionais, religiosos, sociais e vínculos identitários.

O Horto, para o devoto habitante, é um mundo mágico, encantado, sobrenatural. Nele são compartilhados os mesmos sentimentos de devoção, gratidão e de obediência ao seu “padim Ciço”. Sentindo-se por ele eleito, chamado a morar naquele lugar, vive-se por e em função dele. A identificação com o espaço é própria desse tipo de devoto. Embora tenha como atividade o comércio informal, ganhando apenas o suficiente para sobreviver, sem infraestrutura nenhuma, muitos deles morando em casas de taipa, sem água potável, sem eletricidade, descrevem o Horto como o paraíso, o melhor lugar para viver, o céu aqui na terra.

O prazer e a satisfação de viver num ambiente tocado pelo Padre Cícero, portanto dissociado de questões materiais, mas ligado à fé, devoção e crença de que se está pisando um campo sagrado, para o romeiro é como estar mais perto do Deus em que ele acredita — no caso, o Padre Cícero —, podendo refazer os passos do sacerdote, ouvir seus conselhos através das pedras, das matas, objetos, enfim, ressignificar os lugares por onde andou. O território outrora santificado, imaculado, distinto de outros e marcado pela religiosidade romeira, vivido e compartilhado entre os devotos do Padre Cícero, é flagrantemente corroído e destruído para dar lugar a um novo espaço, higienizado, moderno, disciplinado, apto a receber “turistas”, pessoas que, de forma passiva, passam, olham, gastam e vão embora.

O tratamento e entendimento do Horto como espaço de turismo pode ser observado para além das intervenções físicas, nas placas de sinalização e informação fixadas no local. Recentemente, no decorrer de uma visita na companhia do agente de cultura popular, ator e grande defensor da tradição romeira, Renato Dantas, percebi sua indignação diante de uma das placas do Geopark Araripe<sup>31</sup> na qual se informa resumidamente: “Trilhas do Santo Sepulcro”. Para ele, trata-se de uma informação errada, pois o termo

---

31 Território que abrange seis cidades do interior do Ceará, mais especificamente de uma região conhecida como Cariri, onde está localizada a Chapada do Araripe. O projeto

[...] Trilha é um termo usado para lazer, caminhadas, exercícios físicos. O nome certo é caminho, “caminho do Horto, caminho do Santo Sepulcro”. Porque caminho evoca uma transcendência com o sagrado. Então, o Geossítio devia fazer uma reformulação deste termo. Então, é preciso refazer pra quem chegar aqui não ficar indignado como eu. (Renato Dantas, 2021).

A indignação de Renato Dantas é a mesma dos devotos habitantes, que contam:

[...] Quando os romeiro chega aqui e vê isso aí, eles choram e diz que o Horto tá acabado, que acabaram cum as coisa de padim Ciço. Quando vieram e num viram o Bom Jesus, perguntaram: Onde é que tá Bom Jesus? Eu disse: Tã ali embaixo, que butaram. Homi, mas aqui esse Bom Jesus era a causa que nós rezava e pedia a ele cum aquela fé, e nós sai cum o coração cheio de alegria. Era a semelhança que meu padim Ciço deixou lá, né.

Dessa forma, a atuação conjunta da Igreja Católica (Congregação Salesiana e Diocese do Crato), dos poderes públicos (prefeitura, governos estadual e federal) e da iniciativa privada (restaurantes, bares etc.) no alto do Horto culminou, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, no processo de desterritorialização daqueles que prefiro denominar “herdeiros da fé” no Padre Cícero, homens e mulheres simples, gente analfabeta ou com estudo formal precário, pobre, mas mantenedores de uma tradição religiosa que remonta ao período em que o padre Ibiapina andou pelos sertões. Se por um lado o Horto foi modernizado para atender diversos interesses, sejam políticos, econômicos ou religiosos, por outro alterou significativamente o espaço de modo a apagar os vestígios

---

conta com a chancela da Unesco (braço da Organização das Nações Unidas, ONU, para a educação, ciência e cultura), que identifica, sinaliza e cuida de áreas essenciais para a história da Terra. O Geopark Araripe identificou nove Geossítios, sendo o Horto um deles. *Disponível em:* <https://viajenachapada> Acesso em: 21 fev. 2022.

desse povo romeiro, destruindo tudo que pudesse ser identificado como indício de “religiosidade fanática e ultrapassada”.

Tamanhas intervenções podem ser observadas na tentativa de controle de tudo que ali se manifesta, no disciplinar dos comportamentos —uma prática antiga da própria Igreja Católica —, na imposição de regras e na delimitação do espaço em que o devoto pode circular no Horto. Um exemplo disso está relacionado ao casarão do Padre Cícero que, antes do projeto de “revitalização”, era habitado por beatas, poetas populares como seu Severino, que vendia os cordéis que compunha. Lugar onde o romeiro chegava às 3h da madrugada, entrava, tocava nas imagens dos santos, reconhecia os ex-votos deixados em anos passados, bebia da água benta dos potes, sentia-se “em casa”. Na atualidade, só lhe é permitido entrar no imóvel das 8h às 17h. Estando dentro, nada mais é possível fazer. As restrições severas impedem a espontaneidade do devoto antes mesmo que ela aconteça.

Na primeira sala do imóvel, onde funcionava a capela construída no começo do século XX pelo Padre Cícero, o romeiro se depara com algumas imagens de santos salesianos, todos de origem europeia, dissociados de sua religiosidade. Embora, de um lado da sala, fotografias do sacerdote estejam expostas, os ex-votos são apresentados como objetos de museu, nenhuma referência é feita às beatas e beatos ou ao povo romeiro que habitou o Horto, fazendo de lá seu lugar de fé, de conexão com o sagrado. Para o devoto habitante, todas essas intervenções e alterações foram profetizadas pelo Padre Cícero, que dizia aos romeiros:

[...] Ói, meus amiguim, vai chegar um tempo que os homi vão tomar de conta do Horto e vão fazer uma sedoma e que o Horto aí vai ser cercado, murado e cercado, e num já tão murando? Disse que “ia ficar só um portão e quem quiser entrar vai ter que pagar” [...], ele disse que ali vai ser o choro das rezas do povo (Dona Josefa).

A confirmação das profecias do sacerdote sobre a profanação do espaço sagrado do Horto, apagando seus passos, destruindo os símbolos religiosos deixados por ele, é manifestada com indignação e tristeza:

[...] O pé de Braúna que tinha ali? Num tinha um pé de Braúna? Derrubaram cum ele, acabaram cum ele. Aqui é assim, acabaram cum tudo de meu padim Ciço, viu. Esse pé de Braúna num era pra ninguém cortar ele, deixar aí que é pra entregar os martim (Seu Francisco de Assis).

[...] Foi ele que fez aquela igreja. Hoje em dia derrubaram a igreja, mas a igreja era muito bem-feita. Derrubaram o artá que ele mandou fazer e tinha o Bom Jesus, quebraram o Bom Jesus, quebraram em três pedaço. O Bom Jesus, meu padim Ciço mandou fazer. Era pregado no artá, quebraram e butaram ali (apontando para o estacionamento). Aquilo foi uma maravilha, derrubaram o artá que meu padim Ciço mandou fazer (Dona Marinete).

[...] Que uma coisa muita errada que fizeram aquele negoço ali. Pro que num é pra destruir aqueles pau. Meu padim Ciço disse, o veim fálava, né. “Ói, meu amiguim, acabaram cum isso aqui, cum a mata do Horto”. Ele pediu: “Num deixe acabar cum a mata do Horto”. Num acabaram cum essa mata? Acabaram cum pé de Juá, que foi que ele deixou. Esse pau que nasceu aí, esse pé de Tambor, né. Acabaram! Acabaram tudo que ele deixou (Dona Josefá dos Santos).

Apesar de nos períodos de destruição do território sagrado o romeiro não resistir de forma organizada e efetiva, fazendo uso da força física ou algo similar, em suas narrativas enfatiza que o próprio Padre Cícero irá punir, com severos castigos, as transgressões realizadas seja por parte da Igreja Católica, dos políticos ou das pessoas em geral:

[...] Os mais véi disse que ele (Padre Cícero) disse assim: vai ficar um comércio e uma sedoma, mas no fim das era vai morrer tanta gente que no cimitério num vai caber, no fim das era! O comércio já tá, o comércio num tinha nada aqui. Agora, no fim das era vai morrer tanta gente que o cimitério num vai caber (Maria Ferreira). [...] Ói, tudo dele era limpo. Ele num queria nada de ruim no Horto. Agora isso aí? O que vai acontecer aí é um castigo mais tarde que a gente vai levar, já tamo levando. Ói, tá fartando o quê? Inverno. Ele disse que cortar, acabar cum essa mata aí, o inverno incurta. O que significa que vai acontecer isso, né. Que vem dœnça (Dona Josefa).

A cada nova investida, o devoto agia com resiliência, porém, com coragem para salvar o que fosse possível. Desse modo, quando derrubaram as ruínas da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, recolhia com tristeza, choro e assombro o que restou de tijolos, areia, pedra; quando cortaram a centenária árvore, o pé de tambor, correu para buscar seus galhos e folhas. Mesmo sujeito a regras, interferências, desterritorialização, desrespeitado nas suas crenças, acusado de fanatismo, adjetivado de ignorante etc., o devoto habitante do alto do Horto mantém a fé inabalável e inquestionável no Padre Cícero, conservando-se obediente conforme pediu o sacerdote em seu testamento:

[...] peço, como sempre aconselhei, que sejam bons e honestos, trabalhadores e crentes, amigos uns dos outros e obedientes e respeitadores às leis e às autoridades civis e da Santa Igreja Catholica Apostólica Romana, no seio da qual tão somente póde haver felicidade e salvação (SOBREIRA, 1969, p. 392).

A despeito de não protestar publicamente, tampouco questionar a autoridade dos padres e dos entes públicos, não deixa de reconhecer as consequências trazidas pelos projetos de modernização:

[...] O Horto hoje é lugar de cachaça, zuada, até forró fazem no Horto, zuada, desobediência, menos religião do que nos outros.

[...] Hoje o Horto, pra mim, é um lugar de uma espécie de corrupção. Aqui era um lugar sagrado.

[...] O Horto era uma terra santa, mas o povo que tá morando nela num são santo.

[...] Que aqui era tão queto e agora tá tão alterado, tão perigoso, é uma violência, aqui acolá aparece cada violência doida que a gente fica só óiando assim.

[...] Eu nasci aqui e num via muita coisa que tô vendo hoje. Hoje eu tô vendo muitas coisas, umas coisa mudada e outas coisas desmudadas, mas aí, ninguém pode fazer nada.

[...] A gente conheceu aqui há seis anos pá trás, era mais melhor do que agora. Aí, invés de tá cada vez mais mió, tá cada vez mais se acabando, cada vez mais fraquecendo.

O Horto que significa para o habitante devoto um lugar sagrado, de penitência, oração, resiliência é, também, lugar de sofrimento, perseguição, resistência e de sobrevivência no qual gente simples, devota, pobre e analfabeta se encontra, se reconhece como parte de uma determinada sacralidade. Independentemente de serem os donos legais das terras do Horto ou não, insistem em afirmar de forma categórica que o Padre Cícero dizia: “[...] esse terreno aqui é do rumero”; “Aqui é a casa da oração, a casa do meu rumero”; deixou “[...] recomendado para que não vendesse, que era pra quando o romeirinho dele chegasse pobrezinho, fazer um ranchinho pra morar”. Afinal, o sacerdote “DEXÔ O HORTO PRA SARVAR OS PEREGRINOS POBRES QUE SOMOS NÓIS”.

## REFERÊNCIAS

### **Fontes orais:**

Além das entrevistas concedidas — um total de 75 —, muitas informações foram acrescentadas através dos seguintes depoentes:

- \* Antônio Renato Soares de Casimiro - juazeirense, memorialista e guardião do maior acervo sobre a história do Juazeiro e do Padre Cícero;
- \* Francisco Renato Sousa Dantas - juazeirense, ator, memorialista e estudioso do tema;
- \* Jaqueline Sampaio - primeira coordenadora do projeto de Revitalização do Horto
- \* Padre José (Giuseppe) Venturelli - administrador do Horto entre os anos de 1999 e 2015;
- \* Padre João Carlos (Giancarlo) Perini - administrador do Horto entre os anos de 1999 e 2013;
- \* Jorge Mauro Soares Lins - arquiteto responsável pela primeira reforma do Horto em 1967;
- \* Irmã Maria Sônia - membro da Congregação Irmãs da Caridade de Jesus.

### **Fontes manuscritas**

a) Arquivos do Departamento Histórico Diocesano Padre Antônio Gomes de Araújo (DHDPG). Crato, Ceará.

- ✓ Cópia Autêntica do Processo Instruído sobre os fatos do Juazeiro (1891-1893).

- ✓ Caderno de José Joaquim Teles Marrocos (recortes de jornal, cartas e petições sobre a questão do Juazeiro entre 1891 e 1896).
- Ata da reunião cedida pelo padre Ventureli.
- Projeto de revitalização - cópia cedida pela coordenadora do projeto.

## Sites

- Jornal Diário do Nordeste. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/mapa-traca-origens-do-fluxo-de-romeiros>)
- ✓ <http://www.institutodoceara.org.br/revista.php>
- ✓ Arquidiocese de Fortaleza: <http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/>
- ✓ <http://www.araldicavaticana.com>
- ✓ <http://cearanahistoria.blogspot.com/2016/08/trairi-paroquia-n-sra-do-livramento-de.html>
- ✓ <http://www.academia.org.br/>
- ✓ <https://www.diocesedeiguatu.org.br/>
- ✓ <http://historiadejuazeiro.blogspot.com/>

## Dissertações e teses

CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. **A construção da cidade da cultura:** Crato (1889-1960). Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. Disponível em: <https://cariridasantigas.com.br>

DIAS, Carlos Rafael. **Encantamento e civilização:** construções discursivas de uma região (o Cariri cearense). Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: UFF, 2019. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2180.pdf>.

NASCIMENTO, Paulo Sérgio. Caracterização do perfil dos romeiros de Juazeiro do Norte - Ceará. **Dissertação** (Mestrado). 2002. (Cópia cedida pelo autor)



REIS, Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez. **O espaço a serviço do tempo**: a estrada de ferro de Baturité e a invenção do Ceará. 2015. 402f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/25274>. Acesso em: 03 jan. 2022.

REIS JÚNIOR, Darlan de Oliveira. **Senhores e trabalhadores no Cariri cearense**: terra, trabalho e conflitos na segunda metade do século XIX. 2014. Tese (Doutorado). Fortaleza: UFC, 2014.

PINHO, Maria de Fátima Morais. **Padre Cícero**: anjo ou demônio – Teias de notícias e ressignificações do acontecimento Padre Cícero (1870-1915). Tese (Doutorado). Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2173.pdf>

### Fontes impressas

Biblioteca do Departamento Histórico Diocesano Padre Antônio Gomes de Araújo (DHDPG), Crato - CE.

Hemeroteca do Instituto José Marrocos de Pesquisas e Estudos Socioculturais do Cariri - IPESC.

### Documentos

LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE JUAZEIRO DO NORTE - ESTADO DO CEARÁ 1990. Disponível em: [https://intellgest-sigl-media.s3.amazonaws.com/media/sigg/public/normajuridica/1990/1/lei\\_organica\\_atualizada\\_-\\_2010-21-01-2015.pdf](https://intellgest-sigl-media.s3.amazonaws.com/media/sigg/public/normajuridica/1990/1/lei_organica_atualizada_-_2010-21-01-2015.pdf). Acesso em: 10 jan. 2022.

### Artigos e livros

ABREU, Alzira Alves de (Coord. Geral). **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)**. Fundação Getúlio Vargas. Editora CPDOC, 2015.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História**: a arte de inventar o passado. São Paulo: EDUSC, 2007.

ALENCAR, Generosa; MENESES, Fátima. **Beata mocinha**: governanta e tesoureira do Padre Cícero. Juazeiro do Norte: HB Editora, s/d.

ALMEIDA, Núbia Ferreira. **O Colégio Salesiano em Juazeiro do Norte e o projeto educacional do Padre Cícero**. Fortaleza: Edições UFC, 2013.

ANDRADE, Leopoldino Costa. **Sertão adentro (alguns dias com o Padre Cícero)**. Tipografia Caelho: Rio de Janeiro, 1922, p. 152. Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/AA00000251/00001>. Acesso em: 13 jul. 2018.

ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero: mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

ARAÚJO, Antônio Gomes. “O Apostolado do Embuste”. **Revista Itaytera**, Ano II, n° 02. Crato: Tipografia Imperial, p. 03-62, 1956.

ARAÚJO, Antônio Gomes. Padre Pedro Ribeiro da Silva: o fundador e primeiro capelão de Juazeiro do Norte. **Revista Itaytera**, Ano IV, n. 04, 1958 - Tipografia Imperial, Crato-CE.

ARAÚJO, Maria de Lourdes de. **A Cidade do Padre Cícero: trabalho e fé**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011 (Tamara Tânia Cohen Egler: Espaços da Coesão Social na Era Informacional, em Memória e Espaço - Trilhas do Contemporâneo, Rio de Janeiro, p. 74-90, 2003).

BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. **O Joaseiro Celeste: tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero**. São Paulo: Attar, 2007.

BARBOSA, Geraldo Menezes. **História do Padre Cícero ao alcance de todos**. Juazeiro do Norte: Edições ICVC, 1992.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa (1800-1900)**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

BARROS, Luitgarde. **A terra da Mãe de Deus**. 3ª ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2014.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 20.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. **Padre Cícero: sociologia de um padre, antropologia de um santo**. Bauru-SP: EDUSC, 2008.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. **A subida do Horto: ritual e topografia religiosa nas romarias de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil**. Disponível em: <https://tinyurl.com/yyzjfxkg>. Acesso em: 16 ago. 2021.

CAMURÇA, Marcelo. **Marretas, Molambudos e Rabelistas**: a revolta de 14 no Juazeiro. São Paulo: Maltese, 1994.

CAMURÇA, Marcelo. Breve Histórico Político do Juazeiro: do processo de autonomia municipal ao protagonismo regional-nacional a partir de 1914. *In*: BARROS, Luitgarde. **A terra da Mãe de Deus**. 3ª ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2014.

CANCLINI, NÉSTOR GARCIA. **Culturas híbridas**: estratégia para entrar e sair da modernidade. Tradução Ana Regina Lessa. 4ª ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.

CARVALHO, Gilmar de. **Severino do Horto**: O cordel de Juazeiro. Fortaleza: Expressão gráfica Editora, 2014.

CASIMIRO, Renato. **Antes qu'eu m'esqueça**. Fortaleza: Ed. AFAJ/IPESC/ICVC, 2000.

CASIMIRO, Renato. **Padre Cícero Romão Baptista e os fatos do Joaseiro**: a questão Religiosa. Volume I. Fortaleza: SENAC, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger (Org.) **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Ed. Liberdade, 1999.

COSTA, Floro Bartholomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: depoimento para a História. Coedição Secult/Edições URCA. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

DANTAS, Renato. Os romeiros e o espaço sagrado de Juazeiro em busca da autonomia política. *In*: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.). **Padre Cícero Romão Baptista e os dados do Joaseiro**: autonomia político-administrativa. Fortaleza: Editora Senac Ceará.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joaseiro**. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DELLA CAVA, Ralph. Antigas controvérsias, novos paradigmas: lembranças de um pesquisador na véspera do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero. *In*: **Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero**. Juazeiro - CE, p. 124-126, 2004.

DINIS, Manoel Pereira. **Mistérios de Joaseiro**. Joaseiro: Tipografia do Joaseiro, 1935.

- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- FARIAS, Alberto. **Pe. Cícero e a Invenção do Juazeiro**. Brasília: Edição do autor, 1994.
- FEITOSA, Antonio. **Falta um defensor para o Padre Cícero**. São Paulo: Loyola, 1983.
- FIGUEIREDO FILHO, José de. **A História do Cariri**. Vol. 4. Crato: Faculdade de Filosofia, 1964.
- FORTI, Maria do Carmo Pagan. **Maria do Juazeiro: A Beata do Milagre**. São Paulo: Annablume, 1999.
- GALENO, Alberto Santiago. **Território dos coronéis**. 2ª ed. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1988.
- GOMES, Assis Daniel Gomes. **Da “terra do Padre Cícero” à “Cidade do Progresso”**: intervenções urbanas em Juazeiro do Norte (1950-1980). Salvador: Editora Pontocom, 2015.
- GONÇALVES, Ana Lúcia MacDowell. “Quem é o meu Senhor?” *In: Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero*. DUMOULIN, A. *et al.*, Juazeiro do Norte - CE: 2004, p. 56-59.
- GUIMARÃES, Therezinha Stella. **Padre Cícero e a nação romeira: estudo psicológico da função de um “santo” no catolicismo popular**. Fortaleza, Editora IMEPH, 2011.
- GUIMARÃES, Therezinha Stella; DUMOULIN, Anne (Org.). **O Padre Cícero por ele mesmo**. Fortaleza: INESP, 2015.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- HERMANN, Jacqueline. Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado. *In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente - da Proclamação da república à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- LIMA, Luís Filipe Silvério. **O império dos sonhos**. São Paulo: Alameda, 2010.
- LIMEIRA, Aline de Moraes e NASCIMENTO, Fátima. **Hist. Educ.**, v. 16, n. 38, Santa Maria Sept./Dec. 2012 - <http://dx.doi.org/10.1590/S2236-34592012000200009>. Acesso em: 08 jun. 2015.

- SOBRAL, Lívio. Padre Cícero Romão - o sonho fatídico. In: **Revista do Instituto do Ceará**, 1941. Disponível em: [http://www.instituto-doceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1941/1941-Padre\\_Cicero\\_Romao.pdf](http://www.instituto-doceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1941/1941-Padre_Cicero_Romao.pdf).
- SOBRAL, Lívio. Padre Cícero Romão - Juazeiro Primitivo. In: **Revista do Instituto do Ceará**, 1943, p. 286. Disponível em: <https://tinyurl.com/y2cjlvpn>. Acesso em: 21 set. 2021.
- LÓSSIO, Moacyr Gondim. **Iniciação à História do Cariri**. Crato: Sec. de Educação e Cultura, 1986.
- LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstrom. **Juazeiro do Padre Cícero: cenas e quadros de fanatismo no Nordeste**. 4ª ed. (Aumentada) Brasília-DF: Inep/MEC, 2002.
- MACEDO, Joaryvar. **Império do Bacamarte: uma abordagem sobre o coronelismo no Cariri cearense**. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1990.
- MACEDO, Nertan. **O Padre e a Beata: Saga Sertaneja**. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1961.
- MACEDO, Nertan. **Floro Bartholomeu: o caudilho dos beatos e cangaceiros**. Rio de Janeiro: Agência jornalística IMAGE, 1970.
- MENEZES, Paulo Elpídio de. **O Crato do meu tempo**. Fortaleza: Alagadiço Novo, 1985.
- MORÆS, Eneida de. **História do Carnaval carioca**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- MENESES, Fátima. **Padre Cícero: do milagre à farsa do julgamento**. Recife- PE: Bagaço, 1998.
- MENEZES, Otávio Aires de. **O Joaseiro antigo: história do Padre Cícero, seu povo e sua cultura**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2012, p. 46.
- MENESES, U. T. B. de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 3, n. 45, p. 11-36, jul. 2003.
- MOREL, Edmar. **Padre Cícero: o santo do Juazeiro**. Rio de Janeiro: Editora Civilização, 1966.

NEVES, Frederico de Castro. A Seca na História do Ceará. *In*: SOUZA, Simone (Org.) **Uma Nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, p. 76-102, 2000.

NETO, Lira. **Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no Sertão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOBRE, F. Silva Nobre. **1001 Cearenses Notáveis**. Série: Enciclopédia Cearense. Casa do Ceará Editora: Rio de Janeiro, 1996.

NUNES FILHO, Pedro. **Guerreiro Togado: fatos históricos de Alagoa do Monteiro**. 2ª ed. Recife: FacForcm, 2011.

ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretária da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Maria de Araújo: uma santa saindo da penumbra**. BSG - Bureau de Serviços Gráficos, 2021.

OLIVEIRA, Amália Xavier. **O Padre Cícero que eu conheci**. 4ª ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1989.

OLIVEIRA, Xavier de. **Beatos e cangaceiros**. História Real, observação pessoal e impressão psicológica de alguns dos mais célebres cangaceiros do Nordeste. Rio de Janeiro: s.n., 1920.

PAZ, Renata Marinho. **As Beatas do Padre Cícero: Participação feminina leiga no movimento sócio-religioso de Juazeiro do Norte**. Juazeiro do Norte, Ed. IPESC/URCA, 1998.

PAZ, Renata Marinho. **Para onde sopra o vento: a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011. Coleção do Centenário.

PAZ, Renata Marinho. As Cartas Pastorais de Dom Joaquim José Vieira, bispo do Ceará, e a tessitura do movimento sócio religioso de Juazeiro do Norte (1893 a 1898). **Anais do Simpósio da ABHR**, v. 12, 2011.

PEIXOTO JÚNIOR, José. **Padre Peixoto: intelectual, político, sacerdote**. Brasília: Editora Ser, 2007.

PINHO, Maria de Fátima Morais. “Vem à cena o célebre Padre Cícero”: Publicações do jornal anarquista e anticlerical A Lanterna (SP) *In*: REIS JÚNIOR, Darlan de Oliveira *et al.* **História social dos sertões**. Curitiba: CRV, p. 187-199, 2018.

PINHO, Maria de Fátima Moraes. Acontecimentos extraordinários do Joazeiro: O milagre da transformação da Hóstia Sagrada, em sangue, nas páginas do jornal O Apóstolo, do Rio de Janeiro (1889-1898). **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História**. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434481352\\_ARQUIVO\\_Acontecimentos\\_extraordinarios.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434481352_ARQUIVO_Acontecimentos_extraordinarios.pdf).

PINHO, Maria de Fátima Moraes. O Horto do Padim Ciço: território simbólico do sagrado e do profano. **Revista Propostas Alternativas/Instituto da Memória do povo cearense - IMOPEC**. Fortaleza: p. 15-120, 2004.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri, seu descobrimento, povoamento e costumes**. Fortaleza, 1950.

PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri**. Fortaleza: Coedição Secult/Edições URCA - Fortaleza: Edições UFC, 2010.

PINHEIRO, Irineu. **O Joazeiro do Padre Cícero e a revolução de 1914**. 2ª ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: Algumas reflexões sobre a ética na história oral. Projeto História, São Paulo, 1997.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta** (Trad. Ricardo Santhiago). São Paulo: Letra e Voz, 2016 (Coleção Ideias).

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Verbo encantado**: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí - RS: UNIJUÍ, 1998.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Imagens do pe. Cícero**: sagrado e profano. Fortaleza: Museu do Ceará, 1999.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Sangue da Terra**: tramas do sagrado no espaço do Juazeiro. Cadernos CEOM. Chapecó: Argos, 2001.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart e BRASILIENSE, Danielle Ramos. Memória e Narrativa jornalística. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (Org.). **Mídia e Memória**: a produção de sentidos nos meios de comunicação - Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

SILVA, José Marques da. **Milagres e previsões de Padre Cícero**: Fatos de Juazeiro. Juazeiro do Norte: HB, 1996.

VIDAL, Reis. **Padre Cícero**: Joaseiro visto de perto - o Padre Cícero Romão Baptista, sua vida e sua obra. Edições ARGUS: Rio de Janeiro, 1936, p. 30. Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/AA00000241/00001/32>. Acesso em: 13 jul. 2018.

SOBREIRA, Azarias. **Em defesa de um abolicionista**. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1956.

SILVEIRA, Aureliano Diamantino. **Ungidos do Senhor na Evangelização do Ceará (1700 a 2004)**. Fortaleza Premium, 2004.

STUART, Guilherme. **Dicionário bio-bibliográfico cearense**. v. 1, Fortaleza: Typ. Minerva, 1910.

TAYLOR, Thérèse. **Bernadette de Lourdes**: sua vida, morte e visões. 2ª ed. Londres: Burns & Oates, 2008.

THEOPHILO, Rodolpho. **Seccas do Ceará** (segunda metade do século XIX). Fortaleza: Louis C. Choloveiçki, 1901; ANDRADE, Lopes. Sociologia das secas. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1948.

THEOPHILO, Rodolpho. **A Sedição do Juazeiro**. Edição Fac-símile. Coleção João Nicodemos de Lima - 409. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2014.





Editora  
**SER  
TÃO  
CULT**

Este livro foi composto em fonte Accanthis ADF Std e impresso no formato 15 x 22 cm em offset 75g/m<sup>2</sup>, com 232 páginas e em e-book formato pdf.  
Março de 2023.



Vou subir o Horto das Oliveiras em Juazeiro a terra  
da Mãe de Deus;  
Vou subir pelo caminho, o arruado, construído pelos  
romeiros e romeiras;  
Vou passar pelo Rio Jordão, apurar as *oiças* e ouvir  
a rebanhada da baleia;  
Vou entrar na casa de Mãe Dodô;  
Vou ver a parede dos santos;  
Vou receber a reza do espírito e do corpo, feitos  
pelas filhas dela.  
Aqui os anjos já me receberam.  
Eles me mostram os cruzeiros  
as casas  
as capelas  
os lugares santos.  
Mostram o Monte Sinai;  
Mostram a Pedra do Joelho de Nossa Senhora.  
Chego a Colina.  
Adentro no Sítio Encantado e me transporto para o  
Santo Sepulcro:  
a grupa do nascimento e morte de Jesus  
o Gólgota  
as Capelas  
os marcos do Padre Cícero...  
Tudo está nos escritos de Fátima Pinho.

Renato Dantas

ISBN 978-655421066-9



9 786554 210669  
Editora **SERTÃO:CULT**